

ORÍGENES DE ALEXANDRIA



CONTRA CELSO

LIVROS V a VIII

FONTE DO TEXTO

academia.edu

Imagem da Capa

Maltar

Texto extraído do Vol. 20, «ORÍGENES - Contra Celso», da
coleção "Patrística", editada por "PAULOS"

LIVRO QUINTO

1. Início agora um quinto livro contra o tratado de Celso, pio Ambrósio: não para me entregar a um palavrório injustificável, pois seria impossível fazer isto sem pecar, mas para empenhar-me ao máximo para não deixar sem exame nenhuma de suas palavras, principalmente onde certas pessoas poderiam pensar que ele fez críticas pertinentes contra nós ou contra os judeus. Se me fosse possível, com este discurso, penetrar na consciência de cada leitor de sua obra e tirar toda seta que fere uma alma não inteiramente protegida pela armadura de Deus, se eu pudesse aplicar um remédio espiritual que curasse a ferida causada por Celso, ferida que impede a quem confia em seus argumentos de ser robusto na fé, seria exatamente isso que eu faria. Mas é obra de Deus habitar invisivelmente por seu Espírito e pelo Espírito de Cristo aqueles que julga dever habitar. Quanto a mim, tentando, por meio de discursos e tratados, reafirmar os homens na fé, devo empenhar todos os meus esforços para merecer o título de operário que não tem de que se envergonhar, que “dispensa com retidão a palavra da verdade” (2Tm 2,15). Um destes esforços me parece ser refutar da melhor forma os argumentos plausíveis de Celso, executando com confiança o mandato que me confiaste. Citarei, portanto, os argumentos de Celso que seguem depois daqueles a que já respondi — cabe ao leitor julgar se eu os destruí — e lançar minhas refutações. Que Deus me conceda não tratar de meu assunto deixando meu espírito e minha razão no nível puramente humano e vazios de inspiração divina, “a fim de que a fé” daqueles que eu desejo ajudar “não se baseie na sabedoria dos homens”, mas que eu receba de seu Pai, o único a concedê-la, “o pensamento de Cristo” (1Cor 2,5.16) e a graça de participar do logos de Deus, e assim eu possa destruir “todo poder altivo que se levanta contra o conhecimento de Deus” (2Cor 10,5) e a presunção de Celso que se levanta contra nós e nosso Jesus, e contra Moisés e os profetas. E que aquele que dá “aos mensageiros seu logos com um grande poder” (Sl 67,12) também o dê a mim e me doe este grande poder, e entre os leitores nasça a lei baseada sobre o logos e o poder de Deus!

Descida divina ou descida angélica?

2. Portanto, o que interessa no momento é refutar a seguinte passagem: *Para judeus e cristãos, nenhum Deus, nenhum Filho de Deus desceu nem poderia descer. Pois, se falais de anjos, dizei-nos quem são eles, deuses ou seres de uma outra espécie? De uma outra espécie, demônios, sem dúvida. Estas repetições de Celso — pois já as repetiu várias vezes acima — não exigem uma longa discussão: as respostas dadas bastarão. Limitar-me-ei, entre muitas outras, a algumas observações que parecem estar na linha das anteriores, embora não tenham precisamente o mesmo sentido. Direi, pois, que em sua tese absoluta que nenhum Deus ou Filho de Deus jamais desceu até os homens, Celso reduz a nada as manifestações de Deus geralmente admitidas e mencionadas por ele mesmo anteriormente. De fato, se na afirmação absoluta, nenhum Deus ou Filho de Deus desceu nem poderia descer, Celso disse a verdade, de nada valeram evidentemente todas as descidas dos deuses do céu à terra para fazerem predições aos homens ou curá-los pelos oráculos. Nem Apolo Pítio, nem Asclépio, nem qualquer um daqueles aos quais se atribuem atos semelhantes podem ser um deus descido do céu, a não ser talvez que seja um deus cujo destino seja habitar sempre a terra, como banido da convivência dos deuses ou um dos seres incapazes de entrar em comunhão com os deuses que aí se encontram. Ou então Apolo, Asclépio e todos aqueles cuja ação é venerada na terra não podem ser deuses, mas são demônios bem inferiores aos homens sábios que se elevam pela virtude até à abóbada do céu.*

3. Observa como, em sua intenção de destruir nossa fé, ele que ao longo de seu tratado se recusa a confessar-se epicureu, nós o surpreendemos passando como trânsfuga para o campo de Epicuro. Para ti, leitor dos argumentos de Celso que admities o que antecede, é chegado o momento ou de negares a

presença de Deus que estende sua providência a todos os homens individualmente, ou de admiti-la e provares que a doutrina de Celso é falsa. Negas radicalmente a providência? Então, para afirmar a verdade de tua posição, provarás a falsidade das razões que levam Celso a admitir a existência de deuses e de uma providência. Afirmas, contudo, a providência, recusando aderir à afirmação de Celso: Nem Deus nem Filho de Deus desceu ou não desce até os homens? Então, por que não examinar seriamente, naquilo que eu disse de Jesus e nas profecias que lhe dizem respeito, quem é aquele que devemos acreditar ser Deus ou Filho de Deus que desceu até os homens: Jesus, que levou a bom êxito e realizou tão grandes obras, ou aqueles que, sob pretexto de oráculos e adivinhações, em vez de reformar os costumes daqueles que eles curam, chegam ao ponto de afastar do culto venerável, puro e sem mistura devido ao Criador do universo e dividem a alma daqueles que aderem a eles, sob pretexto de honrar a múltiplos deuses, e não ao único, manifesto e verdadeiro Deus?

4. Em seguida, como se judeus e cristãos tivessem respondido que aqueles que descem até os homens são anjos, ele responde: Se falais de anjos, dizei-nos quem são eles: deuses ou seres de uma outra espécie? E, supondo nossa resposta, ele acrescenta: — De uma outra espécie, demônios, sem dúvida. Pois bem! Vamos esclarecer este ponto. De comum acordo dizemos que os anjos são “espíritos servidores, enviados ao serviço dos que devem herdar a salvação” (Hb 1,14). Eles sobem para levar as súplicas dos homens às regiões celestes mais puras do mundo, ou mesmo às supracelestes mais puras do que aquelas. Em seguida, eles descem de lá para levar a cada um conforme seu mérito uma das graças que Deus ordena dispensar àqueles que recebem seus favores. Portanto, aqueles que aprendemos a chamar de anjos por causa de sua função, nós os encontramos às vezes também nas escrituras sagradas com o nome de deuses, porque são divinos; mas eles não o são a ponto de sermos obrigados a venerar e adorar, em lugar de Deus, aqueles que nos dispensam e nos trazem as graças de Deus. Pois é preciso elevar todo pedido, prece, súplica e ação de graças ao Deus supremo através do sumo sacerdote que está acima de todos os anjos, o logos vivo de Deus. E ofereceremos ao próprio logos pedidos, preces, ações de graças, e mesmo súplicas, se formos capazes de discernir entre o sentido absoluto e o sentido relativo da palavra “súplica”.

5. Pois invocar os anjos sem ter recebido a seu respeito uma ciência que ultrapassa o homem não é razoável. Mas suponhamos, por hipótese, que tenhamos recebido esta ciência maravilhosa e misteriosa: esta ciência em si mesma leva ao conhecimento da natureza dos anjos e dos ofícios confiados a cada um deles e não permitirá que ousemos orar a qualquer pessoa a não ser ao próprio Deus supremo, que a tudo pode satisfazer perfeitamente, por meio de nosso salvador, o Filho de Deus, que é logos, sabedoria, verdade e tudo o que dele afirmam as escrituras dos profetas de Deus e dos apóstolos de Jesus. Para tornar os santos anjos de Deus propícios a nós e levá-los a fazer tudo por nós, basta, enquanto possível à natureza humana, imitar em nossa atitude com Deus a disposição pessoal deles, pois imitam a Deus; e a concepção que temos de seu Filho o logos, enquanto possível, em vez de contradizer a concepção mais clara que dele têm os santos anjos, se aproxima dela a cada dia em clareza e nitidez. Como se jamais tivesse lido nossas escrituras sagradas, Celso dá a si mesmo uma resposta que ele nos atribui: segundo o que afirmamos, os anjos que descem de junto de Deus para fazer o bem aos homens são de uma outra espécie, e, em nossa opinião, são demônios sem dúvida. Celso não percebe que o nome “demônios” não é um termo indiferente como o nome “homens”, entre os quais existem bons e maus, nem um termo nobre como “deuses”, que não é aplicado aos demônios maus, às estátuas, aos animais, mas é dado por aqueles que são instruídos sobre as coisas divinas aos seres verdadeiramente divinos e felizes. O nome “demônios” sempre é aplicado a estes poderes maus que, separados do corpo grosseiro, seduzem e atormentam os homens e os rebaixam às coisas deste

mundo longe de Deus e das realidades celestes.

Adoração e culto

6. Em seguida, ele tem esta passagem sobre os judeus: *Eis uma primeira característica surpreendente entre os judeus: eles veneram o céu e os anjos que nele se encontram, mas não dão atenção às partes do céu mais respeitáveis e mais poderosas, o sol, a lua e os outros astros, as estrelas e planetas: como se fosse admissível que tudo seja deus e que suas partes não sejam divinas; ou que se preste um culto supremo a astros que aparecem, como dizem, não sei em que trevas, àqueles que são cegos por uma magia suspeita ou que veem em sonho fantasmas indistintos, e por outro lado sejam vistos como nada aqueles que fazem predições com tanta clareza e brilho para todo o mundo, por quem são dispensadas as chuvas, os calores, as nuvens, os trovões que os judeus adoram, os raios, os frutos e todos os produtos da terra, pelos quais Deus se revela a eles, que são os arautos mais evidentes das coisas do alto, os verdadeiros mensageiros celestes!* Celso parece-me neste ponto ter caído em confusão ao escrever coisas aprendidas de outiva, que ele não entendia. Pois o exame do judaísmo e sua comparação com o cristianismo mostram claramente isto: os judeus observam a lei dizendo em nome de Deus: “Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem esculpida de nada que se assemelhe ao que existe lá em cima, nos céus, ou embaixo na terra, ou nas águas que estão debaixo da terra. Não te prostrarás diante desses deuses e não os servirás” (Ex 20,3-5). Eles adoram exclusivamente o Deus supremo, criador do céu e de tudo mais. É claro que aqueles que vivem segundo a lei, se adoram aquele que fez o céu, não adoram ao mesmo tempo o céu e Deus. Além disso, nenhum observador da lei de Moisés adora os anjos que estão no céu. Não adorando o sol, a lua, as estrelas, “todo o exército do céu”, eles evitam igualmente adorar o céu e os anjos que nele existem, por obediência à sua lei: “Levantando teus olhos ao céu e vendo o sol, a lua, as estrelas e todo o exército do céu, não te deixes seduzir para adorá-los e servi-los! São coisas que o Senhor teu Deus repartiu entre todos os povos que vivem sob o céu” (Dt 4,19).

7. E muito mais, supondo que os judeus veem o céu como um deus, diz que isto é absurdo e censura-os por adorarem o céu mas não o sol, a lua e as estrelas, e desta forma se comportarem como se fosse possível admitir que tudo é deus e que suas partes não são divinas; ele parece dizer que o céu é tudo, e o sol, a lua e as estrelas são suas partes. Mas é bem evidente que nem os judeus nem os cristãos afirmam que o céu é deus. Mas admitamos que ele tenha razão em dizer que os judeus chamam o céu de deus, suponhamos mesmo que o céu, a lua e as estrelas sejam partes do céu — o que não é absolutamente verdade, nem os animais da terra são partes da terra —: seria então verdade, mesmo para os gregos, que se tudo é deus, então também suas partes seriam divinas? Sem dúvida alguma, eles dizem que o mundo em sua totalidade é deus, para os estoicos é o primeiro, para os platônicos é o segundo, para alguns dentre eles é o terceiro. Será então que, segundo eles, sendo o mundo em sua totalidade deus, também suas partes são divinas: de modo que não só os homens mas também todos os animais sem razão, como partes do mundo, são seres divinos, e além deles, também as plantas? E se as montanhas, os rios e os mares são partes do mundo, será que, sendo o mundo em sua totalidade deus, também os rios e os mares serão deuses? Não, os gregos não diriam tal coisa: eles chamariam “deuses” aos seres encarregados dos rios e dos mares, demônios sem dúvida, ou deuses conforme alguns. Mesmo para os gregos que admitem a providência é falsa a afirmação geral de Celso: se tudo é deus, necessariamente suas partes são divinas. Conclui-se de seu argumento que, se o mundo é deus, todas as coisas que nele existem, sendo partes do mundo, são divinas. Dessa maneira, os animais seriam divinos: moscas, vermes da madeira, vermes da terra, toda espécie de serpentes, como também

de pássaros e peixes; afirmação que não fariam nem mesmo os que dizem que o mundo é deus. Mas os judeus, que vivem segundo a lei de Moisés, ainda que não saibam interpretar a significação obscura da lei em seu sentido oculto, jamais dirão que o céu ou os anjos são deuses.

8. Tendo apontado a confusão que resulta de seus mal-entendidos, procuremos esclarecer este ponto da melhor maneira possível e deixar claro que Celso se engana em considerar como judaica a prática de adorar o céu e os anjos que nele se encontram. Uma tal prática, longe de ser judaica, é, ao contrário, uma transgressão do judaísmo, tal como a de adorar o sol, a terra, as estrelas e também as estátuas. Pelo menos encontramos, sobretudo, em Jeremias que o logos de Deus, pelo profeta, censura o povo judeu de adorar estes seres e de sacrificar “à rainha do céu” e “a todo o exército do céu” (cf. Jr 51,17; 7,17-18; 19,13). Além disso, quando os cristãos em seus escritos acusam os judeus de pecadores, mostram que se Deus abandona este povo é, entre outros motivos, por causa deste pecado. Pois está escrito nos Atos dos Apóstolos acerca dos judeus: “Deus então voltou-se contra eles e os entregou ao culto do exército do céu, como está escrito no livro dos profetas: Acaso me oferecestes vítimas e sacrifícios durante quarenta anos no deserto, ó casa de Israel? Entretanto, carregastes a tenda de Moloc e a estrela do deus Refã, figuras que havíeis feito para adorar” (At 7,42-43). E nos escritos de Paulo, escrupulosamente educado na prática dos judeus, e mais tarde convertido ao cristianismo por uma aparição milagrosa de Jesus, cabe lembrar esta passagem da epístola aos Colossenses: “Ninguém vos prive do prêmio, com engodo de humildade, de culto aos anjos, indagando de coisas que viu, inchado de vão orgulho em sua mente carnal, ignorando a cabeça, pela qual todo o corpo, alimentado e coeso pelas juntas e ligamentos, realiza o seu crescimento em Deus” (Cl 2,18-19). Mas Celso, que não leu nem aprendeu isto, imaginou, não sei porquê, que os judeus não transgridem sua lei adorando o céu e os anjos que nele existem.

9. É mais uma vez a confusão e a visão superficial da matéria que o leva a acreditar que os judeus foram incitados a adorar os anjos do céu pelos encantamentos da magia e da feitiçaria, que fazem aparecer fantasmas aos encantadores. Ele não percebeu que seria infringir a lei que diz precisamente aos que pretendem fazer isto: “Não vos voltareis para os necromantes nem consultareis os adivinhos, pois eles vos contaminariam. Eu sou o Senhor vosso Deus” (Lv 19,31). Ele, portanto, devia ou se abster totalmente de atribuir estas práticas aos judeus, se continuasse a ver nelas observadores da lei e a dizer que eles vivem segundo a lei; ou atribuí-las a eles provando que elas eram consequência das transgressões da lei pelos judeus. E muito mais, se já é um ato de transgressão da lei prestar culto a seres ocultos não sei em que trevas, pois as pessoas ficam cegas em consequência da magia e veem em sonhos fantasmas indistintos, e adorar estes seres que, como dizem, então aparecem, da mesma forma, é cometer a transgressão suprema da lei sacrificar ao sol, à lua e às estrelas. Portanto, Celso não podia dizer que os judeus evitam adorar o sol, a lua e as estrelas, mas não evitam adorar o céu e seus anjos.

10. Nós, porém, que não adoramos nem os anjos nem o sol, a lua e as estrelas, se é preciso justificar por que não adoramos os que os gregos chamam de deuses visíveis e sensíveis, diremos: até a lei de Moisés sabe que estes seres foram dados por Deus como herança “a todas as nações que estão debaixo do céu” (cf. Dt 32,9), não porém àqueles que foram tomados por Deus como sua parte escolhida de preferência a todas as nações que existem sobre a terra. É o que está escrito no Deuteronômio: “Levantando teus olhos ao céu e vendo o sol, a lua e as estrelas e todo o exército do céu, não te deixes seduzir de modo a adorá-los e servi-los! São coisas que o Senhor teu Deus repartiu entre todos os povos que vivem sob o céu. Quanto a vós, porém, o Senhor vos tomou e vos fez sair do Egito, daquela fornalha de ferro, para que fôsseis o povo de sua herança, como hoje se vê” (Dt 4,19-20). O povo hebreu foi portanto chamado por Deus para ser “uma raça escolhida”, “um sacerdócio real”, “uma

nação santa”, “o povo de sua particular propriedade” (1Pd 2,9): de quem fora predito a Abraão pela palavra do Senhor que lhe era dirigida: “Ergue os olhos para o céu e conta as estrelas, se as podes contar. E lhe disse: Assim será a tua posteridade” (Gn 15,5). Um povo que tinha a esperança de se tornar como as estrelas do céu não ia adorar aquelas de quem seria semelhante, porque compreendia e observava a lei de Deus. De fato, foi dito aos judeus: “O Senhor vosso Deus vos multiplicou e eis que hoje sois numerosos como as estrelas do céu!” (Dt 1,10). Há ainda uma outra passagem em Daniel, uma profecia sobre a ressurreição: “Mas nesse tempo o teu povo escapará, isto é, todos os que se encontrarem inscritos no livro. E muitos dos que dormem no solo poeirento acordarão, uns para a vida eterna e outros para o opróbrio, para o horror eterno. Os que são esclarecidos resplandecerão como o resplendor do firmamento; e os que ensinam a muitos a justiça hão de ser como as estrelas, por toda a eternidade” (Dn 12,1-3). Por isso igualmente Paulo, ao tratar da ressurreição, diz: “Há corpos celestes e há corpos terrestres. São, porém, diversos o brilho dos celestes e o brilho dos terrestres. Um é o brilho do sol, outro o brilho da lua, e outro o brilho das estrelas. E até de estrela para estrela há diferença de brilho. O mesmo se dá com a ressurreição dos mortos” (1Cor 15,40-42).

Não, com toda certeza! Depois de ter sido instruído a se erguer nobremente acima de todas as coisas criadas e a esperar de Deus as mais gloriosas recompensas de uma vida muito virtuosa; depois de ter ouvido as palavras: “Vós sois a luz do mundo”, “brilhe do mesmo modo a vossa luz diante dos homens, para que, vendo as vossas boas obras, eles glorifiquem vosso Pai que está nos céus” (Mt 5,14.16); quando nos esforçamos por adquirir ou quando já adquirimos a sabedoria resplendente e inalterável que “é um reflexo da luz eterna” (Sb 6,26) — não seria razoável deixar-se impressionar pela luz sensível do sol, da lua e das estrelas a ponto de pensar que por causa de sua luz sensível lhes somos inferiores, quando, na verdade, possuímos uma tão poderosa luz inteligível de conhecimento, “luz verdadeira, luz do mundo, luz dos homens” (Jo 1,9; 8,12; 9,5; 1,4), e adorá-los. Se fosse necessário adorá-los, não seria certamente sua luz sensível, admirada pelo povo, que teria merecido a adoração, mas a luz inteligível e verdadeira, supondo que as estrelas do céu sejam seres vivos racionais e virtuosos, iluminados com a luz do conhecimento pela sabedoria que é “um reflexo da luz eterna” (Sb 7,26). De fato, sua luz sensível é obra do criador do universo, ao passo que a luz inteligível, que eles talvez também possuam, deriva igualmente de sua liberdade.

11. Mas esta luz inteligível também não deve ser adorada por aquele que vê e compreende a luz verdadeira cuja luz dos astros é sem dúvida uma participação, e por aquele que vê a Deus, Pai da verdadeira luz, da qual foi dito magnificamente: “Deus é luz e nele não há treva alguma” (1Jo 1,5). E se alguém adora o sol, a lua e as estrelas por sua luz sensível e celeste, não adoraria uma centelha ou uma lâmpada na terra, pois é evidente a superioridade dos astros julgados dignos de adoração proporcionalmente à luz das centelhas e das lâmpadas. Da mesma forma refletir no sentido em que “Deus é luz” e compreender como o Filho de Deus é “a luz verdadeira que ilumina todo homem que vem a este mundo” (Jo 1,9), e compreender além disso o que o leva a dizer: “Eu sou a luz do mundo” (Jo 8,12), proíbe dentro da boa lógica adorar o que, no sol, na lua e nas estrelas, é apenas uma centelha em comparação com Deus, luz da verdadeira luz.

Sem dúvida, não desacreditamos estas imensas criaturas de Deus, nem dizemos com Anaxágoras que o sol, a lua e as estrelas são apenas “massas inflamadas”, se professamos nossa doutrina sobre o sol, a lua e as estrelas. É apenas compreender a divindade de Deus que tudo ultrapassa com indizível superioridade, e a do Filho de Deus único que ultrapassa tudo mais. E quando estamos persuadidos de que o sol, a lua e as estrelas oram ao Deus supremo por meio de seu Filho único, julgamos que não devemos orar aos seres que oram: eles mesmos preferem nos remeter ao Deus a quem eles oram, e não

nos abaixar até eles ou partilhar de nosso poder de oração entre Deus e eles mesmos.

Darei aqui este exemplo a respeito deles. Nosso salvador e Senhor, ao ouvir um dia alguém chamá-lo: “Bom mestre”, remeteu o seu interlocutor a seu Pai: “Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão só o Pai” (Mc 10,17-18; Lc 18,18-19). Com razão, em sua qualidade de imagem da bondade de Deus, o Filho do amor do Pai pronunciou estas palavras; mas com quanto mais razão o sol poderia dizer aos que o adoram: Por que me adoras? “Ao Senhor teu Deus adorarás e só a ele prestarás culto” (Mt 4,10). É a ele que eu e todos aqueles que me acompanham adoramos e servimos. Estaríamos longe desta altura, a ponto de orarmos menos ao logos de Deus, capaz de nos curar, e bem mais a seu Pai, que até para os justos de outrora “enviou sua palavra para curá-los e da cova preservar sua vida” (Sl 106,20).

12. Deus, pois, em sua bondade, desce até os homens não por movimento local, mas por sua providência; e o Filho de Deus não só estava presente outrora com seus discípulos, mas ainda está continuamente, realizando as palavras: “E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (Mt 28,20). E como “o ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira” (Jo 15,4-6), fica evidente que os discípulos do logos, ramos espirituais da verdadeira videira, o logos, não podem produzir os frutos da virtude, se não permanecerem na videira verdadeira, o Cristo de Deus. Ele está conosco que existimos localmente na terra, ficando com aqueles que em toda parte aderem a ele; mas ele está sempre e em toda parte, mesmo com os que não o conhecem. Eis o que mostra João evangelista por estas palavras de João Batista: “No meio de vós está alguém que não conheceis, aquele que vem depois de mim” (Jo 1,26-27). Ele encheu o céu e a terra, e disse: “Não sou eu que encho o céu e a terra? Oráculo do Senhor” (Jr 23,24). Ele está conosco e perto de nós, pois nele creio quando diz: “Sou por acaso apenas de perto — oráculo do Senhor — e não Deus de longe?” (Jr 23,23). Seria, pois, absurdo tentar orar ao sol, à lua e a alguma estrela cuja presença não se estende ao mundo inteiro.

Mas convenhamos, para citar as expressões de Celso, que o sol, a lua, as estrelas predizem antecipadamente as chuvas, os calores, as nuvens, os raios. Se fazem predições tão importantes, não é acaso uma razão a mais para adorarmos a Deus, que eles servem por suas predições, e de honrá-lo a ele e a não a seus profetas? Que façam predições, portanto, de raios, dos frutos e de todos os produtos da terra, e dispensem todos os bens deste tipo! Nem por isso vamos adorar estes adoradores, nem muito menos a Moisés e a seus sucessores, que predisseram por Deus os bens de uma espécie superior às chuvas, ao calor, às nuvens, aos trovões, aos raios, aos frutos e todos os produtos sensíveis. Muito mais, ainda que o sol, a lua e as estrelas possam predizer acontecimentos mais importantes do que as chuvas, nem por isso são eles a quem adoraremos, mas ao autor de suas profecias, e ao logos de Deus seu ministro.

Admitamos mesmo que eles sejam seus arautos, seus mensageiros verdadeiramente celestes: não é evidente, assim mesmo, que se deve adorar a Deus que proclama e anuncia por meio deles, e não por seus arautos e seus mensageiros?

13. Celso supõe que não damos valor nenhum ao sol, à lua e às estrelas. Mas também reconhecemos que eles em expectativa “anseiam pela revelação dos filhos de Deus”, tendo sido no presente submetidos “à vaidade” dos corpos materiais “por vontade daquele que os submeteu na esperança” (Rm 8,19-21). Se Celso tivesse lido tudo o que dizemos ainda sobre o sol, a lua e as estrelas, entre outras coisas: “Louvai-o, sol e lua, louvai-o, astros todos de luz” e “louvai-o, céus dos céus!” (Sl 148,3-4), não teria declarado que não damos nenhum valor a estes corpos sublimes que louvam tão excelsamente o Senhor. Mas Celso nem mesmo conhece as palavras: “Pois a criação em expectativa

anseia pela revelação dos filhos de Deus. De fato, a criação foi submetida à vaidade — não por seu querer, mas por vontade daquele que a submeteu — na esperança de ela também ser libertada da escravidão da corrupção para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus” (Rm 8,19-21).

Isto parece-me o suficiente para recusarmos adoração ao sol, à lua e às estrelas. Citemos a passagem seguinte, para lhe opor, com a graça de Deus, as razões que a luz da verdade nos há de dar.

Escatologia

14. Eis o que ele diz: *É uma outra tolice da parte deles pensar que Deus aplicará o fogo como um cozinheiro, assando todas as outras raças, e sendo eles os únicos a sobreviverem: e não apenas os vivos de então, mas até os que estiverem mortos há muito tempo surgirão da terra com a mesma carne de outrora: jamais serão a esperança dos vermes! Que alma de homem lamentaria um corpo putrefato? Entretanto, esta doutrina não é admitida nem mesmo por nenhum de vós nem pelos cristãos, e sua extrema impureza mostra que é algo revoltante e impossível: que corpo, depois de uma corrupção completa, poderia voltar à sua natureza original e àquela mesma constituição primeira que tinha antes de ser dissolvido? Nada tendo a responder, eles recorrem à mais absurda evasiva: para Deus tudo é possível! Na verdade, Deus nada pode fazer de vergonhoso e nada quer que seja contrário à natureza. Se alguém tivesse uma cobiça infame, na perversidade de seu coração, Deus não poderia ouvi-lo e não devemos crer sem mais nem menos que ela será saciada. Pois Deus não é o autor do apetite desregrado nem da licença desenfreada, mas da natureza correta e justa. Ele pode conceder à alma uma vida imortal; mas, como diz Heráclito, “os cadáveres devem ser rejeitados mais do que o esterco”. Portanto, uma carne, cheia daquilo que não se pode decentemente pronunciar, Deus não quererá nem poderá torná-la imortal contra toda razão. Ele próprio é a razão de tudo o que existe; portanto, ele nada pode fazer nem contra a razão nem contra si mesmo.*

O fogo do juízo

15. Observa, pois, como ele ridiculariza esta passagem que fala do abrasamento do mundo, admitido até mesmo por filósofos gregos de valor, quando ele pretende que, admitindo a doutrina do abrasamento, fazemos de Deus um cozinheiro. Ele não viu que, conforme a opinião de alguns gregos que talvez o tenham tirado da antiquíssima nação dos hebreus, o fogo é infligido como purificação do mundo e de modo semelhante também de cada um daqueles que precisam ser castigados e curados pelo fogo. Ele queima mas não consome aqueles nos quais não há matéria que exija esta destruição, mas destrói e consome os que construíram, como se diz em sentido figurado, “com madeira, feno ou palha” (1Cor 3,12), o edifício de suas ações, palavras e pensamentos. As divinas escrituras dizem que o Senhor visitará “como o fogo do fundidor e como a lixívia dos lavadeiros” (Ml 3,2) cada um daqueles que precisam, por causa da mistura por assim dizer de uma malícia perversa decorrente do vício — precisam, digo, do fogo para purificar as almas misturadas com bronze, estanho, chumbo. Eis o que qualquer pessoa pode aprender do profeta Ezequiel (cf. Ez 22,18).

Não queremos dizer que Deus aplica o fogo como um cozinheiro, mas que Deus age como benfeitor daqueles que precisam de provação e de fogo, e é o que o profeta Isaías atestará na sentença contra uma nação pecadora: “Como tens carvões de fogo, senta-te sobre eles, pois serão um socorro para ti” (Is 47,14-15). O logos, que dá ensinamentos adaptados a muitos daqueles que hão de ler a Escritura, diz com uma sabedoria oculta das coisas severas para amedrontar aqueles que não podem de outra forma se converter da onda de seus pecados. Mesmo nestas condições, o observador perspicaz encontrará uma indicação do objetivo visado por estes castigos severos e dolorosos àqueles que os

suportam: basta citar aqui a passagem de Isaías: “Mas por causa de meu nome retardo a minha ira, por causa de minha honra procuro conter-me, a fim de não exterminar-te” (Is 48,9). Fui obrigado a relatar em termos obscuros as verdades que ultrapassam a fé dos simples que precisam de uma instrução simples nos termos; não gostaria de parecer deixar sem refutação a acusação de Celso que afirma: Quando Deus, como um cozinheiro, aplicar o fogo.

16. Do que acabamos de dizer deduz-se para os ouvintes inteligentes a maneira como se deve responder igualmente às palavras: Todas as outras raças serão assadas, e eles serão os únicos a sobreviverem. Não estranha absolutamente que tal seja o pensamento daqueles que, entre nós, são chamados pela escritura: “O que há de loucura no mundo, o que não tem nascimento e é desprezado, o que não é, aprouve a Deus salvar, aqueles que creem nele, pela loucura da pregação, pois o mundo por meio da sabedoria não reconheceu a Deus na sabedoria de Deus” (1Cor 27-28.21). Eles não podem penetrar no sentido da passagem e não querem dedicar seu tempo à busca do sentido da escritura, apesar das palavras de Jesus: “Perscrutai as escrituras” (Jo 5,39); e conceberam tal ideia do fogo aplicado por Deus e do destino do pecador. Convém, sem dúvida, dizer às crianças coisas proporcionadas à sua condição pueril com a intenção de, por menores que sejam, convertê-las para o melhor; desta forma, convém a interpretação óbvia dos castigos para aqueles que a escritura chama de loucos no mundo, sem nascimento, objetos de desprezo, pois só o temor e a representação dos castigos podem convertê-los e afastá-los de numerosos males. Por esta razão, a escritura declara que serão os únicos a sobreviverem, sem passarem pelo fogo e pelos castigos os que estão totalmente puros em suas opiniões, seus costumes, seu espírito; ao passo que aqueles que não o são, mas, segundo seu mérito, precisam do ministério dos castigos pelo fogo, ela declara que eles serão sujeitos ao fogo até um certo ponto que convém a Deus fixar para aqueles que foram criados “à sua imagem” (Gn 1,26), e viveram de modo contrário à vontade da natureza que é “conforme a imagem”. Eis minha resposta à sua observação: Todas as outras raças serão assadas, e eles serão os únicos a sobreviverem.

A ressurreição

17. A seguir, tendo compreendido mal as sagradas escrituras, ou ouvido aqueles que não as tinham penetrado, nos atribui a afirmação de que serão os únicos a sobreviverem no momento em que a purificação pelo fogo será infligida ao mundo não só aos vivos de então, mas até àqueles que estarão mortos há muito tempo. Não captou a sabedoria oculta que as palavras do apóstolo de Jesus encerram: “Nem todos morreremos, mas todos seremos transformados, num instante, num abrir e fechar de olhos, ao som da trombeta final; sim, a trombeta tocará, e os mortos ressurgirão incorruptíveis, e nós seremos transformados” (1Cor 15,51-52). Ele deveria conhecer o pensamento que fazia o autor se exprimir desta forma: a não se apresentar como um morto, a se distinguir dos mortos, ele próprio e os que se parecem com ele, e, depois de ter dito que “os mortos ressurgirão incorruptíveis”, acrescenta: “e nós seremos transformados”. Para confirmar que este tinha sido o pensamento do apóstolo, quando escreveu o que citei da 1Cor, apresentarei ainda a passagem da 1Ts, em que Paulo, como homem vivo, acordado, distinto daqueles que estão adormecidos, declara: “Pois isto vos declaramos, segundo a palavra do Senhor: que os vivos, os que ainda estiverem aqui para a vinda do Senhor, não passarão à frente dos que morreram. Quando o Senhor, ao sinal dado, à voz do arcanjo e som da trombeta divina, descer do céu”. E novamente, depois disso ele acrescenta, sabendo que os mortos em Cristo são diferentes dele e daqueles que estão no mesmo estado que ele: “Então os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; em seguida nós, os vivos que estivermos lá, seremos arrebatados com eles nas nuvens para o encontro com o Senhor, nos ares” (1Ts 4,15-17).

18. Celso criticou longamente a ressurreição da carne que é pregada nas igrejas, porém mais claramente compreendida pela elite dos pensadores. É inútil, portanto, repetir seu texto já citado. Mas como esta defesa é escrita contra um homem estranho à nossa fé, e por causa daqueles que ainda são crianças, joguetes das ondas, “agitados por todo vento de doutrina, presos pela artimanha dos homens e da sua astúcia que nos induz ao erro” (Ef 4,14), que me seja permitido, a respeito deste problema, expor da melhor maneira e definir alguns pontos adaptados às necessidades dos leitores. Como as divinas escrituras, tampouco nós dizemos que aqueles que morreram há muito tempo, ao surgirem da terra, viverão com a mesma carne sem que ela tenha recebido uma melhora. Ao afirmar tal coisa, Celso nos calunia. Pois entendemos assim diversas passagens da escritura que tratam da ressurreição de uma maneira digna de Deus. Basta que citemos aqui as palavras de Paulo, da 1Cor: “Mas, dirá alguém, como ressuscitam os mortos? Com que corpo voltam? Insensato! O que semeias não readquire vida a não ser que morra. E o que semeias não é o corpo da futura planta que deve nascer, mas um simples grão de trigo ou de qualquer outra espécie. A seguir, Deus lhe dá corpo como quer; a cada uma das sementes ele dá o corpo que lhe é próprio” (1Cor 15,35-38). Repara, pois, no que ele afirma aqui: “não é o corpo da futura planta” que é semeado, mas há uma como ressurreição da semente lançada nua na terra, enquanto Deus dá “a cada uma das sementes o corpo que lhe é próprio”: da semente lançada na terra surge ora uma espiga, ora uma árvore como no caso do grão de mostarda, ou ainda uma árvore maior para uma azeitona ou um dos outros frutos.

19. “Deus, portanto, dá corpo a cada uma das sementes como quer”: às plantas assim formadas, como aos seres que são, de certo modo, semeados na morte e recebem em tempo oportuno, daquilo que é semeado, o corpo destinado por Deus a cada um segundo seu mérito. Ouvimos igualmente a escritura ensinar longamente a diferença entre o corpo por assim dizer semeado e o que dele é como ressuscitado. Diz ela: “Semeado corruptível, o corpo ressuscita incorruptível; semeado desprezível, ressuscita reluzente de glória; semeado na fraqueza, ressuscita cheio de força; semeado corpo psíquico, ressuscita corpo espiritual.” Quem puder, compreenda ainda o pensamento bíblico desta passagem: “Qual foi o homem terrestre, tais também serão os terrestres. Qual foi o homem celeste, tais serão os celestes. E, assim como trouxemos a imagem do homem terrestre, assim também traremos a imagem do homem celeste.” Entretanto, o apóstolo quer deixar oculto o sentido misterioso da passagem, que não convém aos simples e ao entendimento comum daqueles aos quais basta a fé para corrigir. Todavia, ele é forçado em seguida, para nos livrar de mal-entendidos sobre o sentido de suas palavras, a completar a expressão: “Traremos a imagem do homem celeste” por esta: “Digo-vos, irmãos: a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorruptibilidade.” E conhecendo bem o misterioso sentido oculto que havia nesta passagem, como convém a um autor que deixa por escrito à posteridade a expressão de seu pensamento, acrescenta: “Eis que vos dou a conhecer um mistério” (1Cor 15,42-44.48-49.50-51). É precisamente esta a fórmula de introdução às doutrinas profundas e misteriosas, justamente ocultas às multidões. Assim também está escrito no livro de Tobias: “É bom manter oculto o segredo do rei”; em seguida, com referência ao que é glorioso e adaptado às multidões, dosando a verdade: “Porém, é justo revelar e publicar as obras de Deus” (Tb 12,7).

Assim sendo, nossa esperança não é a dos vermes e nossa alma não lamenta o corpo putrefato; sem dúvida, ela tem necessidade de um corpo para passar de um lugar a outro; mas, tendo meditado a sabedoria conforme as palavras: “A boca do justo medita a sabedoria” (Sl 36,30), ela sabe que existe uma diferença entre a morada terrestre em que se encontra a tenda voltada para a destruição, e a tenda em que os justos gemem esmagados, não porque desejem despojar-se da tenda, mas “revestir por cima

de nossa morada terrestre” (uma outra) a fim de que, assim revestidos, “o que é mortal seja absorvido pela vida” (2Cor 5,1-4). “Com efeito, é necessário” que, sendo a natureza corporal corruptível, esta tenda “corruptível revista a incorruptibilidade”, e que, por outro lado, o que é “mortal” e destinado à morte, consequência imediata do pecado, “ revista a imortalidade”. Desta forma, quando “este ser corruptível revestir a incorruptibilidade e este ser mortal a imortalidade, então se realizará” a antiga predição dos profetas, o fim do triunfo da morte (cf. 1Cor 15,53), que em seu triunfo nos tinha submetido a ela, e a perda do aguilhão com que ela esporeia a alma incompletamente protegida, infligindo-lhe feridas que nascem do pecado.

20. Eis aí uma exposição parcial de nossa doutrina da ressurreição, nos limites que aqui convêm, pois em outra parte tratei do mistério num exame aprofundado. Agora, como é recomendável, devemos atacar as objeções de Celso. Ele não compreendeu o significado de nossas escrituras, incapaz de julgar que não se deve pensar que o significado destes autores sábios seja apresentado por aqueles que nada professam além da fé relativamente à doutrina cristã. Procuremos então mostrar que homens famosos por sua especulação racional e suas reflexões filosóficas sustentaram opiniões totalmente absurdas. E as palavras que podemos censurar por suas miseráveis inépcias próprias de mulheres ignorantes são mais deles que nossas!

Assim, os estoicos do Pórtico dizem que depois de um certo período ocorre um abrasamento do universo, e a seguir, uma arrumação do universo bem semelhante à anterior. Dentre eles os que tiveram vergonha desta doutrina admitiram uma ligeira mudança e bem insignificante entre os acontecimentos de um período e os do anterior. Mas estes autores sustentam que no período seguinte as coisas serão parecidas: Sócrates novamente será filho de Sofronisco e ateniense, e Fenareta, mulher de Sofronisco, novamente o há de gerar. Portanto, ainda que não usem o termo “ressurreição”, eles pelo menos indicam a realidade quando dizem: Sócrates novamente surgirá, nascido da semente de Sofronisco, formado no seio de Fenareta; depois de sua educação em Atenas, ele se consagrará à filosofia que, como num renascimento de sua filosofia anterior, será igualmente bem semelhante à antecedente. Ânito e Meleto renascerão também outra vez como acusadores de Sócrates, e o conselho do areópago condenará a Sócrates. E coisa mais ridícula ainda do que isto, Sócrates voltará a vestir roupas bem semelhantes às do período anterior, e viverá numa pobreza bastante semelhante, na cidade de Atenas bem semelhante à do período anterior. Novamente Fálaris será tirano, e seu touro de cobre mugirá pela voz das vítimas que nele estão encerradas, bem semelhantes aos condenados do período anterior. Alexandre de Feres será de novo tirano, com uma crueldade bem semelhante à anterior, e condenará as vítimas também perfeitamente semelhantes às anteriores. Mas, por que é necessário que eu passe em revista a doutrina desenvolvida sobre estas matérias pelos filósofos do Pórtico que Celso deixa de criticar e talvez mesmo os venere, pois Zenão lhe parece mais sábio que Jesus?

21. Além disso, os discípulos de Pitágoras e de Platão, ainda que pareçam conservar o mundo incorruptível, caem porém em aberrações análogas. Pois as estrelas, depois de certos períodos determinados, assumindo as mesmas posições e as mesmas relações mútuas, existindo todas as coisas, afirmam eles, são semelhantes às do momento em que o mundo tinha a mesma posição relativa das estrelas. Conforme esta doutrina, quando as estrelas depois de um longo período voltam à mesma relação mútua que tinham no tempo de Sócrates, é preciso que Sócrates nasça novamente dos mesmos pais, sofra os mesmos tratamentos, a acusação de Ânito e de Meleto, a condenação do conselho do Areópago. Além disso, os sábios do Egito, por transmitirem doutrinas semelhantes, são para Celso e seus adeptos objeto de veneração e não de crítica. E nós que dizemos que o universo é governado por Deus, em razão da disposição das liberdades de cada um, e enquanto possível sempre conduzido para o

melhor, nós que sabemos que a natureza de nossa liberdade é admitir possibilidades variadas, pois ela é incapaz de receber a imutabilidade absoluta de Deus, não parecemos dizer coisas dignas de exame e de pesquisa?

22. Que ninguém, por causa desta explicação, nos inclua entre aqueles que, dizendo-se cristãos, rejeitam a doutrina das escrituras sobre a ressurreição! Pois, na medida em que aplicam seus princípios, não podem absolutamente provar que “do grão de trigo e de alguma outra semente” ressuscita, por assim dizer, “uma espiga ou uma árvore”. Nós, porém, estamos convencidos de que aquilo que semeamos “não readquire vida a não ser que morra” e “não é o corpo da futura planta” que é semeado. Pois “Deus lhe dá o corpo como quer”: semeado “corruptível, o corpo ressuscita incorruptível, semeado desprezível, ressuscita reluzente de glória; semeado na fraqueza, ressuscita cheio de força; semeado corpo psíquico, ressuscita corpo espiritual” (1Cor 15,36-44). Conservamos tanto a doutrina da igreja de Cristo quanto a grandeza da promessa de Deus. Podemos provar que é uma coisa possível não por uma afirmação mas por meio de argumento. Sabemos que, embora o céu e a terra com tudo o que eles contêm devam passar, ao contrário as palavras de cada ponto da doutrina sendo como partes de um todo ou espécies de um gênero, as do logos-Deus que “no princípio estava com Deus” (Jo 1,1), jamais passarão. Pois ele disse e queremos ouvi-lo: “Passarão o céu e a terra. Minhas palavras, porém, não passarão” (Mt 24,35).

23. Portanto, não afirmamos que o corpo putrefato voltará à sua natureza original, assim como o grão de trigo, uma vez corrompido, não retorna ao seu estado de grão de trigo. Afirmamos que, assim como do grão de trigo surge uma espiga, há também no corpo um princípio que não está sujeito à corrupção, a partir do qual o corpo surge “incurruptível”. Ao contrário, os estoicos do Pórtico sustentam que o corpo completamente putrefato volta à sua natureza original, por força de sua teoria sobre o retorno a cada período dos seres semelhantes; dizem pois que ele encontra esta primeira constituição que tinha antes de ser dissolvido, acreditando restabelecê-lo por razões obrigatórias. Não recorremos à mais absurda evasiva: tudo é possível para Deus; pois sabemos entender a palavra “tudo” sem incluir nela o que não tem existência ou não é concebível. Concordamos assim que Deus nada pode fazer de vergonhoso, pois então Deus não poderia ser Deus: pois se Deus fizesse algo de vergonhoso, não seria Deus.

Mas quando ele afirma: Deus nada quer de contrário à natureza, nós distinguimos: se por “contrário à natureza” queremos dizer a malícia, também dizemos que Deus nada quer de contrário à natureza, nem o que provém da malícia, nem aquilo que é contrário à razão. Mas para aquilo que acontece de acordo com o logos de Deus e sua vontade, evidentemente não deve ser contrário à natureza; quaisquer que sejam as operações de Deus, por mais extraordinárias que sejam ou pareçam aos olhos de alguns, elas não são contrárias à natureza. Com maior precisão poderíamos dizer, tomando a natureza em sua acepção mais comum, isto é, que Deus faz certas coisas acima da natureza: como promover o homem acima de sua natureza, transformá-lo numa natureza superior e divina e mantê-lo nela na medida em que o homem assim mantido prove por seus atos que ele quer isso.

24. Uma vez estabelecido que Deus nada quer que não lhe convenha ou que tenda a negar que ele seja Deus, diremos: se tivéssemos uma infame cobiça na perversidade do coração, Deus não poderia nos ouvir. E assim, em vez de procurarmos motivo para contendas nas palavras de Celso, num exame leal concordaremos que Deus não é o autor do apetite desregrado nem da licença desenfreada, mas da natureza reta e justa, pois é o autor de todo bem. Além disso, pensamos que ele pode conceder à alma uma vida imortal, e não só pode como de fato a concede. A última observação de Celso não nos causa nenhuma dificuldade, nem mesmo as palavras de Heráclito por ele citadas: “Os cadáveres devem ser

rejeitados mais do que o esterco”. Todavia, poderíamos dizer a este respeito que o esterco deve ser rejeitado, mas em consideração à alma que neles morou, sobretudo se ela foi virtuosa, os cadáveres humanos não devem ser rejeitados. Pois, segundo os costumes dos povos mais civilizados, eles são considerados dignos de uma sepultura tão honrada quanto possível em tais matérias: assim se quer evitar cuidadosamente cometer injúria à alma que nele habitava ao se livrar do corpo, depois que a alma dele partiu, como fazemos com os corpos dos animais. Concordamos então que Deus não quer contra toda razão declarar imortal nem o grão de trigo, mas certamente a espiga que dele nasce, nem o que é semeado na corrupção, mas aquilo que dele ressuscita incorruptível. Além disso, segundo Celso, o próprio Deus é a razão de tudo o que existe, mas segundo nós, é seu Filho; dele dizemos em termos filosóficos: “No princípio era o verbo, e o verbo estava com Deus e o verbo era Deus” (Jo 1,1). E igualmente para nós, Deus nada pode fazer nem contra a razão nem contra si mesmo.

Os costumes de cada país

25. Vejamos ainda a passagem seguinte de Celso: *Os judeus se tornaram uma nação particular e estabeleceram leis conforme os costumes de seu país. Eles os conservam entre si ainda hoje e observam uma religião que, qualquer que seja, é pelo menos tradicional. Agem nesse sentido como os outros homens, pois todos honram os costumes tradicionais, como quer que tenham sido estabelecidos. E parece que assim sucede não apenas porque povos diferentes tiveram a ideia de criar para si leis diversas e é um dever respeitar o que foi decidido para o bem comum, mas também porque possivelmente as diferentes partes da terra desde a origem foram atribuídas a diferentes poderes tutelares e distribuídas entre os governos existentes, e assim eles são administrados. Desde modo, o que é feito em cada nação é realizado com retidão se for da maneira aceita por estes poderes; mas seria impiedade infringir as leis estabelecidas desde a origem em cada região.* Celso afirma aqui, portanto, que os judeus, antigamente egípcios, tornaram-se a seguir uma nação particular e estabeleceram leis que eles respeitam. E, para não repetir expressões já citadas, diz que eles conseguiram conservar as práticas religiosas tradicionais a exemplo das outras religiões que têm em grande honra seus próprios costumes. Apresenta uma razão mais profunda segundo a qual os judeus tiveram em grande honra seus costumes tradicionais, insinuando que os seres que conseguiram ser os poderes tutelares da terra cooperaram com os legisladores na fixação das leis de cada povo. Parece pois indicar que ou o país dos judeus, ou a nação que nele mora, encontra-se sob a tutela de um ou de vários seres, e pela colaboração dele ou deles com Moisés as leis dos judeus foram estabelecidas.

26. É uma necessidade, afirma ele, observar as leis, não só porque povos diversos tiveram a ideia de criar para si leis diferentes e é um dever observar o que foi decidido para o bem comum, mas também porque possivelmente as diferentes partes da terra desde a origem foram atribuídas a diferentes poderes tutelares e distribuídas entre os governos existentes, e é assim que são administradas. A seguir, como se esquecesse todos os seus ataques contra os judeus, Celso os inclui igualmente na aprovação geral dada a todos os que respeitam os costumes tradicionais: assim, o que é feito em cada nação é realizado com retidão se o modo de fazer é aceito por estes poderes. E repara se ele não exprime sem rodeios a vontade, enquanto depende dele, de que o judeu vivendo segundo suas leis particulares não as abandone, pois seria um ato ímpio abandoná-las. Pois ele diz: Seria impiedade infringir as leis estabelecidas desde a origem em cada região.

Em resposta, gostaria de perguntar a Celso ou a seus adeptos: quem seria então o autor que distribuiu desde a origem as diferentes partes da terra aos diversos poderes tutelares, e principalmente o país dos judeus e os judeus àquele ou àqueles aos quais eles foram atribuídos? Será que Zeus, como

o chamaria Celso, teria distribuído a um ou a vários poderes o povo dos judeus e seu país, e acaso queria ele que aquele que obteve a Judeia estabelecesse estas leis em vigor entre os judeus? Ou tal aconteceu contra a sua vontade? Qualquer que seja a sua resposta, repara como seu raciocínio andará embaraçado. E se as partes da terra não foram atribuídas por um ser unicamente a seus poderes tutelares, é porque cada um, ao acaso e independentemente de um superintendente, se atribuiu ao acaso uma parte da terra. Mas dizer isto é um absurdo; é praticamente negar a providência do Deus supremo.

27. Além disso, explique quem quiser a maneira como, distribuídas entre os governos existentes, as partes da terra são administradas pelos poderes que velam por elas; que nos diga ainda como aquilo que é feito em cada nação é realizado com retidão, se é do modo aceito por estes poderes: se esta retidão caracteriza, por exemplo, as leis dos citas sobre o parricídio, ou as dos persas que não proíbem o casamento nem das mães com seus filhos, nem dos pais com suas filhas. Para que reunir os exemplos dos autores que trataram das leis dos diferentes povos, para contestar a afirmação que em cada nação as leis são cumpridas com retidão na medida em que elas concordam com os poderes tutelares? Cabe a Celso apontar-nos a impiedade que existiria em infringir as leis tradicionais para aqueles a quem casar-se com sua mãe ou com sua filha é permitido, dar cabo da vida enforcando-se merece a bem-aventurança, entregar-se às chamas e abandonar a vida pelo fogo significa atingir a purificação perfeita. Cabe a ele dizer que impiedade existe em infringir as leis que obrigam por exemplo os habitantes da Táurida a oferecer os estrangeiros como vítimas a Ártemis, ou entre certas tribos da Líbia sacrificar as crianças ao deus Crono. Mas, na lógica da opinião de Celso, existe impiedade se os judeus infringirem as leis tradicionais proibindo venerar um outro deus que não seja o criador do universo. Segundo ele, a piedade seria divina não por natureza mas por convenção e opinião; pois é para alguns um ato de piedade honrar o crocodilo e comer animais adorados entre outras tribos, e é um ato de piedade entre outros venerar o bezerro, e entre outros considerar o bode como um deus. E desta forma as ações de um mesmo indivíduo seriam piedade conforme tais leis, impiedade conforme outras mais: o que é o cúmulo do absurdo.

28. Alguém talvez objete: a piedade consiste em manter as tradições, e não existe absolutamente nenhuma impiedade em não se observar também as dos estrangeiros; ou ainda, embora isto pareça ímpio para alguns entre eles, não existe impiedade em honrar conforme as tradições suas próprias divindades, e por outro lado em combater e em devorar as dos povos cujas leis são contrárias. Mas repara se não é dar prova de uma grande confusão sobre a justiça, a piedade e a religião não as definir nem lhes atribuir uma natureza própria que permita caracterizar como homens religiosos aqueles que conformam sua conduta a elas. Se de fato a religião, a piedade, a justiça são coisas tão relativas quanto a própria atitude piedosa ou ímpia conforme a diversidade das condições e das leis, não decorre daí que também a temperança é relativa, como a coragem, a prudência, a ciência e as outras virtudes? Nada poderia ser mais absurdo.

Atendo-nos à simplicidade e ao senso comum, a resposta dada às citações de Celso pode bastar. Creio, porém, que certos espíritos mais críticos hão de ler este tratado; corro, pois, o risco de propor elementos de especulação mais profunda, que encerram uma teoria mística e secreta sobre a atribuição desde a origem a diferentes poderes tutelares das diferentes regiões da terra. E me esforço por mostrar enquanto possível que nossa doutrina é isenta desta sequência de absurdos.

Partilha das regiões da terra

29. Celso me parece, pois, ter-se enganado sobre algumas das razões misteriosas da partilha das regiões terrestres. A própria história grega, de certa maneira, está envolvida nisto quando mostra que certos deuses da lenda lutaram entre si com vistas à Ática, e faz certos pretensos deuses afirmar nos poetas que certas regiões lhes estão mais estreitamente ligadas. Também a história bárbara, principalmente a do Egito, faz alguma alusão desta espécie à divisão dos “nomos” do Egito, quando diz que a própria Atena que obteve Saís possui também a Ática. Os doutos do Egito dirão mil coisas parecidas, mas não sei se eles incluem igualmente os judeus e seu país na partilha e se os atribuem a algum poder. Na verdade, são testemunhos externos à divina escritura. É o que basta por ora.

Afirmamos que Moisés, para nós o profeta de Deus e seu verdadeiro servo, descreve assim a partilha dos povos da terra no cântico do Deuteronomio: “Quando o altíssimo repartia as nações, quando espalhava os filhos de Adão, ele fixou fronteiras para os povos, conforme o número dos filhos de Deus; mas a parte do Senhor foi o seu povo, o lote de sua herança foi Jacó” (Dt 32,8-9). Sobre a divisão das nações, o próprio Moisés, em seu livro do Gênesis, conta na forma de uma história: “Todo o mundo se servia de uma mesma língua e das mesmas palavras. Como os homens emigrassem para o oriente, encontraram um vale na terra de Senaar e aí se estabeleceram.” E pouco depois: “Ora, o Senhor desceu para ver a cidade e a torre que os homens tinham construído. E o Senhor disse: ‘Eis que todos constituem um só povo e falam uma só língua. Isso é o começo de suas iniciativas! Agora, nenhum desígnio será irrealizável para eles. Vinde! Desçamos! Confundamos a sua linguagem para que não mais se entendam uns aos outros.’ O Senhor os dispersou dali por toda a face da terra, e eles cessaram de construir a cidade. Deu-se-lhe por isso o nome de Babel, pois foi lá que o Senhor confundiu a linguagem de todos os habitantes da terra e foi lá que ele os dispersou sobre toda a face da terra” (Gn 11,1-2.5-9). No livro intitulado Sabedoria de Salomão, que trata da sabedoria e daqueles que viviam por ocasião da confusão das línguas, quando se deu a partilha dos povos da terra, assim se fala da sabedoria: “Quando os povos, concordes na malícia, foram confundidos, ela reconheceu o justo e o guardou imaculado diante de Deus, conservando-o forte, sem abrandar-se diante de seu filho” (Sb 10,5).

O assunto encerra uma profunda doutrina mística à qual se aplicam as palavras: “É bom manter oculto o segredo do rei” (Tb 12,7). Não devemos expor aos ouvidos profanos a doutrina sobre a entrada das almas no corpo que não se dá por metensomatose; não devemos dar aos cães as coisas sagradas, nem lançar as pérolas aos porcos (cf. Mt 7,6). Seria uma impiedade que implica numa traição dos oráculos secretos da sabedoria de Deus, conforme a bela sentença: “A sabedoria não entra numa alma maligna, ela não habita num corpo devedor ao pecado” (Sb 1, 4). Para as verdades ocultas na forma de uma história, basta apresentá-las segundo a forma desta história para permitir àqueles que podem descobrir por si mesmos o significado da passagem.

30. Imaginemos, portanto, todos os povos da terra, utilizando uma mesma língua e, pelo menos enquanto vivem em harmonia uns com os outros, persistindo em usar esta língua divina. Continuam sem se afastar do Oriente enquanto mantêm o espírito sensível aos efeitos da luz e da irradiação “da luz eterna” (Sb 7,26). E tendo o espírito cheio de preocupações estranhas ao Oriente, ao emigrarem desta terra, encontram “um vale na terra de Senaar”, o que pode ser interpretado como abalo dos dentes para indicar simbolicamente que eles perderam os recursos para se alimentarem; e nele habitam. Em seguida, pretendem juntar materiais e unir ao céu o que não pode naturalmente a ele estar associado, para conspirar com a matéria contra o que é imaterial. Eles dizem: “Vinde! Façamos tijolos e cozamo-los ao fogo!” Tornam firme e compacto o que era matéria lamacenta, pretendem transformar o tijolo em pedra e o barro em betume, e desta forma construir “uma cidade e uma torre

cujo ápice penetre nos céus”, na exaltação de seu orgulho contra o conhecimento de Deus. Então, na medida em que cada um se distanciou mais ou menos do Oriente, na medida em que transformou o tijolo em pedra e o betume em argamassa, todos se entregaram a anjos mais ou menos severos, desta ou daquela natureza, até que cada um tivesse sofrido o castigo de suas audácias. E estes anjos inspiram a cada qual sua língua particular e os conduzem em seguida até às partes da terra que eles merecem, por exemplo uns a uma região ardente, outros a uma região de um frio rigoroso para os que nela habitam, outros a uma região difícil de cultivar, outros a uma outra menos difícil, uns a uma região cheia de animais ferozes, outros a uma outra com menos.

31. Em seguida, na medida em que permite a forma da narrativa que, embora encerre uma certa verdade histórica, manifesta além disso um sentido oculto, devemos ver que alguns conservaram sua língua original, porque não abandonaram o Oriente, mas permanecem no Oriente; devemos compreender que só estes se tornaram a parte do Senhor e seu povo que leva o nome de Jacó, e se tornaram igualmente “o lote de sua herança, Jacó” (Dt 32,9); só estes foram submetidos a um soberano que não recebeu como os outros seus súditos para os punir. Observe-se, enquanto humanamente possível, que na sociedade daqueles que foram atribuídos ao Senhor como sua parte de escolha foram cometidos pecados, a princípio toleráveis e sem merecer para seus autores um abandono total, em seguida mais numerosos, porém ainda toleráveis. Compreendamos que esta situação durou bastante tempo e havia sempre um remédio, e que estes pecadores se convertiam de tempos em tempos. Devemos ver que proporcionalmente aos pecados que eles cometiam, foram abandonados às potências dominadoras de outras terras. Inicialmente, submetidos moderadamente a castigos e penas por assim dizer educadoras, voltaram à pátria; mas, a seguir, devemos considerar que sofreram uma tirania muito dura por parte dos assírios, depois dos babilônios como os chama a Escritura. Em seguida, devemos ver que, apesar da aplicação destes remédios, eles multiplicaram seus pecados e, por essa razão, foram dispersos nas outras partes da terra pelos chefes das outras nações que devastaram seu país. Mas seu chefe os deixa de propósito se desagregarem pelos chefes das outras nações para que, por sua vez, como por vingança pessoal, tendo recebido a faculdade de arrancar das demais nações os que ele podia, ele a exercesse com razão, lhes desse leis e lhes propusesse o gênero de vida a seguir, a fim de os conduzir à meta para onde levou os do primeiro povo que não pecaram.

A parte de Cristo

32. Aos espíritos sensíveis a verdades tão sublimes, esta história mostra como foi superior aos outros poderes aquele que obteve em partilha os que no princípio não pecaram. Ele conseguiu se apoderar de homens escolhidos na parte de todos os poderes, libertá-los daqueles que os tinham recebido para os castigar e trazê-los às leis e ao gênero de vida que os ajudam no esquecimento das faltas passadas. Mas, como ficou dito, esta história deve ser apresentada por nós com um sentido oculto para estabelecer as verdades deformadas por aqueles que disseram: as diferentes partes da terra, desde a origem, foram atribuídas a diferentes poderes tutelares e distribuídas entre os governos existentes; e é a maneira como são administradas. É deles as palavras citadas por Celso.

E como aqueles que abandonaram o Oriente por seus pecados foram entregues “a um espírito perverso”, às “suas paixões aviltantes” e “segundo as concupiscências de seu coração à impureza”, para que, saciados com o pecado, eles o odiassem, recusamos aprovar a afirmação de Celso: Por causa destes poderes tutelares atribuídos às diferentes partes da terra, o que é feito em cada região é realizado com retidão. Além disso, queremos fazer o que, entre elas, não satisfaz a estes poderes. Pois

vemos que existe piedade em infringir as leis estabelecidas desde a origem em cada região, por causa das leis superiores e divinas que Jesus, como o mais poderoso, estabeleceu, arrancando-nos “do presente mundo mau” e “dos príncipes deste mundo votados à destruição” (Gl 1,4; 1Cor 2,6); ao contrário, existe impiedade, em não se lançar aos pés daquele que se manifestou e demonstrou ser mais puro e mais poderoso do que todos os príncipes: ele a quem Deus disse, como os profetas predisseram muitas gerações anteriores: “Pede, e eu te darei as nações como herança, os confins da terra como propriedade” (Sl 2,8). É ele que se tornou “esperança” (cf. Gn 49,10) para nós, que provindos “das nações”, acreditamos nele e no Deus supremo seu Pai.

33. Estas observações refutam não só sua teoria dos poderes tutelares, mas de certa forma se antecipam ao que Celso disse contra nós: *Mas que apareça o segundo coro: eu lhes perguntarei donde eles vêm, quem é o autor de suas leis tradicionais. Não poderão indicar ninguém. Na verdade, é daí que eles também vêm e não podem indicar como seu mestre e regente nenhuma outra origem. Todavia, eles se separaram dos judeus.* Pois bem! Todos nós, “nestes últimos dias” (cf. Is 2,2-4), viemos aonde nosso Jesus nos visitou, “ao monte do Senhor”, sua palavra, “acima de qualquer outra palavra”, e à casa de Deus, “que é a igreja do Deus vivo, coluna e sustentáculo da verdade” (1Tm 3,15). Nós a vemos construída “no mais alto das montanhas”, as palavras de todos os profetas que lhe servem de fundamento. Esta casa se ergue “acima de todos os outeiros”, estes homens que parecem prometer uma superioridade em sabedoria e em verdade. E nós, “todas as nações”, subimos para ela, caminhamos, exortando-nos mutuamente à adoração de Deus que, “nestes últimos dias”, resplandeceu através de Jesus Cristo: “Vinde, subamos ao monte de Iahweh, à casa do Deus de Jacó, para que ele nos instrua a respeito dos seus caminhos e assim andemos nas suas veredas”. Pois a “lei” saiu dos habitantes de “Sião”, e nos foi transmitida totalmente espiritual. Além disso, “a palavra do Senhor” saiu desta “Jerusalém” para ser difundida por toda parte e julgar “cada um no meio das nações”, reservando para si aqueles que ela encontra dóceis, mas condenar “a multidão” indócil.

Aos que nos perguntam donde viemos e quem é nosso chefe, respondemos: nós viemos, conforme os conselhos de Jesus, quebrar as espadas racionais de nossas contestações e de nossas violências, transformando-as em relhas de arado e forjando as lanças antes usadas na luta em podadeiras. Pois não mais desembainhamos a espada contra qualquer povo nem nos exercitamos nas artes da guerra: nós nos tornamos filhos da paz por Jesus que é nosso chefe, em vez de seguir as tradições que nos tornavam “estranhos às alianças” da promessa (Ef 2,12); recebemos uma lei com que rendemos graças àquele que nos arrancou do erro, dizendo: “Quão falsos são os ídolos que nossos pais possuíram, e não existe um só que faça chover!” (cf. Jr 16,19; 14,22). De fato, nosso regente e nosso mestre provém dos judeus e ele dá pastagens à terra inteira por meio da palavra de sua doutrina. Referi antecipadamente esta passagem de Celso, acrescentada a muitas outras e a refutei da melhor forma, associando-a às palavras já citadas.

O testemunho de Heródoto

34. Mas, para não deixar de lado o que Celso disse no intervalo, citemos igualmente estas palavras: *A esse respeito, podemos apresentar como testemunha a Heródoto, que se exprime nestes termos: “O povo da cidade de Mareia e Ápis, que habitam as regiões do Egito limítrofes com a Líbia, consideravam-se líbios e não egípcios, e não suportavam as normas referentes aos sacrifícios, recusando-se a se abster de carne de vaca; em consulta ao santuário de Amon, disseram que nada tinham em comum com os egípcios; moravam, diziam, fora do Delta, não partilhavam de suas crenças; e queriam poder comer de tudo. Mas o deus não lhes deu permissão: declarou que o Egito é o país*

banhado pelo Nilo e que são egípcios os que, habitando abaixo da cidade de Elefantina, bebem a água deste rio.” Esta é a história de Heródoto. Ora, Amon não é inferior aos anjos dos judeus para transmitir as vontades divinas. Portanto, não há injustiça alguma no fato de cada povo observar as práticas religiosas de seu país. Sem dúvida, veremos que existe uma diferença considerável entre as nações, e no entanto cada uma delas parece considerar as próprias como as melhores. Os etíopes que habitam Méroe adoram unicamente a Zeus e Dioniso, os árabes a Urânia e Dioniso e apenas a estes. Todos os egípcios adoram a Osíris e Ísis, os saítas a Atena, os naucratitas, desde algum tempo apenas invocam Serápis; os outros seguem cada um respectivamente suas próprias leis. Uns se abstêm de ovelhas, porque honram estes animais como sagrados, outros a cabras, outros a crocodilos, outros a vacas, e se abstêm dos porcos porque os abominam. Os citas consideram uma ação virtuosa comer homens, e existem hindus que pensam realizar uma ação sagrada comendo seus pais. O próprio Heródoto diz isto em algum lugar: e para dar fé, citarei ainda seu texto: “Se efetivamente impuséssemos a todos os homens fazer uma escolha entre todas as leis e os obrigássemos a escolher as mais belas, cada qual depois de maduro exame escolheria as de seu país, tão convencidos estão, cada qual de seu lado, de que suas próprias leis são muito mais belas. Nestas condições, não parece possível que apenas um louco transforme em objeto de zombaria coisas desta natureza. E que esta seja a convicção de todos os humanos com relação às leis, podemos ver por numerosos testemunhos, principalmente por este. Dario, no tempo em que governava, chamou os gregos que estavam a seu lado e lhes perguntou quanto queriam para comer seus pais mortos; declararam que não o fariam por nada deste mundo. Em seguida, Dario chamou os hindus que são chamados calátias, os quais comem seus pais; e, em presença dos gregos que, graças a um intérprete, compreendiam o que ele dizia, perguntou-lhes quanto queriam para queimar seus pais falecidos; deram grandes gritos e rogaram a Dario que não pronunciasse palavras de mau agouro. Tais são de fato os costumes estabelecidos; e, a meu ver, Píndaro tinha razão em dizer que o costume reina sobre todos.”

35. Com base nestes exemplos, o argumento parece a Celso levar a esta conclusão: É preciso que todos os homens vivam conforme suas tradições para assim não incorrerem em censuras; mas os cristãos, que abandonaram suas tradições e não constituem um povo único como os judeus, merecem censura por aderirem ao ensinamento de Jesus. Que ele nos diga então se os filósofos que ensinam que não se deve ser supersticioso têm o dever de abandonar as tradições, até mesmo de comer os alimentos proibidos em suas pátrias, ou se uma tal conduta é contrária ao dever. Pois, se é por causa da filosofia e das lições que proíbem a superstição que eles podem, desprezando traições, comer alimentos proibidos desde o tempo de seus antepassados, por que não os cristãos? O logos lhes prescreve que não parem diante das estátuas, das imagens ou mesmo das criaturas de Deus, mas subam além delas e apresentem sua alma ao criador: por que, comportando-se como os filósofos, não seriam eles irrepreensíveis? Se para salvar a tese deles, Celso e seus adeptos afirmam que mesmo um filósofo deverá observar as tradições, então os filósofos se tornarão perfeitamente ridículos, por exemplo no Egito, evitando comer cebola para observar as tradições, ou certas partes do corpo como a cabeça ou as espáduas para não contrariar os costumes ancestrais. E ainda não falo destes egípcios que tremem aos ruídos vulgares de flatulência. Se algum deles tendo-se tornado filósofo guardasse as tradições, seria um filósofo ridículo, sem filosofia em sua conduta. O mesmo acontece quando somos conduzidos pelo logos a adorar ao Deus do universo, se, por causa das tradições, ficamos abaixados diante das imagens e das estátuas humanas; e se recusamos erguer-nos, por vontade refletida até ao criador, somos então semelhantes a homens que, apesar das luzes da filosofia, temeriam o que não precisa ser temido e julgaríamos coisa ímpia comer tais alimentos.

36. Quem é então este Amon de Heródoto em quem Celso busca sua citação para provar que é um dever de todos respeitar as tradições? Pois Amon não permite ao povo de Mareia e de Ápis, que habitam as regiões limítrofes com a Líbia, serem indiferentes em comer carne de vaca, prática não só indiferente em si, mas também que não impede a ninguém de ser honesto. Se o Amon destes povos tivesse proibido comer carne de vaca porque o animal é útil à agricultura, e além disso porque é principalmente às vacas que a raça bovina deve seu crescimento, talvez o preceito fosse plausível. Mas na verdade ele quer apenas dizer: como eles bebem a água do Nilo, eles devem respeitar as leis egípcias sobre as vacas. Muito mais, Celso acrescenta esta zombaria sobre os anjos, considerados pelos judeus como mensageiros de Deus: Amon não é inferior aos anjos dos judeus para transmitir as vontades divinas. Não examinou o sentido de suas mensagens e aparições. Pois teria visto que “Deus não se preocupa com os bois” (1Cor 9,9), mesmo quando parece fazer leis sobre os bois ou os animais sem razão; mas o que está escrito por causa dos homens, aparentemente a propósito de animais sem razão, contém certa verdade natural.

Diz Celso: Não há injustiça alguma em que cada um queira observar as práticas religiosas de seu país. A consequência disso, segundo ele, é que os citas não cometem injustiça comendo os homens segundo suas tradições. Os hindus que comem seus pais, na opinião de Celso, imaginam que realizam uma ação santa ou pelo menos que não cometem qualquer injustiça. Em todo caso, cita uma passagem de Heródoto em favor do princípio segundo o qual convém que todo homem siga as leis de seu país, e ele parece aprovar os hindus que chamamos calátias do tempo de Dario, que comiam seus pais, porque, à pergunta de Dario: quanto queriam para abandonar esta lei, “eles deram grandes gritos e pediram que não pronunciasse palavras de mau agouro.”

As duas leis

37. Devemos, portanto, falar de duas leis em geral: uma, a lei da natureza, da qual podemos dizer que Deus é o autor; a outra, a lei escrita das cidades. Quando a lei escrita não contradiz a de Deus, convém não perturbar os cidadãos com leis estrangeiras. Mas, quando a lei da natureza, quer dizer de Deus, ordena o contrário da lei escrita, vê se a razão não ordena que dispensemos os textos e a intenção dos legisladores e nos entreguemos ao Deus legislador e escolhamos uma vida conforme com seu logot, ainda que tenhamos de enfrentar riscos, mil sofrimentos, a morte e a infâmia. Quando as ações que agradam a Deus são contrárias às que agradam a certas leis das cidades, e é impossível agradar a Deus e aos que cuidam da aplicação destas leis, seria absurdo desprezar as ações pelas quais agradaríamos ao criador do universo e escolheríamos aquelas pelas quais desagradaríamos a Deus satisfazendo plenamente às leis e aos que as amam.

Se é razoável, acerca dos outros pontos, preferir a lei da natureza, que é a lei de Deus, àquela que está escrita e promulgada pelos homens em contradição com a lei de Deus, quanto mais não será quando se trata de leis sobre o culto a se prestar a Deus? Assim sendo, não adoraremos, como os egípcios que moram nas redondezas de Méroe, apenas a Zeus e Dioniso como lhes apraz adorar, nem prestarem a mínima honra aos deuses da Etiópia à maneira etíope; nem pensaremos como os árabes que Urânia e Dioniso sejam os únicos deuses, nem mesmo admitiremos de modo algum que sejam deuses nos quais os súditos honram os sexos masculino e feminino, pois os árabes adoram a Urânia como fêmea e a Dioniso como macho; nem tampouco como todos os egípcios consideraremos Osíris e Ísis como deuses, nem associaremos a eles Atena segundo a opinião dos saítas. E mesmo se os naucratitas outrora decidiram adorar outros deuses, e começaram há não muito tempo, a venerar a Serápis que jamais tinha sido deus, nem por isso também vamos fazer um novo deus daquele que antes

não era deus, e nem mesmo era conhecido dos homens. Mas, o Filho de Deus, “Primogênito de toda a natureza” (Cl 1,15), embora pareça ter-se feito homem recentemente, nem por isso é novo. As divinas escrituras sabem perfeitamente que ele é anterior a todas as criaturas: foi a ele que Deus, quando criou o homem, dirigiu as palavras: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança” (Gn 1,26).

38. Pretendo mostrar como Celso comete disparates ao dizer que todos devem prestar culto aos deuses particulares de seu país. Diz ele que os etíopes que habitam Méroe conhecem apenas dois deuses, Zeus e Dioniso, os únicos que eles adoram; que os árabes, igualmente, adoram apenas dois deuses, a Dioniso como os etíopes, e a Urânia que é deles. E segundo o que ele afirma, nem os etíopes adoram a Urânia, nem os árabes a Zeus. Assim sendo, encontrando-se um etíope por acaso entre os árabes, julgado ímpio por se recusar a adorar a Urânia e desta forma pondo em risco sua vida, porventura deverá morrer ou violar as suas tradições e adorar a Urânia? Se ele tivesse o direito de violar suas tradições, cometeria uma impiedade de acordo com os argumentos de Celso. Mas se fosse levado ao suplício, mostre Celso que seria razoável escolher a morte. Não sei se a doutrina dos etíopes lhes ensina a filosofar sobre a imortalidade da alma e a recompensa devida à piedade quando eles adoram, de acordo com as leis tradicionais de pretensos deuses. O mesmo se diria dos árabes que tenham vindo por acaso viver entre os etíopes e moram nas redondezas de Méroe. Também eles, educados para adorar unicamente a Urânia e a Dioniso, recusariam adorar a Zeus com os etíopes. Se então, considerados como ímpios, fossem conduzidos ao suplício, diga Celso o que deveriam fazer segundo a razão!

Entrar aqui em detalhes sobre os mitos de Osíris e Ísis seria um trabalho supérfluo. Mesmo interpretados alegoricamente, eles nos ensinariam a adorar a água inanimada e a terra que os homens e todos os animais pisam: é assim que fazem, creio eu, de Osíris a água e de Ísis a terra. Acerca de Serápis existe uma história longa e incoerente: ele foi introduzido não faz muito tempo por certos sortilégios de Ptolomeu, desejoso de apresentá-lo aos alexandrinos como um deus visível. Li nos escritos do pitagórico Numênio, acerca da constituição de Serápis, que ele participava da natureza de todos os animais e vegetais regidos pela natureza. Parece ter sido assim estabelecido como deus, graças aos mistérios profanos e às práticas de feitiçaria que evocam os demônios: e isso não se deu por obra dos escultores apenas, mas também dos mágicos, dos feiticeiros e dos demônios influenciados por seus encantamentos.

39. Por isso é preciso procurar o alimento que convém ou não convém ao animal racional e civilizado que faz tudo com reflexão, em vez de adorar ao acaso as ovelhas, as cabras e as vacas. Abster-se de comer destas carnes é normal, em vista da grande utilidade destes animais para os homens. Mas poupar crocodilos e considerá-los como consagrados a não sei que divindade mitológica, não é, porventura, o cúmulo da estultice? Será preciso ser extravagante para poupar animais que não nos poupam, venerar animais que devoram homens! Mas Celso aprova aqueles que segundo suas tradições adoram os crocodilos e os veneram, e não escreveu discursos contra eles. Por outro lado, os cristãos lhe parecem repreensíveis, porque aprenderam a abominar o vício e a evitar as ações que delas decorrem, a adorar e a honrar a virtude como nascida de Deus e do Filho de Deus. Pois não se deve acreditar, conforme o gênero feminino de seu nome, que a virtude e a justiça sejam igualmente femininas em sua essência: segundo julgamos, elas são o Filho de Deus, como seu verdadeiro discípulo o determinou dizendo: “Ele que em nome de Deus se tornou para nós sabedoria proveniente de Deus, justiça, santificação e redenção” (1Cor 1,30). Portanto, mesmo quando nós o chamamos “segundo Deus”, esta denominação, é bom saber, não designa para nós senão a virtude que engloba todas as virtudes, o logos que engloba tudo o que há de razão das coisas que foram criadas conforme

as leis da natureza, seja principalmente, seja para a utilidade do todo. Este logos, dizemos nós, agregasse à alma de Jesus por uma união muito mais íntima do que a qualquer outra alma, pois só ele era capaz de conter perfeitamente a participação suprema do Logos em pessoa, da Sabedoria em pessoa, da Justiça em pessoa.

40. Tendo tratado desta forma as diferentes leis, Celso conclui: A meu ver, Píndaro tinha razão ao dizer que a lei reina sobre todos. Que me seja permitido insistir mais uma vez neste ponto. Que lei, meu caro, dizes reinar sobre todos os cidadãos? Mas, tomando a lei no sentido estrito, é exatamente ela que, por natureza, reina sobre todos, a despeito daqueles que, como os salteadores, tiram proveito da lei, a renegam para viverem de pilhagem e injustiça. Nós cristãos, portanto, sabendo que a lei que por natureza reina sobre todos é idêntica à lei de Deus, nos esforçaremos por viver segundo ela, dizendo adeus às leis que não são leis.

A pretensão dos judeus

41. Examinemos também as palavras seguintes de Celso, dentre as quais poucas são as que dizem respeito aos cristãos e a maior parte tem a ver com os judeus: *Portanto, se em virtude deste princípio, os judeus observassem ciosamente sua própria lei, não poderíamos criticá-los, mas muito antes aqueles que abandonaram suas tradições, para adotarem as dos judeus. Mas, se quiserem se orgulhar de uma sabedoria mais profunda e fugir da sociedade dos outros que eles julgam menos puros, já têm a resposta: até sua doutrina sobre o céu não é deles, mas, para omitir todos os outros exemplos, era também há muito tempo a doutrina dos persas, como Heródoto diz em alguma parte: “Costumam subir aos mais altos cumes para oferecerem sacrifícios a Zeus, chamando Zeus a todo o círculo do céu.” Ora, penso ser indiferente chamar a Deus de Zeus Altíssimo, Zen, Adonai, Sabaot, Amon como entre os egípcios, Papaeos como os citas. E certamente os judeus não são mais santos do que os outros povos por serem circuncisos: os egípcios e os colcos já eram antes deles; nem por se absterem de carne de porco: assim o fazem os egípcios que também se abstêm de comer carne de cabra, ovelha, boi e peixe; assim o fazem Pitágoras e seus discípulos, que se abstêm de favas e de todo ser animado vivo. Não é absolutamente possível que eles gozem do favor e do amor de Deus num grau mais eminente do que os outros, nem que anjos sejam enviados do céu somente a eles, como se tivessem obtido em partilha uma terra de bem-aventurados: vemos perfeitamente que tratamento mereceram eles e seu país. Que este coro portanto vá embora, depois de ter recebido o castigo de sua arrogância, pois não conheceu o grande Deus, mas, seduzido e iludido pela impostura de Moisés, entrou para a escola dele para sua desgraça.*

42. É claro que Celso critica os judeus por mentirem pretendendo ser a parte escolhida do Deus supremo, acima de todas as nações. Por isso os acusa de arrogância, pois se fazem glória do grande Deus quando na verdade não o conheceram, mas seduzidos pela impostura de Moisés e iludidos por ele, entraram para a escola dele para sua desgraça. Ora, nas páginas anteriores, descrevi em parte o regime venerável e superior dos judeus, no tempo em que subsistia para eles a imagem ideal da cidade de Deus e de seu templo, e do culto sacerdotal no templo e sobre o altar. E se tendo o espírito fixo na intenção do legislador e do regime que ele estabeleceu, examinássemos as práticas judaicas para compará-las à conduta atual dos outros povos, não admiraríamos a nenhum mais, pois na medida humanamente possível, eles tinham repudiado tudo o que é inútil à humanidade, conservando apenas os verdadeiros bens. Por isso não tinham jogos públicos, espetáculos, corridas de cavalos, nem mulheres vendendo sua beleza a quem desejasse desperdiçar sua semente ultrajando a natureza da

procriação humana.

Como era bom, entre eles, ser instruído desde a mais tenra idade acima de toda a natureza sensível, em pensar que Deus não reside em nenhum lugar nela, e a procurá-lo acima e além dos corpos! Como era grandioso ser instruído, quase desde o nascimento e da formação da razão, sobre a imortalidade da alma, sobre os tribunais subterrâneos, sobre as recompensas merecidas por uma vida virtuosa! Estas verdades eram então pregadas sob a forma de história para crianças, porque tinham a inteligência de crianças. Mas, logo, para aqueles que procuravam a doutrina e queriam nela progredir, as histórias de outrora se transfiguravam, por assim dizer, deixando ver a verdade que elas encerravam. E penso que eles mereceram ser chamados a parte da herança de Deus por terem desprezado toda adivinhação como uma vã fascinação dos homens, proveniente de demônios perversos e não de uma natureza superior, e por terem procurado conhecer o futuro junto às almas que tinham obtido por sua extrema piedade o espírito do Deus supremo.

43. Será preciso dizer o quanto a lei, ao proibir aos judeus manterem em escravidão por mais de seis anos um correligionário, está conforme com a razão, e isto sem injustiça nem para o senhor nem para o escravo? Portanto, se os judeus devem observar ciosamente a própria lei, não é em virtude dos mesmos princípios adotados pelos outros povos. Eles mereceriam censura e repreensão por serem insensíveis à superioridade de suas leis, se acreditassem que elas foram escritas da mesma maneira que as leis dos outros povos. E, apesar do que afirma Celso, os judeus têm uma sabedoria mais profunda não só do que a das massas, mas também do que a dos homens que são considerados filósofos, pois os filósofos, depois de seus sublimes raciocínios filosóficos, se abaixam até aos ídolos e demônios, ao passo que até o último dos judeus tem os olhos fixos no único Deus supremo. E têm de fato razão, pelo menos de se gloriarem e evitarem a sociedade dos outros que eles julgam impuros e ímpios. Oxalá não tivessem pecado por suas transgressões, primeiro por matarem os profetas, depois conspirando contra Jesus! Teríamos neles um modelo da cidade celeste que o próprio Platão procurou descrever; mas não sei se ele teria podido cumprir tudo o que realizaram Moisés e seus sucessores, que educaram uma “raça escolhida”, “uma nação santa” (1Pd 2,9) e consagrada a Deus, por doutrinas isentas de toda superstição.

44. Como Celso pretende equiparar as leis sagradas dos judeus com as leis de certos povos, que me seja permitido examinar ainda este ponto. Penso que a doutrina sobre o céu não é diferente da doutrina sobre Deus, e ele diz que os persas, como os judeus, oferecem sacrifícios a Zeus, subindo aos mais altos cumes. Não vê que os judeus reconhecem apenas um Deus, e igualmente só têm uma única casa de oração, um único altar dos holocaustos, um único incensório para o incenso, um único sumo sacerdote de Deus. Os judeus, portanto, nada tinham de comum com os persas que sobem aos mais altos cumes que são em grande número, e fazem sacrifícios que nada têm de comparável aos da lei mosaica. Segundo esta, os sacerdotes judeus celebravam um culto “que era cópia e sombra das realidades celestes” (Hb 8,5), mas expunham secretamente o significado da lei sobre os sacrifícios e as realidades de que eram figuras. Chamem, pois, os persas este círculo do céu de Zeus; nós, porém, declaramos que, para nós, o céu não é nem Zeus, nem Deus, pois sabemos que existem igualmente seres inferiores a Deus, elevados acima dos céus e de toda a natureza sensível. Eis em que sentido compreendemos as palavras: “Louvai-o, céus dos céus e águas acima dos céus! Louvem o nome do Senhor!” (Sl 148,4-5).

Os nomes divinos

45. E como Celso acha que é indiferente chamar a Deus de Zeus Altíssimo, Zen, Adonai, Sabaot, Amon como os egípcios, Papaeos como os citas, que me seja permitido dizer ainda algumas palavras sobre este ponto, lembrando ao leitor o que ficou dito acima quando o texto de Celso nos convidava a este exame. Ainda aqui, digo que a natureza dos nomes não se reduz às definições convencionais daqueles que os dão, como julga Aristóteles. Pois as línguas em uso entre os homens não têm sua origem nos homens: é coisa evidente quando podemos refletir sobre a natureza dos encantamentos adaptados pelos inventores das línguas à diferença das línguas e à diferença de pronúncia dos nomes; a este respeito dei alguma explicação breve acima dizendo que os nomes naturalmente eficazes numa língua determinada perdem, por sua tradução numa outra língua, o efeito que tinham em suas sonoridades particulares. É o que encontramos entre os homens: a quem recebeu desde o nascimento um nome próprio em língua grega, não poderíamos fazer experimentar ou realizar, traduzindo seu nome em língua egípcia, romana ou outra, o que ele experimentaria ou realizaria ao ouvir alguém chamá-lo pelo nome que lhe foi primitivamente imposto. Tampouco, traduzindo em grego o nome de um homem chamado no começo por um nome romano, não poderíamos obter o efeito que o encantamento pretende obter conservando o nome primitivamente dado.

Se tal sucede aos nomes humanos, o que deveremos pensar dos nomes atribuídos por uma razão ou outra à divindade? Por exemplo, existe em grego uma tradução da palavra Abraão, um significado do nome Isaac, um sentido evocado pelo som Jacó. E se numa invocação ou num juramento, chamamos “o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó”, a fórmula produz seu efeito, quer pela qualidade natural destes nomes, quer pelo poder. Pois os demônios são vencidos e dominados por aquele que pronuncia estes nomes. Mas se dizemos: o Deus do pai escolhido do eco, o Deus do riso, o Deus do suplantador, só obteremos algum efeito com um outro nome sem poder. Não teríamos mais qualquer resultado traduzindo em grego ou em outra língua o nome de Israel; mas conservando-o e acrescentando a ele aqueles aos quais os peritos na matéria costumam uni-lo, podemos realizar o efeito prometido a estas invocações feitas nesta língua. A mesma coisa se dirá da palavra Sabaot, frequentemente empregada nos encantamentos. Traduzindo-se este nome: “Senhor dos poderes”, “Senhor dos exércitos”, “Todo-poderoso” — pois seus tradutores lhe dão diferentes acepções — o efeito será nulo; mas, se for conservada sua sonoridade própria, dizem os especialistas que será obtido seu efeito. O mesmo se dirá da palavra “Adonai”. Portanto, se nem Sabaot, nem Adonai, na tradução grega do sentido que estas palavras parecem ter, produzem qualquer efeito, menor eficácia e poder terão, acreditando-se ser indiferente chamar a Deus de Zeus Altíssimo, Zen, Adonai, Sabaot!

46. Instruídos sobre tais segredos e outros semelhantes, Moisés e os profetas proibiram que “os nomes de outros deuses” (Ex 23,13; Sl 15,4) fossem pronunciados por uma boca habituada a só invocar o Deus supremo e que eles fossem lembrados dentro de um coração exercitado em se manter longe de toda vaidade de pensamentos e palavras. É também a razão por que preferimos suportar todos os maus tratos a reconhecer a Zeus como Deus. Pois pensamos que Zeus não é idêntico a Sabaot, mas, longe de ser uma divindade, ele é apenas um demônio que gosta de ser assim chamado, inimigo dos homens e do Deus verdadeiro. E ainda que os egípcios nos proponham Amon ameaçando-nos com castigos, preferimos morrer a proclamar Amon como Deus: provavelmente é um nome utilizado em certos encantamentos egípcios que evocam este demônio. Que chamem os citas de Papaeos ao Deus supremo: nós não acreditaremos nele. Nós admitimos, sim, o Deus supremo, mas recusamos dar a Deus o nome próprio de Papaeos, que é apenas um nome que agrada ao demônio que tem como partilha o deserto, a raça e a língua dos citas. Mas não é pecar dar a Deus o nome comum em língua cita, egípcia, ou qualquer outra língua materna.

47. A circuncisão dos judeus não tem a mesma razão que a circuncisão dos egípcios e dos colcos. Por isso não se deve ver aí uma circuncisão idêntica à deles. Assim como o sacrificante não sacrifica à mesma divindade, ainda que pareça oferecer ritos sacrificiais semelhantes, e o homem que não invoca a mesma divindade, mesmo que os pedidos de orações sejam idênticos, assim também é falso dizer que não existe qualquer diferença entre as circuncisões, pois elas são totalmente diferentes por causa da finalidade, da lei, da intenção daquele que as pratica. Para melhor compreensão, podemos dizer também: o nome da justiça é o mesmo para todos os gregos. Mas a prova aí está: uma é a justiça de Epicuro, outra a dos estoicos que negam a divisão tripartida da alma, outra a dos platônicos que veem na justiça um ato de cada uma das partes da alma. Assim também, outra é a coragem de Epicuro que suporta sofrimentos para evitar um número maior deles, outra a do estoico que escolhe qualquer outra virtude por ela mesma, outra a do platônico que sustenta que é uma virtude da parte irascível da alma e a localiza em volta do peito. Desta forma, segundo as diferentes doutrinas daqueles que se fazem circuncidar, a circuncisão pode ser diferente. É um assunto de que não precisamos falar agora num tratado como o presente; se alguém quiser conhecer os motivos que me levaram a esta posição, leia a este respeito meu comentário sobre a epístola de Paulo aos romanos.

48. Os judeus, sem dúvida, orgulham-se de sua circuncisão, distinguindo-a não só da dos colcos e egípcios, mas igualmente da dos árabes ismaelitas, embora Ismael seja filho de Abraão seu ancestral e tenha sido circuncidado com ele. De acordo com os judeus, a circuncisão principal é a que se pratica no oitavo dia e não é a mesma que é devida às circunstâncias. Talvez tenha sido praticada por causa de um anjo inimigo da nação judia, capaz de prejudicar aqueles dentre eles que eram incircuncisos, mas sem poder contra os circuncisos. Dirá alguém, aí está o que mostra a passagem do Êxodo em que o anjo, antes da circuncisão de Eleazar podia agir contra Moisés, mas depois que ele foi circuncidado não teve mais força. E sabendo disso, “Séfora tomou uma pedra aguda, cortou o prepúcio de seu filho”, dizendo em testemunho das lições comuns das cópias: “O sangue da circuncisão de meu filho parou”, mas segundo o próprio texto hebreu: “Tu és para mim um esposo de sangue” (Ex 4,24-26); pois ela conhecia a história deste anjo que tinha um poder antes da efusão do sangue, poder que o sangue da circuncisão a fez perder: eis por que ela lhe diz: “Tu és para mim um esposo de sangue.”

A estas considerações, que podem parecer supérfluas e inadaptadas ao povo em geral, que eu tive a ousadia de expor, acrescentarei, antes de seguir em frente, uma reflexão mais cristã. Este anjo, a meu ver, tinha um poder contra os incircuncisos do povo, em geral, contra aqueles que adoravam apenas o criador; além disso, ele tinha este poder durante o tempo em que Jesus ainda não tinha assumido um corpo. Assim que ele o assumiu e foi circuncidado, foi então destruído todo o poder deste anjo contra os incircuncisos desta religião; pois Jesus o destruiu por sua inefável divindade. Por isso a proibição a seus discípulos de se circuncidarem e a afirmação: “Se vos fizerdes circuncidar, Cristo de nada vos servirá” (Gl 5,2).

49. Além disso, se os judeus se orgulham de se absterem de carne de porco, não é porque exista algum grande mérito, mas porque aprenderam a diferença natural entre animais puros e impuros, e sabem a razão disso, e porque o porco se encontra entre os animais impuros. Isto eram apenas figuras de outras realidades antes da vinda de Jesus; depois dela, seu discípulo ainda não compreendia a razão destas proibições e objetava: “De modo algum, Senhor, pois jamais comi coisa alguma profana e impura!”; e ouviu a palavra: “Ao que Deus purificou, não chames tu de profano” (At 10,14-15). Portanto, não importa nem aos judeus nem a nós mesmos que os sacerdotes do Egito se abstenham não só de carne

de porco, mas também de cabra, ovelha, boi e peixe. Como “não é o que entra pela boca que torna o homem impuro” (Mt 15,11.17) e que “não são os alimentos que nos aproximam de Deus” (1Cor 8,8), não nos gloriamos de nossas abstinências, mas tampouco comeremos movidos por glotonaria. Assim sendo, no que nos diz respeito, desejamos boa sorte aos discípulos de Pitágoras que se abstêm dos seres vivos. Mas é preciso ver a diferença do motivo pelo qual se abstêm dos seres vivos os discípulos de Pitágoras e nossos ascetas. Eles praticam esta abstinência dos seres vivos por causa do mito da metempsicose da alma. E quem “seria tão louco de elevar até o céu seu filho bem-amado e imolá-lo com imprecensões”? Mas nós, por esta mesma prática castigamos nosso corpo e o sujeitamos a nós; queremos “mortificar nossos membros terrestres: fornicção, impureza, impudicícia, paixão, mau desejo”; tudo fazemos para mortificar “as obras de nosso corpo” (cf. 1Cor 9,17; Cl 3,5; Rm 8,13).

O favor de Deus

50. Celso acrescenta esta observação sobre os judeus: não é possível que eles gozem do favor e do amor de Deus num grau mais elevado do que os outros, nem que anjos sejam enviados a eles unicamente, como se tivessem obtido em herança uma terra de bem-aventurados: vemos perfeitamente que tratamento eles mereceram, eles e seu país. Refutarei pois isto dizendo: este povo usufruiu o favor de Deus como mostra já o fato de que o Deus supremo é chamado “Deus dos hebreus”, mesmo por aqueles que são estranhos à nossa fé. E justamente porque gozavam de seu favor, enquanto não foram abandonados por ele, continuavam, apesar de seu pequeno número, a serem protegidos pelo poder divino; desta forma, sob Alexandre da Macedônia nada sofreram de sua parte, embora certas convenções e juramentos os tivessem impedidos de tomar as armas contra Dario. Dizem mesmo que então o sumo sacerdote dos judeus, revestido de suas vestes sagradas, foi adorado por Alexandre, que diz ter tido durante o sono a aparição de um ser revestido com tais vestimentas, prometendo-lhe que ele submeteria a Ásia inteira. Nós cristãos, portanto, declaramos: tiveram a sorte de gozar logo do favor e do amor de Deus num grau mais elevado do que os outros. Mas esta disposição favorável nos foi dada quando Jesus transferiu seu poder, que atuava entre os judeus, para aqueles gentios que nele acreditaram. É por isso que os romanos, apesar de seus numerosos planos contra os cristãos para impedi-los de subsistir por mais tempo, não obtiveram êxito. Com efeito, a mão divina garantia a sua defesa para que a palavra de Deus fosse difundida de um recanto da terra da Judeia a todo o gênero humano.

51. Depois de ter respondido, na medida do possível, às acusações levantadas por Celso contra os judeus e sua doutrina, que me seja permitido, a propósito da passagem que segue, provar que para nós não há arrogância alguma em pretender conhecer o grande Deus, e que não fomos seduzidos, como acredita Celso, pela impostura de Moisés e de nosso próprio salvador. E foi pelo nosso bem que ouvimos Deus que fala por Moisés, e sobre seu testemunho de que ele é Deus, aceitamos Jesus como Filho de Deus. E nutrimos as mais belas esperanças quando vivemos segundo sua palavra.

Eu me absteri deliberadamente de voltar às palavras já citadas ensinando de onde viemos, quem é nosso chefe, qual é a sua lei. A pretensão de Celso em não fazer nenhuma diferença entre nós e os egípcios que adoram o bode, o carneiro, o crocodilo, o boi, o hipopótamo, o cinocéfal, o gato só diz respeito a ele mesmo e aos que a esse respeito estão de seu lado. Mas pelos numerosos argumentos que antecederam, justifiquei da melhor forma a honra prestada a nosso Jesus, e mostrei que encontramos um bem superior. E quando só nós afirmamos que a verdade pura e sem mistura de erro está no ensinamento de Jesus Cristo, não é a nós mesmos que exaltamos, mas a nosso mestre a quem o Deus supremo prestou homenagem por tantos sinais, pelos discursos proféticos dos judeus, e pela própria

evidência. Pois é manifesto que ele não pôde realizar sem a ajuda de Deus semelhantes obras.

O Anjo e os anjos

52. Eis a passagem de Celso que pretendo examinar agora: *Está bem! Deixemos de lado tudo o que os confunde a respeito de seu mestre; admitamos que ele foi um anjo verdadeiro. Terá sido ele o primeiro e único a vir ou terá havido outros anteriormente? Se respondessem que ele foi o único, estariam convencidos de mentira e contradição. Pois eles dizem que muitas vezes vieram outros, e mesmo até sessenta ou setenta ao mesmo tempo; que eles se perverteram e, como punição, foram acorrentados debaixo da terra, e por isso as fontes quentes são suas lágrimas. Além disso, veio até seu túmulo um anjo — alguns dizem um, outro dizem dois — anunciar às mulheres que ele tinha ressuscitado. Pois o Filho de Deus, pelo que parece, não poderia abrir o túmulo, mas ele teve necessidade de um outro para remover a pedra. E mais, veio também um outro anjo ao carpinteiro para explicar a gravidez de Maria, e um outro anjo para fazê-los fugir tirando a criança do perigo. Mas, de que serve investigar tudo minuciosamente e arrolar os que, segundo dizem, foram enviados a Moisés e a outros dos seus? Ora, se também outros foram enviados, é claro que Jesus também veio da parte do próprio Deus. Digamos que ele tenha tido uma mensagem de uma outra importância: por exemplo, que os judeus estavam cometendo erros, falsificando a religião, praticando ações ímpias. É o que nos dão a entender.*

53. Para respondermos às palavras de Celso, bastaria lembrar o que eu disse nas investigações particulares sobre nosso salvador Jesus Cristo. Mas, para não dar a impressão de desconsiderar de propósito uma passagem de seu tratado como se eu fosse incapaz de refutá-la, que me seja permitido, com o risco de eu me repetir, pois Celso a isso me obriga, discuti-la o mais brevemente possível: talvez as mesmas questões apresentem um aspecto mais claro ou mais novo. Ele declara ter deixado de lado tudo o que confunde os cristãos a respeito de seu mestre, mas nada deixou do que podia dizer, como mostra o trecho anterior, o que na verdade não passa de um procedimento retórico. Mas não estamos confusos a respeito de nosso tão grande salvador, embora nosso caluniador imagine que nos confunda: é o que revelará uma leitura cuidadosa e leal de tudo o que lhe diga respeito, profecias e história.

Em seguida, ele pensa fazer uma concessão dizendo a respeito do salvador: Admitamos que ele foi um anjo verdadeiro. Nós dizemos: sem dúvida, admitimos este fato, não porque Celso nos faça esta concessão, mas porque vemos a obra daquele que veio visitar todo o gênero humano por sua palavra e seu ensinamento, na medida em que cada um daqueles que o acolhem era capaz disso. Era obra não apenas de um anjo mas, como o chama a profecia que a ele se refere, do anjo do “grande conselho” (Is 9,6). Pois ele anunciou aos homens o grande conselho que sobre eles formava o Deus e Pai do universo: que aqueles que consentem em viver numa piedade pura se elevam por suas grandes ações até Deus, que aqueles que não o acolhem se afastam de Deus e caminham para a perdição pela recusa de acreditar em Deus.

Ele continua: Ainda que este anjo tenha vindo aos homens, terá sido o primeiro e único, ou terá havido outros anteriormente? E pensa responder a cada membro da alternativa por diversos argumentos. De fato, nenhum cristão verdadeiro diz que Cristo é o único a ter vindo visitar o gênero humano. Mas, como se alguém lhe respondesse que ele foi o único, Celso replica que outros apareceram aos homens.

54. *Em seguida, ele se refuta a si mesmo a seu modo: Estamos longe de afirmar que ele é o único a ter*

vindo ao gênero humano. Mas aqueles que sob pretexto de ensinar em nome de Jesus se afastaram do criador como de um ser inferior, e foram como a um ser superior ao Deus e Pai daquele que veio, reconhecem que mesmo antes dele alguns vieram da parte do criador visitar o gênero humano. Examinando com lealdade a questão, direi que Apeles, discípulo de Marcião, que se tornou o autor de uma heresia e vê as escrituras judaicas como um mito, afirma que só Jesus veio visitar o gênero humano. Portanto, à sua afirmação de que Jesus é o único a ter vindo aos homens da parte de Deus, Celso não poderia logicamente revidar que outros também vieram, pois Apeles, como já se disse, não acredita nas escrituras judaicas que fala dos milagres: com tanto maior razão recusará admitir a passagem que Celso parece ter citado do livro de Enoc sem tê-lo compreendido. Portanto, ninguém nos convence de mentira nem de contradição, como se disséssemos que nosso salvador veio sozinho, quando, na verdade, muitas vezes vieram outros. Quando ele discute a vinda dos anjos aos homens, faz total confusão ao citar passagens obscuras tiradas do livro de Enoc. Parece não tê-lo lido, nem sabe que o livro intitulado Enoc em geral não é considerado divino nas igrejas; poderíamos, porém, crer que ele tirou deste livro a afirmação: Desceram ao mesmo tempo sessenta e setenta anjos que se perverteram.

55. Mas, concedamo-lhe generosamente o que ele não descobriu no livro do Gênesis: “Os filhos de Deus viram que as filhas dos homens eram belas e tomaram como mulheres todas as que lhes agradaram” (Gn 6,2). Contudo, a esse respeito persuadirei aqueles que são capazes de compreender a intenção do profeta que, conforme um de nossos predecessores, a passagem diz respeito à doutrina das almas que estavam desejosas de viver num corpo humano e que, segundo ele, chamamos em sentido figurado “filhas dos homens”. Mas, apesar do que se possa dizer sobre a passagem sobre os filhos de Deus que desejaram as filhas dos homens, ela não dá a Celso qualquer apoio para afirmar que Jesus não foi o único a vir como um anjo aos homens, pois manifestamente é o salvador e o benfeitor de todos os que se converteram da onda dos vícios.

Depois, misturando e confundindo o que aprendeu ninguém sabe quando, nem em que texto, considerado ou não como doutrina divina pelos cristãos, ele diz que os que desceram, ao mesmo tempo sessenta ou setenta, foram acorrentados como castigo debaixo da terra. E parece citar Enoc, mas sem nomeá-lo; daí surgiu a afirmação de que as fontes quentes são suas lágrimas, e isto coisa que não se diz nem se ouve nas igrejas de Deus. Pois ninguém é tão estúpido de imaginar materialmente como lágrimas de homens as lágrimas dos anjos descidos do céu. E se fosse permitido responder por uma brincadeira à seriedade das objeções de Celso contra nós, poderíamos dizer: ninguém, ao falar das fontes quentes, cuja maior parte é água doce, as chamaria de lágrimas de anjos, porque as lágrimas são naturalmente salgadas; a não ser talvez que os anjos de Celso chorem lágrimas de água doce!

56. Ele mistura coisas incompatíveis e equipara entre elas coisas dessemelhantes; e, depois de ter falado dos sessenta ou setenta anjos que desceram, segundo ele, e cujos prantos, a acreditarmos nisto, seriam fontes quentes, ele acrescenta que então vieram ao túmulo de Jesus, como dizem, dois anjos conforme uns, e um apenas conforme outros. Não observou, penso eu, que Mateus e Marcos falaram de um só, Lucas e João de dois, o que não é contraditório. Os outros designam por um só anjo aquele que fez rolar a pedra do sepulcro, e por dois anjos os que se apresentaram “com veste fulgurante” às mulheres que tinham vindo ao túmulo, ou os que tinham sido vistos no interior “sentados vestidos de branco” (Lc 24,4; Jo 20,12). Seria possível mostrar aqui que cada uma destas aparições é ao mesmo tempo um acontecimento histórico e uma manifestação de um sentido alegórico relativo às verdades que se revelam àqueles que estão prontos a contemplar a ressurreição do logos; isto não depende do estudo atual, mas dos comentários do evangelho.

57. Realidades maravilhosas às vezes se manifestaram aos homens: é o que relatam igualmente entre os gregos não só aqueles que poderiam ser suspeitos de inventar fábulas, mas também aqueles que deram muitas provas de rigor filosófico e de sua lealdade em citar os fatos que lhes chegaram. Li a respeito algumas destas características em Crisipo de Soles, outras em Pitágoras; e mais tarde também em alguns mais recentes, nascidos ontem ou anteontem, como em Plutarco de Queroneia no *Tratado da alma*, e o pitagórico Numênio no segundo livro *Sobre a incorruptibilidade da alma*. Assim, quando os gregos, e principalmente os filósofos, contam fatos desta espécie, seus relatos não provocam nem zombaria nem escárnio e não são tratados como se fossem ficções ou fábulas. Pelo contrário, quando os homens dedicados ao Deus do universo, para não dizerem uma palavra mentirosa sobre Deus, aceitam ser maltratados até a morte, anunciam que eles viram aparições de anjos, acaso não mereceriam crédito e suas palavras não seriam reconhecidas como verídicas?

Seria insensato decidir assim entre a sinceridade e a mentira. O rigor da crítica exige uma busca longa e precisa, um exame de cada ponto, depois dos quais, com vagar e precaução, podemos afirmar que estes autores dizem a verdade e aqueles outros mentem sobre os prodígios que narram. Nem todos manifestam que são dignos de fé, nem todos mostram claramente que transmitem aos homens ficções e fábulas. É preciso acrescentar a propósito da ressurreição de Jesus dentre os mortos: não admira que então um anjo ou dois tenham aparecido para anunciar que ele tinha ressuscitado, e que eles tenham cuidado da segurança daqueles que por sua salvação acreditavam neste milagre. E não me parece insensato que aqueles que sempre acreditam ter Jesus ressuscitado e apresentam como um fruto apreciável de sua fé a generosidade de sua vida e sua aversão à libertinagem, não estejam separados dos anjos que os acompanham para lhes dar socorro em sua conversão a Deus.

58. Celso critica igualmente a escritura por afirmar que um anjo rolou a pedra do túmulo onde estava o corpo de Jesus: Celso parece um jovem que se exercita usando lugares comuns para sustentar uma acusação. Como se tivesse encontrado contra a escritura uma objeção sutil, acrescenta: O Filho de Deus, pelo que parece, não podia abrir o túmulo, mas precisou de um outro para remover a pedra. Mas não quero perder meu tempo discutindo a objeção nem, desenvolvendo aqui uma interpretação alegórica, parecer introduzir despropositadamente considerações filosóficas. Do próprio relato direi que parece simplesmente mais digno que o inferior e o servidor fizesse rolar a pedra e não o que ressuscitava pelo bem dos homens. Não quero lembrar que aqueles que conspiravam contra o logos, que tinham decidido matá-lo e mostrar a todos que ele estava morto e reduzido a nada, não queriam absolutamente que seu túmulo fosse aberto, para que ninguém pudesse ver o logos vivo depois de sua conspiração. Mas “o Anjo de Deus” que veio à terra para a salvação dos homens coopera com o outro anjo e, mais forte que os autores da conspiração, faz rolar a pesada pedra, para que aqueles que acreditam no logos morto sejam persuadidos de que “ele não está entre os mortos”, mas vive e “precede” (cf. Mt 28,7) àqueles que consentem em segui-lo, para explicar a continuação daquilo que ele tinha começado e explicar-lhes anteriormente, quando no primeiro período de sua iniciação eles ainda não eram capazes de captar as verdades mais profundas.

Depois disso ele acrescenta, não sei porquê, pois ignoro que vantagem ele disto espera para seu objetivo: Veio um anjo a José para explicar a gravidez de Maria, depois novamente para fazê-los fugir do Egito livrando o menino da conspiração que o ameaçava. Esse ponto também foi discutido acima em minhas réplicas a seus ataques. Mas, qual a intenção de Celso objetando que, segundo o relato das escrituras, anjos foram enviados a Moisés e a outros? Isto não me parece servir de apoio às suas palavras, por esta razão principalmente porque nenhum deles lutou com todas as suas forças para desviar o gênero humano de seus pecados. É verdade, também outros foram enviados de Deus, e Jesus

teve uma mensagem de uma outra importância; os judeus enquanto cometiam erros, falsificavam a religião, praticavam ações ímpias, o reino de Deus era entregue “a outros vinhateiros” (Mt 21,41.43), àqueles que em toda parte, cuidando deles nas igrejas, tudo fazem para levar ao Deus do universo também a outros seguindo o ensinamento de Jesus, por um caminho puro e uma doutrina em harmonia com a vida.

A grande Igreja

59. Celso ainda afirma: *Portanto, possuem o mesmo Deus os judeus e estas pessoas*, evidentemente os cristãos. E como se tirasse uma conclusão que não lhe fosse concedida, diz: *É exatamente isto o que reconhecem abertamente os da grande Igreja que recebem como verídica a tradição corrente entre os judeus sobre a criação do mundo, por exemplo sobre os seis dias e sobre o sétimo. Naquele dia, diz a escritura, Deus concluiu seus trabalhos, retirando-se na contemplação de si mesmo. Não atinando ou não compreendendo o que está escrito, Celso traduz repousou, o que não está escrito. Mas a criação do mundo e o repouso sabático reservado depois dela ao povo de Deus oferecem matéria a uma doutrina ampla, profunda e difícil de explicar.*

Ele me parece inflar seu livro e lhe dar alguma importância acrescentando elementos ao acaso, por exemplo a história *do primeiro homem que dizemos ser idêntico àquele a quem os judeus deram um nome; e a genealogia de seus descendentes que determinamos como eles*. Quanto à conspiração que os irmãos tramaram um contra o outro, eu ignoro. Conheço a de Caim contra Abel e a de Esaú contra Jacó. Mas não houve Abel contra Caim, nem Jacó contra Esaú. Se tivesse havido, Celso teria razão de dizer que nós narramos *conforme os judeus as mesmas conspirações que os irmãos tramaram um contra o outro*. Concedamos também que *falamos, eles e nós, da mesma descida para o Egito, e do mesmo êxodo deste país, e não de uma fuga como pensa Celso*. Haverá nisso algo com que se possa fundamentar uma acusação contra nós ou contra os judeus? Quando ele pensava em nos ridicularizar pela história dos hebreus, falava de fuga; mas, quando se tratava de examinar a história das pragas com que Deus castigou o Egito, preferiu se calar.

60. Se devo esclarecer melhor minha resposta a Celso, segundo o qual temos as mesmas opiniões que os judeus sobre estas questões, direi: reconhecemos como eles que estes livros foram escritos por inspiração divina, mas não estamos mais de acordo sobre a interpretação de seu conteúdo. Não vivemos como os judeus, pois pensamos que o sentido da legislação ultrapassa a interpretação literal das leis. E dizemos: “Todas as vezes que Moisés é lido, um véu se estende sobre o coração deles”, pois a intenção da lei de Moisés está oculta para aqueles que não abraçaram com ardor o caminho indicado por Jesus Cristo. Sabemos que, “quando alguém se converte para o Senhor — e o Senhor é o Espírito — o véu” cai; a pessoa reflete por assim dizer como num espelho “de rosto descoberto a glória do Senhor” que está nos pensamentos ocultos sob a letra, e participa-se para sua própria glória daquilo que chamamos glória divina (cf. 2Cor 3,15-18). A palavra “rosto”, empregada em sentido figurado, é simplesmente o que se poderia chamar de entendimento, e tal é o rosto “segundo o homem interior” (Rm 7,22), cheio de luz e glória pela verdade contida nestas leis.

As seitas

61. Continua Celso: *Ninguém imagine que eu ignore isto: alguns deles concordam em que possuem o mesmo Deus que os judeus, mas os outros pensam que existe um Deus diferente ao qual se opõe o primeiro, e do qual veio o Filho*. Se ele acredita que a existência de várias seitas entre os cristãos

constitui um agravo ao cristianismo, por que não se veria uma censura análoga à filosofia no desacordo que existe entre as escolas filosóficas, não sobre assuntos irrelevantes, sem importância, mas sobre questões capitais? Deveria igualmente acusar a medicina por causa das escolas que ela apresenta. Admitamos que alguns de nós neguem que nosso Deus seja o mesmo que o Deus dos judeus: não é ainda uma razão de acusar os que provam pelas mesmas escrituras que existe um só e mesmo Deus para os gregos e gentios. Paulo, que passou do judaísmo ao cristianismo, afirma isto claramente: “Dou graças a Deus, a quem sirvo em continuidade com meus antepassados, com consciência pura” (2Tm 1,3).

Admitamos igualmente que exista *uma terceira espécie, os que alguns chamam psíquicos e outros pneumáticos*. Penso que ele quer falar dos discípulos de Valentino. Que conclusão tirar contra nós que pertencemos à Igreja e condenamos aqueles que imaginam naturezas salvas em virtude de sua constituição ou perdidas em virtude de sua constituição? Admitamos mesmo que *alguns se proclamam gnósticos*, à maneira como os epicureus se gabam de serem filósofos. Mas os que negam a providência não podem ser verdadeiramente filósofos, nem cristãos aqueles que introduzem ficções estranhas desacreditadas pelos discípulos de Jesus. Admitamos enfim que *alguns aceitam Jesus*, e é por isso que eles se gabam de serem cristãos, *mas querem ainda viver segundo a lei dos judeus como a grande massa dos judeus*. São as duas espécies de ebionitas: os que admitem como nós que Jesus nasceu de uma virgem, os que não acreditam que ele tenha nascido desta maneira, mas como o resto dos homens. Que razão de queixa ver em tudo isto contra os membros da Igreja que Celso chamou de *grande massa*? E acrescenta: *Entre eles, existem também os sibilistas*, talvez por terem compreendido distorcidamente as pessoas que censuram aqueles que acreditam no dom profético da Sibila e os chamaram de sibilistas.

62. A seguir, despejando sobre nós uma grande quantidade de nomes, *declara conhecer ainda certos simonianos que veneram Helena ou Helenos seu mestre e são chamados helenianos*. Celso ignora que os simonianos recusam absolutamente reconhecer a Jesus como Filho de Deus: afirmam que Simão é um poder de Deus e contam os prodígios deste homem que, simulando os prodígios análogos aos que Jesus tinha simulado, segundo ele, tinha acreditado que ele teria tanto poder sobre os homens quanto Jesus no meio da grande massa. Mas era impossível a Celso como a Simão compreender a maneira como Jesus pôde semear, como bom “lavrador” da palavra de Deus, a maior parte da Grécia e a maior parte da barbárie, e encher estes países com as palavras que desviam a alma de todo mal e a fazem subir até o criador do universo. Celso *conhece ainda os marcelinianos discípulos de Marcelina, os harpocratianos discípulos de Salomé, outros discípulos de Mariame e outros discípulos de Marta*. Apesar de meu zelo no estudo, não só em perscrutar o conteúdo de nossa doutrina na variedade de seus aspectos, mas também, enquanto possível, para investigar sinceramente as opiniões dos filósofos, jamais encontrei tais pessoas. Celso menciona ainda os *marcionitas que têm a Marcião como chefe*.

63. Em seguida, para dar a impressão de que conhece outros além dos que citou, ele generaliza como de costume: *Alguns encontraram como mestre um chefe e um demônio, outros um outro, e andam desnorteados vagando miseravelmente em espessas trevas, perpetrando mais impiedades e impurezas do que os tíades do Egito*. Abordando por alto o assunto, parece-me ter dito algo de verdadeiro: alguns encontraram como chefe um demônio, e outros um outro, e andam desnorteados vagando miseravelmente nas espessas trevas da ignorância. Mas já falei de Antínoo que ele compara com nosso Jesus e não voltarei mais a este ponto.

Ele afirma: *Estas pessoas descarregam umas nas outras todos os horrores possíveis, rebeldes à menor concessão à concórdia e animadas de ódios implacáveis*. A esta objeção já respondi: mesmo

em filosofia e em medicina é possível encontrar escolas que combatem outras escolas. No entanto, nós que seguimos a palavra de Jesus e colocamos em prática seus preceitos em nossos pensamentos, palavras e atos, “somos amaldiçoados, e bendizemos; somos perseguidos, e suportamos; somos caluniados, e consolamos” (1Cor 4,12-13). Em vez de dizer todos os horrores possíveis contra aqueles que sustentam outras opiniões diferentes das que recebemos, faríamos, ao contrário, tudo o que pudéssemos para que se convertam a uma vida melhor, apegando-se ao único criador e fazendo tudo em vista do juízo futuro. E se aqueles que pensam de outro modo não estão convencidos, observamos a palavra que fixa a conduta a seu respeito: “Depois de uma primeira e de uma segunda admoestação, nada mais tens a fazer com um homem faccioso, pois é sabido que um homem assim se perverteu e se entregou ao pecado, condenando-se a si mesmo” (Tt 3,10-11). Além disso, os que compreenderam as máximas: “Bem-aventurados os que promovem a paz, bem-aventurados os mansos” não poderiam odiar os que alteram as verdades do cristianismo, nem *tratar de Circe e agitadores astutos* aqueles que caíram no erro.

64. Celso parece ter compreendido mal estas palavras do apóstolo: “Nos últimos tempos alguns renegarão a fé, dando atenção a espíritos sedutores e a doutrinas demoníacas, por causa da hipocrisia dos mentirosos, que têm a própria consciência como que marcada por ferro quente; eles proibirão o casamento, exigirão a abstinência de certos alimentos, quando Deus os criou para serem recebidos, com ação de graças, pelos que têm fé” (1Tm 4,1-3). Também compreendeu falsamente estas palavras do apóstolo contra aqueles que alteram as verdades do cristianismo; por isso, diz ele, entre os cristãos, *alguns são chamados cautérios do ouvido*. Acrescenta que *outros são chamados enigmas*, coisa que nada entendo. É verdade que a expressão *pedra de escândalo* é frequente nas escrituras: costuma-se aplicá-la aos que desviam da sã doutrina os espíritos simples e fáceis de enganar. O que significa *as sereias dançarinas e sedutoras que lacram com cera os ouvidos dos que lhes obedecem e mudam suas cabeças em cabeças de porco*, não sei dizer, nem saberá alguém, imagino eu, dos de nossa doutrina nem das seitas.

E este homem que professa saber tudo acrescenta estas declarações: *Todas estas pessoas radicalmente separadas, que em suas disputas se refutam tão vergonhosamente a si mesmas, podemos ouvi-las repetir: o mundo está crucificado para mim e eu estou para o mundo* (cf. Gl 6,14). É isso que Celso parece ter guardado de Paulo. Porque então não citarei tantas outras passagens como esta: “Embora vivamos na carne, não militamos segundo a carne. Na verdade, as armas com que combatemos não são carnis, mas têm, ao serviço de Deus, o poder de destruir fortalezas. Destruímos os raciocínios presunçosos e todo poder altivo que se levanta contra o conhecimento de Deus” (2Cor 10,3-5).

65. E vou convencê-lo de mentira, já que ele diz: *Todas estas pessoas tão radicalmente separadas nós as ouviremos repetir: o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo*. Há seitas que não aceitam as epístolas do apóstolo Paulo: os ebionitas das duas espécies e os que são chamados encratitas. Eles não citam o apóstolo como um bem-aventurado e um sábio e não sabem dizer: “O mundo está crucificado para mim e eu para o mundo.” É mais uma mentira de Celso. Por mais que insista em sua acusação contra a diferença das seitas, parece-me que ele não tem a mínima ideia do que diz, nem mesmo examinou seriamente nem compreendeu a razão pela qual *os cristãos entendidos nas escrituras pretendem conhecer mais coisas do que os judeus*. Acaso quer ele dizer que, embora admitam os mesmos livros que os judeus, eles os interpretam em sentido contrário, ou que recusam admitir os livros dos judeus? Realmente poderíamos encontrar estas duas atitudes nas seitas. Depois disso ele declara: *Pois bem! Ainda que sua religião não tenha nenhum fundamento, examinemos a*

doutrina em si. Devemos inicialmente dizer tudo o que eles entenderam mal e alteraram pela ignorância, e pela presunção que os leva imediatamente a decidir a respeito dos princípios em matérias que eles não conhecem. Vejamos alguns exemplos. E imediatamente, para certas expressões que estão continuamente nos lábios daqueles que acreditam na doutrina cristã, ele opõe outras tiradas dos filósofos; e pretende que as das doutrinas cuja beleza ele reconhece entre os cristãos foram expressas com beleza e clareza entre os filósofos; com isso quer arrastar para a filosofia aqueles que estas doutrinas cativam por si mesmas, resplendentes de beleza e piedade. Mas finalizemos aqui mesmo o quinto livro e comecemos o sexto com a passagem que vem a seguir.

LIVRO SEXTO

Simplicidade do estilo da escritura

1. Neste sexto livro que inicio, pio Ambrósio, cumpre-me combater as acusações de Celso contra os cristãos, e não as ideias que eles retiram da filosofia, como se poderia acreditar. Celso, de fato, cita várias passagens, sobretudo, de Platão, compara-as com trechos das Santas Escrituras capazes de impressionar até um espírito inteligente, e sustenta que *tudo isto foi dito melhor pelos gregos, sem intervenção de ameaça ou promessa de Deus ou do Filho de Deus*. Ao que respondo: é dever dos ministros da verdade ajudar o maior número possível de homens e, na medida do possível, atrair para ela, por filantropia, todos os homens, tanto o inteligente como o idiota, e não só os gregos com exclusão dos bárbaros; e é uma ação muito civilizadora poder converter até os mais rudes e simples. É, pois, evidente que devemos ter o cuidado de nos exprimir em um estilo ao alcance de todos e capaz de ser ouvido por todos. Ao contrário, despedir como se fossem escravos os simples, incapazes de apreciar a beleza do estilo dos discursos e do ordenamento de suas mensagens, e não se preocupar senão com os ouvintes formados nas letras e nas ciências, é reduzir a sociabilidade a um campo bem estreito e insignificante.

2. Faço estas observações para justificar, contra as críticas de Celso e de outros autores, a simplicidade de expressão das escrituras que parece eclipsada pelo brilho da composição literária. Nossos profetas, Jesus e seus apóstolos se propunham um método de pregação que não só contém as verdades, mas também tem o poder de arrastar os espíritos da multidão: então, convertidos e iniciados, eles se elevariam cada qual segundo suas forças às verdades veladas sob expressões aparentemente simples. E, se assim podemos dizer, o estilo elegante e refinado de Platão e de seus imitadores foi útil apenas a um pequeno número, se é que foi; mas os que ensinaram e escreveram num estilo simples de uma maneira prática e popular foram úteis a um grande número. Dessa forma não podemos ver Platão senão nas mãos daqueles que passam como letrados. Ao passo que Epitecto é admirado mesmo pelas pessoas simples, inclinadas a receber esta influência benfazeja, pois eles têm consciência de que seus discursos as tornam melhores.

Longe de mim o pensamento de criticar a Platão; também dele a grande massa dos homens se beneficiou, mas quero esclarecer plenamente a intenção daqueles que disseram: “Minha doutrina e minha pregação nada tinham da persuasiva linguagem da sabedoria, mas eram uma demonstração de espírito e poder, a fim de que a nossa fé não se baseie sobre a sabedoria dos homens, mas sobre o poder de Deus” (1Cor 2,4-5). O divino logos declara que pronunciar uma palavra, ainda que seja verdade e muito digna de fé, não é bastante para comover a alma humana sem um poder dado por Deus àquele que fala e uma graça que irradia em suas palavras, verdadeiro dom de Deus àqueles cuja palavra é eficaz. É o que diz o profeta no Salmo 67: “O Senhor dará sua palavra àqueles que pregam com grande poder” (Sl 67,12).

Supondo-se que em alguns pontos as doutrinas sejam idênticas entre os gregos e os que pregam nosso evangelho, elas certamente não têm o mesmo poder para atrair as almas e as dispor a viver de acordo com elas. Por isso os discípulos de Jesus, simples e ignorantes com relação à filosofia grega, percorreram muitas regiões da terra, influenciando seus ouvintes segundo o mérito de cada um e a vontade do logos; e os ouvintes, na medida em que sua liberdade os predisponha a aceitar a virtude, nela progrediram mais.

O soberano bem

3. *Que sejam apresentados, pois, os antigos sábios a quem os possa entender! Sobretudo que Platão, filho de Aríston, se explique sobre a natureza do soberano bom em uma de suas cartas e declare que ele é absolutamente inefável, que é um longo comércio nascendo subitamente, como de uma chama a espargir uma luz na alma.* Ao ouvirmos tais palavras, concordamos com sua beleza, “pois Deus lho revelou”, bem como tudo o que disseram de bom. Por isso afirmamos que aqueles que conceberam a verdade sobre Deus sem praticar a religião conforme esta verdade sobre Deus sofrem os castigos dos pecadores. Eis em que termos Paulo se explica a respeito deles: “Manifesta-se, com efeito, a ira de Deus, do alto do céu, contra toda impiedade e injustiça dos homens que mantêm a verdade prisioneira da injustiça. Porque o que se pode conhecer de Deus é manifesto entre eles, pois Deus lho revelou. Sua realidade invisível — seu eterno poder e sua divindade — tornou-se inteligível, desde a criação do mundo, através das criaturas, de sorte que não têm desculpa. Pois, tendo conhecido a Deus, não o honraram como Deus nem lhe renderam graças; pelo contrário, eles se perderam em vãos raciocínios, e seu coração insensato ficou nas trevas. Jactando-se de possuir a sabedoria, tornaram-se tolos e trocaram a glória do Deus incorruptível por imagens do homem corruptível, de aves, quadrúpedes e répteis” (Rm 1,18-23). Como atesta nossa escritura, aqueles que pensam que “o soberano bem é absolutamente inefável” mantêm a verdade cativa e acrescentam: “é de um longo comércio com ele e de uma vida comum que nasce subitamente, como de uma chama a espargir uma luz surgida na alma, e daí em diante ele se alimenta por si mesmo.”

4. Mas os que escreveram tão bem sobre o soberano bem descem ao Pireu para orarem a Ártemis como uma deusa, e ver a festa pública celebrada pelos simples. Depois de ter ensinado esta profunda filosofia sobre a alma e descrito detalhadamente o estado futuro daquela cuja vida foi virtuosa, eles abandonam estas ideias sublimes que Deus lhes manifestou para pensar em coisas vulgares e baixas e sacrificar um galo a Asclépio. Eles tinham imaginado as obras invisíveis de Deus e as ideias a partir da criação do mundo e das coisas sensíveis, das quais eles se tinham elevado às realidades inteligíveis: tinham visto, não sem nobreza, seu eterno poder e divindade; todavia, perderam o sentido em seus raciocínios, e seu coração insensato se arrasta por assim dizer na ignorância a respeito do culto ao verdadeiro Deus. E podemos ver estes homens, orgulhosos de sua sabedoria e de sua teologia, adorarem uma representação, simples imagem de homem corruptível, para honrar, dizem eles, esta divindade, e às vezes mesmo descer com os egípcios até aos pássaros, quadrúpedes e répteis. Se, por um lado, alguns parecem ter-se elevado acima de tudo isto, por outro, descobriremos que trocaram a verdade de Deus pela mentira, adoraram e serviram a criatura e não ao criador (cf. Rm 1,20-25). Dessa forma, como os sábios e doutos da Grécia se extraviavam em suas práticas religiosas, “Deus escolheu o que é loucura no mundo para confundir os sábios; e o que é fraqueza no mundo, Deus o escolheu para confundir o que é forte; e, o que no mundo é vil e desprezado, o que não é, Deus escolheu para reduzir a nada o que é”, e isto na verdade “a fim de que nenhuma criatura possa se vangloriar diante de Deus” (1Cor 1,27-29).

Mas em primeiro lugar nossos sábios, Moisés o mais antigo e os profetas depois dele, sabiam que o soberano bem é absolutamente inefável. E como Deus se manifesta àqueles que dele são dignos e prontos a recebê-lo, escreveram que ele apareceu entre outros a Abraão, a Isaac e a Jacó. Mas, com que qualidade, em que estado, de que maneira, e a qual de nós ele apareceu? Eles deixaram estas questões para serem resolvidas por aqueles que podem mostrar por si mesmos que são semelhantes àqueles aos quais Deus apareceu: Deus a quem eles viram, não com os olhos do corpo, mas com o coração puro; pois, segundo Jesus, “bem-aventurados os puros de coração, pois verão a Deus” (Mt 5,8).

5. Em seguida, o logos foi o primeiro a saber que de repente, como de uma chama, surgiu uma luz na alma, segundo as palavras do profeta: “Iluminai-vos com a luz do conhecimento” (Os 10,12). E João, que viveu depois dele, diz ainda: “O que foi feito” era “vida” no logos, “e a vida era a luz dos homens, luz verdadeira, que ilumina todo homem que vem a este mundo”, verdadeira e inteligível, e que o constitui “luz do mundo” (Jo 1,3-4.9; Mt 5,14). Pois “ele mesmo reluziu em nossos corações, para fazer brilhar o conhecimento da glória de Deus, que resplandece na face de Cristo” (2Cor 4,6). Por isso um profeta muito antigo, em suas predições várias gerações anteriores no reinado de Ciro que lhe precede de quatorze gerações, pôde dizer: “O Senhor é minha luz e minha salvação: de quem terei medo?”; “Tua lei é uma tocha nos meus passos, uma luz no meu caminho”; “Senhor, levanta sobre nós a luz da tua face”; “com tua luz nós vemos a luz” (Sl 26,1; 118,1-5; 4,7; 35,10). É a esta luz que o logos nos exorta em Isaías: “Põe-te em pé, resplandece, porque a tua luz é chegada, a glória do Senhor raia sobre ti” (Is 9,2). E este mesmo autor profetiza sobre a vinda de Jesus, que desviaria o povo do culto dos ídolos, das estátuas e dos demônios: “Uma luz raiou para os que habitavam uma terra sombria como a da morte”; “O povo que jazia nas trevas viu uma grande luz” (Is 9,2).

Observa por isso a diferença entre as nobres palavras de Platão sobre o soberano bem e as dos profetas sobre a luz dos bem-aventurados; considera que a verdade proclamada por Platão em nada favoreceu uma religião pura entre os leitores, nem mesmo em Platão, apesar de sua visão penetrante sobre o soberano bem, mas o estilo simples das divinas escrituras encheu de ardor divino aqueles que dela fazem uma leitura verdadeira; entre eles esta luz é alimentada por aquilo que chamamos, em certas parábolas, o óleo que alimenta a luz das lâmpadas de cinco virgens prudentes (cf. Mt 25,1s).

6. Celso ainda cita outra passagem da *Carta de Platão*: “*Se eu tivesse julgado que se deveria escrever e dizer isto como convém ao grande público, que poderia eu realizar de mais belo em minha vida senão prestar à humanidade o grande serviço de escrever e trazer à luz o fundamento das coisas?*” Que me permitam discuti-lo em poucas palavras. De início, se Platão ouviu ou não uma doutrina mais sábia do que a que ele escreveu e mais divina do que a que ele deixou, deixo a cada qual o cuidado de investigar do melhor modo possível. Mostro, porém, que nossos profetas igualmente tiveram no espírito pensamentos bem elevados para serem escritos e não escreveram. Assim, Ezequiel toma “um volume enrolado, escrito no verso e no reverso. Nele estava escrito: ‘Lamentações, gemidos e prantos’” e, por ordem do logos, ele come o livro, para que não seja nem transcrito nem entregue aos indignos. E relata-se que João viu e fez coisas semelhantes (Ap 10,4). Paulo igualmente “ouviu palavras inefáveis, que não é lícito ao homem repetir” (2Cor 12,4). Jesus, que é superior a todos, como está dito, “a seus discípulos explicava em particular” (Mc 4,34) a palavra de Deus, principalmente quando estavam a sós; mas estas palavras não foram escritas. É porque não julgaram dever escrevê-las e dizê-las como convém ao grande público. E se não é petulância dizer a verdade sobre tais gênios, afirmo que, recebendo seus pensamentos por uma graça de Deus, eles viam melhor que Platão o que se devia escrever e como escrevê-lo e o que não se devia absolutamente escrever para o grande público, o que se devia dizer e o que era de uma outra ordem. É ainda João que nos ensina a diferença entre o que se deve escrever e o que não se deve escrever, quando diz que ouviu sete trovões instruí-lo em certos pontos, mas lhe proibiram transmitir suas palavras por escrito.

7. Já em Moisés e os profetas, anteriores não só a Platão mas também a Homero e à invenção do alfabeto entre os gregos, encontramos muitas passagens que respondem à graça que Deus lhes havia dado e cheias de pensamentos sublimes. Eles nem de longe disseram isto *por terem compreendido mal a Platão*, como acredita Celso: como poderiam eles ter entendido aquele que ainda não tinha nascido? E aplicando as palavras de Celso aos apóstolos de Jesus, mais recentes que Platão, vê se não é

imediatamente impossível dizer que Paulo fabricante de tendas, Pedro pescador, João que deixou as redes de seu pai, tenham transmitido uma tal doutrina sobre Deus por terem compreendido erradamente as palavras de Platão em suas Cartas. E embora muitas vezes Celso tenha repetido que *nós exigimos uma fé imediata*, ele a afirma ainda como uma novidade que seria acrescentada às suas palavras anteriores; mas a resposta já dada é bastante.

Como ele ainda cita uma outra passagem de Platão em que declara que *é procedendo por meio de perguntas e respostas que ele esclarece a inteligência dos adeptos de sua filosofia*, que me seja permitido provar pelas Santas Escrituras que o logos divino igualmente nos convida à dialética. Ora Salomão diz: “Quem despreza a correção se extravia” (Pr 10,17); ora Jesus filho de Sirac que nos deixou o livro da Sabedoria declara: “A ciência do insensato é um discurso incoerente” (Eclo 21,18). Por isso há mais *refutações benévolas* entre nós, que aprendemos que o mestre da doutrina deve ser capaz de “refutar os que contradizem a doutrina” (Tt 1,9). E mesmo que existam pessoas descuidadas que não se importam em se dedicar às divinas leituras, em perscrutar as escrituras e, conforme a ordem de Jesus, em investigar o sentido das escrituras, em pedir a Deus a inteligência delas, em bater a suas portas fechadas, nem por isso a escritura deixa de conter a sabedoria.

8. Ele cita outras palavras de Platão, que explicam que *o Bem é conhecível a um pequeno número, porque é com um injusto desprezo, cheios de uma esperança orgulhosa e inconsistente, como se tivessem aprendido segredos sublimes, que a maior parte apresenta como verdade qualquer coisa*. E acrescenta: *Platão, porém, tinha dito isto, ele não se entrega ao maravilhoso, não se cala para aqueles que querem investigar o que ele promete, não exige imediatamente que se creia que Deus é desta forma, que ele tem um certo Filho, que este desceu para conversar comigo*. Ao que eu respondo: sobre Platão, creio eu, escreveu Aristandro que ele não era filho de Aríston, mas de alguém que, na aparência de Apolo, se aproximou de Anfíction; e diversos outros platônicos repetiram a mesma coisa na biografia de Platão. Acaso deveríamos lembrar Pitágoras e todas as suas narrativas maravilhosas, o qual, numa assembleia solene dos gregos, mostrou sua coxa de marfim e pretendeu reconhecer o escudo que havia usado quando era Euforbo e apareceu, dizem, em duas cidades no mesmo dia? Como elemento maravilhoso a criticar na história de Platão e de Sócrates, citaremos ainda o cisne que apareceu a Sócrates durante o sono e as palavras do mestre quando lhe apresentaram o jovem: “O cisne, portanto, era ele!” Um outro elemento maravilhoso era aquele terceiro olho que Platão se gabava de possuir. Porém, para as pessoas mal dispostas, aferradas em depreciar as aparições recebidas por aqueles que são superiores à grande massa, jamais a calúnia e a difamação farão falta: haverá mesmo quem zombe do demônio de Sócrates como de uma ficção.

Portanto, não é entregar-se ao maravilhoso contar a história de Jesus. Seus verdadeiros discípulos nada escreveram de semelhante a seu respeito. Mas Celso, que proclama saber tudo e cita numerosas passagens de Platão, silencia, intencionalmente julgo eu, as palavras sobre o Filho de Deus, ditas por Platão na Carta a Hérmiás e Corisco. Eis o texto: “Jurai também pelo Deus do universo, chefe daquilo que é e do que será, Pai e Senhor daquele que é a razão e a causa, este Deus que, pelo exercício da verdadeira filosofia, conheceremos todos com toda a clareza possível aos bem-aventurados.”

9. Celso cita um outro texto de Platão: *Ocorreu-me falar mais demoradamente a respeito do assunto em pauta: talvez ofereça sobre os pontos de que falo algo mais claro do que aquilo que já foi dito. Há uma verdadeira razão que se opõe àquilo que tenhamos a audácia de escrever, seja o que for em semelhante matéria, razão muitas vezes apresentada por mim anteriormente mas que julgo dever repetir aqui. Para cada um dos seres, os fatores indispensáveis à aquisição de seu conhecimento são em número de três; em quarto lugar vem o próprio conhecimento em si mesmo; em quinto, é preciso*

colocar precisamente aquilo que é conhecível e real. Primeiro fator, o nome; segundo, a definição; terceiro, a imagem; quarto, o conhecimento. Conforme esta teoria, poderíamos dizer: João, apresentado antes de Jesus como “voz do que clama no deserto” (Mt 3,3), corresponde ao “nome” de Platão. O segundo depois de João e designado por ele é Jesus a quem se aplicam as palavras: “O logos se fez carne” (Jo 1,14); corresponde à “definição” de Platão. Platão declara que o terceiro fator é “a imagem”. Mas como aplicamos o termo imagem a uma coisa diferente, dizemos mais claramente que depois do logos há na alma a marca das chagas, isto é, o Cristo vivo em cada pessoa, proveniente do Cristo-logos. E quem for capaz saberá se Cristo, sabedoria, segundo nós, que reside naqueles que são perfeitos, corresponde ao quarto fator que é o conhecimento.

10. E acrescenta: *Como vemos, Platão, embora afirme com determinação que o bem é inefável, todavia, para não parecer fugir da discussão, apresenta a razão desta dificuldade: pois talvez o próprio nada seja capaz de ser expresso.* Como ele pretende estipular neste particular que não se deve simplesmente acreditar, mas apresentar razão de sua fé, também nós citaremos as palavras de Paulo para censurar aqueles que acreditam superficialmente: “doutro modo teríeis acreditado em vão” (1Cor 15,2).

Por suas repetições, Celso parece fazer o que pode para me obrigar a repetições quando acrescenta, como fanfarrão que é, às fanfarrônicas anteriores: *Platão não se gaba nem mente, pretendendo descobrir coisas novas ou vir do céu nos anunciá-las: ele confessa a origem deste conhecimento.* Se quisermos responder a Celso, podemos replicar que mesmo Platão se gaba quando coloca nos lábios de Zeus na conversa do Timeu: “Deuses, filhos de deuses, dos quais sou criador e pai etc.” Será que se justificarão estas expressões pelo sentido que Zeus lhes dá em seu discurso em Platão? Mas, então por que, se estudamos os sentidos das palavras do Filho de Deus, ou das do criador nos profetas, não teríamos bem mais a dizer que Zeus em sua arenga do Timeu? O que caracteriza a divindade é o anúncio de acontecimentos futuros: sua predição ultrapassa a natureza humana, sua realização permite julgar que aquele que anuncia é o espírito divino.

Estamos, pois, longe de declarar aos que chegam: *crê primeiro que aquele que eu te apresento é o filho de Deus.* Mas nós apresentamos a doutrina a cada pessoa sob a forma que convém a seu caráter e às suas disposições, pois aprendemos “como se deve responder a cada um” (Cl 4, 6). Existem aqueles que podem receber mais que exortação para crer: é o que nós lhes pregamos. Com outros, enquanto possível, tratamos “por perguntas e respostas”. Mas não dizemos, como Celso num tom de censura no-lo atribui: *Crê que aquele que eu apresento é o filho de Deus, apesar das uniões vergonhosas e de um suplício infamante, e embora ontem ou anteontem tenha sido tratado com a pior ignomínia aos olhos de todos. E não acrescentamos: Razão a mais para crer.* Pois nos esforçamos por fornecer a cada um mais argumentos mesmo do que aqueles que citei acima.

Um único Cristo

11. Celso diz em seguida: *Alguns — ele quer dizer os cristãos — propõem este, outros aquele, e todos têm na boca apenas uma palavra: “Se quiseres ser salvo, crê ou vai-te!” Que farão então aqueles que desejam realmente ser salvos? Será por um lance de dados que eles adivinharão para que lado ir e a quem se unir?* A isto, pressionado pela própria evidência, eu respondo: se a história atestasse que houve vários como Jesus que vieram à existência humana dizendo-se filhos de Deus, e cada um deles atraiu grande número de discípulos para que, proclamando-se todos filhos de Deus, houvesse incerteza sobre aquele a quem se dirige o testemunho de seus fiéis, seria o caso de se dizer: alguns propõem este, outros aquele, e todos têm na boca apenas estas palavras: “Se quiseres ser salvo, crê, ou vai-te!”

etc. Mas de fato por toda a terra Jesus é pregado como o único Filho de Deus que veio ao gênero humano. Pois aqueles que, como Celso, desconfiam que ele usou sortilégios, e por este motivo também quiseram usá-los para usufruírem também eles do mesmo poder sobre os homens, foram convencidos de nada serem: Simão, o mago da Samaria, e Dositeu, originário da mesma terra, um afirmando ser o poder de Deus que chamam o grande, o outro dizendo-se Filho de Deus. Em nenhum lugar da terra existem simonianos; no entanto, para aumentar o número de seus discípulos, Simão afastava deles o perigo de morte que os cristãos aprenderam a escolher, pois segundo sua doutrina a idolatria era coisa indiferente. Mas mesmo desde as origens os simonianos fugiam das conspirações: pois o demônio mau que conspirava contra o ensinamento de Jesus sabia que nenhum de seus planos encontraria obstáculos da parte dos ensinamentos de Simão. Os dositeanos tampouco, mesmo antigamente, tiveram qualquer poder, e agora ele está completamente reduzido de modo que seu número total não passa, dizem, dos trinta. E Judas, o galileu, conforme atesta Lucas nos Atos dos Apóstolos, pretendeu ser um grande personagem, e antes dele, Teudas. Como seu ensinamento não era de Deus, pereceram, e todos os que tinham acreditado neles se dispersaram imediatamente. Portanto, não é com um lance de dados que adivinharemos de que lado haveremos de ficar e a quem nos unir, como se eles fossem diversas pessoas que poderiam nos atrair pretendendo terem vindo da parte de Deus ao gênero humano. Mas basta quanto a este assunto.

Sabedoria divina, sabedoria humana

12. Passo então a outra acusação de Celso. Ele não conhece nem mesmo nossos textos, mas, em consequência de suas confusões, nos acusa de afirmar que a *sabedoria humana é loucura diante de Deus*, quando Paulo diz: “A sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus” (1Cor 3, 19). Celso prossegue: *A razão desta máxima foi dita há muito tempo. Segundo ele, a razão que nos faz utilizar esta linguagem é a vontade de atrair unicamente as pessoas incultas e estúpidas.* Mas como ele mesmo observa, *já falou do assunto acima*, e eu respondi da melhor forma ao argumento. Tampouco fez questão de mostrar que *nós o havíamos imaginado, ou citado os sábios da Grécia dizendo que uma é a sabedoria humana, outra a sabedoria divina.* Cita mesmo duas passagens de Heráclito; uma em que ele diz: “O caráter humano não tem pensamento, o divino sim”; e outra: “Meu jovem! O homem assim ouve ser chamado pelo gênio, como a criança pelo homem.” Também cita *A apologia de Sócrates de Platão*: “Quanto a mim, atenienses, é somente à sabedoria que devo este nome que me dão. Mas de que espécie é esta sabedoria? É em verdade aquela que é uma sabedoria humana. Sim, de fato, há probabilidades de que eu possua esta sabedoria.” São estas as citações de Celso. Acrescentarei esta passagem da Carta de Platão a Hérmiás, Erasto e Corisco: “A Erasto e Corisco afirmo, apesar de minha velhice, que além da esplêndida sabedoria referente às Ideias, eles ainda precisam da sabedoria que ensina a se proteger dos homens maus e injustos, e de uma certa força de defesa. São inexperientes por terem passado um longo período de sua vida ao nosso lado, pessoas moderadas e sem malícia. É por isso mesmo que digo que precisam destes apoios, para não serem obrigados a esquecer a sabedoria verdadeira e cultivar mais do que é preciso a sabedoria humana que é indispensável.”

13. Portanto, segundo Platão, existe uma sabedoria divina e uma sabedoria humana. A sabedoria humana, que chamamos “sabedoria deste mundo, é loucura diante de Deus” (1Cor 3,19). A sabedoria divina, que difere da humana, porque é divina, sobrevém por uma graça de Deus que a concede àqueles que se prepararam convenientemente para recebê-la e principalmente àqueles que, reconhecendo a diferença entre uma sabedoria e outra, dizem em suas preces: “Por mais perfeito que

seja alguém entre os filhos dos homens, se lhe falta a sabedoria que vem de ti, de nada valerá” (Sb 9,6). Nós afirmamos: a sabedoria humana é apenas um exercício da alma; a divina é seu fim: ela é apresentada como o alimento sólido da alma no texto: “Os adultos, porém, que pelo hábito possuem o senso moral exercitado para discernir o bem e o mal, recebem o alimento sólido” (Hb 5,14).

É verdade que se trata aí de uma opinião antiga; mas não, como crê Celso, que *a antiguidade desta distinção remonte a Heráclito e a Platão*. Antes deles, os profetas tinham distinguido cada uma destas sabedorias. Basta no momento citar, entre as palavras de Davi, a que tem a ver com o sábio inspirado pela divina sabedoria: “Ainda que veja os sábios morrer, ele não verá a corrupção” (Sl 48,10-11). Desta forma, a sabedoria divina, que difere da fé, é a primeira coisa daquilo que chamamos os carismas de Deus. Depois dela a segunda, ao ver daqueles que têm uma ciência precisa neste campo, é o que chamamos o conhecimento. E a terceira é a fé, pois é preciso que sejam salvos também os mais simples que se entregam da melhor forma à piedade. Por isso a declaração de Paulo: “A um o Espírito dá a mensagem da sabedoria, a outro, a palavra de ciência segundo o mesmo Espírito; a outro o mesmo Espírito dá a fé” (1Cor 12, 8-9). Por esta razão, não podemos encontrar qualquer um na posse da divina sabedoria, mas os que são eminentes e superiores entre todos os que aderem ao cristianismo; e não é *aos mais incultos, aos escravos, aos menos instruídos que revelamos os segredos da sabedoria divina*.

14. Ainda que Celso qualifique como incultas, escravas, menos instruídas as pessoas que não compreendem seu ponto de vista e não assimilaram a ciência dos gregos, nós declaramos como os mais incultos aqueles que não se envergonham de se dirigir a objetos inanimados, de pedir a saúde à fraqueza, de procurar a vida junto à morte, de mendigar socorro à impotência. Aqueles que afirmam que tais realidades não são deuses, mas imitações dos deuses verdadeiros e seus símbolos, são igualmente pessoas sem educação, escravas, sem instrução, pois imaginam colocar as imitações nas mãos dos artífices; de tal forma, digamos, que mesmo os últimos dos nossos são libertados desta tolice e ignorância, ao passo que os mais sensatos concebem e compreendem a esperança divina. Mas afirmamos que é impossível a um homem não exercitado na sabedoria humana receber a sabedoria divina, e concordamos que toda a sabedoria humana comparada à divina é loucura.

Em seguida, em vez de debater, como seria seu dever, o ponto controvertido, ele nos chama de *impostores* e diz que *fugimos desordenadamente das pessoas distintas, que não estão dispostas a serem enganadas, mas apanhamos os rudes*. Mas ele ignora que desde os primeiros tempos nossos sábios foram educados nas ciências dos estrangeiros: Moisés, “em toda a sabedoria egípcia”; Daniel, Ananias, Azarias e Misael, em toda a literatura assíria, a ponto de serem considerados dez vezes superiores a todos os sábios de lá. Hoje ainda, as igrejas possuem, embora em pequeno número comparada à grande multidão, sábios que vieram mesmo da sabedoria que chamamos “carnal”, e elas possuem também os que progrediram desta para aquela sabedoria divina.

Humildade e pobreza

15. E depois disto, como se tivesse ouvido falar da doutrina da humildade sem se preocupar com conhecê-la, Celso quer depreciar a nossa. Julga que *é uma imitação daquilo que Platão diz em alguma parte das Leis*: “Eis que Deus, segundo a antiga tradição, tem em mãos o começo, o fim e o meio de tudo o que existe e, pelo correto caminho da natureza, encerra este ciclo. Sempre o segue de perto a justiça, que vinga a lei divina daqueles que dela se apartam; e quem deseja a felicidade a ela se liga para a seguir fielmente, de modo humilde e ordenado.” Não reparou que nos sábios bem anteriores a Platão, se diz numa prece: “Senhor, meu coração não se eleva, nem meus olhos se alteiam; não ando

atrás de grandezas, nem de maravilhas que me ultrapassam” (Sl 130,1-2). Esse texto mostra de imediato que não é necessário absolutamente que *aquele que se humilha abaixe-se de uma maneira inconveniente e desonrosa, caia em terra de joelhos e se prostre, se vista de trapos e se cubra de cinzas*. Pois, segundo o profeta, aquele que se humilha caminhando por caminhos sublimes e admiráveis que o ultrapassam nas doutrinas verdadeiramente sublimes e admiráveis, humilha-se “sob a poderosa mão de Deus”.

Se há quem, não tendo podido ver claramente na sua simplicidade a doutrina da humildade, entrega-se a semelhantes práticas, não é preciso pôr em dúvida o Evangelho, mas perdoar a simplicidade dessas pessoas que, com as melhores intenções, não chegam de modo algum a realizá-los por causa de sua própria ingenuidade. Mais que o sábio humilde e ordenado de Platão, é humilde e ordenado o justo: ordenado, porque ele caminha nos caminhos sublimes e admiráveis que o ultrapassam; humilde, porque, seguindo estes caminhos, ele se humilha voluntariamente, não sob o poder de qualquer homem, mas “sob a poderosa mão de Deus”, graças a Jesus que ensina estas doutrinas: “e não considerou o ser igual a Deus como algo a se apegar ciosamente. Mas esvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo”, “e, achado em figura de homem, humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz!” (Fl 2,6-8). Esta é a grandeza da doutrina da humildade que, para no-la ensinar, não temos qualquer mestre, mas nosso próprio poderoso salvador declara: “Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vossas almas” (Mt 11,29).

16. Depois disso, diz ele: *A sentença de Jesus contra os ricos: “É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus” (Mt 19,24) evidentemente é tirada de Platão. Jesus plagiou a máxima platônica: “É impossível que um homem de bem excepcional seja excepcionalmente rico.”* Que homem capaz de uma reflexão perfeitamente comum, não só entre os que acreditam em Jesus, mas também no resto da humanidade, não riria de Celso? Se bem o entendemos, Jesus, nascido e educado entre os judeus, considerado como filho do carpinteiro José, que não aprendeu as letras dos gregos nem mesmo dos hebreus, como o atestam sinceramente as escrituras de seus discípulos, teria lido Platão, aprovado sua sentença sobre os ricos: É impossível ser excepcionalmente bom e rico, e o teria plagiado ao dizer: “É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus.”

Se Celso tivesse lido os evangelhos sem ódio nem animosidade, mas por amor à verdade, teria examinado isto: por que pois tomar o camelo, animal disforme entre todos por natureza, para comprá-lo ao rico, e que sentido teria o buraco estreito da agulha na afirmação que “o caminho estreito e apertado é o que conduz os homens à vida” (Mt 7,14)? Por que, conforme a lei, este animal é considerado impuro, aceitável porque ruma, mas repreensível por ser solípede? Teria igualmente investigado quantas vezes o camelo nas Santas Escrituras é utilizado como comparação e com que é comparado, para compreender o sentido das palavras sobre os ricos. Não teria deixado de examinar as passagens em que Jesus proclama a bem-aventurança dos pobres e a desgraça dos ricos, para verificar se se tratava de pobres e de ricos na ordem das coisas sensíveis, ou se seria intenção do logos abençoar absolutamente uma certa pobreza e repreender absolutamente a riqueza, pois ninguém teria louvado indiscriminadamente os pobres, que em sua maior parte têm costumes detestáveis. Mas sobre esta questão basta.

O reino de Deus

17. Em seguida, em sua intenção de vilipendiar as passagens de nossas escrituras relativas ao *reino de*

Deus, não cita nenhuma, como se fossem indignas de qualquer menção, ou talvez porque não as conhecesse. Mas cita *passagens de Platão extraídas das Cartas e de Fedro; apresenta-as como palavras inspiradas*, ao passo que nossas escrituras nada disso teriam. Tomemos alguns exemplos para compará-los às sentenças de Platão que não deixam de ter força persuasiva, mas nem por isso dispuseram o filósofo a viver de uma maneira digna dele na piedade para com o criador do universo; ele não deveria nem adular nem manchar esta piedade com aquilo que chamamos idolatria, ou com um termo comum, com superstição.

O Salmo 17 assim fala de Deus: “Das trevas ele fez seu véu” (Sl 17,12). Este circunlóquio hebraico significa que as ideias de Deus que seriam dignas dele permanecem secretas e desconhecidas; pois ele por assim dizer se cobriu com um véu de escuridão para os espíritos que não suportam o brilho de seu conhecimento, incapazes de vê-lo, por causa da impureza que afeta a inteligência ligada ao corpo de miséria dos homens, ou por causa de sua própria pouca capacidade de compreender a Deus. E para fazer ver que o conhecimento de Deus raramente foi concedido aos homens e somente um número muito pequeno o possuía, está escrito que “Moisés aproximou-se da nuvem escura, onde Deus estava” (Ex 20,21), e ainda: “Só Moisés se aproximará do Senhor; os outros não se aproximarão” (Ex 24,2). E para mostrar que a profundidade das ideias sobre Deus é incompreensível para os que não possuem o Espírito que perscruta tudo e até as “profundidades de Deus” (1Cor 2,10), disse o profeta: “O abismo como um manto o cobre” (Sl 103,6).

Além disso, nosso salvador e Senhor, o logos de Deus mostra a sublimidade do conhecimento de seu Pai, pois ele é compreendido e conhecido como merece apenas por ele principalmente, e secundariamente por aqueles que têm o espírito iluminado por ele, que é logos e Deus. Ele declara então: “Ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar” (Mt 11,27). Ninguém de fato pode conhecer dignamente o incriado, o primogênito de toda a criação, como o Pai que o gerou, nem o Pai como o logos vivo, sua sabedoria e sua verdade. Ao se comunicar, ele afasta do Pai o que chamamos as trevas com que ele se isola e o abismo apresentado como seu manto: ele revela assim o Pai e quem tiver a capacidade de conhecê-lo conhece o Pai.

18. Julguei bom citar, entre muitas outras, estas ideias que os santos personagens tiveram sobre Deus, para revelar àqueles que têm os olhos capazes de perceber a seriedade das escrituras que os escritos sagrados dos profetas têm alguma coisa de mais nobre que as palavras de Platão admiradas por Celso. Eis a passagem de Platão citada por Celso: *“Em volta do rei do universo gravitam todas as coisas; todas existem para ele, ele é a causa de toda beleza. Em volta do segundo estão as coisas de segunda categoria; em volta do terceiro, as de terceira categoria. A alma humana aspira conhecer o que elas são, fixando o olhar sobre as coisas que lhe são aparentadas, das quais nenhuma é perfeita. Sem dúvida, quando se trata do rei e dos príncipes de que falei, nada disso existe.”* Eu poderia citar passagens sobre os “serafins” dos hebreus, descritos em Isaías, que cobrem “o rosto” e “os pés” de Deus, sobre os “querubins” descritos por Ezequiel, sobre as formas que lhes são dadas, e sobre a maneira como Deus é levado pelos querubins (cf. Is 65,2; Ez 1,5-27; 10,1-21). Mas as expressões são por demais misteriosas e, por causa das pessoas indignas e irreligiosas, incapazes de seguir passo a passo a sublimidade e a majestade da teologia, julguei ser inconveniente debater tais questões neste tratado.

19. Celso diz a seguir: *Por terem compreendido mal as expressões platônicas, alguns cristãos exaltam o Deus supraceleste e se elevam acima do céu dos judeus.* Mas não explica se eles se elevam mesmo acima do Deus dos judeus, ou somente do céu pelo qual juram os judeus. Ora, o assunto em questão

não é falar daqueles que anunciam um outro Deus que também é adorado pelos judeus, mas defender-nos e mostrar que os profetas dos judeus, reconhecidos entre nós, não podem ter aprendido qualquer coisa de Platão: pois eram muito mais antigos que ele. Nós tampouco tiramos de Platão a passagem: “Em volta do rei do universo gravitam todas as coisas; elas todas existem para ele.” Mas não aprendemos dos profetas uma doutrina melhor expressa do que aquela; pois Jesus e seus discípulos explicaram claramente a intenção do Espírito que existia nos profetas, e outro não é senão o Espírito de Cristo. E o filósofo não é o primeiro a falar de um lugar supraceleste: por muito tempo Davi percebera a profundidade e a abundância dos pensamentos sobre Deus que possuem aqueles que se elevam acima do sensível, dizendo no livro dos Salmos: “Louvai-o, céus dos céus e águas acima dos céus! Louvem o nome de Iahweh!” (Sl 148,4-5).

Para mim, não tenho dúvida, Platão escreveu máximas de Fedro depois de as ter aprendido de certos autores hebreus ou mesmo, como se disse, depois de ter lido os discursos proféticos, quando dizia por exemplo: “*Este lugar supraceleste, jamais algum poeta na terra celebrou, nem celebrará jamais tanto quanto merece*”, e na passagem seguinte onde se lê: “*A essência que realmente não tem cor, nem forma, e é impalpável, objeto de contemplação para o único piloto da alma, nosso intelecto, de que depende o saber autêntico, é este lugar que ela ocupa.*” Nosso Paulo, que devia sua formação a estes escritos proféticos, aspira aos bens supraterrrestres e supracelestes e faz tudo para obter esses bens. Ele diz na 2Cor: “Pois nossas tribulações momentâneas são leves em relação ao peso eterno de glória que elas nos preparam até o excesso. Não olhamos para as coisas que se veem, mas para as que não se veem; pois o que se vê é transitório, mas o que não se vê é eterno” (2Cor 4,17-18).

20. Desta forma, para quem pode compreender, Paulo apresenta sem rodeios as coisas sensíveis, sob o nome de visíveis e as realidades inteligíveis que só o espírito pode captar, sob o nome de invisíveis. Ele sabe que as coisas sensíveis ou visíveis têm apenas um tempo, que as realidades inteligíveis ou invisíveis são eternas. Para chegar à sua contemplação, sustentado pelo ardente desejo que o leva até elas, ele considera toda tribulação como um nada ou uma coisa muito sem importância. No tempo da tribulação e das provações, em vez de ficar desanimado, ele considera como sem importância todas as vicissitudes, graças à contemplação destas realidades. Pois temos “um sumo sacerdote eminente, que atravessou os céus” pela grandeza de seu poder e de seu espírito, “Jesus Cristo Filho de Deus” (Hb 4,14). Ele prometeu àqueles que verdadeiramente aprenderam as coisas divinas e viveram de maneira digna delas, conduzi-los aos bens que estão além deste mundo. Pois ele diz: “A fim de que, onde eu estiver, estejais vós também” (Jo 14,3). Por isso esperamos depois dos *sofrimentos e das lutas deste mundo, chegar aos cumes celestes*, e receber fontes “de água jorrando para a vida eterna” (Jo 4,14) conforme a doutrina de Jesus, conter rios de contemplações e estar com estas águas ditas supracelestes que louvam o nome do Senhor (cf. Jo 7,38). Enquanto durar nosso louvor, *não seremos levados para longe do círculo do céu*, mas nos empenharemos em *contemplar* as obras invisíveis de Deus: elas nos serão perceptíveis não mais como “desde a criação do mundo, através das criaturas” (Rm 1,20), mas como lembrou o verdadeiro discípulo de Jesus dizendo: “mas, depois, veremos face a face”, e “mas, quando vier a perfeição, o que é limitado desaparecerá” (1Cor 13,12.10).

21. As escrituras recebidas nas igrejas de Deus não dizem que existem *sete céus* nem algum número claramente definido; mas a Bíblia parece ensinar que existem diversos céus, quer se trate das esferas daquilo que os gregos chamam de planetas, quer de alguma coisa diversa mais misteriosa. Celso, depois de Platão, diz que o *trajeto das almas para chegar à terra e retornar passa pelos planetas*. Mas Moisés, nosso profeta mais antigo, narra a visão de nosso patriarca Jacó: num sonho enviado por Deus, apareceu-lhe uma escada que se erguia sobre a terra e seu topo atingia o céu, por onde os anjos

de Deus subiam e desciam, enquanto o Senhor se apoiava em seu topo (cf. Gn 28,12-13). Talvez, a propósito desta escada ele quisesse sugerir as intenções anteriores, ou algumas verdades superiores. Esta escada sugeriu o assunto de um livro de Fílon que merece o exame refletido e inteligente daqueles que amam a verdade.

Iniciação mitríaca e diagrama

22. A seguir, para ostentar sua erudição no tratado que ele nos opõe, Celso evoca certos mistérios dos persas: *É também o que revelam a doutrina dos persas e a iniciação mitríaca praticada entre eles. Uma figura representa as duas órbitas celestes, uma fixa, e a outra destinada aos planetas, e a passagem da alma através deles. Eis a figura: uma escada de sete portas, tendo no alto uma oitava. A primeira é de chumbo, a segunda de estanho, a terceira de bronze, a quarta de ferro, a quinta de uma liga, a sexta de prata, a sétima de ouro. A primeira é atribuída a Crono, simbolizando pelo chumbo a lentidão deste astro; a segunda a Afrodite, comparando com ela o brilho e a moleza do estanho; a terceira a Zeus, com base de bronze e sólida; a quarta a Hermes, porque o ferro como Hermes são considerados rígidos para todos os trabalhos, úteis ao comércio, de uma resistência a toda prova; a quinta, proveniente de uma liga, desigual e variada, a Ares; a sexta, de prata, à lua, e a sétima, de ouro, ao sol, cujas cores imita.*

Ele procura em seguida a razão do ordenamento assim catalogado das estrelas, indicado simbolicamente pelos nomes das espécies variadas da matéria. Acrescenta teorias musicais ao que ele cita da teologia dos persas. Vai muito além e cita uma segunda explicação, que contém ainda considerações musicais. Mas me pareceu fora de propósito a passagem de Celso a esse respeito: seria fazer o que ele mesmo faz quando, para acusar os cristãos e os judeus, expõe inoportunamente não só as palavras de Platão com que poderia ter-se contentado, mas também, como ele diz, *os mistérios mitríacos dos persas e sua explicação.* De fato, como quer que seja, haja ou não mentira ou verdade na interpretação destes mistérios dada pelos persas e por aqueles que os praticam, por que citar estes mistérios e não um dos outros com sua explicação? Pois não parece que na Grécia os mistérios de Mitra tenham sido mais excepcionais do que os de Elêusis ou de Hécate, que são comunicados aos iniciados de Egina. Se queria descrever os mistérios bárbaros com sua explicação, por que não os preferir aos do Egito, de que se gloria um tão grande número, os da Capadócia em honra de Ártemis de Comana, os da Trácia ou mesmo os de Roma nos quais são iniciados os mais nobres senadores? Ele julgou inoportuno estabelecer com algum destes mistérios uma comparação que não apoiaria de modo algum sua acusação contra os judeus ou os cristãos; como também não lhe pareceu inoportuno arguir mistérios mitríacos?

23. Desejará alguém uma exposição com uma reflexão mais profunda sobre a entrada das almas nas realidades divinas? Deixe de lado a seita muito insignificante que ele citou, interrogue os livros, uns judeus, lidos nas sinagogas e admitidos pelos cristãos, outros somente cristãos! Leia, no final da profecia de Ezequiel, os detalhes da visão do profeta, em que a descrição das diferentes portas insinua certas verdades sobre os diferentes caminhos pelos quais chegam a uma vida superior as almas mais perfeitas! Leia também, no Apocalipse de João, os detalhes sobre a cidade de Deus, a Jerusalém celeste, seus fundamentos e portas. E se for capaz de conhecer através dos símbolos o caminho indicado para aqueles que caminharem para as realidades divinas, leia o livro de Moisés intitulado Números; procure o homem que pode iniciar as pessoas nos mistérios representados pelos acampamentos dos filhos de Israel: que tribos estavam localizadas ao nascente, como primeiras, que outras estavam no sudoeste e no sul, que outras na costa marítima, que outras ao norte, como últimas.

Verá neles *considerações* profundas e que não requerem, como crê Celso, *como ouvintes pessoas idiotas e escravos*. Discerniremos os povos mencionados neste livro, a natureza dos números citados nestes lugares como pertencentes a cada tribo, assunto que eu julgo fora de propósito expor aqui.

Mas Celso e os leitores de seu livro devem saber que em nenhum lugar das escrituras reconhecidas como verdadeiras e divinas se faz menção de sete céus. Portanto, nada daquilo que dizem nossos profetas, os apóstolos de Jesus, o Filho de Deus em pessoa é *tirado dos persas e dos cabiros*.

24. Uma vez exposto seu exemplo tirado dos mistérios mitríacos, Celso declara: *Se quiséssemos colocar em paralelo a iniciação dos persas que ele acaba de citar e certa iniciação dos cristãos, comparando uma e outra, e pondo às claras os mistérios dos cristãos, veríamos as suas diferenças*. Onde ele sabe indicar o nome das seitas, não hesita em propor as que ele acredita conhecer, mas onde seria necessário dar este nome, se porventura o sabe, e indicar a seita que utiliza o *diagrama* descrito, não o faz.

Julgando por estas palavras, creio poder conjeturar que ele em parte tirou sua descrição do diagrama das doutrinas mal compreendidas da seita bem obscura dos ofitas. Em minha avidez por saber, acabei descobrindo este diagrama. Encontramos as invenções destes homens que, nas palavras de Paulo: “Entre estes se encontram os que se introduzem nas casas e conseguem cativar mulherzinhas carregadas de pecado, possuídas de toda sorte de desejos, sempre aprendendo, mas sem jamais poder atingir o conhecimento da verdade” (2Tm 3,6-7). Mas esse diagrama comporta tanta inverossimilhança que ele não obtém o assentimento nem das mulherzinhas fáceis de enganar, nem dos mais rudes prontos a serem convencidos pela menor verossimilhança. Apesar de eu ter percorrido muitas regiões da terra, procurando por toda parte os que dizem saber a verdade, jamais encontrei alguém que levasse a sério o ensinamento deste diagrama.

25. *Ele tinha um desenho de dez círculos, separados uns dos outros, mas reunidos por um outro círculo, que diziam ser a alma do mundo e chamavam de Leviatã*. As escrituras judaicas, qualquer que seja o sentido que elas sugiram, dizem que este Leviatã foi criado por Deus como um brinquedo. Pois encontramos no salmo: “Quão numerosas são tuas obras, Senhor, e todas fizeste com sabedoria! A terra está repleta de tuas criaturas. Eis o vasto mar, com braços imensos, onde se movem, inumeráveis, animais pequenos e grandes; ali circulam os navios, e este dragão, que formaste para com ele brincar” (Sl 103,24-26). Em vez de “dragão”, havia em hebraico “Leviatã”. Ora, o diagrama ímpio dizia que o Leviatã assim abertamente questionado pelo profeta é a alma derramada em todo o universo. Encontrei também o nome Beemot, representando um ser colocado abaixo do círculo mais baixo. E o autor deste horrível diagrama desenhou o Leviatã sobre o círculo e em seu centro, escrevendo duas vezes seu nome.

Celso ainda diz: *O diagrama é dividido por uma espessa linha preta; e afirma que lhe tinham dito que era a Geena ou o Tártaro*. Tendo encontrado no evangelho a Geena descrita como o lugar dos castigos, procurei saber se ela é citada em alguma passagem das antigas escrituras, já porque os judeus empregam este nome. Encontrei uma passagem nas escrituras em que é citado o vale “do filho de Enom”, mas soube que em hebraico, em vez de vale, se dizia no mesmo sentido “o vale de Enom e a Geena” (Jr 7,31s; 32,35). Por uma observação atenta das lições do texto encontro também mencionada, no quinhão destinado à tribo de Benjamim, a Geena ou o vale de Enom, onde estava igualmente Jerusalém. Procurando saber que conclusão tirar do fato de que a Jerusalém celeste era o quinhão de Benjamim bem como o vale de Enom, encontro uma alusão ao lugar dos castigos que certas almas sofrem para serem purificadas pela provação. Pois está escrito: “Porque ele é como o fogo do fundidor e como a lixívia dos lavadeiros. E se assentará aquele que funde e que purifica” (Ml

3,2-3).

26. É nas cercanias de Jerusalém que se realizam os suplícios daqueles que são submetidos à fundição, por terem recebido na substância de sua alma os prejuízos do vício — e em sentido figurado, de certa forma, é citado o chumbo.

O que poderíamos dizer sobre a questão não pode ser exposto a todos e fica fora de propósito. Existe mesmo o perigo de se confiar à escrita a elucidação deste assunto: a maior parte não precisa saber senão o castigo que cabe aos pecadores; não é útil abordar as verdades que os ultrapassam, por causa daqueles que o medo do castigo eterno retém apenas por um tempo fora da onda do mal e das faltas que dele provêm.

A doutrina da Geena não era conhecida nem dos autores do diagrama nem de Celso: os primeiros não teriam traçado seriamente a figura e o diagrama como se estabelecessem a verdade por meio deles; e Celso, em seu tratado contra os cristãos, não teria introduzido em suas críticas contra eles opiniões que nada têm a ver com eles, mas com os sectários que talvez nem existam mais e talvez tenham desaparecido totalmente, ou subsistam num número insignificante fácil de contar. Assim como os platônicos não precisam fazer a apologia de Epicuro e de suas ímpias doutrinas, da mesma forma não precisamos nós fazê-la por causa do diagrama e das críticas que Celso lhe dirige. Assim sendo, deixo de lado tudo o que ele diz por ser superficial e inútil: teria eu críticas mais graves do que as suas a formular, se eu tivesse algo a ver com aqueles que foram conquistados por tais doutrinas.

Iniciação cristã?

27. Depois dessas observações sobre o diagrama, o que ele diz não provém realmente de uma incompreensão daquilo que, na Igreja, se chama “o selo”: ele inventa extravagâncias em forma de perguntas e respostas: *Quem aplica o selo se chama Pai; quem recebe a marca se chama moço e filho, e responde: “Fui ungido com a unção branca que emana da árvore da vida.”* Jamais ouvi falar disso entre os hereges. Em seguida, indica com precisão o número *dado por aqueles que transmitem o selo: sete anjos que permanecem de cada lado da alma do moribundo; alguns são anjos de luz, outros se chamam arcônticos; e diz que o chefe dos anjos arcônticos se chama Deus maldito.*

Depois, indignado com a expressão, critica com razão a audácia de tais palavras. A esse respeito partilhamos também nós da indignação daqueles que criticam estas pessoas, se existem, que chamam *Deus maldito ao Deus dos judeus, senhor da chuva e do trovão, o criador deste mundo, o Deus de Moisés e da criação descrita por ele.* As palavras de Celso não demonstram qualquer benevolência; pelo contrário, são inspiradas pelo seu ódio, indigno de um filósofo, de uma extrema malevolência para conosco. Ele quis que à leitura de seu livro, os que não têm a experiência de nossas doutrinas nos atacassem como se disséssemos que o magnífico criador deste mundo é um deus maldito. Seu procedimento me parece análogo ao dos judeus que, no começo do ensinamento do cristianismo, espalharam contra o evangelho a calúnia que os cristãos imolavam uma criancinha cuja carne era distribuída entre os convivas, e ainda que os discípulos do evangelho, para realizarem as obras das trevas, apagavam a luz e cada qual se unia à sua vizinha. Apesar de seu absurdo, esta calúnia prevaleceu antigamente entre o povo, persuadindo aqueles que ignoram o evangelho de que esta é a conduta dos cristãos. Ainda hoje ela engana certas pessoas que, por este motivo, rejeitam abordar os cristãos, até mesmo para uma simples conversa.

28. Este me parece ter sido o objetivo de Celso, quando alega que os cristãos chamam o criador de Deus maldito: ele queria que dando fé a estes ataques contra nós, as pessoas fossem levadas, se

possível, a destruir os cristãos como os mais ímpios dentre os homens. Confunde os assuntos e pretende explicar a razão por que o Deus da criação mosaica é chamado maldito, afirmando: *Este Deus é verdadeiramente digno de maldição no juízo daqueles que o consideram como tal, pois amaldiçoou a serpente que trazia o conhecimento do bem e do mal aos primeiros homens.*

Celso deveria saber disto: os que passaram para o lado da serpente, como se dessem um bom conselho aos primeiros homens, e que sobrepujaram os gigantes e os titãs da fábula, de onde lhes adveio o nome de ofitas, tão longe estão de serem cristãos que não são menos acusadores de Jesus do que ele, e que ninguém é admitido em sua assembleia sem previamente ter amaldiçoado a Jesus. Eis o cúmulo do ilogismo de Celso em seu Discurso contra os cristãos: tomar como cristãos aqueles que não aceitam sequer ouvir o nome de Jesus, nem mesmo como um sábio virtuoso! Acaso encontramos tolice mais delirante que a deles de se prevalecerem do nome da serpente como chefe das pessoas honestas como eles fazem, e mesmo a tolice de Celso ao pensar que suas acusações contra os ofitas valiam contra os cristãos? Outrora o filósofo grego que amou a pobreza e deu o exemplo de uma vida virtuosa para provar que a extrema pobreza não impede a felicidade se proclamou a si mesmo cínico. Mas estes ímpios colocam sua glória em serem chamados ofitas, derivando seu nome da serpente, o inimigo mais terrível dos homens; é de se acreditar que eles não são homens de quem a serpente seja inimiga, mas que eles mesmo são serpentes; e celebram um certo Eufrates como o iniciador de suas doutrinas sacrílegas.

29. Em seguida, como se a repreensão atingisse os cristãos, ao acusar os que chamam de Deus maldito o Deus de Moisés e de sua lei, e imagina que aqueles que dizem isto são cristãos, ele afirma: *Poderá haver tolice mais delirante que esta sabedoria estúpida? Que erro então cometeu o legislador dos judeus? Então, por que adotas — graças, dizes tu, a uma alegoria sumária — sua cosmogonia ou a lei dos judeus e por que louvas, apesar de tudo, ó grande ímpio, o criador do mundo, que prometeu tudo aos judeus, anunciando que sua raça se multiplicaria até aos confins da terra e ressuscitaria dentre os mortos com a mesma carne e o mesmo sangue, por que louvas aquele que inspirava os profetas; e por que ao mesmo tempo o injurias? Entretanto, quando os judeus te pressionam, reconheces que adoras o mesmo Deus; mas quando teu mestre Jesus, e Moisés, o mestre dos judeus, estabelecem leis contrárias, procuras um outro deus no lugar deste, o Pai.*

Eis o ponto em que o ilustríssimo filósofo Celso calunia manifestamente os cristãos, quando diz que quando os judeus os pressionam, eles reconhecem o próprio Deus, mas quando Jesus estabelece leis contrárias às de Moisés, eles procuram um outro em seu lugar. Em nossas discussões com os judeus e também entre nós, sabemos que só existe um Deus, aquele que os judeus adoravam antigamente e ainda hoje professam adorar, e estamos puros de qualquer impiedade a seu respeito. Tampouco dizemos que Deus ressuscitará os homens dentre os mortos com a mesma carne e o mesmo sangue, como vimos acima; dizemos que aquilo que foi semeado “corpo psíquico na corrupção, na abjeção, na fraqueza” não ressuscita no estado em que foi semeado. Mas já tratei adequadamente deste assunto acima.

30. Celso então volta aos *sete demônios arcontes*, cujos nomes não são absolutamente dados pelos cristãos, mas, creio eu, são transmitidos pelos ofitas. E eu mesmo encontrei no diagrama que adquiri para este estudo uma ordem semelhante à de Celso. Dizia Celso que *o primeiro é figurado sob a forma de um leão*, mas não cita o nome que estas pessoas realmente muito ímpias lhe dão. Verifiquei que o anjo do criador celebrado nas santas escrituras, segundo este pérfido diagrama, é Miguel em forma de leão. Depois Celso diz que *o seguinte, o segundo é um touro*; o diagrama que eu tinha dito ser Suriel em figura de touro. Para Celso, *o terceiro é um anfíbio que emite silvos horríveis*; para o diagrama,

este terceiro é Rafael em forma de dragão. Depois Celso afirmava que *o quarto tem uma forma de águia*; o diagrama dizia que Gabriel é este ser em forma de águia. Celso afirmava em seguida *que o quinto tem o semblante de um urso*; o diagrama dizia que Tautabaot é o ser em forma de urso. Em seguida, dizia Celso, *contam entre si que o sexto tem uma aparência de cão*; o diagrama afirmava que é Erataot. Celso afirmava enfim que *o sétimo tem um semblante de burro e se chama Tafabaot ou Onoel*; constatei no diagrama que aquele que chamam de Onoel ou Tartaraot realmente tem uma forma de burro. Julguei bom dar estas indicações precisas para não parecer que ignoro o que Celso pretendia saber e para provar que nós, cristãos, temos disso um conhecimento mais preciso do que o seu, e que são doutrinas não dos cristãos, mas de pessoas totalmente estranhas à salvação e que recusam totalmente a Jesus os títulos de salvador, Deus, mestre, filho de Deus.

31. Acaso alguém desejará aprender ainda os artifícios com que estes feiticeiros, que pretendem possuir certos segredos, quiseram conquistar os homens para seu ensinamento e sem muito êxito? Ouça o que eles aprendem a dizer uma vez passada o que eles chamam “a barreira da malícia”, as portas dos Arcontes eternamente fechadas com correntes: “Rei solitário, venda de cegueira, esquecimento inconsciente, eu te saúdo, primeiro poder, guardado pelo espírito de providência e pela sabedoria; fui enviado por ti puro, já fazendo parte da luz do Filho e do Pai; que a graça esteja comigo, sim, Pai, que ela esteja comigo!” Eis aí conforme eles, onde começa a Ogdôada. Depois, eles aprendem a dizer, atravessando o que chamam Ialdabaot: “Ó tu, primeiro e sétimo, nascido para dominar com firmeza, Ialdabaot, razão soberana da pura inteligência, obra-prima do Filho e do Pai, trago um símbolo marcado com uma imagem de vida; abri para o mundo a porta que tinha fechado para tua eternidade, e encontrando novamente minha liberdade, atravesso teu império; que a graça esteja comigo, sim, Pai, que ela esteja comigo!” E dizem que o astro brilhante está em simpatia com o arconte em forma de leão. Acreditam igualmente que depois de se ter atravessado Ialdabaot, e chegado a Ia, deve-se dizer: “Ó tu que presides os mistérios ocultos do Filho e do Pai e brilhas durante a noite, Iao segundo e primeiro, mestre da morte, quinhão do inocente, eis-me aqui, trazendo o símbolo da submissão de meu espírito, disposto a atravessar teu império; pois, por uma palavra viva, levei de vencida aquele que vem de ti; que a graça esteja contigo, Pai, que ela esteja comigo!” Logo depois, é Sabaot, a quem, conforme eles, se deverá dizer: “Arconte do quinto império, poderoso Sabaot, primeiro defensor da lei de tua criação, que a graça libertou pela virtude mais poderosa do número cinco, deixa-me passar vendo intacto este símbolo de tua arte que conservo na marca de uma imagem, um corpo entregue pelo número cinco; que a graça esteja comigo, Pai, que ela esteja comigo!”... Depois deste vem Astafaios, que se expressa nos seguintes termos: “Arconte da terceira porta, Astafaios que vela pela fonte original da água, olha para mim como um miste, um iniciado, e deixa-me passar, porque fui purificado pelo espírito de uma virgem, tu que vês a essência do mundo; que a graça esteja comigo, Pai, que ela esteja comigo!” Depois dele, é Aiolaio a quem julgam conveniente dizer: “Arconte da segunda porta, Aiolaio, deixa-me passar vendo que trago o símbolo de tua mãe, uma graça oculta pelas virtudes dos poderes; que a graça esteja contigo, Pai, que esteja comigo!” Por fim, citam Horaios e julgam dever dizer: “Tu que, tendo intrepidamente atravessado a barreira de fogo, recebeste o império da primeira porta, Horaios, deixa-me passar, vendo o símbolo de teu poder destruído por uma figura da árvore de vida e recuperado por uma imagem à semelhança do inocente; que a graça esteja comigo, Pai, que ela esteja comigo!”

32. Eis a que detalhes me arrastou a pretensa erudição de Celso que parece mais curiosidade indiscreta e palavrório. Pois eu desejaria mostrar ao leitor de seu tratado e de minha refutação que não encontro nenhuma dificuldade nas informações utilizadas por ele para caluniar os cristãos. Eles não admitem

nem conhecem nada disso, e se eu quis conhecer tais detalhes e dar-lhes atenção, é para impedir que, pela pretensão dos feiticeiros de tê-los mais que nós, não venham a enganar aqueles que o ouropel de suas palavras fascina. E eu poderia mostrar por diversas outras citações que conhecemos bem as fórmulas desses velhacos, mas as rejeitamos como estranhas, ímpias, sem nada em comum com as doutrinas autenticamente cristãs que confessamos até a morte.

Devemos, entretanto, saber que os autores dessas fórmulas não compreenderam os segredos da magia, nem discerniram os sentidos das divinas escrituras, e confundiram tudo. Eles tiram da magia Ialdabaot, Astafaios, Horaios e dos escritos hebraicos o que os hebreus chamam de Iao ou Ia, Sabaot, Adonai, Eloaios. Mas os nomes tirados das escrituras são os de um só e mesmo Deus. Os inimigos de Deus não compreenderam isto, eles mesmos o reconhecem: acreditaram que Iao era um deus, Sabaot um outro, Adonaios um terceiro que as escrituras chamam de Adonai, e Eloaios um quarto, que os profetas chamam em hebraico de Eloai.

33. *Em seguida, Celso conta outras fábulas: Há homens que retornam às formas dos Arcontes, de modo que uns se tornam leões, outros touros, outros serpentes, águias, ursos, cães.* Também encontrei, no diagrama que eu tinha, o que Celso chamou de *um tetrágono* e as fórmulas que estes in-felizes pronunciam às portas do paraíso. A espada flamejante era desenhada como o diâmetro de um círculo de fogo, para guardar a árvore do conhecimento e da vida. Celso, portanto, não quis ou não pôde citar as palavras-senha que em cada porta, conforme as fábulas desses ímpios, devem dizer aqueles que as atravessam. Mas foi isso mesmo o que fiz, para mostrar a Celso e aos leitores de seu livro que se considera o termo dessa iniciação profana como estranha à piedade dos cristãos com a divindade.

34. Depois das considerações que acabo de fazer e acrescentando-lhes outras da mesma ordem, Celso prossegue: *Eles amontoam confusamente palavras de profetas, círculos sobre círculos, riachos da igreja terrestre e da circuncisão, uma virtude que emana de uma certa virgem Prúnicos, uma alma viva, um céu imolado para que ele viva, uma terra imolada pela espada, homens em grande número imolados para que vivam, uma morte que deve acabar no mundo quando morrer o pecado do mundo, uma nova descida estreita e portas que se abrem por si mesmas. Em toda parte se fala da árvore da vida e da ressurreição da carne pelo lenho da cruz, porque, creio eu, seu mestre foi pregado na cruz e era carpinteiro de profissão. De forma que, se por acaso o tivessem precipitado do alto de um rochedo, lançado num abismo, enforcado com uma corda, ou se fosse sapateiro, talhador de pedras, ferreiro, haveria acima dos céus uma rocha de vida, um abismo de ressurreição, uma corda de imortalidade, uma pedra de bem-aventurança, um ferro de caridade, um couro de santidade. Que velha embriagada, cantarolando uma fábu-la para fazer dormir um bebê, não teria vergonha de cochichar tais asneiras?* Celso me parece aqui confundir ideias mal compreendidas. Dá a impressão de alguém que, tendo apanhado alguns pedaços de frases pronunciadas numa seita ou alhures sem ter entendido o seu sentido ou intenção, juntou os fragmentos para dar aos que nada sabem nem de nossas doutrinas nem das seitas a impressão de que conhece todas as doutrinas do cristianismo. É o que se evidencia da passagem citada.

35. É bem verdade que utilizamos os discursos dos profetas para provar que Jesus é o Cristo anunciado por eles, e mostrar pelas profecias que os acontecimentos contados a propósito de Jesus nos evangelhos são sua realização. A expressão “círculos sobre círculos” talvez seja tirada da seita de que acabamos de falar, que incluía num círculo único, que ela chama alma do universo e Leviatã, os sete círculos dos poderes arcônticos; ou talvez tivesse compreendido mal esta palavra do Eclesiastes: “E girando e girando vai o vento em seus círculos” (Ecl 1,6).

A expressão “riachos da igreja terrestre e da circuncisão” é proveniente talvez do fato de que alguns

dizem que a igreja terrestre é um riacho nascido de uma igreja celeste e de um éon superior, e que a circuncisão prescrita na lei é o símbolo da que se efetua no alto em algum lugar de purificação. O nome “Prúnicos” é o que os valentinianos dão a uma certa sabedoria, no descaminho de sua própria sabedoria simbolizada segundo eles pela hemorroíssa, doente havia doze anos; entendendo erradamente o sentido e confundindo todas as opiniões dos gregos, Celso disse que de uma certa virgem Prúnicos emana uma virtude.

“Alma viva” talvez seja uma das expressões misteriosas aplicadas por alguns valentinianos àquele que eles chamam o criador psíquico; ou talvez, em oposição à alma morta, a alma viva é a belíssima expressão empregada por alguns para designar a alma do homem salvo. Mas não conheço nem “o céu imolado” nem “a terra imolada” pela espada, nem os “homens imolados em grande número para que vivam”, e não seria impossível que o próprio Celso tivesse inventado estas expressões.

36. Comentando a seguinte passagem misteriosa do apóstolo, poderíamos dizer que a morte deve acabar no mundo, quando o pecado do mundo morrer: “No momento em que ele puser todos os seus inimigos sob seus pés, então o último inimigo será destruído: a morte” (cf. 1Cor 15,25-26). E também diz: “Quando, pois, este ser corruptível tiver revestido a incorruptibilidade e este ser mortal tiver revestido a imortalidade, então cumprir-se-á a palavra da escritura: a morte foi absorvida na vitória” (1Cor 15,54). A expressão “uma nova descida estreita” poderia ser proveniente daqueles que admitem a metemose. A frase: “as portas que se abrem por si mesmas”, provavelmente foi empregada por aqueles que explicam em termos obscuros este texto: “Abri-me as portas da justiça, vou entrar celebrando ao Senhor! Esta é a porta do Senhor: os justos por ela entrarão” (Sl 117, 19-20). Ou ainda, no Salmo 9: “Levanta-me das portas da morte para que eu proclame os teus louvores, e com tua salvação eu exulte às portas da filha de Sião!” (Sl 9,14-15). Por “portas da morte” a escritura designa os pecados que conduzem à perdição, ao contrário, por “portas de Sião” ela designa as boas ações; e assim, “portas da justiça” equivale a “portas da virtude”: elas se abrem imediatamente para aqueles que se aplicam aos atos de virtude.

A explicação sobre o lenho da cruz da vida caberia melhor num comentário sobre o paraíso de Deus, descrito no Gênesis como plantado por ele. Mas Celso já zombou da ressurreição que ele não entende. Aqui, não contente com o que já disse, acrescenta que se trata da ressurreição da carne pelo lenho da cruz, por não entender, creio eu, a expressão figurada: é pelo lenho da cruz que veio a morte, e pelo lenho da cruz a vida; a morte em Adão, a vida em Cristo (cf. 1Cor 15,21-22; Rm 5,12s). A seguir ele brinca com a palavra lenho da cruz usando dupla troça, dizendo que ele foi introduzido porque nosso mestre foi pregado na cruz ou que ele era carpinteiro de profissão; não repara que o lenho da cruz é descrito nos livros de Moisés; e também não observa que em nenhuma parte dos evangelhos recebidos nas Igrejas de Jesus ele é qualificado como carpinteiro.

37. Além disso, pensa que nós inventamos o lenho da vida para encontrarmos uma explicação alegórica da cruz e na lógica de seu erro sobre este ponto ele diz: Se por acaso o tivessem precipitado do alto de um rochedo, lançado num abismo, enforcado numa corda, ter-se-ia inventado acima dos céus uma rocha de vida, um abismo de ressurreição, uma corda de imortalidade; e, se como ele diz, tivessem inventado o lenho da vida porque Jesus foi carpinteiro, seria lógico falar de couro de santidade se ele tivesse sido sapateiro, de pedra de bem-aventurança se ele tivesse sido talhador de pedras, de ferro de caridade se ele tivesse sido ferreiro. Quem não vê logo a pobreza de sua acusação quando injuria os homens que ele se gabava de converter de seus descaminhos?

A seguinte observação seria para atingir aqueles que imaginaram arcontes em forma de leão, com cabeça de burro, em forma de dragão, e todos os autores de semelhantes fábulas, mas não os da Igreja.

Seguramente, até uma mulher velha embriagada, para fazer dormir um bebê, teria vergonha de lhe cantarolar e cochichar uma fábula como a dos inventores de monstros com cabeça de burro e destas espécies de palavras-senha que são pronunciadas a cada porta. Quanto às doutrinas daqueles membros da Igreja, Celso não as conhece. Um número exíguo procurou compreendê-las: pessoas que consagraram sua vida, conforme a ordem de Jesus, a “perscrutar as escrituras” (Jo 5,39) e que se cansaram em procurar a intenção das Santas Escrituras mais que os filósofos gregos em adquirir sua pretensa ciência.

38. Nosso generoso adversário não se contentou com aquilo que ele tira do diagrama, mas para engrossar suas acusações contra nós, que nada temos de comum com esse diagrama, quis introduzir outros agravos, onde repete o discurso desses hereges atribuindo-o a nós. E realmente ele diz: *Mas, eis o que da parte deles não é nada espantoso: as interpretações que dão de certas inscrições entre os mais altos círculos hipercelestes, entre outros aqueles dois, “maior” e “menor”, para designar o Filho e o Pai.* Nesse diagrama, encontrei o grande e o pequeno círculo; sobre seus diâmetros estavam escritos “Pai” e “Filho”; entre o grande círculo no qual estava traçado o pequeno e um outro formado de dois círculos, um exterior amarelo, e um interior azul, estava a barreira inscrita em forma de dois machados; por cima dela um pequeno círculo, tocando o maior dos anteriores o ponto onde estava inscrito “caridade”, e mais embaixo um outro, tocando o círculo, com a inscrição “vida”; no segundo círculo, feito de linhas entrelaçadas e encerrando dois outros círculos e uma outra figura rombóide, estava escrito: “Providência da sabedoria”; e no interior de sua seção comum, a inscrição “natureza da sabedoria”; porém, mais alto que sua seção comum, havia um círculo onde estava inscrito “conhecimento” e, mais embaixo, um outro onde estava inscrito “inteligência”.

Introduzi estas observações em meu discurso contra Celso para mostrar aos leitores que conheço mais claramente do que ele as doutrinas que eu mesmo ataco. Mas se aqueles que se gloriam de semelhantes quimeras *acaso professam também eles alguma feitiçaria mágica, e será porventura para eles o cume da sabedoria*, não afirmo como certo, pois nada encontrei semelhante. Cabe a Celso, já muitas vezes convencido de falsos testemunhos e de acusações infundadas, saber se está mentindo outra vez, ou se encontrou alguma coisa deste gênero entre estranhos e hostis à fé, e se o citou em seu tratado.

39. Em seguida, contra aqueles que, *praticando a magia e a feitiçaria, invocam os nomes bárbaros de certos demônios, ele diz que estas pessoas fazem a mesma coisa que aqueles que praticam sortilégios invocando os mesmos demônios diante daqueles que ignoram que os nomes dos demônios são diferentes entre os gregos e entre os citas.* E tira de Heródoto a afirmação que os citas chamam *Apolo de Gongosira, Poseídon de Tagimasade, Afrodite de Argimpase, Héstia de Tabiti.* Cabe às pessoas competentes examinar se também aí Celso não partilha do engano de Heródoto, pois os citas não têm as mesmas ideias que os gregos sobre pretensos deuses. Que possibilidade existe que entre os citas Apolo seja chamado de Gongosira? Não creio que traduzido em grego a palavra Gongosira apresente o mesmo sentido que Apolo, ou que Apolo traduzido em língua cita signifique Gongosira. O mesmo se diga dos outros nomes: não se dirá também que eles tenham a mesma significação. Os gregos e os citas, a partir de razões e etimologias diferentes, deram nomes diferentes àqueles que eles consideravam como deuses: assim também como os persas e os hindus, os etíopes e os líbios: cada povo dava assim o nome que lhe parecia bom porque ele não tinha guardado a pura concepção original do criador do universo. Mas falei suficientemente nas páginas anteriores tentando estabelecer que Sabaot não é idêntico a Zeus, e citando as passagens das divinas escrituras relativas às línguas. Deixo deliberadamente de lado este ponto em que Celso comete repetições.

Em seguida, ele se põe a misturar tudo o que se refere à feitiçaria mágica. Talvez não vise ninguém, porque não há mágico que pratique sua arte sob a aparência de uma religião deste gênero; ou talvez ele pense em alguns que usam de tais práticas diante de pessoas fáceis de serem enganadas para ter o ar de agir pela potência divina; e ele dá exemplos disso: *Tenho necessidade de enumerar aqui todos aqueles que ensinaram ritos de purificação, de encantações libertadoras, de fórmulas ou de sussurros de conjuração, de efígies de demônios, todos os gêneros de remédios tirados das matérias, dos números, das pedras, das plantas, das raízes, breve, de objetos de toda espécie?* Mas nestes assuntos em que a mais leve suspeita não pode nos atingir, a razão não exige que nos defendamos.

40. Depois disso, parece-me que ele age como aqueles que, em seu ódio selvagem contra os cristãos, afirmam às pessoas inteiramente ignorantes do cristianismo ter aprendido por experiência que os cristãos comem a carne das criancinhas ou se entregam sem moderação a abraços com as mulheres que estão a seu lado. Ora, esses boatos são doravante condenados mesmo pelas pessoas inteiramente estranhas à nossa religião como alegações falsas contra os cristãos. Do mesmo modo, julgarão mentirosas as alegações de Celso pretendendo *ter visto entre alguns padres de nossa crença livros contendo nomes bárbaros de demônios e de fórmulas mágicas*. E ele assegura que *estas pessoas, entendi: os padres de nossa crença, não prometiam nada de útil, mas tudo aquilo que possa prejudicar os homens*. Queira o céu que todas as objeções de Celso contra os cristãos fossem desta natureza! Ele seria refutado pelas massas que aprenderam pela experiência a falsidade destas censuras, por terem vivido com um grandíssimo número de cristãos e não terem jamais ouvido sobre eles nada semelhante.

41. Depois disso, esquecendo, por assim dizer, sua intenção de escrever contra os cristãos, declara *ter ouvido de um certo Dionísio do Egito, músico, que as práticas da magia só têm poder sobre as pessoas sem cultura e de costumes corruptos, e não agem sobre os filósofos porque estes levam a sério o firme propósito de levar uma vida decente*. Se eu tivesse que discutir aqui sobre a magia, eu acrescentaria algumas observações ao que ficou dito acima; mas como devo responder da melhor forma possível ao tratado de Celso, digo: para saber se os próprios filósofos são seduzidos ou não pela magia, basta ler o que escreveu Merageno das memórias de Apolônio de Tiana, mago e filósofo. O autor, não cristão mas filósofo, observou que certos filósofos de valor, seduzidos pelo poder mágico de Apolônio, tinham-no procurado na qualidade de feiticeiro; entre estes menciona, creio eu, o famoso Eufrates e um epicureu. Mas nós afirmamos com energia e sabemos por experiência que aqueles que servem ao Deus supremo conforme a doutrina cristã e vivem em conformidade com seu evangelho, cumprindo com o dever de fazer suas preces prescritas continuamente e com a reverência exigida de noite e de dia, não são seduzidos nem pela magia nem pelos demônios. Pois na verdade, “o anjo do Senhor acampa ao redor dos que o temem, e os liberta” de todo mal (cf. Sl 33,8). E os anjos das criancinhas da Igreja, colocadas sob a guarda deles, como diz a escritura: “veem continuamente a face de meu Pai que está nos céus” (Mt 18,10), qualquer que seja o sentido da palavra “face” e o sentido da palavra “ver”.

A doutrina sobre Satã

42. A seguir, ele nos dirige as seguintes críticas, tiradas de uma outra fonte: *Eles se extraviam numa impiedade extrema, por causa desta profunda ignorância que já os havia arrastado da mesma forma para longe dos enigmas divinos: imaginam um adversário de Deus, chamam-no de diabo e em hebraico de Satã. Sem dúvida alguma, é um erro devido inteiramente aos mortais e uma impiedade dizer que o Deus altíssimo, em sua vontade de fazer o bem aos homens, encontra um ser que se opõe a*

ele e permanece impotente. Então o Filho é vencido pelo diabo; o castigo que ele recebe nos ensina a nós também a desprezarmos os castigos que ele nos impõe: ele prediz efetivamente que Satã, que também apareceu como ele, ostentará grandes milagres e prodígios, atribuindo-se a glória de Deus; que ninguém deve se impressionar com tais fatos e se desviar para o autor deles; só nele é que se deve acreditar. Estas são manifestamente pretensões de um feiticeiro à procura de favor e buscando se premunir contra rivais que querem disputá-lo com ele.

Logo depois, quer indicar os enigmas que nós compreendemos mal em nossa doutrina sobre Satã e acrescenta: *Os antigos falam em termos enigmáticos de uma guerra divina. Heráclito assim se expressa: “É preciso saber que o conflito é comunidade, a justiça discórdia, tudo vem a ser pela discórdia e pela necessidade”. E Ferecides, bem mais antigo que Heráclito, conta o mito de um exército em ordem de batalha contra um exército, onde de um lado o chefe é Crono e de outro Ofioneu. Ele conta seus desafios, seus combates, o acordo estabelecido segundo o qual aquele dos dois partidos que caísse no oceano seria vencido, e aquele que o tivesse expulso e vencido possuiria o céu. Esta, diz ele, é a significação que encerram os mistérios que tratam da guerra dos titãs e dos gigantes contra os deuses, e no Egito, os mistérios de Tifão, Hórus e Osíris.*

Depois da citação, sem explicar como estes mitos contêm uma doutrina superior e como nossas doutrinas os disfarçam, ele continua a nos injuriar: *Estes mitos não são a mesma coisa que a doutrina deles sobre o demônio adversário ou, dir-se-ia com mais verdade, do feiticeiro rival. Desta forma compreende ele ainda Homero que insinua as mesmas verdades que Heráclito, Péricles, Ferecides, e aqueles que introduzem os mistérios dos titãs e dos gigantes, nestas palavras de Hefesto a Hera: “Já uma vez quis te defender: ele me pegou pelo pé e me lançou para longe do limiar sagrado.” Também nestas palavras de Zeus a Hera: “Esqueceste então o dia em que eras suspensa nos ares. Eu tinha fixado a teus pés duas bigornas e lançado em volta de tuas mãos uma corrente de ouro inquebrável; e tu lá estavas, suspensa em pleno éter, em plenas nuvens. Os outros deuses, por mais que bramisses do alto do Olimpo, eram incapazes de aproximar-se de ti e te libertar. Aquele que eu aí pegava, eu o prendia e lançava para longe do limiar, para que não chegasse à terra a não ser em lastimoso estado.” Além disso, ele comenta os versos homéricos: Estas palavras de Zeus a Hera são as palavras de Deus à matéria: e as palavras à matéria insinuam que, como ela estava originalmente em estado de caos, Deus, dividindo-a em certas proporções, nela colocou unidade e ordem. Todos os demônios que rondavam em volta dela com insolência, ele os precipitou como castigo nos caminhos deste mundo. Compreendendo assim os versos homéricos, Ferecides diz: “Embaixo desta região está a do Tártaro; as Harpias e as Tempestades, filhas de Bóreas, garantem-lhe sua guarda, é para aí que Zeus exila os deuses revoltosos.” Acrescenta que ideias análogas são sugeridas pelo belíssimo peplo de Atena que todos contemplavam na procissão das Panateneias. A prova que ele dá é que esta deusa sem mãe e sem mancha triunfa sobre os audaciosos filhos da terra.*

Seguindo estas ficções dos gregos, ele conclui com um gracejo contra nossas crenças: *O castigo de um Filho de Deus pelo diabo nos ensina a suportar sermos também castigados por ele. Eis o cúmulo do ridículo. Ele deveria, penso eu, castigar o diabo e não ameaçar os homens vítimas de suas feitiçarias.*

43. Repara, pois, se ele não está desvairado quando nos acusa de nos perdermos numa impiedade extrema muito longe dos enigmas divinos: ele não percebeu que os escritos de Moisés, bem anteriores não só a Heráclito e Ferecides mas também a Homero, introduziram a doutrina deste espírito perverso caído do céu. Pois esta doutrina é sugerida pela história da serpente, origem do Ofioneu de Ferecides, serpente que provocou a expulsão do homem do paraíso de Deus: ela enganara a mulher prometendo-

lhe a divindade e os bens superiores, e sabemos que o homem a tinha seguido. E o exterminador de que fala o Êxodo de Moisés, que outro pode ser senão aquele que causa a perda dos que lhe obedecem sem resistir à sua malícia nem combatê-la? E o bode expiatório do Levítico, que a escritura hebraica chama de Azazel, é também ele: era preciso que aquele sobre o qual caísse a sorte fosse expulso e oferecido como sacrifício expiatório no deserto; de fato, todos os que por sua malícia fazem parte do mau quinhão, inimigos daqueles que constituem a herança de Deus, desertaram de Deus. E os “filhos de Belial” (cf. Jz 19,22), no livro dos Juízes, de que outro poderiam ser senão do diabo por causa de sua perversidade? Além de todos esses exemplos, no livro de Jó, mais antigo que o próprio Moisés, se diz claramente que “o diabo” se apresentou diante de Deus e pediu o poder sobre Jó, para o submeter a duras provações: a primeira, a perda de todos os seus bens e de seus filhos, a segunda, de cobrir o corpo de Jó com uma cruel elefantíase, como é chamada esta doença. Não quero falar dos relatos evangélicos das tentações a que o diabo submeteu o salvador, não quero parecer tirar das escrituras mais recentes os argumentos da discussão com Celso. Mas ainda nas últimas páginas de Jó, onde do meio do furacão e das nuvens o Senhor dirigiu a Jó o discurso que se lê no livro que tem o seu nome, é possível obter informações sobre o dragão. E ainda não falo das indicações tiradas de Ezequiel, como sobre “Faraó ou Nabucodonosor” ou o príncipe de Tiro; ou de Isaías, onde se lamenta sobre o rei da Babilônia; podemos obter desses livros muitas informações sobre a malícia, sua origem e seu começo, e a maneira como esta malícia resultou do fato de que alguns seres perderam suas asas e seguiram o caminho do primeiro que perdeu suas asas.

44. Não é possível ao ente que é bom por acidente e por consequência ser bom como o ente que é bom por essência. A comunicação daquela bondade não estaria faltando àquele que, por assim dizer, alimenta-se do pão vivo para sua própria conservação. Se ela falta a alguém é por causa de sua negligência em receber o pão vivo e a verdadeira bebida: alimentado e dessedentado por eles, o ser alado se restaura, conforme as palavras do sapientíssimo Salomão sobre o verdadeiro rico: “Ele fez asas para si como a águia e retorna para a casa de seu Senhor” (Pr 23,5). Pois era preciso que Deus, que sabe usar para o bem até as consequências da maldade, destinasse algum lugar no universo aos seres que revelam tanta maldade, e instituísse uma arena para a virtude, destinada àqueles que desejam lutar “segundo as regras” (2Tm 2,5) para a reconquistar; ele entendia que depois de terem sido provados pela maldade dos demônios como o ouro pelo fogo, depois de ter feito tudo para evitar a menor degradação de sua natureza racional, eles se revelassem dignos de subir até as realidades divinas e fossem elevados pelo logos à bem-aventurança que ultrapassa tudo e, se posso dizer, ao cume dos bens.

A palavra “Satã” em hebraico, ou “Satanás” na forma mais grega que alguns lhe aplicam, significa *adversário* quando traduzida para o grego. Quem escolhe a maldade e com ela conforma sua vida realizando o contrário da virtude é um satã, quer dizer, um adversário do Filho de Deus, que é justiça, verdade, sabedoria. Mas o adversário no sentido próprio é o primeiro de todos os seres que leva uma vida pacífica e feliz que perdeu suas asas e caiu de seu estado bem-aventurado; ele que, segundo Ezequiel, andou irrepreensível em todos os seus caminhos, até o dia em que foi encontrada nele a iniquidade; ele que era “um selo de semelhança e uma coroa de beleza” no paraíso de Deus (Ez 28,15.12-13), por assim dizer saturado dos bens, caiu em perdição, segundo a expressão misteriosa daquele que disse: “Eis que estás perdido; e deixaste de existir para sempre!” (Ez 28,19).

São estas as poucas reflexões que tive a audácia e a temeridade de confiar a este escrito talvez inutilmente. Se, ao examinarmos as escrituras sagradas, tivéssemos ocasião de reunir num só corpo a doutrina esparsa por toda parte sobre a maldade, sua origem, a maneira como ela é destruída, veríamos

que o pensamento de Moisés e dos profetas sobre Satã não foi percebido sequer em sonho nem por Celso nem por ninguém daqueles cuja alma foi precipitada por este demônio mau e levada para longe de Deus e de sua noção correta e longe de seu logotipo.

O anticristo

45. Celso rejeita ainda nossa doutrina sobre “o anticristo”, sem ter lido o que dele dizem Daniel e Paulo, nem o que o salvador predisse nos evangelhos a respeito de sua parusia; devemos falar dele em poucas palavras. “Assim como seus rostos não se parecem, também os corações dos homens não se parecem” (Pr 27,19). É claro que pode haver diferenças entre os corações humanos: quer entre aqueles que optaram pelo bem, mas nem todos foram igualmente marcados e transformados em seu ímpeto para ele; quer entre aqueles que desprezam o bem e se precipitam em sentido contrário. Pois entre eles a presença do vício é violenta entre alguns e menos entre outros. Será então absurdo que haja na humanidade, por assim dizer, dois extremos, um do bem, e o outro de seu contrário: o extremo do bem estando no homem que o espírito discerne em Jesus, e é fonte inesgotável para o gênero humano de conversão, de cura e melhora, e o extremo oposto sendo o do anticristo? Deus, cuja presciência abrange todas as coisas, vendo o que diz respeito ao bem e ao mal, quis revelá-los aos homens pelos profetas, para que os que compreendessem suas palavras se unissem intimamente ao bem e se defendessem do contrário. Era preciso que um dos dois extremos, o melhor, fosse chamado Filho de Deus, por causa de sua supereminência, e o outro, diametralmente contrário, filho do demônio perverso, de Satã, do diabo. Em seguida, como é próprio do mal que a maldade se espalhe ao máximo assumindo a aparência do bem, por esse motivo o mal é cercado de sinais, de prodígios, de milagres mentirosos graças à cooperação de seu pai, o diabo. Pois a ajuda dada aos feiticeiros pelos demônios que enganam os homens para o seu maior mal é dominada por esta cooperação do diabo em pessoa para enganar o gênero humano.

46. Paulo nos fala do “anticristo”, ensina e estabelece, não sem alguma reserva misteriosa, a maneira, a data e a razão de sua vinda ao gênero humano. E repara se a exposição que ele faz a respeito não é da maior seriedade, sem merecer a menor crítica. Ele se exprime nestes termos: “Quanto à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, e à nossa reunião com ele, rogamo-vos, irmãos, que não percais tão depressa a serenidade de espírito, e não vos perturbeis nem por palavra profética, nem por carta que se diga vir de nós, como se o dia do Senhor já estivesse próximo. Não vos deixeis enganar de modo algum por pessoa alguma; porque deve vir primeiro a apostasia, e aparecer o homem ímpio, o filho da perdição, o adversário, que se levanta contra tudo que se chama Deus ou recebe um culto, chegando a sentar-se pessoalmente no templo de Deus, e querendo passar por Deus. Não vos lembrais de que vos dizia isso quando estava convosco? Agora também sabeis o que é que ainda o retém, para aparecer só a seu tempo. Pois o mistério da impiedade já está agindo, só é necessário que seja afastado aquele que ainda o retém! Então, aparecerá o ímpio, aquele que o Senhor destruirá com o sopro de sua boca, e o suprimirá pela manifestação de sua vinda. Ora, a vida do ímpio será assinalada pela atividade de Satanás, com toda a sorte de portento, milagres e prodígios mentirosos, e por todas as seduções da injustiça, para aqueles que se perdem, porque não acolheram o amor da verdade, a fim de serem salvos. É por isso que Deus lhes manda o poder da sedução, para acreditarem na mentira e serem condenados, todos os que não creram na verdade, mas antes consentiram na injustiça” (2Ts 2,1-12).

Elucidar cada um desses pontos não é nosso propósito atual. Há igualmente em Daniel a profecia sobre o anticristo, bem capaz de levar o leitor sensato e criterioso a admirar estas palavras verdadeiramente inspiradas e proféticas: elas encerram a história dos impérios futuros desde a época

de Daniel até a destruição do mundo. Cada pessoa pode lê-la se bem lhe parecer. Vê, aliás, se a predição do anticristo não tem esta característica: “E no fim de seu reinado, quando chegarem ao cúmulo os seus pecados, levantar-se-á um rei de olhar arrogante, capaz de penetrar os enigmas. Seu poder crescerá em força; ele tramará coisas inauditas e prosperará em suas empresas, arruinando os poderosos e o próprio povo dos santos. Por sua habilidade, a perfídia terá êxito em suas mãos. Ele se exaltará em seu coração e, surpreendendo-os, destruirá a muitos. Opor-se-á mesmo ao príncipe dos príncipes mas, sem que mão humana interfira, será esmagado” (Dn 8,23-25). E o que Paulo diz na passagem já citada: “chegando a sentar-se pessoalmente no templo de Deus, e querendo passar por Deus”, foi igualmente dito em Daniel da seguinte forma: “E sobre a nave do templo estará a abominação da desolação até o fim, até o termo fixado para o desolador” (Dn 9,27).

Eis aí, entre outros muitos testemunhos, tudo o que acreditei ser razoável citar para que o leitor tenha ao menos uma ideia do ensinamento das divinas escrituras sobre o diabo e o anticristo. Podem ser suficientes para nós. Vejamos agora uma outra passagem de Celso e vamos combatê-la da melhor forma possível.

O Filho de Deus

47. *Depois destas observações, ele prossegue: Vou indicar de onde lhes veio esta ideia de chamá-lo de Filho de Deus. Como este mundo deve sua existência a Deus, os antigos o chamaram filho de Deus ou semideus. Linda semelhança realmente entre um e outro filho de Deus!* Ele, portanto, acreditou que nós o chamávamos Filho de Deus deformando tradições que dizem que o mundo vem de Deus, é seu Filho, e é Deus. É que ele não pôde conhecer a época de Moisés e dos profetas nem ver que, bem antes dos gregos e daqueles que Celso chama de antigos, os profetas judeus em geral tinham profetizado a existência do Filho de Deus. Nem quis citar as palavras das Cartas de Platão lembradas acima sobre o ordenador do universo que ele apresenta como Filho de Deus; queria evitar que Platão, várias vezes exaltado por ele, o obrigasse a admitir que o criador deste universo é Filho de Deus e que o Deus primeiro e supremo é seu Pai.

Nada há de espantoso se, declarando que a alma de Jesus está unida ao altíssimo Filho de Deus por uma participação suprema com ele, não a separamos mais dele. As santas palavras das divinas escrituras conhecem igualmente outros exemplos de seres que, embora sendo dois por natureza, são considerados e constituem uma só essência um com o outro. Por exemplo, diz a escritura a respeito do homem e da mulher: “Já não são dois, mas uma só carne” (Gn 2,24; Mt 19,6); e do homem perfeito unido ao Senhor verdadeiro, logos, sabedoria, verdade: “Aquele que se une ao Senhor, constitui com ele um só espírito” (1Cor 6, 17). Ora, se “aquele que se une ao Senhor, constitui com ele um só espírito”, quem então melhor ou tanto quanto a alma de Jesus se acha unido ao Senhor, o logos em pessoa, a sabedoria em pessoa, a verdade em pessoa, a justiça em pessoa? Sendo assim, a alma de Jesus e o Deus logos, “primogênito de toda criatura” (Cl 1,15), não são dois.

48. Além disso, Celso não se ri nem zomba dos filósofos do Pórtico, quando afirmam que a virtude é a alma no homem e em Deus e negam que o Deus supremo é mais feliz que o seu sábio dentre os homens, quando fazem um e outro desfrutar de igual felicidade. Mas se a divina escritura afirma que o homem perfeito está unido pela virtude Àquele que é o logos em pessoa e constitui uma só essência com ele — fato que nos leva a concluir que a alma de Jesus é inseparável do “primogênito de toda criatura” (Cl 1,15) — ele ri ao ouvir Jesus ser chamado de Filho de Deus: é porque não vê o que as santas escrituras dizem dele com uma significação secreta e misteriosa.

Para convencer a admitir esta afirmação a todo aquele que deseja seguir as consequências das

doutrinas e delas tirar proveito, afirmo que as divinas escrituras apresentam o conjunto da Igreja de Deus como o Corpo de Cristo (cf. Cl 1, 24), animado pelo Filho de Deus, e que os crentes, quaisquer que sejam, são membros desse corpo considerado como um todo. Efetivamente, como a alma vivifica e move o corpo, incapaz naturalmente de tirar de si mesmo um movimento vital, também o logos, pelas moções ao bem e pela ação que ele imprime ao corpo inteiro, move a Igreja e cada um de seus membros que nada faz independentemente do logos. Portanto, se existe nisso uma lógica não desprezível, como acredito, que dificuldade haverá em dizer que, em virtude de sua soberana e insuperável comunhão com o logos em pessoa, a alma de Jesus não está separada do Filho único e primogênito de toda criatura e não difere mais dele? É o que basta sobre este assunto.

Cosmogonia

49. Vejamos a continuação. Ele exprime com uma palavra, sem o menor argumento plausível, sua acusação contra o relato da criação de Moisés: *Mais uma bela ingenuidade a sua cosmogonia!* Ora, se ele tivesse dito por que ela lhe parece uma ingenuidade e apresentado algumas razões plausíveis, eu teria argumentado contra elas. Mas não me parece sensato provar, em réplica à sua asserção, como ela não é uma ingenuidade.

Se quisermos conhecer o que me convenceu, com provas evidentes de apoio, no relato de Moisés sobre a criação, basta usar meu tratado sobre o Gênesis desde o começo do livro até “Eis o livro da descendência de Adão” (Gn 5,1). Procurei esclarecer aí, conforme o próprio texto das divinas escrituras, o que são o céu criado “no princípio”, a terra, a parte invisível e informe da terra; o abismo e as trevas que o cobrem; a água e “o Espírito de Deus pairando sobre ela”; a luz criada; o firmamento distinto do céu criado no princípio, etc.

Ele proclama a seguir que *o relato escriturístico sobre a origem dos homens é uma bela ingenuidade*, mas sem citar os textos nem atacá-los; é porque, penso eu, ele não tinha argumentos capazes de refutar a afirmação que “o homem foi criado à imagem de Deus” (Gn 1,27). Muito menos compreende *o jardim plantado por Deus, a vida que o homem aí passou a princípio e a que se seguiu pela força das circunstâncias quando dele foi banido por seu pecado e foi colocado no lado oposto do jardim das delícias*. Para afirmar que são belas ingenuidades, seria preciso primeiro examinar cada ponto, em particular estas palavras: “Colocou, diante do jardim de Éden, os querubins e a chama da espada fulgurante para guardar o caminho da árvore da vida” (Gn 3,24). Talvez, acrescenta ele, *Moisés tenha escrito isto sem nada compreender, talvez quisesse compor um poema análogo àqueles que, em tom de gracejo, tinham escrito os autores da antiga comédia: Preto deu sua filha a Belerofonte, Pégaso era da Arcádia*. Estes autores, porém, compuseram tais comédias com a intenção de fazer rir, mas é inacreditável que aquele que deixou para um povo inteiro as escrituras, querendo persuadir todos aqueles a quem ele dava sua lei que elas vinham de Deus, tenha escrito extravagâncias e não tenha dado nenhum sentido à afirmação: “Colocou, diante do jardim de Éden, os querubins e a chama da espada fulgurante para guardar o caminho da vida”, nem a qualquer outra das que tratam da origem dos homens e foram interpretadas filosoficamente pelos sábios do povo hebreu.

50. Em seguida, limitando-se a enunciá-las, reúne as *diferenças das opiniões sobre a origem do mundo e dos homens, defendidas pelos antigos e diz que Moisés e os profetas que nos legaram seus escritos, compuseram, na ignorância da natureza do mundo e dos homens, as piores banalidades*. Ora, se ele tivesse dito em que sentido as divinas escrituras lhe parecem as piores banalidades, eu teria tentado refutar os argumentos plausíveis que lhe pareciam provar que se trata das piores banalidades. De fato, usando do mesmo procedimento, direi gracejando que Celso, na sua ignorância da natureza do sentido

e da doutrina entre os profetas, compôs as piores banalidades, que ele, presunçosamente, intitulou de *Discurso verdadeiro*.

A respeito dos dias da criação, como se ele tivesse ideias claras e precisas, objeta que alguns ocorreram antes da existência da luz, do céu, do sol, da lua, das estrelas e outros depois desta criação. Eu lhe replicarei por esta simples observação: Moisés acaso tinha esquecido o que acabava de dizer, que o mundo foi criado em seis dias, para acrescentar por esquecimento: “Eis o livro da descendência de Adão, o dia em que Deus criou o céu e a terra” (Gn 5,1; 2,4)? Mas não há possibilidade nenhuma de que Moisés, depois do que dissera dos seis dias, tivesse podido acrescentar sem nada ter compreendido: “o dia em que Deus criou o céu e a terra” (Gn 1,1). Se pensarmos que estas palavras podem se referir ao texto: “No princípio, Deus criou o céu e a terra”, saibamos que as palavras: “No princípio, Deus criou o céu e a terra” vêm antes das palavras: “Haja luz, e houve luz” e “Deus chamou à luz ‘dia’” (Gn 1,3.5).

51. Não é o lugar aqui de expormos a doutrina sobre os seres inteligíveis e os seres sensíveis, e a maneira como as naturezas dos dias foram repartidas entre estas duas espécies, nem de examinarmos os textos detalhadamente. Para explicar o relato mosaico da criação, seria preciso um longo comentário: fiz da melhor forma possível, muito antes de emprender este tratado contra Celso, discutindo durante vários anos segundo minha capacidade de então os seis dias do relato mosaico da criação do mundo. Entretanto, é preciso saber que o logos promete ao justo por Isaías que ainda haverá dias para a restauração em que “o Senhor” mesmo e não mais o sol será “tua luz para sempre, e o teu Deus será o teu esplendor” (Is 60,19). Mas, tendo compreendido mal, penso eu, uma seita perniciosa que explica erradamente a passagem “haja luz!” como se fosse um desejo da parte do criador, Celso acrescentou: *todavia, não é à maneira como alguém acende sua lamparina na do vizinho que o criador tomou emprestado do alto a luz!* E por ter compreendido mal uma outra seita ímpia, ele ainda diz: *Se houvesse um deus maldito inimigo do grande Deus, criando contra sua vontade, por que lhe emprestaria ele sua luz?* Longe de mim a ideia de responder a estas críticas! Quero ao contrário convencer mais claramente estas pessoas de erro e me levantar, não à maneira de Celso contra as suas afirmações de que não tenho conhecimento, mas contra as que eu conheço com precisão, quer por tê-las ouvido deles mesmos, quer por ter lido cuidadosamente seus tratados.

52. Depois disso, Celso declara: *De minha parte, nada digo agora das hipóteses sobre a origem do mundo e sua destruição: seja ele incriado e incorruptível, ou criado mas incorruptível, ou o contrário.* Também não falo agora desta matéria, pois este tratado não o exige. Mas não queremos dizer que o *Espírito do Deus supremo tenha vindo aos homens deste mundo como a estranhos*, dizendo que “o Espírito de Deus pairava sobre as águas” (Gn 1,2); tampouco se afirma que tenha havido *coisas criadas pela astúcia de um demiurgo distinto do grande Deus, contra seu Espírito, que o Deus de cima o suportava e que elas tinham que ser destruídas*. Boa ocasião, portanto, aos autores de tais discursos e a Celso que os reprova sem competência! Na verdade, deveria ou não fazer qualquer menção a esses assuntos, ou então, na medida em que ele acreditava prestar serviço aos homens, fazer deles uma exposição conscienciosa e atacar o que suas palavras têm de ímpio. Jamais também ouvi dizer que o *grande Deus, depois de ter dado seu Espírito ao demiurgo, lho tenha pedido de volta*.

Em seguida, a estas palavras ímpias: *Que Deus dá alguma coisa para a pedir de volta?* ele objeta tolamente: *Peça de volta quem precisa. Deus não precisa de nada.* Ao que ele acrescenta esta fineza contra alguns: *Quando ele emprestava, por que ignorava que emprestava a um ser humano?* Ou ainda: *por que ignorava que ele emprestava a um ser mau?* Ou ainda: *Que razão tinha ele de permitir que se lhe opusesse o perverso demiurgo?*

53. Em seguida mistura as seitas, penso eu, e não especifica as doutrinas de uma seita e as de outra. São nossas próprias críticas a Marcião que ele nos opõe; talvez as tenha entendido mal da boca de alguns que atacam a doutrina de maneira vulgar e trivial, e certamente sem nenhuma inteligência. Ele cita, pois, os ataques feitos a Marcião e, deixando de indicar que fala contra Marcião, declara: *Por que mandar secretamente destruir as obras do demiurgo? Por que a irrupção clandestina, a sedução, o embuste? Por que ressuscitar as almas que, segundo vós, o demiurgo condenou ou, se malditas, raptá-las como um mercador de escravos? Por que ensinar-lhes a fugir de seu Senhor? Por que a fugir de seu Pai? Por que adotá-los contra a vontade do Pai? Por que se proclamar o Pai de filhos estranhos?* A isso ele acrescenta, fingindo surpresa: *O belo deus, na verdade, que deseja ser o pai de pecadores condenados por um outro, de indigentes ou, como eles mesmos dizem, de detritos! O deus incapaz de repreender e punir aquele que ele enviou para os extorquir!*

Depois disso, como a se dirigir a nós que confessamos que este mundo não é obra de *um deus estranho ou hostil*, afirma: *Se estas obras são de Deus, como podia ele criar o mal? Como é incapaz de persuadir, de repreender? Como ele pode, quando os homens se tornam ingratos e perversos, se arrepender, reprovar e odiar sua obra, ameaçar e destruir seus próprios filhos? Do contrário, para onde poderá ele relegá-los fora deste mundo que ele mesmo criou?* Também aí, por deixar de elucidar a questão do mal, quando até entre os gregos existem diversas escolas sobre o bem e o mal, ele me parece cometer uma petição de princípio: de nossa afirmação que este mundo é obra do Deus supremo assim como ele é, Celso conclui que, segundo nós, Deus seria o autor do mal.

Como quer que seja a questão do mal, quer vejamos nela a obra de Deus ou uma consequência das obras primárias, eu me admiraria muito se a conclusão “Deus criou o mal”, que ele acredita tirar de nossa afirmação de que este mundo é obra do Deus supremo, não resultasse daquilo que ele mesmo sustenta. Pois poderíamos dizer a Celso: se estas obras são de Deus, como podia ele criar o mal? Como é ele incapaz de persuadir, de repreender? O vício capital de uma argumentação é tachar de tolice as opiniões do adversário, quando por suas doutrinas se merece muito mais a mesma censura.

54. Vejamos, pois, brevemente a questão do bem e do mal à luz das divinas escrituras, e a resposta a dar à objeção: Como Deus podia criar o mal? Como é incapaz de persuadir, de repreender? Segundo as divinas escrituras, o bem em sentido próprio consiste nas virtudes e nas ações virtuosas, e o mal em sentido próprio, em suas contrárias. Eu me contentarei aqui com as palavras do Salmo 33 que confirmam este ponto: “Nenhum bem falta aos que procuram ao Senhor. Filhos, vinde escutar-me, vou ensinar-vos o temor do Senhor. Qual o homem que deseja a vida e quer a longevidade para ver o bem? Preserva tua língua do mal e teus lábios de falarem falsamente. Evita o mal e pratica o bem, procura a paz e segue-a” (Sl 33,11-15). Realmente, a ordem “evita o mal e pratica o bem” não tem em vista nem o bem nem o mal físicos, como alguns os chamam, nem as coisas exteriores, mas o bem e o mal da alma. Pois justamente, aquele que se desviou deste gênero de mal e realizou este gênero de bem por desejo da vida verdadeira chegará a ele; “Aquele que deseja ver dias felizes” (Mt 4,2), em que o logos é o sol de justiça, chegará até eles, libertando-o Deus “do mundo presente que é mau” (Gl 1, 4) e de seus dias maus de que dizia Paulo: “Aproveitai o tempo presente, porque os dias são maus” (Ef 5,16).

55. Mas veríamos, no sentido próprio, que, na ordem das coisas físicas e exteriores, o que concorre para a vida natural é julgado um bem, e aquilo que a ela se opõe é julgado um mal. Desta forma diz Jó a sua mulher: “Se recebemos o bem da mão do Senhor, não deveríamos receber também o mal?” (Jó 2,10). Assim sendo, encontramos nas divinas escrituras esta passagem atribuída a Deus: “Eu asseguro

o bem-estar e crio a desgraça” (Is 45,7), e esta outra onde se diz dele: “A desgraça desceu do Senhor até à porta de Jerusalém, ruído de carros e cavaleiros” (Mq 1,12-13). Esses textos perturbaram a não poucos leitores da escritura, incapazes de discernir o que ela designa por bem e por mal. Daí provém sem dúvida a objeção de Celso: Como podia ele criar o mal? Ou então, formulou a objeção por causa de uma explicação simplista destas passagens.

Nós, porém, dizemos: Deus não criou o mal, a maldade, as ações que dele procedem. Pois se Deus tivesse criado o mal verdadeiro, como então seria possível pregar com coragem o juízo, anunciar que os maus serão punidos por suas ações más e em proporção com seus pecados, e que aqueles que tiverem levado uma vida virtuosa ou realizado atos de virtude serão felizes e receberão a recompensa divina? Sei perfeitamente que aqueles que ousam pretender que o mal igualmente provém de Deus alegarão alguns textos da escritura. Mas não podem mostrar uma sequência coerente da escritura. Ela acusa os pecadores e aprova os homens de bem, mas não tem estas expressões em número bastante grande que cheguem a perturbar os leitores ignorantes da escritura divina. Citar aqui estas passagens perturbadoras que são numerosas e as interpretar exigiria uma longa explicação, que não julgo adequada no presente tratado.

Portanto, tomando o termo em sentido próprio, Deus não criou o mal: é uma consequência de suas obras originais e em pequena quantidade comparado com a ordem do universo; um pouco como as aparas em espiral e a serragem de madeira resultam do trabalho original do marceneiro, e como os escombros, os detritos caídos das pedras e da poeira junto às casas parecem trabalho dos construtores.

56. Mas, tomando o termo em sentido impróprio de males físicos e exteriores, concordamos que às vezes Deus cria um certo número que ele utiliza para a conversão. E que haverá de absurdo nesta doutrina? Se entendemos por males em sentido impróprio as penas que os pais, os mestres e pedagogos aplicam àqueles que eles educam, ou os médicos àqueles que eles amputam ou cauterizam para os curar, podemos dizer que o pai faz mal a seus filhos como os mestres, os pedagogos ou os médicos, sem acusar de modo algum aqueles que eles batem ou amputam. Desta forma, a doutrina nada tem de absurdo quando a escritura diz que Deus aplica semelhantes tratamentos para converter e curar aqueles que precisam dessas penas, nem quando diz que “a desgraça desceu do Senhor até à porta de Jerusalém” (Mq 1,12), pois esses males consistem nas penas infligidas pelos inimigos para a conversão; ou que ele castigue “com a vara as iniquidades” daqueles que transgrediram a lei de Deus “e suas culpas com açoites” (Sl 88,33.31); ou quando Deus diz: “Tu tens carvões de fogo; senta-te sobre eles, será teu socorro” (Is 47,14-15). Desta maneira também explicamos: “Asseguro o bem-estar e crio a desgraça” (Is 45,7). Ele cria os males físicos e exteriores para purificar e para elevar os que recusaram a educação por uma doutrina e um ensinamento sadios. Eis o que podemos dizer para responder à sua pergunta: Como Deus podia criar o mal?

57. À pergunta seguinte: Como era ele incapaz de persuadir, de repreender?, já respondemos que se é uma acusação, a frase de Celso pode ser dirigida a todos os que admitem a providência. Podemos responder que Deus não é incapaz de repreender: ele censura por toda a escritura e por aqueles que, com a graça de Deus, ensinam os ouvintes, a menos que se dê ao termo “repreender” o sentido especial de conseguir fazer ouvir daquele que é repreendido a palavra do mestre, o que é uma noção estranha ao sentido consagrado pelo uso.

À objeção: Como é ele incapaz de persuadir? que podemos também dirigir a todos os que admitem a providência, eis a resposta: uma vez que “deixar-se persuadir” parece pertencer aos verbos chamados reflexivos, como no caso daquele que é tosquiado entregar-se à ação do tosquiador, por esta razão não implica apenas a atividade daquele que persuade, mas também, por assim dizer, a submissão

àquele que persuade ou a aceitação de suas palavras. Por isso se deve dizer, daqueles que não são persuadidos, que a persuasão lhes falta, não porque Deus não possa persuadir, mas porque eles não aceitam as palavras persuasivas de Deus.

Sem erro, poderíamos dizer a mesma coisa daqueles que chamamos “artífices da persuasão”. Pois, pode fracassar neste intento até mesmo quem possui a fundo os preceitos da retórica e a usa como se deve e tudo faz para persuadir, sem obter a adesão daquele que deve ser persuadido. O fato é que, se a força persuasiva das palavras vem de Deus, a persuasão, em si, não vem de Deus. É esta a lição expressa por Paulo: “Esta persuasão não vem daquele que vos chama” (Gl 5,8); este é também o sentido das palavras: “Se estiverdes dispostos a me ouvir, comereis o fruto precioso da terra. Mas se vos recusardes e vos rebelardes, sereis devorados pela espada” (Is 1,19-20). Realmente, para querer o que diz a pessoa que repreende e, obedecendo a ela, merecer as promessas divinas, é preciso a livre determinação do ouvinte e o assentimento ao que é dito. Por isso foram ditas, me parece, estas palavras solenes no Deuteronômio: “E agora, Israel, que é que o Senhor teu Deus te pede? Apenas que temas o Senhor teu Deus, andando em seus caminhos, e o ames, servindo o Senhor teu Deus com todo o teu coração e com toda a tua alma, e que observes os mandamentos do Senhor?” (Dt 10,12-13).

58. Devemos a seguir responder à pergunta: Como pode ele, quando os homens se tornam ingratos e perversos, arrepender-se, reprovar e odiar sua obra, ameaçar e destruir seus próprios filhos? É uma falsificação caluniosa do texto do Gênesis que diz: “O Senhor viu que a maldade do homem era grande sobre a terra, e que era continuamente mau todo desígnio de seu coração. O Senhor arrependeu-se de ter feito o homem sobre a terra, e afligiu-se o seu coração. E disse o Senhor: ‘Farei desaparecer da superfície do solo os homens que criei — e com os homens os animais, os répteis e as aves do céu —, porque me arrependo de os ter feito’” (Gn 6,5-7). Sobre as expressões que parecem atribuir a Deus paixões humanas, já me estendi longamente acima.

59. Em seguida, suspeitando ou talvez compreendendo também ele o que se pode dizer para justificar a destruição dos homens pelo dilúvio, Celso objeta: Se ele não destrói seus próprios filhos, para onde poderá expulsá-los deste mundo que ele mesmo criou? Respondo: Deus absolutamente não expulsa do conjunto do mundo, formado pelo céu e pela terra, as vítimas do dilúvio, mas as retira desta vida na carne: e ao libertá-las de seu corpo, também as liberta ao mesmo tempo da existência na terra, comumente chamada de mundo em muitas passagens das escrituras. É sobretudo no evangelho segundo João que encontramos muitas vezes este lugar terrestre chamado de mundo, como nestas passagens: “Ele era a luz verdadeira que ilumina todo homem que vem a este mundo”; “No mundo tereis tribulações; mas tende coragem: eu venci o mundo” (Jo 1,9; 16,33). Se, portanto, se entende a expressão “expulsar do mundo” referindo-a a este lugar terrestre, não há nenhum absurdo em dizê-lo. Mas se chamarmos mundo o sistema formado pelo céu e a terra, as vítimas do dilúvio não são absolutamente expulsas para fora do mundo assim entendido. Todavia, considerando os versículos: “Não olhamos para as coisas que se veem, mas para as que não se veem” (2Cor 4,18), “Sua realidade invisível — seu eterno poder e sua divindade — tornou-se inteligível” (Rm 1,20), poderíamos dizer: quem se ocupa das realidades invisíveis, geralmente chamadas “aquilo que não percebemos”, se afasta do mundo, pois o logos o retira deste mundo e o transporta ao lugar supraceleste para contemplar suas belezas.

Os dias da criação

60. Depois da passagem examinada, como querendo engrossar seu livro com qualquer palavrório, ele

faz com outros termos observações análogas às que examinamos um pouco mais acima: *Porém, a mais bela tolice é dividir a formação do mundo em vários dias antes que houvesse dias! De fato, não tendo sido criado ainda nem o céu, nem a terra firme, nem o sol em revolução em volta dela, como poderia haver dias? Que diferença haverá entre aquelas palavras e estas: Mas ainda, retomando as coisas ditas acima, examinemos como não seria nada absurdo que o primeiro e máximo Deus ordene que esta coisa exista, ou aquela outra, e produza no primeiro dia somente uma coisa, no segundo novamente alguma coisa mais, e da mesma forma no terceiro, no quarto, no quinto e no sexto.*

Demos a resposta que podíamos à sua fórmula. Deus ordena que esta coisa exista, ou aquela, ou aquela outra, citando o texto: “Porque ele disse e elas foram feitas, ele ordenou e elas foram criadas” (cf. Sl 32,9; 148,5), explicando que o criador imediato do mundo e por assim dizer seu artífice em pessoa é o logos Filho de Deus, mas o Pai do logos, por ter ordenado ao logos seu Filho que criasse o mundo, é o primeiro criador.

Quanto à produção da luz, no primeiro dia; à do firmamento, no segundo; no terceiro, ao ajuntamento em seus reservatórios “das águas que estão sob o céu”, permitindo à terra fazer germinar o que é do domínio unicamente da natureza; à produção, no quarto, dos “grandes luminares e estrelas”; à dos animais aquáticos, no quinto; e no sexto, à dos animais terrestres e do homem, desenvolvi tudo isso da melhor forma possível em meu Comentário sobre o Gênesis. E acima critiquei a interpretação superficial daqueles que afirmam que a criação do mundo se deu numa duração de seis dias, quando citei o texto: “Essa é a história do céu e da terra, quando foram criados” (Gn 2,4).

Antropomorfismos

61. Em seguida, Celso não compreendeu a passagem: “Deus concluiu no sexto dia a obra que fizera e no sétimo dia parou, depois de toda obra que fizera. Deus abençoou o sétimo dia e o santificou, pois parou depois de toda a sua obra da criação” (Gn 2,2-3). Ele, portanto, imaginou que “no sétimo dia parou” tem o mesmo sentido que “no sétimo dia repousou”, e diz: *Depois deste trabalho, portanto, como um operário muito mau, ficou prostrado de fadiga e teve necessidade de repouso para se recuperar.* É porque ele ignorava o sentido que tinha, depois da criação do mundo que ele realiza enquanto dura o mundo, o dia do sábado e da suspensão do trabalho de Deus; dia que aqueles que tiverem realizado todas as suas obras durante os seis dias festeja-rão junto com Deus e, não tendo omitido nada de seus deveres, elevar-se-ão à contemplação de Deus e à assembleia dos justos e dos bem-aventurados que nela tomam parte.

Em seguida, como se a afirmação da escritura ou nossa interpretação fosse que Deus, cansado, repousou, ele declara: *Não é permitido dizer que o Deus primeiro se cansa, nem que ele trabalha com suas mãos, nem que ele dá ordens.* Celso, portanto, declara que não é permitido dizer que o Deus primeiro se cansa. Mas direi que nem o logos de Deus se cansa, nem aqueles que já estão na ordem superior e divina. Pois só existe fadiga para aqueles que estão num corpo. Poderíamos verificar se se trata de seres que têm qualquer corpo ou daqueles que têm um corpo terrestre e ligeiramente superior ao nosso. Além disso, não é permitido dizer que o Deus primeiro trabalha com suas mãos; e se entendermos “trabalhar com suas mãos” em sentido próprio, não podemos entender isto do segundo, nem de qualquer outro ser divino. Mas supondo que a expressão “trabalhar com suas mãos” seja entendida em sentido impróprio ou figurado para explicar: “o firmamento proclama a obra de suas mãos”, “o céu é obra de suas mãos” (Sl 18,2; 101,26), e qualquer outra semelhante em que entendemos em sentido figurado as mãos e os membros de Deus, que há de absurdo em dizer neste sentido que Deus trabalha com suas mãos? E como não é absurdo dizer neste sentido que Deus

trabalha com suas mãos, tampouco o é dizer que ele ordena que as obras realizadas por aquele a quem ele ordena sejam belas e louváveis, porque Deus é quem lhas ordenou.

62. Talvez por um equívoco sobre o sentido das palavras: “Eis o que a boca do Senhor falou” (Is 1,20), ou talvez por causa da interpretação temerária dada pelos simples a semelhantes textos, Celso não captou em que sentido se aplica aos poderes de Deus o que os nomes dos membros exprimem, e diz: *Deus não tem nem boca nem voz. É verdade que Deus não teria voz, se a voz não fosse senão o ar em vibração ou um estremecimento do ar ou uma espécie de ar ou qualquer outra realidade que os homens competentes atribuem à voz na matéria. Mas esta voz de Deus é apresentada como uma voz de Deus vista pelo povo na passagem: “Todo o povo via a voz de Deus” (cf. Ex 20,18), em que a palavra “via” é compreendida no sentido espiritual conforme o uso constante da escritura. Ele acrescenta: Em Deus nada existe de diferente das coisas que conhecemos; mas ele não explica estas coisas que conhecemos. Caso se trate de membros, estamos de acordo com ele, subentendendo: coisas que conhecemos corporalmente, na acepção mais comum dos termos. Mas, entendendo “as coisas que conhecemos” em geral, conhecemos muito daquilo que se lhe atribui: sua virtude, sua bem-aventurança, sua divindade. Tomando “as coisas que conhecemos” no sentido mais elevado, como Deus ultrapassa tudo o que conhecemos, nada existe de absurdo em admitirmos também nós que em Deus nada existe diferente das coisas que conhecemos. Pois os atributos de Deus são superiores a tudo que é conhecido não só pela natureza do homem, mas também pela dos seres que a ultrapassam. Mas se ele tivesse lido as palavras dos profetas, de Davi: “Mas tu és sempre o mesmo”, e de Malaquias, creio eu: “Eu jamais mudo” (Sl 101,28; Ml 3,6), teria visto que nenhum de nós diz que existe mudança em Deus, nem em ação, nem em pensamento. É permanecendo “o mesmo” que ele governa as coisas que mudam, segundo sua natureza, e como a própria razão exige que elas sejam governadas.*

63. Celso não viu a diferença que existe entre as expressões “à imagem de Deus” (Gn 1,27) e “sua imagem” (Cl 1,15): a imagem de Deus é “primogênito de toda criatura”, o logos em pessoa, a verdade em pessoa, e ainda a sabedoria em pessoa, “imagem de sua bondade” (Sb 7,26); ao passo que o homem foi criado “à imagem de Deus”, e além disso todo homem de que Cristo “é a cabeça” é imagem e glória de Deus (1Cor 11,3.7). Ele nem sabia em que parte do homem se imprime um caráter “à imagem de Deus”: é na alma que não teve ou que não tem mais “o velho homem com suas ações” e, porque ela não os tem, possui a qualidade de ser “à imagem” do criador. Ele então diz: *Deus também não fez o homem à sua imagem; pois ele não é como o homem e não se parece com nenhuma outra forma.* Mas acaso se poderia crer que, na parte inferior do composto humano, quero dizer no corpo, existe o que é “à imagem de Deus” e que, como Celso compreendeu, o corpo seja “à sua imagem”? Pois se aquilo que é “à imagem de Deus” está apenas no corpo, o elemento superior, a alma, encontra-se privado daquilo que é “à imagem” e encontra-se no corpo corruptível: ninguém de nós pretende isso. Mas se aquilo que é “à imagem de Deus” encontra-se nos dois juntamente, é necessário que Deus seja composto e por assim dizer seja constituído ele mesmo de uma alma e de um corpo, para que o elemento superior que é “à imagem” esteja na alma, e que o inferior correspondente ao corpo esteja no corpo: ninguém de nós pretende isso. Resta então compreender que aquilo que é “à imagem de Deus” realiza-se naquilo que chamamos o homem interior, renovado, apto a vir a ser “à imagem do criador” (Ef 3,16), quando o homem se torna “perfeito como o Pai celeste é perfeito” (Mt 5,48); quando ele ouve: “Sereis santos, porque eu sou santo” (Lv 11,45); quando é instruído sobre o mandamento: “Sede imitadores de Deus” (cf. Ef 5,1) e recebe em sua alma virtuosa os traços de Deus. Então igualmente o corpo daquele que recebeu os traços de Deus na parte que é feita “à imagem de Deus” é “um templo” (cf. 1Cor 6,19; 3,16), pois ele possui uma alma desta qualidade e na alma, Deus, por causa do

elemento “à sua imagem”.

64. Novamente Celso acumula suas observações apresentando como concedido por nós o que nenhum cristão inteligente aceita. Pois ninguém de nós diz que *Deus participa da figura e da cor*. Menos ainda *participa do movimento*, pois em sua natureza firme e estável, convida igualmente o justo a se parecer com ele neste ponto: “Tu, porém, permanece aqui comigo” (Dt 5,31). E se algumas expressões parecem lhe atribuir movimento, como esta: “Eles ouviram o passo do Senhor Deus que passeava no jardim à brisa do dia”, é preciso compreender estas expressões no sentido que os pecadores imaginavam a Deus em movimento, ou se deverá entender estas palavras em sentido figurado, como o sono de Deus, sua cólera ou qualquer outra coisa do mesmo gênero.

É verdade que *Deus não participa do ser*. Ele é participado mais do que participa, e é participado por aqueles que têm “o Espírito de Deus”. E nosso salvador não participa da justiça mas, sendo “justiça”, ele é participado pelos justos. Entretanto, seria preciso elaborar uma doutrina profunda e árdua sobre a essência, sobretudo a essência propriamente dita, permanente e incorpórea; e isto para descobrir se Deus “está para além da essência em dignidade e em poder” e faz participar da essência aqueles que ele torna participantes segundo seu logos e seu próprio logos; ou então se ele mesmo é uma essência, embora seja chamado invisível por sua natureza nas palavras que ele afirma do salvador: “Ele é a imagem do Deus invisível” (Cl 1,15), e em que esta palavra “invisível” significa que ele é incorpóreo. Ainda se deveria investigar se o Filho único, primogênito de toda criatura, deve ser chamado essência das essências, ideia das ideias, e princípio, enquanto Deus seu Pai está cima de tudo isso.

65. Celso afirma de Deus: *Tudo é dele*, embora, não sei por quê, tenha separado tudo dele. Mas nosso Paulo diz: “Tudo é dele, por ele e para ele”, mostrando pelas expressões “dele” que ele é o princípio da realidade do todo, “por ele” que ele é seu apoio, “para ele” que ele é seu fim. É verdade que *Deus não saiu do nada*. Mas quando afirma: *Ele é inacessível ao logos*, distingo. Mas considerando as palavras: “No princípio era o logos e o logos estava com Deus, e o Logos era Deus” (Jo 1,1), afirmo que Deus é acessível a este logos, que ele é compreendido, não por ele só, mas por todo homem a quem ele revela o Pai, e provo a mentira da alegação de Celso: Deus é inacessível ao logos.

Impõe-se também uma distinção acerca de sua observação: *Ele não pode ser chamado pelo nome*. Se ele quiser dizer que nenhuma das descrições por meio de palavras ou de expressões pode mostrar os atributos de Deus, a afirmação é verdadeira, pois um bom número de qualidades também não pode ser chamado pelo nome. Portanto, quem pode traduzir por nomes diferentes a diferença de qualidade entre a doçura de uma tâmara e a de um figo? E quem pode por um nome mostrar a qualidade própria de cada ser? Assim sendo, não admira se nesse sentido Deus não pode ser chamado pelo nome. Mas se dizemos que ele pode ser chamado pelo nome no sentido de que podemos indicar alguma coisa de seus atributos para guiar o ouvinte e levá-lo a compreender sobre Deus, na medida em que Deus é acessível à natureza humana, alguns de seus atributos, nada há de absurdo em se dizer que ele pode ser chamado pelo nome.

Distinguiremos da mesma forma a asserção: *Ele não experimenta nada daquilo que os nomes exprimem*. E é verdade também que *Deus está isento de toda paixão*. Mas basta sobre este ponto.

Conhecimento de Deus

66. Vejamos a passagem que segue. Ela parece colocar em cena um personagem que, depois de ter ouvido estas palavras, perguntaria: *Como poderei conhecer a Deus? Como aprender o caminho que*

leva ao alto? Como me mostras isto? Pois no momento é a escuridão que espalhas diante de meus olhos e nada posso ver distintamente. Em seguida, ele esboça uma resposta a semelhante dificuldade, e, crendo explicar a escuridão que ele espalhou diante dos olhos daquele que acaba de falar, diz: *Aqueles que nós conduzimos das trevas a uma luz resplandecente, sem poder suportar seus raios, têm os olhos ofuscados e enfraquecidos e se julgam cegos.* Responderemos: estão sentados nas trevas e nelas permanecem aqueles que restringem seu olhar apenas a todas as obras más dos pintores, modeladores, escultores, sem querer olhar mais alto e se elevar pelo espírito do visível e de tudo que é sensível até ao criador do universo que é luz. Mas encontra-se na luz aquele que segue os raios do logos, pois o logos mostrou que ignorância, impiedade e falta de conhecimento sobre a divindade conduzem a adorar estas coisas em lugar de Deus; e ele guiou até ao Deus incriado supremo o espírito de quem quiser ser salvo. “Pois o povo que jazia nas trevas”, os gentios, “viu uma grande luz, aos que jaziam na região sombria da morte, surgiu uma luz” (Mt 4,16; Is 9,2), o Deus Jesus.

Nenhum cristão por isso responde a Celso ou a algum dos acusadores do divino logos: Como posso conhecer a Deus? Pois cada um deles, dentro de suas possibilidades, conhece a Deus. Ninguém pergunta: Como posso conhecer o caminho que leva ao alto? Pois ele ouviu aquele que diz: “Eu sou o caminho, a verdade, a vida” (Jo 14,6) e provou ao trilhar por este caminho, o benefício que esta caminhada proporciona. Nenhum cristão diria a Celso: Como mostras a Deus?

67. Nas observações anteriores de Celso, há esta verdade: ouvindo estas palavras e verificando que elas são cheias de escuridão, respondemos: é escuridão que espalhas diante de meus olhos. Sim, Celso e seus semelhantes querem espalhar a escuridão diante de nossos olhos, mas nós, pela luz do logos, dissipamos a escuridão das doutrinas ímpias. E o cristão poderia replicar a Celso, que nada diz de distinto nem convincente: Nada posso ver de distinto em tuas palavras. Celso, portanto, não nos conduz das trevas à plena luz, mas quer fazer-nos passar da luz às trevas; pois ele fez das trevas a luz e da luz as trevas, e é atingido pelo excelente oráculo de Isaías: “Ai dos que ao mal chamam bem e ao bem mal” (Is 5,20). Quanto a nós, porém, uma vez que o logos nos abriu os olhos da alma e vemos a diferença entre a luz e as trevas, estamos determinados a permanecer de qualquer modo na luz e rejeitamos qualquer contato com as trevas. A luz verdadeira, uma vez animada, conhece aqueles aos quais é preciso mostrar o brilho, e aqueles aos quais deve mostrar a luz, sem ela mesma lhes apresentar seu esplendor por causa da fraqueza que ainda afeta seus olhos.

Se devemos falar em geral de uma vista ofuscada e enfraquecida, a quem mais atribuir esta doença dos olhos senão àquele que é retido pela ignorância de Deus, e impedido por suas paixões de ver a verdade? Os cristãos estão, pois, bem longe de crer que as palavras de Celso ou de algum inimigo da religião hão de cegá-los. Aqueles que percebem que se cegaram a si mesmos seguindo as massas dos extraviados e as nações daqueles que celebram festas em honra dos demônios precisam apenas se aproximar do logos que concede os olhos: e como os pobres e os cegos que se prostravam à beira do caminho foram curados por Jesus por terem dito: “Filho de Davi, tem piedade de nós!” (Mt 20,31), eles obterão misericórdia e receberão os olhos novos e sadios, como o logos de Deus pode criá-los.

68. Por isso, se Celso nos pergunta *como pensamos aprender a conhecer a Deus e encontrar a salvação junto dele*, responderemos: o logos de Deus é capaz, vindo àqueles que o procuram e o recebem quando ele aparece, de fazer conhecer e revelar seu Pai, invisível antes de sua vinda. Quem mais pode salvar e conduzir ao Deus supremo a alma do homem senão o Deus logos? “No princípio ele estava com Deus” (Jo 1,1), mas por causa daqueles que se apegaram à carne e se tornaram carne, “ele se fez carne” (Jo 1,14), para poder ser recebido por aqueles que eram incapazes de vê-lo enquanto era o logos que estava com Deus e era Deus. Expresso em termos corporais e pregado como carne, ele

chama a si aqueles que são carne para torná-los conformes ao logos que se fez carne, e em seguida fazê-los subir, para que o vejam assim como era antes de se tornar carne; de tal modo que recebem este benefício, se elevam a partir desta iniciação segundo a carne e podem dizer: “Mesmo se conhecemos a Cristo segundo a carne, agora já não o conhecemos assim” (2Cor 5,16). Portanto, “ele se fez carne”, e, feito carne, habitou entre nós e não longe de nós. Tendo habitado e vivido entre nós, não ficou em sua primeira forma; ele nos fez subir “a alta montanha” espiritual, nos mostrou sua forma gloriosa e o brilho de suas vestes: não somente aquela forma que lhe é própria, mas também a da lei espiritual, a de Moisés que apareceu na glória com Jesus. Ele nos mostrou igualmente toda a profecia, que não morreu depois da encarnação, mas foi transportada ao céu e é simbolizada por Elias. Quem contemplou tal espetáculo pode dizer: “E nós vimos sua glória, glória que ele tem junto ao Pai como Filho único, cheio de graça e de verdade” (Jo 1,14). É pois muito simplista a resposta que, segundo Celso, nós daríamos à sua pergunta: Como pensamos nós aprender a conhecer a Deus e encontrar a salvação junto dele? Pois nossa resposta está no que precedeu.

Deus é espírito

69. Contudo, Celso nos atribui a réplica seguinte, confessando *fazer uma conjetura provável sobre nossa resposta: Como Deus é grande e difícil de ser contemplado, ele introduziu seu próprio espírito num corpo semelhante ao nosso e o enviou a esta terra para que pudéssemos entendê-lo e receber suas lições.* Mas, conforme o que afirmamos, o Deus e Pai de todas as coisas não é o único a ser grande: ele fez participar de si mesmo e de sua grandeza seu Filho único, “primogênito de toda criatura”, para que, sendo ele mesmo “imagem do Deus invisível” (Cl 1,15), conservasse a imagem do Pai, mesmo em grandeza. Pois era impossível que uma bela imagem, proporcionada por assim dizer ao Deus invisível, não apresentasse igualmente a imagem de sua grandeza.

Além disso, segundo o que afirmamos, Deus, não sendo um corpo, é invisível. Mas através daquele que se entrega à contemplação, ele pode ser contemplado com o coração, quer dizer, com o espírito, e não com qualquer coração, mas com o coração puro. Pois não é permitido que o coração manchado veja a Deus, mas é preciso a pureza para se poder dignamente contemplar aquele que é puro. Concordemos além disso que Deus é difícil de ser contemplado. Não é o único difícil de ser contemplado: seu Filho também o é. Pois o Deus logos é difícil de ser contemplado; e também é difícil de ser contemplada a sabedoria na qual Deus fez todas as coisas. Quem de fato pode contemplar em cada parte do universo a sabedoria na qual Deus fez cada parte do universo? Não é porque é difícil de ser contemplado que Deus enviou seu Filho que seria fácil de contemplar. É por não tê-lo compreendido que Celso nos faz dizer: Porque é difícil de ser contemplado, ele introduziu seu próprio espírito num corpo semelhante ao nosso e o enviou a este mundo para que pudéssemos ouvi-lo e receber suas lições. Mas, como ficou mostrado, o Filho também é difícil de ser contemplado, uma vez que ele é o Deus logos por quem tudo foi feito, ele que “habitou entre nós” (Jo 1,14).

70. Se Celso tinha compreendido o que dizemos sobre o Espírito de Deus, e que “todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus” (Rm 8,14), ele não nos teria atribuído a declaração: Deus introduziu seu próprio espírito num corpo e o enviou a este mundo. Deus, com efeito, a quem é capaz de recebê-lo comunica continuamente seu próprio Espírito, que habita naqueles que são dignos dele, sem sofrer corte ou divisão. Pois o Espírito, segundo dizemos, não é um corpo, como não é um corpo aquele fogo que designa Deus segundo o texto: “Nosso Deus é um fogo devorador” (Dt 4,24; 9,3). São tantas ex-pressões figuradas para designar a natureza inteligível por meio de termos habitualmente aplicados aos corpos.

Dizer que os pecados são madeira, erva ou palha não quer dizer que os pecados sejam corpos, e dizer que as boas ações são ouro, prata, pedras preciosas não significa que as boas ações sejam corpos; desta forma, as palavras: “Deus é um fogo que devora a madeira, a erva e a palha” e toda realidade de pecado, não quer fazer pensar que Deus seja um corpo. E como chamá-lo “fogo” não é entender que ele seja um corpo, da mesma forma dizer que Deus é espírito não quer dizer que ele seja um corpo. É para contrapô-los às coisas sensíveis que a escritura costuma chamar espíritos e espirituais as realidades inteligíveis. Por exemplo, quando Paulo diz: “Mas é de Deus que vem nossa capacidade. Foi ele quem nos tornou aptos para sermos ministros de uma aliança nova, não da terra, e sim do Espírito, pois a letra mata, mas o Espírito comunica a vida” (2Cor 3,5-6), ele chamou de interpretação sensível das divinas escrituras “a letra”, e “o espírito” de interpretação inteligível.

O mesmo acontece com a expressão “Deus é espírito”. Como os samaritanos e os judeus praticavam os preceitos da lei segundo a letra e em figuras, disse o salvador à samaritana: “Vem a hora em que nem sobre esta montanha nem em Jerusalém adorareis o Pai. Deus é espírito e aqueles que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade” (Jo 4,21.24). Com isto nos ensinou que não se deve adorar a Deus carnalmente, nem com vítimas carnis, mas “em espírito”. Realmente, ele mesmo será compreendido como Espírito na medida em que lhe for prestada adoração inteligível e “em espírito”. Além disso, não é mais em figuras que se deve adorar o Pai, mas na verdade que veio por meio de Cristo Jesus, depois que a lei foi dada por Moisés. “Pela conversão ao Senhor — e o Senhor é Espírito — cai o véu colocado sobre o coração todas as vezes que se lê Moisés” (1Cor 3,15-17).

71. Celso, portanto, não compreendeu a doutrina sobre o Espírito de Deus; “o homem psíquico não aceita o que vem do Espírito de Deus: É loucura para ele; não pode compreender, pois isso deve ser julgado espiritualmente” (1Cor 2,14). Por isso ele tira esta conclusão gratuita: *dizendo que Deus é espírito não temos a esse respeito nenhuma diferença com os estoicos entre os gregos, que afirmam que Deus é um espírito que tudo penetra e tudo contém em si mesmo*. Pois a vigilância e a providência de Deus se estendem a tudo, mas não como o espírito dos estoicos. A providência contém tudo sobre o qual provê; e ela compreende tudo, não à maneira de um corpo que contém seu conteúdo quando é também um corpo, mas também como um poder divino que compreende o que ele contém.

Os filósofos do Pórtico dizem que os princípios primeiros são corporais e, por este motivo, julgam tudo perecível; eles arriscariam mesmo tornar perecível o Deus supremo, se esta conclusão não lhes parecesse por demais absurda; se dermos crédito a eles neste ponto, até o logos de Deus descendo até os homens e às coisas mínimas nada mais é senão um espírito corpóreo. Para nós, porém, que temos por tarefa demonstrar que a alma racional é superior a toda natureza corpórea, que é uma realidade invisível e incorpórea, o logos de Deus não pode ser senão um corpo: por ele tudo foi feito e foi ele quem veio a este mundo, para que tudo fosse feito pelo logos, não apenas os homens mas também os seres considerados os menores e regidos pela natureza. Os filósofos do Pórtico têm, pois, toda liberdade de entregar tudo ao fogo abrasador! Sabemos que nenhuma realidade incorpórea está fadada ao fogo abrasador e que não podem se dissolver em fogo nem a alma do homem, nem a substância dos anjos, tronos, dominações, principados, potências.

72. Portanto, é por ignorância da doutrina sobre o Espírito de Deus que Celso faz esta observação sem valor: *Como o Filho é um espírito vindo de Deus nascido num corpo humano, o próprio Filho de Deus não pode ser imortal*. Novamente ele se embaraça e afirma que alguns de nós não admitem que Deus é espírito, mas somente seu Filho; ele acredita refutar esta opinião dizendo: *Não há espírito que tenha uma natureza que dure para sempre*. É como se, quando se afirma que “Deus é um fogo devorador” (Hb 12,29), ele objetasse: não existe fogo com uma natureza que dure para sempre. Não vê o sentido

em que afirmamos que nosso Deus é um fogo, nem o que ele consome, os pecados e o vício. Porque, depois que cada um mostrou no combate seu valor de combatente, convém a um Deus bom consumir o vício pelo fogo dos castigos.

Depois, novamente ele nos dá esta explicação: *É necessário que Deus tenha aspirado seu espírito. Daí se segue a impossibilidade para Jesus de ressuscitar com seu corpo, pois Deus não poderia ter retomado o espírito que ele deu, uma vez que foi manchado pela natureza do corpo.* Seria, portanto, tolice de nossa parte responder às palavras que nos são atribuídas gratuitamente.

O corpo de Jesus

73. E em seguida ele se repete: a propósito de um Deus que nasce de uma virgem, multiplicou ele acima suas críticas, às quais respondi da melhor forma possível; ele afirma ainda: *Se Deus quisesse fazer descer dele um espírito, que necessidade de insuflá-lo no seio de uma mulher? Ele já sabia fabricar homens, poderia formar para este espírito um corpo sem lançar seu próprio espírito numa semelhante cloaca. Assim, gerado diretamente do alto, não teria encontrado incrédulos.* Diz isto sem ter compreendido que este corpo que devia servir à salvação dos homens teria um nascimento virginal e puro, isento de toda corrupção. Citando as doutrinas dos estoicos e fingindo ignorar a tese deles sobre as coisas indiferentes, ele crê que a natureza divina é lançada numa cloaca, que é conspurcada por ter residido num corpo de mulher até a formação de um corpo pessoal ou por ter assumido um corpo. É o mesmo que dizer que os raios do sol são conspurcados nos lamaçais e nos corpos nauseabundos e não conservam sua pureza.

Seguindo a hipótese de Celso, ainda que o corpo tivesse sido formado para Jesus sem ele ter nascimento, ao vê-lo não se teria pensado que ele não tivesse tido nascimento; pois o aspecto de uma coisa não revela a natureza de sua origem. Desta forma, supondo-se que um mel não seja produzido por abelhas, ninguém poderia dizer, ao prová-lo ou ao vê-lo, que ele não vem das abelhas. Da mesma forma, aquele que vem das abelhas não revela sua origem à percepção: só a experiência mostra que ele vem das abelhas. É ainda ela que ensina que o vinho provém da vinha, o gosto não indica que ele provém da vinha. Da mesma maneira, pois, o corpo sensível não revela a maneira como ele vem à existência. Podemos acrescentar o exemplo dos corpos celestes: ao contemplá-los, percebemos sua existência e esplendor; mas certamente a percepção não nos sugere se eles são criados ou incriados. Pelo menos a questão divide as escolas, e até aqueles que dizem que eles são criados não concordam sobre o modo como se deu sua criação, pois mesmo que a razão nos force a reconhecer que eles são criados, a sua percepção não sugere a maneira como se deu sua criação.

74. Ele em seguida volta ao sistema de Marcião já abordado diversas vezes, e nos faz uma exposição em parte fiel, em parte deformada. Não é necessário responder a ela ou mesmo refutá-la. Ele emprega novamente como de costume os argumentos a favor e contra Marcião, dizendo: *Eles escapam a certas críticas, mas caem sob outras.* E quando quer apoiar a doutrina afirmando que Jesus foi predito, para atacar Marcião e seus discípulos, ele declara sem rodeios: *Como se provaria, depois que ele suportou semelhantes suplícios, que ele é o Filho de Deus, a me-nos que seus sofrimentos não tenham sido preditos?*

Então, novamente brinca e critica, à sua maneira, introduzindo *dois filhos de deuses: um, filho do demiurgo, o outro, de Deus,* segundo Marcião. *Descreve seus combates singulares, e os chama de combates de codornizes, como eram os dos deuses seus pais: tornando-se inúteis pela velhice e rabugentos, incapazes de aversão recíproca, eles deixam seus filhos combater.* Devemos então aplicar-lhe o que ele disse acima: que mulher velha, cantarolando para adormecer um bebê, não teria

vergonha de frivolidades semelhantes às suas naquilo que ele intitula *Discurso verdadeiro*? Devia ter-se oposto às doutrinas. Mas, abandonando a questão, ele graceja e faz pilhérias, acreditando escrever comédias ou outras sátiras, sem reparar que um tal método de argumentar contradiz seu propósito de nos fazer abandonar o cristianismo para adotar suas doutrinas. Apresentadas com mais seriedade, elas talvez tivessem sido mais plausíveis; mas como ele ridiculariza, graceja e faz pilhérias, devemos dizer: por falta de argumentos sérios — e realmente ele não os tinha nem os conhecia — caiu nesta profunda tolice.

75. *Em seguida ele afirma: Como o espírito divino era um corpo, pelos menos teria sido necessário que este ultrapassasse todos os outros pelo porte ou beleza ou força ou voz ou majestade ou eloquência. Pois é impossível que um corpo mais divino do que os outros não sobrepuje em nada a um outro. Mas este não sobrepujava em nada a algum outro, mas, dizem que era pequeno, feio e vulgar.* Parece novamente que quando ele quer acusar a Jesus, como ele acreditasse nas escrituras que lhe parecem fornecer matéria para suas investidas, cita algumas passagens delas; mas onde nas mesmas escrituras vemos textos contrários aos que ele transforma em acusação, ele finge nem sequer os conhecer.

Mas, segundo opinião geral, as escrituras dizem que o corpo de Jesus era feio, mas não vulgar, como explicou Celso, e não existe indicação clara de que ele fosse pequeno. Eis em que termos Isaías anuncia que ele não apareceria às multidões numa forma agradável e de beleza superior: “Senhor, quem acreditou naquilo que ouvimos, e a quem se revelou o braço do Senhor? Ele cresceu diante dele como um renovo, como raiz que brota da terra seca; não tinha beleza nem esplendor que pudesse atrair o nosso olhar, nem formosura capaz de nos deleitar. Nós o vimos, não tinha forma nem beleza; mas sua forma era desprezível, inferior à dos filhos dos homens” (Is 53,1-3). Terá Celso fixado estas palavras porque julgava-as úteis à sua acusação contra Jesus, mas não terá ele mais atentado para as palavras do Salmo 44 e à maneira como diz: “Cinge a tua espada sobre a coxa, ó valente, com majestade e esplendor estende teu arco, avança e reina” (Sl 44,4-5)?

76. Devemos concordar que ele não leu a profecia, ou que a leu mas foi confundido por aqueles que a interpretam erradamente como se não fosse uma profecia sobre Jesus Cristo: que dirá ele da própria passagem do evangelho de Jesus, “tendo subido uma alta montanha”, “foi transfigurado diante” de seus discípulos e apareceu em glória enquanto “Moisés e Elias... aparecidos em glória falavam de sua saída do mundo que ele realizaria em Jerusalém”. Que diga um profeta: “Nós o vimos, não tinha forma nem beleza” etc., Celso mesmo aceita que esta profecia se refere a Jesus, embora pareça cego em sua interpretação e não veja que, muitos anos antes de seu nascimento, a forma de Jesus foi objeto de uma profecia, e por isso constitui prova forte de que esse Jesus, apesar de aparentemente não ter forma, é o Filho de Deus. E ainda que um outro profeta fale de sua graça e de sua beleza, por que Celso não quer mais admitir que esta profecia se refira a Jesus Cristo? Se pudéssemos deduzir do evangelho que “ele não tinha forma nem beleza, mas que sua forma era desprezível, inferior à dos filhos dos homens”, concordaríamos que as afirmações de Celso se inspiram não nos profetas, mas no evangelho. Mas, de fato, como nem os evangelhos nem os apóstolos declaram que ele não tinha nem forma nem beleza, ei-lo manifestamente obrigado a admitir que a profecia se realizou em Cristo: e isto liquida as críticas contra Jesus.

77. Novamente, quando Celso afirma: Como o espírito divino estava em seu corpo, pelo menos seria preciso que este sobrepujasse todos os outros pelo porte ou beleza ou força ou voz ou majestade ou eloquência, como não vê ele que a superioridade de seu corpo era proporcionada à capacidade daqueles que o viam, e por este motivo aparecia sob a forma útil que cada visão individual requeria?

Não admira que a matéria, que por natureza é suscetível de ser alterada, mudada e transformada em tudo o que o criador quer, e capaz de receber toda qualidade ao bel-prazer do artífice, ora estivesse no estado em que se diz: “Ele não tinha forma nem beleza”, ora tão gloriosa, assombrosa e admirável que ao espetáculo de sua esplêndida beleza ele fizesse cair com o rosto em terra os três apóstolos que tinham acompanhado a Jesus (cf. Mt 17,6).

Dirá alguém: são invenções que em nada diferem das fábulas, exatamente como as outras histórias de milagres de Jesus. Respondemos longamente a isso nas páginas anteriores. Mas a doutrina tem ainda uma significação mais misteriosa: ela anuncia que as diferentes formas de Jesus tinham relação com a natureza do logos divino. Pois ele não aparece da mesma maneira às massas e àqueles que são capazes de segui-lo à alta montanha de que se falou. Para aqueles que ainda estão ao pé da montanha e ainda não estão preparados a subir até ela, o logos não tem forma nem beleza, porque para eles sua forma é desprezível e inferior aos discursos que provêm dos homens, chamados em sentido figurado na passagem “filhos dos homens”. Poderíamos dizer que os discursos dos filósofos, que são “filhos dos homens”, aparentam ser bem mais brilhantes do que o logos de Deus pregado às massas, que parece mesmo uma loucura da pregação. E por causa desta loucura aparente da pregação, os que param aí sua contemplação dizem: “Nós o vimos, não tinha nem forma nem beleza.” No entanto, para aqueles que receberam o poder, porque o seguem, de acompanhá-lo mesmo quando ele sobe “a alta montanha”, ele tem uma forma mais divina. Consegue vê-la aquele que como Pedro é capaz de ter a Igreja construída sobre si pelo logos e revela uma tal disposição para o bem que nenhuma porta do inferno pode prevalecer contra ele, porque foi levantado pelo logos “das portas da morte, para que possa proclamar os louvores de Deus às portas da filha de Sião” (Sl 9,14-15); e se existe quem deva seu nascimento às palavras pronunciadas por uma voz poderosa, não lhe falta absolutamente o trovão espiritual.

Quanto a Celso e aos inimigos do divino logos que não examinam os ensinamentos do cristianismo com amor à verdade, de onde poderiam eles saber a significação das diferentes formas de Jesus? E acrescento mesmo: a significação das diferentes idades de sua vida, e tudo o que pôde fazer antes de sua paixão ou depois de sua ressurreição dos mortos.

Por que um tal envio aos judeus?

78. Celso continua nestes termos: *Ainda mais. Se Deus, como o Zeus da comédia que desperta de um longo sono, quisesse libertar o gênero humano de seus males, por que enviou este espírito, como dizeis, a um só canto da terra? Teria sido necessário insuflar da mesma forma um grande número de corpos e os enviar por toda a terra. O poeta cômico, para provocar o riso no teatro, escreve que Zeus, ao despertar, enviou Hermes aos atenienses e aos lacedemonianos. E tu, não crês que o Filho de Deus enviado aos judeus é uma ficção mais ridícula?* Repara mais uma vez a falta de seriedade de Celso, que, de modo indigno de um filósofo, evoca a bufonaria do poeta cômico, e compara nosso Deus, o criador do universo, ao personagem de sua peça que, ao despertar, envia Hermes. Mas, já vimos nas páginas anteriores, não é como ao sair de um longo sono que Deus enviou Jesus ao gênero humano. Se Jesus, por boas razões, terminou agora a economia da encarnação, ele sempre foi benfeitor do gênero humano. Pois nenhuma bela ação é realizada entre os homens sem que o divino logos tenha visitado as almas daqueles que foram capazes, ainda que por um momento apenas, de receber estas operações do divino logos.

Além disso, a vida de Jesus, aparentemente num só canto da terra, tinha as suas razões: era preciso que aquele que foi profetizado viesse àqueles que aprenderam que existe um só Deus, que leem seus

profetas e aprendem o anúncio de Cristo; e que viesse no momento oportuno em que a doutrina ia de um só canto se difundir por toda a terra.

79. Por isso não era preciso que existisse em toda parte um grande número de corpos e um grande número de espíritos como Jesus, para que toda a terra dos homens fosse iluminada pelo logos de Deus. Bastava que o logos único, “levantado como um sol de justiça” (cf. Ml 3,19), enviasse da Judeia seus raios até as almas daqueles que quisessem acolhê-lo. Acaso se deseja ver um grande número de corpos cheios do espírito divino, à imitação deste Cristo único, dedicar-se em todos os lugares à salvação dos homens? Considerem-se aqueles que em todos os lugares vivem na pureza e na justiça, ensinam a doutrina de Jesus, e são igualmente chamados “ungidos”, “cristos”, pelas divinas escrituras: “Não toqueis nos meus unguídos, não façais mal aos meus profetas!” (Sl 104,15).

Efetivamente, como ficamos sabendo que “o anticristo vem”, e contudo sabemos que existe no mundo “um grande número de anticristos” (cf. 1Jo 2,18), do mesmo modo sabemos que Cristo veio e vemos também que por ele há no mundo um grande número de cristos que, a seu exemplo, “amaram a justiça e odiaram a injustiça”. Por isso Deus, o Deus de Cristo, os ungiu também a eles com o “óleo da alegria”. Mas ele mesmo “amou a justiça e odiou a iniquidade” mais do que aqueles que têm parte com ele: ele recebeu as primícias da unção e, se posso dizer, na sua plenitude a unção do óleo da alegria; e aqueles que têm parte com ele, cada um segundo sua medida, participaram igualmente de sua unção. Por isso, sendo Cristo “cabeça da igreja” (Cl 1,18), a ponto de Cristo e a Igreja formarem um só corpo, o “óleo fino derramado sobre a cabeça”, desceu “pela barba, a barba de Aarão”, tipo do homem perfeito, e este óleo chegou descendo “sobre a gola de suas vestes” (Sl 132,2).

Eis o que eu tinha a dizer contra as palavras inconvenientes de Celso: Ele deveria ter insuflado da mesma maneira um grande número de corpos e tê-los enviado por toda a terra. O poeta cômico, portanto, faz rir representando Zeus adormecido que, ao acordar, envia Hermes aos gregos. Mas o logos, que sabe que a natureza de Deus não está sujeita ao sono, nos ensina que Deus administra os negócios do mundo a todo momento, como exige a reta razão! Não admira se, na profundidade inescrutável dos juízos de Deus, as almas sem instrução perdem-se, e Celso com elas. Nada há, portanto, de ridículo, em que o Filho de Deus tenha sido enviado aos judeus entre os quais tinham vivido os profetas, para que, partindo corporalmente do meio deles, se elevasse com seu poder e seu espírito acima do mundo das almas que não queriam mais ficar vazias e sem Deus.

80. A seguir, Celso julga oportuno dizer: *Os povos mais inspirados desde a origem foram os caldeus.* No entanto, foi a partir deles que a arte falaciosa dos horóscopos se difundiu entre os homens. Além disso, Celso coloca no número dos *povos mais inspirados os magos*, embora a magia derive seu nome deles e tenha sido transmitida aos outros povos para a corrupção e a ruína daqueles que a empregam. Quanto aos *egípcios*, as páginas anteriores e Celso mostraram o erro que cometeram em ter recintos veneráveis para seus pretensos templos, contendo em seu interior apenas macacos, crocodilos, cabras, áspides ou qualquer outro animal. E aqui Celso achou bom dizer: *O povo do Egito também é muito inspirado e inspirado desde a origem*, certamente por ter desde a origem combatido os judeus! Também os persas, que se casam com suas mães e se unem com suas filhas, parecem a Celso um povo inspirado, como também os *hindus*, entre os quais, dizia ele, nas páginas anteriores, alguns comeram carne humana. Mas os judeus, principalmente os de outrora, que nada disso fazem, não só não os chama de *os mais inspirados*, mas afirma *sua iminente ruína*. Eis a sorte que prediz a respeito deles, como um adivinho, sem ver toda a economia de Deus relativa aos judeus e a seu venerável regime de outrora, e como sua queda proporcionou a salvação aos pagãos, “e sua queda reverte em riqueza para o mundo e seu esvaziamento em riqueza para os gentios” “até que chegue a plenitude dos gentios”, para

que em seguida, “todo Israel”, cujo sentido Celso não compreende, “seja salvo” (Rm 11,11-12.25-26).

81. Ignoro como ele pôde dizer de Deus: *Embora onisciente, ele não soube que enviava seu Filho a homens perversos que iam pecar e puni-lo.* Parece esquecer aqui voluntariamente nossa doutrina, que afirma que todos os sofrimentos que o Cristo Jesus suportaria, os profetas de Deus os viram antecipadamente pelo Espírito divino e os predisseram (cf. Lc 24,26-27). E isto contradiz suas palavras: Deus não soube que enviava seu Filho a homens perversos que iam pecar e puni-lo. Entretanto, Celso acrescenta imediatamente que nossa defesa consiste em dizer: *Há muito tempo tinha sido predito.*

Como, porém, meu sexto livro já atingiu uma dimensão suficiente, finalizarei aqui seu argumento e iniciarei o sétimo, se Deus me conceder esta graça. Aí Celso pensa derrubar nossa afirmação de que os profetas predisseram tudo de Jesus. Como a matéria é ampla e requer um amplo desenvolvimento, não quis interrompê-lo como exigiria a extensão do livro nem, para evitar cortar o argumento, dar ao sexto livro um tamanho excessivo e desproporcionado.

LIVRO SÉTIMO

1. Nos seis livros anteriores, santo irmão Ambrósio, combati da melhor forma as acusações de Celso contra os cristãos; enquanto foi possível, não descurei de fazer passar toda objeção pelo crivo de um exame rigoroso nem omiti dar-lhe a resposta que eu podia dar. Depois de pedir a Deus, pelo próprio Jesus Cristo de que Celso se faz acusador, que fizesse resplandecer em nossos corações, pois ele é a verdade, os argumentos que refutam a mentira, volto à carga neste sétimo livro com a oração dirigida a Deus pelo profeta: “Aniquila-os, Senhor, por tua verdade!” (Sl 53,7): quer dizer, destrói os discursos contrários à verdade; pois é a eles que a verdade de Deus destrói. Uma vez destruídos, libertados de toda distração, poderemos dizer: “E eu te oferecerei um sacrifício espontâneo” (Sl 53,8), apresentando ao Deus do universo um sacrifício racional e sem fumaça.

Oráculos pagãos, profetas judeus

2. A intenção de Celso aqui é atacar a afirmação de que a história do Cristo Jesus foi predita pelos profetas da Judeia. O primeiro ponto a criticar é o princípio de seu raciocínio: aqueles que admitem outro deus além do deus dos judeus são absolutamente incapazes de responder às suas dificuldades, e nós, que temos conservado o mesmo Deus, procuramos refúgio para nossa defesa nas profecias sobre Cristo. A esse respeito, diz ele: *Vejamos como encontrarão uma desculpa. Os que admitem outro deus não apresentarão nenhuma, mas os que conservam o mesmo Deus repetirão a mesma frase, evidentemente bem sutil: “Era necessário que assim fosse, e a prova é que outrora isto foi predito”*. A resposta a dar é que suas palavras a respeito de Jesus e dos cristãos um pouco antes desta passagem são de tal fraqueza que mesmo os que admitem outro deus, cometendo deste modo uma impiedade, responderiam sem nenhuma dificuldade às críticas de Celso. E se não fosse absurdo dar aos espíritos fracos pretextos para admitir más doutrinas, eu mesmo teria dado esta resposta para convencer de mentira a afirmação de que aqueles que admitem outro deus não têm defesa nenhuma contra as críticas de Celso. Mas é preciso se limitar a defender as profecias seguindo o que ficou dito acima.

3. Então diz Celso: *Eles não dão nenhuma importância aos oráculos pronunciados pela Pítia, pelas sacerdotisas de Dodona, pelo deus de Claros, entre os brânquidas, no templo de Amon, e por mil outros adivinhos, sob a moção dos quais certamente toda a terra foi colonizada. Ao contrário, o que lhes parece maravilhoso e incontestável são as predições dos habitantes da Judeia, feitas à sua maneira, ditas realmente ou não, e conforme um uso ainda hoje em vigor entre os povos da Fenícia e da Palestina!* A propósito dos oráculos enumerados, digamos que poderíamos tirar de Aristóteles e dos paripatéticos muitos argumentos que poderiam zerar sua estima pela Pítia e outros oráculos. Poderíamos, igualmente, citando as palavras de Epicuro e daqueles que abraçaram sua doutrina a esse respeito, mostrar que os próprios gregos rejeitam os oráculos recebidos e admirados em toda a Grécia.

Mas, suponhamos que as respostas da Pítia e dos outros oráculos não sejam invenção de pessoas que simulam a inspiração divina. E vejamos se, mesmo neste caso, examinado numa análise sincera dos fatos, não podemos mostrar que, embora aceitemos estes oráculos, não somos obrigados a reconhecer neles a presença de certos deuses. São ao contrário maus demônios e espíritos hostis ao gênero humano que impedem a alma de se elevar, caminhar pelo caminho da virtude e restabelecer a piedade verdadeira para com Deus. Assim, dizem que a Pítia, profetisa de Apolo, cuja fama parece eclipsar todos os oráculos, sentada junto à gruta de Castália, recebe dele um espírito pelos seus órgãos femininos; e quando está plena dele, recita o que as pessoas consideram como veneráveis oráculos divinos. Não vê ele aí a prova do caráter impuro e viciado desse espírito? Ele se introduz na alma da

adivinha não através de poros dispersos e imperceptíveis, bem mais puros do que os órgãos femininos, mas através daquilo que não é permitido a um homem casto olhar e muito menos tocar. E isso não apenas uma ou duas vezes, o que poderia parecer admissível, mas tantas vezes quantas se acredita que ela profetize sob a influência de Apolo.

E bem mais, esta passagem ao êxtase e ao frenesi da pretensa profetisa, indo ao extremo da perda de toda consciência de si mesma, não é obra do Espírito divino. A pessoa de que o Espírito se apodera deveria na verdade aprender de seus oráculos o que contribui para uma vida moderada e conforme com a natureza, deveria ser a primeira a obter ajuda dela para a sua utilidade ou vantagem e ficar mais perspicaz, sobretudo no momento em que a divindade se une a ela.

4. Por isso, reunindo os textos das Escrituras sagradas, demonstramos que os profetas judeus, iluminados pelo Espírito divino, na medida em que este lhes era útil quando profetizavam, pareciam os primeiros a gozarem em si a vinda do Espírito do alto. O contato, por assim dizer, daquilo que chamamos Espírito Santo com sua alma tornava sua inteligência mais perspicaz, sua alma mais límpida; e até seu corpo, morto para o desejo da carne, não oferecia mais obstáculo à vida virtuosa. Pois, de acordo com nossa fé, o Espírito divino faz morrer as práticas do corpo e as inimizades que têm sua origem no desejo da carne, inimigo de Deus.

Se a Pítia está fora de si e sem consciência quando faz oráculos, que natureza devemos atribuir ao espírito que espalha a noite sobre sua inteligência e seus pensamentos? Não é este o gênero de demônios que muitos cristãos expulsam dos doentes com o auxílio não de um processo mágico, encantatório ou médico, mas unicamente pela oração, por meio de simples esconjuros e palavras ao alcance do homem mais simples? Pois em geral são pessoas simples que recorrem a esses expedientes. A graça contida na palavra de Cristo provou a fraqueza e a impotência dos demônios: para que sejam vencidos e se retirem sem resistência da alma e do corpo do homem, não é preciso um sábio capaz de fornecer demonstrações racionais da fé.

5. E muito mais, a darmos fé não somente aos cristãos e aos judeus mas também a muitos outros gregos e bárbaros, a alma humana vive e subsiste depois de sua separação do corpo; e é certo pela razão que a alma pura e não oprimida sob o peso de chumbo do vício se eleva até as regiões dos corpos puros e etéreos, abandonando neste mundo os corpos espessos e suas imundícies; ao contrário, a alma perversa, atraída para a terra por seus pecados e incapazes de tomar alento, vagueia aqui ao léu, umas em volta “dos túmulos” onde se veem “os fantasmas” das almas como sombras, outras simplesmente em volta da terra. Que natureza devemos atribuir a espíritos acorrentados ao longo dos séculos, por assim dizer, a edifícios e a lugares, quer por encantamentos, quer por causa de sua perversidade? Evidentemente, a razão exige que se julguem perversos estes espíritos que usam o poder de adivinhação, em si mesmo indiferente, para enganar os homens e desviá-los da piedade pura para com Deus. Outra prova dessa perversidade é que eles alimentam seus corpos com a fumaça dos sacrifícios, com as exalações do sangue e da carne dos holocaustos; se comprazem com tais sacrifícios saciando-se, por assim dizer, no seu amor à vida, à maneira dos homens corrompidos, sem nenhum atrativo pela vida pura desligada do corpo, que desejosos dos prazeres corporais, se apegam à vida do corpo terrestre.

Se Apolo de Delfos fosse o deus em quem os gregos acreditam, a quem deveria ele escolher como profeta senão a um sábio ou, na falta deste, um homem que avança no caminho da sabedoria? Por que, para profetizar, não escolheria um homem e sim uma mulher? E admitindo que ele preferia o sexo feminino, porque talvez não tivesse nem poder nem prazer a não ser no seio das mulheres, como não devia ele escolher uma virgem e não outra mulher como intérprete de sua vontade?

6. Não! Apolo Pítio, admirado pela Grécia, não atribuiu a nenhum sábio nem mesmo a qualquer homem a honra daquilo que ocorre aos olhos dos gregos pela possessão divina. E entre as mulheres, ele não escolheu uma virgem ou mulher formada na sabedoria pela filosofia, mas uma mulher do povo. Talvez os melhores dos humanos fossem superiores à influência de sua inspiração. Além disso, se de fato ele fosse deus, deveria usar a presciência para dar início, se posso assim dizer, à conversão, à cura, à reforma moral dos homens. Ora, a história não nos transmite a seu respeito nada disso: mesmo quando ele disse que Sócrates era o mais sábio de todos os homens, atenuava o elogio acrescentando a respeito de Sófocles e Eurípides: “Sófocles é sábio, porém Eurípides é ainda mais”.

Dessa forma ele concede a Sócrates a superioridade sobre os poetas trágicos qualificados por ele como sábios, que disputam um prêmio banal na cena e na orquestra e provocam entre os espectadores ora lágrimas e lamentações, ora risos indecorosos, pois este é o objetivo do drama satírico. Mas ele não valoriza a nobreza que a filosofia e a verdade conferem, nem o louvor que esta nobreza merece. E se ele declarou Sócrates o mais sábio dos homens, certamente é menos pela sua filosofia do que pelos sacrifícios e cheiros de gordura que ele tinha oferecido a ele como também aos outros demônios.

É por causa destes sacrifícios, e não pelas suas ações virtuosas, que os demônios parecem ouvir as súplicas daqueles que os oferecem. Assim sendo, lembrando os feitos e indicando em suas histórias a razão principal por que os demônios ouvem os desejos daqueles que oferecem sacrifícios, o melhor dos poetas, Homero, fala de Crises que obteve, por meio de algumas grinaldas e coxas de touros e de cabras, o que ele tinha pedido em favor de sua filha contra os gregos: a peste que os obrigou a lhe entregar Criseida. Lembro-me de ter lido, no livro de um pitagórico que tratava das doutrinas expressas simbolicamente pelo poeta, que as palavras de Crises a Apolo e a peste enviada por ele aos gregos mostram que Homero sabia como certos demônios perversos, ávidos do cheiro das gorduras e dos sacrifícios, se livram de sua dívida com os que sacrificam, pela ruína de outros homens se aqueles assim lhe solicitam.

O Deus “que reina sobre Dodona a inclemente” com seu cortejo de profetas “que jamais lavam os pés, que dormem no chão”, renunciou ao sexo masculino pela profecia e utiliza as sacerdotisas de Dodona, como Celso observou. Pode haver em Claros um oráculo semelhante àquele, outro entre os brânquidas, outro ainda no templo de Amon e em todo lugar da terra em que se fazem oráculos: como se mostrará que se trata de deuses e não de demônios?

7. Entre os profetas judeus, uns eram sábios antes de receberem o dom da profecia e a inspiração divina, outros assim se tornaram quando tiveram o espírito iluminado pela própria profecia. Eles foram escolhidos pela providência por serem depositários do Espírito divino e das palavras que ele inspira, por causa de sua vida inimitável, de uma firmeza absoluta, de uma liberdade, de uma impassibilidade totais diante dos perigos e da morte. A razão exige que tais sejam os profetas do Deus supremo, em comparação com o qual a firmeza de Antístenes, de Crates, de Diógenes são um brinquedo de criança. Desta forma, por causa da verdade e de sua liberdade em censurar os pecadores, “eles foram apedrejados, torturados, serrados, morreram ao fio de espada, andaram errantes cobertos com peles de ovelha e de cabra, necessitados, atribulados, maltratados. Eles, de quem o mundo não era digno, andaram perdidos nos desertos e montes, nas cavernas e covas da terra” (Hb 11,37-38); tinham os olhos sempre fixos em Deus e nos bens de Deus não perceptíveis aos sentidos e por esta razão eternos.

A vida de cada um dos profetas foi escrita; mas por ora basta mencionar a vida de Moisés, cujas profecias, como diz a tradição, também foram inscritas na Lei; a de Jeremias, relatada na profecia que leva seu nome; a de Isaías que, excedendo toda austeridade, caminhou “nu e descalço” durante três

anos. Considera igualmente a vida cheia de força de Daniel e seus companheiros, em plena juventude, quando lemos que só bebiam água, abstinham-se de carne e só se alimentavam de legumes. E observa ainda, se podes, antes deles, as ações de Noé ao fazer uma profecia, de Isaac ao dar a bênção profética a seu filho, de Jacó ao dizer a cada um dos Doze: “Reuni-vos, eu vos anunciarei o que acontecerá nos tempos vindouros” (Gn 49,1). Estes e uma infinidade de outros profetizaram em nome de Deus e predisseram a história de Jesus Cristo. Por isso não levamos em consideração os oráculos pronunciados pela Pítia, pelas sacerdotisas de Dodona, pelo deus de Claros, entre os brânquidas, no templo de Amon, ou por mil outros pretensos adivinhos. Mas admiramos os dos profetas da Judeia, vendo que sua vida cheia de força, de firmeza, de santidade, era digna do Espírito de Deus que profetiza de modo novo, sem nada em comum com as adivinhações dos demônios.

8. Não sei, aliás, por que Celso acrescenta a estas palavras, que são predições dos habitantes da Judeia, o seguinte: Dizei realmente ou não; como se, em sua incredulidade, ele afirmasse que é possível que elas não tenham mesmo sido ditas e que talvez se tenha escrito o que na verdade não foi dito. Ele ignorava as datas e não sabia que, fazendo mil predições muitos anos antes, eles também falaram da vida de Cristo. Em seu desejo de lançar descrédito sobre os antigos profetas, ele acrescenta que predisseram conforme um costume ainda hoje em vigor entre os fenícios e palestinos. Não mostra se fala de pessoas estranhas à doutrina dos judeus e dos cristãos, ou de pessoas que profetizam à maneira judaica no estilo dos profetas. Todavia, diga ele o que quiser, nós o convencemos de mentira. Não existem estranhos à fé que tenham feito qualquer coisa de semelhante ao que fizeram os profetas; não existem mais recentes, mesmo posteriores à vinda de Jesus, a respeito dos quais a história diga que tenham profetizado entre os judeus. Pois, na opinião de todos, o Espírito Santo abandonou os judeus culpados de impiedade para com Deus e aquele que tinha sido predito por seus profetas. Mas os sinais do Espírito Santo apareceram primeiro no tempo em que Jesus ensinava, e em maior número depois de sua ascensão, mas a seguir em menor número. Entretanto, existem ainda hoje vestígios entre alguns cujas almas foram purificadas pelo Logos e pelas ações que ele inspira. “Pois o Espírito Santo, o educador, foge da duplicidade, ele se retira diante dos pensamentos sem sentido” (Sb 1,5).

9. Celso promete *indicar a maneira como as adivinhações são feitas na Fenícia e na Palestina, como uma coisa a respeito da qual ele é instruído e sabe de primeira mão*. Examinemos então esta questão. Começa dizendo que *existem diversas espécies de profecias, mas sem as indicar: não tinha condições, era apenas um palavrório*. Mas, vejamos o que ele apresenta como *o tipo mais acabado entre os homens desta região. Existem muitos deles obscuros que, com a maior facilidade e em qualquer ocasião nos templos e fora dos templos, e outros que, mendigando seu pão e percorrendo as cidades e os campos, se agitam aparentemente como se pronunciassem um oráculo. Na boca de cada um está a fórmula habitual: Eu sou Deus, ou Filho de Deus, ou Espírito divino. E aqui estou. Pois o mundo já está perdido, e vós, ó homens, haveis de perecer por causa de vossos erros. Mas eu quero vos salvar. E me vereis de volta com um poder celeste. Feliz quem hoje me prestar culto! A todos os outros enviarei o fogo eterno nas cidades e nos campos. E os homens que não sabem que suplícios os esperam se arrependerão e gerarão em vão; mas os que forem persuadidos por mim, eu os guardarei por toda a eternidade*. E continua: *A estas presunções eles acrescentam termos desconhecidos, incoerentes, totalmente obscuros, cuja significação nenhum homem razoável seria capaz de descobrir por estarem por demais desprovidos de clareza e de sentido, mas que em qualquer ocasião dão a qualquer ignorante ou charlatão pretexto para se apropriarem deles no sentido que ele deseja*.

10. Se ele tivera boa fé em sua acusação, deveria ter citado as profecias em seu texto: aquelas cujo autor se proclamou o Deus todo-poderoso, ou aquelas em que se acredita ouvir o Filho de Deus ou o

Espírito Santo. Pois assim ele teria pelo menos procurado refutar-lhes o conteúdo e mostrar que ele não tem nenhuma inspiração divina nos discursos que por seu conteúdo afastam os erros, criticam o estado atual, anunciam o futuro. Por isso os contemporâneos dos profetas escreveram e guardaram suas profecias para que a posteridade, ao lê-las, as admirasse como parábolas de Deus e, beneficiando-se não só das que censuram e convertem, mas também das que predizem, e convencida pelos acontecimentos de que era o Espírito divino que tinha predito, ela perseverasse na piedade conforme o Logos, persuadida pela lei e pelos profetas.

Os profetas, segundo a vontade de Deus, disseram sem nenhum sentido oculto tudo o que podia ser compreendido de imediato pelos ouvintes como útil e proveitoso para a reforma dos costumes. Mas tudo o que era mais misterioso e mais secreto, dependendo de contemplação que ultrapassa os ouvintes comuns, eles revelaram em forma de enigmas, alegorias, “discursos obscuros”, “parábolas ou provérbios” (Nm 12,8; 1Cor 13,12; Pr 1,6); e isto para que os que não resmungam diante do esforço, mas suportam todo esforço pelo amor da virtude e da verdade, depois de terem procurado encontrem, depois de terem encontrado se portem como o exige a razão. Mas o nobre Celso, irritado por não compreender estas palavras proféticas, recorre à injúria: A estas pretensões, eles acrescentam imediatamente termos desconhecidos, incoerentes, totalmente obscuros, cuja significação nenhum homem razoável seria capaz de descobrir por estarem por demais desprovidos de clareza e de sentido, mas que em qualquer ocasião dão a qualquer ignorante ou charlatão pretexto para se apropriarem deles no sentido que ele deseja. Eis aí, no meu entender, palavras de gente pérfida, ditas para afastar o mais possível os leitores das profecias do trabalho de investigar e examinar o sentido delas; disposição análoga àquela que a questão proposta indica a propósito de um profeta que veio predizer o futuro: “Por que veio a ti esse louco?” (2Rs 9,11).

11. Certamente existem razões bem acima de minhas capacidades para afirmar que Celso mente e que as profecias são inspiradas por Deus. Nem por isso deixei de, na medida do possível, explicar palavra por palavra os termos incoerentes e totalmente obscuros, como os qualifica Celso, nos Comentários de Isaías, Ezequiel e de alguns dos Doze. E se Deus permitir um aprofundamento maior em sua Palavra, no momento em que ele quiser, virão se acrescentar aos comentários já citados sobre estes autores os de todo o restante, ou ao menos aquilo que eu conseguirei elucidar. Mas existem outros que, desejosos de examinar a Escritura e possuindo a inteligência, saberiam descobrir o seu significado. Ela carece realmente de clareza em muitas passagens, jamais, porém, encontra-se desprovida de sentido, como ele diz. Também não deixa de ser uma falsidade que um tolo ou um charlatão possa elucidá-las e apropriar-se delas no sentido que ele deseja. Somente o verdadeiro sábio em Cristo pode explicar a concatenação das passagens proféticas que têm um sentido secreto, “exprimindo realidades espirituais em termos espirituais” (1Cor 2,13) e interpretando segundo o estilo habitual das Escrituras tudo o que ele descobre.

Não devemos crer em Celso, ao afirmar que ouviu com seus próprios ouvidos semelhantes pessoas. Em sua época, já não existiam profetas semelhantes aos antigos; do contrário, como as profecias de outrora, as suas teriam sido consignadas a seguir pelos que as tivessem recolhido e admirado. A mentira me parece evidente quando Celso afirma que *estes assim chamados profetas que ele ouviu com seus próprios ouvidos, assim que os desmascarou, lhe confessaram sua impostura e que eles forjavam discursos sem coerência*. Ele deveria ainda fornecer os nomes dos que afirma terem ouvido com seus ouvidos: para que estes nomes, se tivesse podido citá-los, permitissem aos críticos competentes julgar se ele dizia a verdade ou mentia.

Acaso foram preditos atos imorais a respeito de Deus?

12. Além disso ele pensa que *os que acusam os profetas de defender a causa de Cristo nada têm mais a dizer se encontrarmos a respeito de Deus uma palavra perversa, vergonhosa, impura, contaminada.* Assim sendo, acreditando que seu ataque não tem réplica, ele encontra mil conclusões a partir de premissas que não foram admitidas. Devemos saber que os que querem viver segundo as divinas Escrituras aprenderam que a “ciência do insensato é discurso incoerente” (Eclo 21,18), e que eles ouviram as palavras: “Estai sempre prontos a dar razão da vossa esperança a todo o que vo-la pede” (1Pd 3,15); aqueles não procuram refúgio na simples alegação das profecias. Eles se esforçam para explicar as obscuridades aparentes e mostrar que nenhuma das palavras é perversa, vergonhosa, impura, contaminada, mas elas assim se tornam para os que não compreendem como se deve receber a divina Escritura. Deveria ter citado, entre as palavras dos profetas, a que lhe parece perversa, a que lhe dá a impressão de vergonhosa, a que ele julga impura, a que ele supõe contaminada, se de fato tivesse descoberto tais palavras entre os profetas. Desta forma, seu argumento teria sido mais impressionante e mais eficaz em vista de seu objetivo. Muito ao contrário, sem um exemplo, ele tem a pretensão de proclamar com ameaça que existem tais palavras nas Escrituras, o que é calúnia. A um ruído de palavras vazias de sentido não existe nenhuma razão para responder, a fim de mostrar que entre as palavras dos profetas não existe nenhuma que seja perversa, vergonhosa, impura e contaminada.

13. Além disso, Deus nada faz nem sofre de vergonhoso e não se põe a serviço do mal como acredita Celso: nada disso está predito. E se ele pretendesse que *foi predito que Deus está a serviço do mal, que ele faz e sofre coisas muito vergonhosas,* deveria citar as passagens dos profetas neste sentido, em vez de querer manchar em vão os ouvidos de seus ouvintes. É bem verdade que os profetas predisseram o que Cristo sofreria e deram a razão por que ele sofreria. E Deus sabia o que seu Cristo sofreria. Por que seria tudo isso *coisas muito abomináveis e muito impuras,* como diz Celso? Entretanto, ele saberá ensinar como os sofrimentos que ele suportou eram muito abomináveis e muito impuros quando ele diz: *Alimentar-se um Deus de carne de ovelha, beber fel ou vinagre, seria algo diferente de comer excrementos?* Mas, segundo nossa fé, Deus não comeu carne de ovelha; quando ele pensa que comia, era Jesus que comia porque tinha um corpo. Por outro lado, sobre o fel e o vinagre preditos pelo profeta: “Como alimento deram-me fel, e na minha sede fizeram-me beber vinagre” (Sl 68,22), embora eu tenha falado deste assunto acima, Celso me obriga a fazer repetições. Os que conspiram contra o Evangelho da verdade apresentam continuamente ao Cristo de Deus o fel de sua malícia e o vinagre de sua perversidade; e ele “provou mas não quis beber” (Mt 27,34).

14. Depois disso, para arruinar a fé dos que admitem a história de Jesus, porque ela foi predita, ele acrescenta: *Pois bem! Se os profetas predisseram que o grande Deus, para não dizer o mais vil, sofreria a escravidão, a doença, a morte, deveria Deus sofrer a morte, a escravidão, a doença sob pretexto de que isto foi predito, para que sua morte fizesse crer que ele era Deus? Mas os profetas não puderam prever tudo isso: é um mal e uma impiedade. Portanto, não precisamos examinar se eles predisseram ou não, mas se o ato é honesto e digno de Deus. Se o ato é vergonhoso e mau, apesar de todos os homens em transe parecerem predizê-lo, devemos recusar-nos a crer. Como então a verdade admitiria que Jesus sofreu isto como um Deus?*

Por estas palavras ele parece ter percebido ao menos de longe a força de persuasão que teria para os ouvintes o argumento de que Jesus foi profetizado, e ele tenta anular o valor desse argumento por outra razão plausível afirmando: portanto, não precisamos examinar se eles predisseram ou não. Ora, se ele quisesse opor à afirmação uma razão não capciosa mas apodítica, deveria ter dito: portanto, é

preciso provar que eles não predisseram, ou que as profecias sobre Cristo não se realizaram em Jesus como eles predisseram, e deveria ter acrescentado a prova que lhe parecesse boa. Desta forma ter-se-ia percebido o que dizem as profecias que referimos a Jesus e a maneira como ele refuta nossa interpretação; e todos teriam verificado se ele refuta honestamente os textos de profetas que aplicamos à doutrina concernente a Jesus, ou se ele é surpreendido querendo descaradamente fazer violência à verdade evidente como se ela não fosse a verdade.

15. Depois de afirmar, por hipótese, que há coisas que não são possíveis e não convêm a Deus, diz: Pelo fato de elas terem sido preditas a respeito do Deus supremo, deveríamos acaso acreditar que são de Deus só porque foram preditas? E ele se empenha em deixar claro que ainda que os profetas as tivessem realmente predito do Filho de Deus, seria impossível acreditar nas predições que ele deveria sofrer ou agir desta maneira. Devemos responder que sua hipótese é absurda e propõe premissas que levam a consequências contraditórias. E eis a prova. Se os verdadeiros profetas do Deus supremo dizem que Deus sofrerá a escravidão, a doença ou mesmo a morte, esses males acontecerão a Deus, pois os profetas do grande Deus dizem necessariamente a verdade. Por outro lado, se os verdadeiros profetas do Deus supremo dizem estas mesmas coisas, pois o que é por natureza impossível não pode ser verdadeiro, o que os profetas anunciam de Deus não poderia acontecer. Ora, quando duas premissas têm consequências contraditórias em razão do que chamamos silogismo de duas proposições, o antecedente das duas premissas fica anulado na espécie: os profetas predizem que o grande Deus sofrerá a escravidão, a doença, a morte. A conclusão, portanto, é que os profetas não predisseram que o grande Deus sofreria a escravidão, a doença, a morte. E eis a forma do raciocínio: se A é verdadeiro, B é verdadeiro; se A é verdadeiro, B não é verdadeiro; portanto, A não é verdadeiro.

Os estoicos apresentam a esse respeito este exemplo: se sabes que estás morto, estás morto; se sabes que estás morto, não estás morto; conclusão: portanto, não sabes que estás morto. E eis como eles provam as premissas: se sabes que estás morto, o que sabes é verdade, portanto, é verdade que estás morto. Por outro lado, se sabes que estás morto, é igualmente verdade que sabes que estás morto. Mas como um morto nada sabe, é claro que se sabes que estás morto, não estás morto. E, como observamos acima, a conclusão das duas premissas é: portanto, não sabes que estás morto. O mesmo acontece mais ou menos com a hipótese de Celso no argumento citado acima.

16. Mas o que admitimos na hipótese nada tem de comparável às profecias referentes a Jesus. As profecias não predisseram que Deus seria crucificado; e afirmam o seguinte daquele que sofreria a morte: “Não tinha beleza nem esplendor que pudesse atrair o nosso olhar, nem formosura capaz de nos deleitar. Era desprezado e abandonado pelos homens, um homem sujeito à dor, familiarizado com a enfermidade, como uma pessoa de quem todos escondem o rosto” (Is 53,2-3). Repara então como eles disseram que aquele que suportou sofrimentos humanos era homem. E o próprio Jesus, sabendo com precisão que o que morria era o homem, declara aos que tramam contra ele: “Vós porém procurais matar-me, a mim, que vos falei a verdade que ouvi de Deus” (Jo 8,40). Se houvesse algo de divino no homem que o espírito discerne nele, seria o Filho único de Deus, o Primogênito de toda criatura, aquele que disse: “Eu sou a Verdade, eu sou a Vida, eu sou a Porta, eu sou o Caminho, eu sou o Pão vivo que desceu do céu” (Jo 14,6; 10,9; 14,6; 6,51). O raciocínio sobre este ser e sua essência é bem diferente do que diz respeito ao homem que o espírito discerne em Jesus.

Dessa forma, até os cristãos de extrema simplicidade, nada familiarizados com os raciocínios dialéticos, recusariam dizer que a Verdade, a Vida, o Caminho, o Pão vivo descido do céu ou a Ressurreição tenha sofrido a morte. A pessoa que afirma ser a ressurreição, ela mesma ensinou no homem visível que era Jesus: “Eu sou a Ressurreição” (Jo 11,25). Além disso, nenhum de nós é tão

estúpido a ponto de dizer que a Vida está morta ou que a Ressurreição está morta. Ora, a hipótese de Celso só seria aceitável se afirmássemos que os profetas predisseram a morte para aquele que é o Deus Logos, a Verdade, a Vida, a Ressurreição ou algum dos outros títulos dados ao Filho de Deus.

17. Existe, portanto, apenas um ponto em que Celso diz a verdade: Mas os profetas não puderam prever isto: é um mal e uma impiedade. Que quer ele dizer senão que o grande Deus sofreria a escravidão e a morte? Pelo contrário, é bem digno de Deus o anúncio feito pelos profetas que certo “esplendor e imagem” (Sb 7,26; Hb 1,3) da natureza divina viveria associada à alma santa de Jesus que assume um corpo humano, a fim de difundir a doutrina que faz participar da amizade do Deus do universo todo aquele que a recebe e cultiva em sua alma, e que conduz todo homem a seu fim, contanto que conserve em si o poder deste Deus Logos que devia habitar num corpo e numa alma de homem. Desta forma, seus raios não ficariam fechados só nele e não seria possível pensar que a luz que é força destes raios, o Deus Logos, não exista em nenhuma outra parte.

Assim sendo, o que se fez a Jesus, considerando-se a divindade que nele está, não é contrário à piedade e não repugna à noção da divindade. Além disso, enquanto homem, mais ornado do que qualquer outro pela participação mais elevada ao Logos em pessoa e à Sabedoria em pessoa, ele suportou como sábio perfeito o que deveria suportar aquele que realiza tudo em favor de toda a raça dos homens ou até dos seres racionais. E não é absolutamente absurdo que o homem morra e que sua morte não seja apenas exemplo da morte sofrida pela religião, mas também que ela comece e continue a ruína do Maligno, do Diabo, que se atribuíra o domínio de toda a terra. Esta ruína é atestada pelos que de toda parte, graças à vinda de Jesus, escapam dos demônios que os mantinham submetidos e, libertados desta escravidão que pesava sobre eles, se consagram a Deus e à piedade para com ele, a qual, segundo suas forças, se torna mais pura a cada dia.

Deus se contradisse?

18. Em seguida, Celso continua: *Não refletirão eles ainda a esse respeito? Se os profetas do Deus dos judeus tivessem predito que Jesus seria seu filho, como é que Deus, por meio de Moisés lhes dá como leis: que se enriqueçam, sejam poderosos, encham a terra, massacrem seus inimigos sem poupar a juventude, que exterminem toda raça, o que ele mesmo faz diante dos olhos dos judeus, como atesta Moisés? E além disso, se eles não obedecem, ele ameaça expressamente tratá-los como inimigos? Ao passo que seu Filho, o homem de Nazaré, promulga leis contrárias: o rico não terá acesso junto ao Pai, nem aquele que ambiciona o poder, nem aquele que pretende alcançar a sabedoria ou a glória; tal como os corvos, seus discípulos não deverão se preocupar com alimento e guardá-lo em celeiros e, como os lírios, menos ainda se preocupar com o que se vestir; e de quem vos bate deveis estar dispostos a receber outro golpe! Quem então mente: Moisés ou Jesus? Será que o Pai, ao enviar Jesus, esqueceu o que prescrevera a Moisés? Terá ele renegado as próprias leis, mudado de opinião e enviado seu mensageiro com um objetivo contrário?*

Celso, que pretende saber tudo, cai aqui num erro muito grosseiro a respeito do sentido das Escrituras. Ele crê que na Lei e nos Profetas não há doutrina mais profunda do que o sentido literal das expressões. É por não ver que o Logos não poderia prometer de modo tão manifestamente inverossímil a riqueza material a quem leva vida virtuosa: pois não é possível mostrar que pessoas tão justas viveram numa pobreza extrema. Assim os profetas, que a pureza de sua vida tinha disposto a receber o Espírito divino, “levaram vida errante, vestidos com peles de carneiro ou pêlos de cabras; oprimidos e maltratados, sofreram privações. Eles, de quem o mundo não era digno, erravam pelos desertos e pelas montanhas, pelas grutas e cavernas da terra” (Hb 11,37-38). Pois, nas palavras do

salmista, “os males do justo são muitos” (Sl 33,20).

Se Celso tivesse lido a lei de Moisés, provavelmente teria pensado que o aforismo “tu emprestarás a muitas nações, mas nada pedirás emprestado” (Dt 15,6; 28,12), dirigido ao que observa a lei, deve ser cumprido como promessa feita ao justo: ele se enriqueceria com a riqueza cega a tal ponto que a abundância de seus bens lhe permitisse emprestar não só aos judeus, mas também a grande número de nações, e não apenas a uma, duas ou três. Quantas riquezas não deveria possuir assim o justo em recompensa pela sua justiça segundo a lei, para poder emprestar a numerosas nações? A consequência lógica de uma tal interpretação nos faria acreditar igualmente que jamais o justo emprestaria, pois está escrito: “Mas tu não emprestarás”. A nação teria acaso ficado tanto tempo na religião de Moisés se, como pensa Celso ela apanhasse seu legislador em flagrante delito de mentira? De ninguém se fala que ele se tenha enriquecido a ponto de emprestar a numerosas nações. Além disso, não é imaginável que tendo aprendido a ouvir a lei no sentido que Celso lhe dá, e diante da mentira flagrante das promessas da lei, tenham lutado pela lei.

Os pecados do povo relatados na Escritura seriam uma prova de que eles desprezaram a lei, certamente porque eles a desprezaram como mentira? Seria preciso responder que também se deve ler as circunstâncias em que está escrito que o povo inteiro, depois de ter cometido o mal em presença do Senhor, se converteu para vida melhor e para a piedade segundo a lei.

19. Além disso, se a palavra da lei “dominarás muitas nações, mas nunca serás dominado” (Dt 15,6; 28,12) fora tão-somente, sem uma significação mais profunda, a promessa que eles seriam poderosos, o povo teria evidentemente desprezado muito mais as promessas da lei. Celso parafraseia o sentido de certas expressões declarando que a posteridade dos hebreus encheria toda a terra. Historicamente isto se deu depois da vinda de Jesus, mas por assim dizer como um efeito da cólera de Deus e não propriamente de sua bênção. Além disso, se na promessa se diz aos judeus que massacrem seus inimigos, é preciso que uma leitura e um estudo cuidadosos dos termos revelem que uma interpretação literal é impossível. Bastará por ora tirar dos salmos estas palavras colocadas na boca do justo: “A cada manhã eu exterminava todos os pecadores da terra, para extirpar da cidade do Senhor todos os malfeitores” (Sl 100,8). Levando em consideração os termos e a intenção do autor, será possível que, depois de ter lembrado seus feitos que qualquer pessoa pode facilmente ler, ele acrescente o que pode ser extraído do texto literalmente: que em nenhum outro momento do dia a não ser de manhã ele destruiu “todos os pecadores da terra” sem deixar sobreviver nenhum deles, e se de fato ele exterminasse sem exceção de Jerusalém todo homem que cometesse a iniquidade? Podemos ainda encontrar na lei muitos exemplos como este: “A ninguém deixamos escapar vivo” (cf. Dt 2,34; Nm 21,35).

20. Celso acrescenta a predição feita aos judeus segundo a qual a sua desobediência à lei far-lhes-ia sofrer os tratamentos que eles infligiriam a seus inimigos. Antes, porém, que Celso alegue um exemplo dos traços de ensinamento de Jesus que ele julga contraditório à lei, faz-se necessário lembrar aquilo que já foi dito. Para nós, a lei tem dois sentidos: um literal e outro espiritual, como já foi indicado acima. No sentido literal ela é qualificada, menos por nós do que por Deus, exprimindo em um dos profetas, “julgamentos que não são bons” e “prescrições que não são boas” (Ez 20,25.11); no sentido espiritual ela é qualificada pelo mesmo profeta, em nome de Deus, “julgamentos bons” e “prescrições boas”. Está claro, portanto, que o profeta não diz coisas contraditórias na mesma passagem. Com ele concorda Paulo segundo o qual “a letra mata”, que equivale ao sentido literal, e “o espírito vivifica” (2Cor 3,6), que equivale ao sentido espiritual. Podemos assim encontrar em Paulo passagens análogas às contradições aparentes do profeta. Ezequiel dissera: “Eu lhes dei julgamentos

que não são bons e prescrições que não são boas, pelo que eles não poderão viver”; e noutra passagem: “Eu lhes dei julgamentos bons e prescrições boas, mediante os quais eles poderão viver”, ou o equivalente. Paulo ainda, para atacar o legalismo literal, diz: “Ora, se o ministério de morte, gravado com letras em pedras, foi cercado de tamanha glória que os filhos de Israel não podiam fixar o rosto de Moisés por causa da glória passageira desse rosto, como não seria o ministério do Espírito mais glorioso?” (2Cor 3,7.8). E em outra passagem ele admira e louva a lei que ele nomeia espiritual: “Nós sabemos, porém, que a lei é espiritual” e ele o prova: “Assim a lei é santa, e o mandamento é santo, justo e bom” (Rm 7,14.12).

21. Portanto, se o texto da lei promete a riqueza aos justos, Celso pode seguir “a letra” que mata e pensar que a promessa visa à riqueza cega. Nós, porém, pensamos que se trata do homem dotado de visão penetrante: no sentido em que fomos cumulados de “todas as riquezas da palavra e todas as do conhecimento” (1Cor 1,5), em que os ricos deste mundo são exortados a “que não sejam orgulhosos, nem ponham sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus, que nos provê tudo com abundância para que nos alegremos. Que eles façam o bem, enriqueçam-se com boas obras, sejam pródigos, capazes de partilhar” (1Tm 6,17-18). Pois, conforme Salomão, “o resgate da vida de um homem é a sua riqueza; mas o pobre não sofre ameaça” (Pr 13,8).

Do mesmo modo que a riqueza, devemos interpretar o poder que permite, nas palavras da Escritura, a um justo perseguir mil inimigos e a dois porem em fuga dez mil (cf. Dt 32,30). Se este é o sentido das palavras sobre a riqueza, vê se ele não está de acordo com a promessa de Deus que o homem que é rico em toda doutrina, em toda ciência, em toda sabedoria, em toda obra boa possa emprestar de sua riqueza em doutrina, em sabedoria, em ciência a numerosas nações, assim como Paulo pôde fazer a todas as nações que ele visitou quando ele irradiou sua luz de Jerusalém até a Ilíria, levando a bom termo a pregação do Evangelho de Cristo. Estando sua alma iluminada pela divindade do Logos, os segredos divinos lhe eram transmitidos pela revelação: nada tomava emprestado a ninguém nem tinha necessidade alguma que alguém lhe transmitisse a doutrina. Mas como está escrito: “Dominarás a muitas nações, mas nunca serás dominado”, em virtude do poder que o Logos lhe conferia, Paulo dominava os povos da gentildade submetendo-os ao ensinamento de Cristo Jesus, sem jamais se submeter em parte alguma a homens como se eles fossem superiores. E no mesmo sentido “ele enchia toda a terra”.

22. Se é necessário explicar ao mesmo tempo o massacre dos inimigos e o poder do justo sobre todas as coisas, podemos dizer: ao afirmar: “A cada manhã eu farei calar todos os ímpios da terra, para extirpar da cidade do Senhor todos os malfeitores”, o profeta chamava de terra em sentido figurado a carne cujo “desejo é inimigo de Deus” (Rm 8,7), e de cidade do Senhor, sua alma na qual estava um templo de Deus (cf. 1Cor 3,16-17; 2Cor 6,16); pois ele tinha de Deus uma opinião e uma concepção justas e admiradas de todos os que as observam. Portanto, ao mesmo tempo, repleto por assim dizer de poder e de força pelos raios do Sol da “justiça” (Ml 4,2) que iluminava sua alma, ele suprimia todo “desejo da carne” (Rm 8,7), chamado pelo texto como “pecadores da terra”, e exterminava da cidade do Senhor, que estava na sua alma, todos os raciocínios que tramam a iniquidade e os desejos inimigos da verdade.

No mesmo sentido, os justos destroem tudo o que há de vida em seus inimigos nascidos do vício, sem poupar o menor mal que acaba de nascer. É ainda nesse sentido que compreendemos a passagem do Salmo 136: “Ó devastadora filha de Babel, feliz quem devolver a ti o mal que nos fizeste! Feliz quem agarrar e esmagar teus nenês contra a rocha!” Os recém-nascidos de Babilônia, que significa confusão, são os pensamentos confusos inspirados no vício que nascem e se desenvolvem na alma.

Tornar-se perfeito senhor desta situação para esmagar suas cabeças contra a firmeza e a solidez do Logos é esmagar os nenês de Babilônia contra a rocha e assim se tornar feliz. Assim sendo, admitamos que Deus ordene exterminar as obras da iniquidade, todas as raças sem poupar a juventude: ele nada ensina que contradiga a pregação de Jesus. Admitamos que sob as vistas daqueles que são judeus secretamente Deus realize a destruição de seus inimigos e de todas as obras da malícia. E ainda mais, admitamos que os que recusam obedecer à lei e ao Logos de Deus sejam equiparados a seus inimigos e tragam a marca do vício: eles deverão sofrer as penas merecidas pela desobediência às palavras de Deus.

23. Vemos claramente também, desta forma, que Jesus, o homem de Nazaré, não promulga leis contrárias às declarações citadas a respeito da riqueza e acerca de quem a ela renuncia, quando diz que é difícil a um rico entrar no Reino de Deus: entenda-se por rico simplesmente o que é perseguido pela riqueza e impedido, como por seus espinhos, de produzir os frutos do Logos, ou o homem rico em opiniões mentirosas, de que fala o livro dos Provérbios: “É melhor o pobre justo que o rico mentiroso!” (Pr 28,6).

Que Jesus proscovia o desejo de dominar, Celso provavelmente percebeu esta verdade das passagens seguintes: “O que quiser ser o primeiro dentre vós seja aquele que serve!”; “Sabeis que os governadores das nações as dominam”; “Os reis das nações as dominam, e os que as tiranizam são chamados benfeitores” (Mt 20,25-27; Lc 22,25). Não devemos ver aí contradição com a profecia: “Dominarás muitas nações, mas nunca serás dominado” (Dt 15,28.12), principalmente pelas razões que apresentei ao explicar o texto.

Depois disto Celso propõe uma objeção a propósito da sabedoria. Ele acredita que, de acordo com o ensinamento de Jesus, o sábio não tem acesso ao Pai. Respondemos: para qual sábio? Trata-se do homem assim qualificado pela sabedoria dita deste mundo, que é “loucura diante de Deus” (1Cor 3,19), também, nós diremos que não existe acesso ao Pai para tal sábio. Mas se por sabedoria entendemos Cristo, pois Cristo é poder de Deus e sabedoria de Deus, não só diremos que para tal sábio existe acesso ao Pai, mas também afirmamos: o homem gratificado com o carisma chamado “mensagem de sabedoria” (1Cor 12,8), comunicado pelo Espírito, é bem superior aos que não o são.

24. Em compensação, declaramos proibida a busca da glória entre os homens não só pelo ensinamento de Jesus, mas também pelo Antigo Testamento. Assim, um dos profetas, ao se maldizer por se ter escravizado aos pecados, denuncia como o maior mal que lhe poderia ter sucedido a glória desta vida. E se exprime nestes termos: “Senhor, meu Deus, se eu fiz algo... se em minhas mãos há injustiça, se paguei com o mal ao meu benfeitor, se poupei sem razão o meu opressor, que o inimigo me persiga e alcance! Que me pisoteie vivo por terra e atire meu ventre contra a poeira!” (Sl 7,4-6).

Além disso, nem as palavras: “Não vos preocupeis com a vossa vida quanto ao que haveis de comer ou beber. Olhai as aves do céu: não semeiam, nem ajuntam em celeiros. E no entanto, vosso Pai celeste as alimenta. Ora, não valeis mais do que elas?!” (cf. Mt 6,25-26; Lc 29,24); “E com a roupa, por que andais preocupados? Aprendei dos lírios do campo” (Mt 6,28), e tampouco as palavras que seguem são contrárias às bênçãos da lei que ensinam que o justo comerá e será saciado, nem estas palavras de Salomão: “O justo come e se farta; o ventre dos ímpios passa fome” (Pr 13,25). Pois é preciso observar o seguinte: é o alimento da alma que se tem em mira na bênção da lei: ele sacia não o composto humano, mas apenas a alma. E devemos tirar do Evangelho talvez uma interpretação bastante profunda, e talvez também uma interpretação mais simples, porque não devemos deixar a alma se perder no meio dos cuidados com a alimentação e o vestuário, mas praticar uma vida frugal e ter confiança que Deus providenciará se apenas nos preocuparmos com o que é necessário.

25. Sem pôr em paralelo as passagens da lei com as do Evangelho aparentemente contrárias, Celso acrescenta que é preciso estar pronto a receber um segundo golpe de quem vos bate. Diremos que conhecemos as palavras ditas aos antigos: “Olho por olho, dente por dente”, mas que também lemos estas outras: “A quem te ferir numa face, oferece a outra” (Lc 6,29; Mt 5,38-39). Entretanto, como Celso, imagino eu, se faz porta-voz dos que fazem distinção entre o Deus do Evangelho e o Deus da Lei, devemos responder à sua objeção: o Antigo Testamento também diz: “A quem te bate na face direita, oferece também a outra”. Pelo menos é o que está escrito nas Lamentações de Jeremias: “É bom para o homem suportar o jugo desde sua juventude, que esteja solitário e silencioso quando o Senhor o impuser sobre ele; que ponha sua boca no pó: talvez haja esperança! Que dê sua face a quem o fere e se sacie de opróbrios” (Lm 3,27-29). O Evangelho, portanto, não entra em contradição com o Deus da Lei, nem mesmo a respeito do tapa entendido ao pé da letra. Nenhum dos dois mente, nem Moisés, nem Jesus, e o Pai ao enviar Jesus não esqueceu o que ordenara a Moisés; tampouco renegou as suas próprias leis, mudando de opinião e enviando seu mensageiro com finalidade contrária.

26. Sendo necessário caracterizar brevemente a diferença entre o regime em vigor desde o princípio entre os judeus conforme as leis de Moisés e o regime mais perfeito que os cristão pretendem seguir agora conforme o ensinamento de Jesus, eis o que direi. Por um lado, não era conveniente aos gentios chamados à fé seguir à letra o regime de Moisés, pois estavam sujeitos aos romanos. Por outro lado, não era possível aos judeus de outrora conservar intacta sua constituição, porque, por hipótese, eles obedeciam ao regime evangélico. Os cristãos não podiam se conformar com a lei de Moisés massacrando seus inimigos ou os que suas transgressões da lei condenavam a perecer queimados ou lapidados, porque mesmo os judeus, apesar de seu desejo, não podiam lhes infligir esta pena ordenada pela lei. Em compensação, proibir aos judeus de outrora, que possuíam uma constituição e um território próprios, de atacar seus inimigos e fazer campanha pela defesa de suas tradições, de executar ou castigar de algum modo os adúlteros, os assassinos, os criminosos desta espécie, teria sido reduzi-los em massa a uma destruição total no momento de um ataque inimigo contra a nação, pois sua própria lei os teria privado de força e impedido de rechaçar os inimigos. Mas a Providência, que outrora deu a lei e em nossos dias o Evangelho de Jesus Cristo, não queria mais que o judaísmo estivesse em vigor; ela então destruiu sua cidade, seu templo e o serviço de Deus realizado no templo pelo culto e pelo sacrifício que ela tinha prescrito. E assim como a Providência pôs fim a estas práticas que ela não queria mais, da mesma forma deu ao cristianismo impulso cada dia maior, concedendo então a liberdade de se exprimir, apesar dos obstáculos inúmeros opostos à difusão do ensinamento de Jesus no mundo. E como foi Deus que quis estender aos gentios os benefícios do ensinamento de Jesus Cristo, todo projeto dos homens contra os cristãos foi posto em cheque, e quanto mais os imperadores, os chefes de nações, o povo os humilhavam em todos os lugares, tanto mais numerosos e poderosos se tornavam (cf. Ex 1,7).

A esperança dos cristãos

27. Depois disso, tendo citado diversas afirmações concernentes a Deus que ele erradamente nos atribui, por exemplo, que *Deus seria um corpo, por natureza, e um corpo em forma humana*, Celso pretende refutar o que nós de modo algum afirmamos. Seria supérfluo aduzir e refutar estas acusações. Se disséssemos de Deus o que ele nos atribui e contra o qual ele se insurge, teríamos o dever de citar suas afirmações, de provar nossas teses e destruir as suas. Mas se ele nos atira declarações que ele não ouviu de ninguém, ou que procedem, se acaso ouviu de alguém, de pessoas simples, ingênuas e que não conhecem o sentido da Escritura, não precisamos perder tempo numa tarefa tão inútil. Pois as

Escrituras dizem claramente que Deus é incorpóreo. Por isso, “ninguém jamais viu a Deus” (Jo 1,18), e “o Primogênito de toda criatura” é apresentado como “a imagem do Deus invisível” (Cl 1,15), em outras palavras, incorpóreo. Mas dei acima explicações pormenorizadas a respeito de Deus numa justa medida ao examinar como compreender as palavras: “Deus é espírito e aqueles que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade” (Jo 4,24).

28. Depois destas observações acerca de Deus, caluniosas a nosso respeito, ele nos pergunta *aonde queremos ir, e que esperanças temos nós*. E, como resposta, ele transcreve estas pretensas palavras nossas: *Para outra terra melhor do que esta*. Ele replica: *Os homens divinos dos tempos antigos falaram de uma vida de felicidade reservada às almas bem-aventuradas. Alguns a chamaram “Ilhas dos bem-aventurados”, outros “Campos Elísios”, porque nela os homens são livres dos males deste mundo. Como diz Homero: “Mas para os Campos Elísios, bem nos últimos confins da terra, os Imortais te enviarão, lá onde a vida é aprazível.” E Platão que acredita na imortalidade da alma chama deliberadamente de “terra” esta região para onde a alma é enviada: “É uma imensa extensão, e nós que do mar de Fásis às colunas de Hércules habitamos as margens, como formigas e rãs em volta de uma lagoa, ocupamos apenas uma pequena parte. Muitos outros, porém, noutros lugares, habitam muitas regiões semelhantes. Pois existem em toda parte em volta da terra muitas cavidades de todas as formas e de todos os tamanhos para as quais confluíram a água, a névoa e o ar. Mas a terra como tal, a terra pura, encontra-se na parte pura do céu.”*

Celso, portanto, supõe que nossa ideia de outra terra, melhor e bem superior a esta, nós a obtivemos de certos homens dos tempos antigos que ele julga divinos, e sobretudo de Platão que, no Fédon, tinha especulado sobre a terra pura que se encontra na parte pura do céu. Não percebe que Moisés, bem anterior mesmo ao alfabeto grego, representou Deus prometendo a terra santa “boa e espaçosa onde correm leite e mel” (Ex 3,8) aos que tivessem vivido segundo a lei. Esta boa terra não é, como alguns julgam, a Judeia deste mundo que se encontra, também ela, na terra maldita desde sua origem por causa das obras da transgressão de Adão. Pois a sentença: “Maldito é o solo por causa de ti! Com sofrimentos dele te nutrirás todos os dias de tua vida” (Gn 3,17; 1Cor 15,22), se aplica à terra inteira de que todo homem, morto em Adão, tira seu alimento às custas de sofrimentos, isto é, de trabalhos, e isso todos os dias de sua vida. Sendo maldita, toda a terra “produzirá espinhos e abrolhos todos os dias da vida” para todos os que em Adão foram expulsos do paraíso terrestre; e todo homem come o seu pão “com o suor do rosto até voltar à terra donde foi tirado”. Toda esta passagem contém uma extensa doutrina que pode ser elaborada para elucidação dos termos. Mas aqui me contentarei com breves observações, para refutar o erro que aplica à terra da Judeia o que é dito da boa terra prometida por Deus aos justos.

29. Se realmente a terra toda é maldita por causa das obras de Adão e dos que nele morreram, é evidente que todas as suas partes incorrem na mesma maldição, entre outras, a terra da Judeia. Portanto, não se pode aplicar-lhe esta passagem: “numa terra boa e espaçosa onde correm leite e mel”, ainda que se mostre que Jerusalém e a Judeia são a sombra simbólica da terra pura, boa e espaçosa que se encontra na parte pura do céu, e na qual está a Jerusalém celeste. É ela que o Apóstolo tem em vista, como homem que é ressuscitado com Cristo e que, procurando as realidades superiores, encontrou um sentido que não vem de nenhuma fábula judaica, quando diz: “Mas vós vos aproximastes do monte Sião e da Cidade do Deus vivo, da Jerusalém, celestial, e de milhões de anjos reunidos em festa” (Hb 12,22).

Para nos convenceremos de que esta interpretação da terra boa e espaçosa de que fala Moisés nada tem de contrária ao sentido do Espírito divino, prestemos atenção ao que dizem todos os profetas: eles

ensinam a volta a Je-rusalém dos que se afastaram dela e longe dela pecaram, e em geral lembram a restauração da nação e a cidade de Deus, como os chama quem disse: “Ele tem seu lugar na santa paz”, ou ainda: “O Senhor é grande e muito louvável na cidade de nosso Deus, a montanha sagrada, bela em altura, alegria da terra toda” (Sl 75,3; 47,2-3).

Será suficiente citar aqui as passagens do Salmo 36 sobre a terra dos justos: “Os maus serão extirpados e os que esperam no Senhor possuirão a terra”; e pouco depois: “Os que ele abençoa possuirão a terra, os que ele amaldiçoa serão extirpados”; e mais adiante ainda: “Espera pelo Senhor e observa o seu caminho; ele te exaltará, para que possuas a terra: tu verás os ímpios extirpados” (Sl 36,9.22.34).

30. Além disso, a ideia de que o brilho das pedras consideradas neste mundo preciosas seria reflexo daquele das pedras da terra superior parece-me tirada por Platão da descrição feita por Isaías da cidade de Deus, da qual está escrito: “Farei de rubi as tuas ameias e de berilo as tuas portas, de pedras preciosas todas as tuas muralhas” e ainda: “Estabelecerei os teus alicerces sobre safira” (Is 54,12.11). Mas os partidários mais sérios do filósofo explicam o mito de Platão como uma alegoria. E quanto às profecias, das quais, a meu ver, Platão tirou seu mito, àqueles que, sob a inspiração divina, levaram uma vida semelhante à dos profetas e consagraram todo seu tempo em perscrutar as santas Escrituras, cabe-lhes expô-las aos que pela pureza de sua vida e seu desejo de aprender os segredos de Deus para elas estão preparados.

Minha intenção era unicamente mostrar que nossa terra santa nada deve aos gregos nem a Platão. Foram eles que, embora bem posteriores ao antigo Moisés e mesmo à maior parte dos profetas, assim falaram da terra superior, ou porque compreenderam mal certos termos enigmáticos empregados por eles a este respeito, ou porque leram e plagiaram as Santas Escrituras. Ainda mais, Ageu estabeleceu uma distinção manifesta entre o continente e a terra, chamando de continente esta terra que pisamos. Diz ele: “Ainda um pouco de tempo e eu abalarei o céu, a terra, o mar e o continente” (Ag 2,6).

31. Celso adia a explicação do mito de Platão que se encontra em Fédon: *Mas o que pretende ele indicar com isso? Não é coisa fácil a qualquer sabê-lo, a não ser que se possa compreender o que significa o que ele diz: “A fraqueza e a lentidão nos tornam incapazes de chegar ao limite do ar; se nossa natureza fosse capaz de manter esta contemplação, haveríamos de reconhecer aí o verdadeiro céu e a verdadeira luz”*. A exemplo dele, também eu, julgando que não é intenção atual minha elucidar o tema da terra santa e boa, da cidade de Deus que nela se encontra, remeto o leitor aos Comentários dos profetas, tendo em parte explicado na medida do possível a cidade de Deus em meus estudos sobre os Salmos 45 e 47. Mas a antiquíssima doutrina de Moisés e dos profetas sabia que as realidades verdadeiras têm todas o mesmo nome que as coisas mais comuns deste mundo: por exemplo, existe uma luz verdadeira e um céu que é diferente do firmamento, e o sol de justiça é coisa diferente do sol sensível. Em suma, em contraposição às coisas sensíveis das quais nenhuma é verdadeira, ela declara: “Deus cujas obras todas são verdade” (Dn 4,34); ela põe na categoria das realidades verdadeiras as obras de Deus, e na categoria das coisas inferiores “as obras de suas mãos”. Desta forma Isaías censura a alguns: “Para os feitos do Senhor eles não têm um olhar sequer, eles não veem a obra das suas mãos” (Is 5,12). Mas basta sobre este ponto.

Ressurreição

32. Celso não compreendeu nossa doutrina da ressurreição, doutrina rica, difícil de expor, por exigir mais do que qualquer outra intérprete bem preparado para mostrar o quanto esta doutrina é digna de

Deus e sublime: de acordo com ela, existe uma relação seminal no que a Escritura chama a tenda da alma (2Cor 5,4), na qual os justos gemem acobrunhados; e gostariam de não “ser despojados de sua veste, mas revestir a outra por cima desta” (2Cor 5,4). Por ter ouvido falar da ressurreição da boca de pessoas simples, incapazes de apoiá-la com qualquer razão, ridiculariza o que se afirma. Será útil acrescentar ao que ficou dito acima esta simples observação sobre a doutrina: não é, como acredita Celso, *por ter compreendido mal a doutrina da metempsicose que nós falamos de ressurreição*; mas é porque sabemos que a alma, que por sua própria natureza é incorpórea e invisível, precisa, quando se encontra num lugar corporal qualquer, de um corpo apropriado por sua natureza neste lugar. Ela carrega este corpo depois de ter abandonado a veste, necessária antes, mas supérflua para um segundo estado, e a seguir, após tê-lo revestido por cima com aquela veste que tinha inicialmente, porque precisa de uma veste melhor para chegar às regiões mais puras, etéreas e celestes. Ao nascer para o mundo, ela abandonou a placenta que era útil à sua formação no seio de sua mãe enquanto nela se encontrava; revestiu por baixo o que era necessário a um ser que viveria na terra.

Além disso, como existe uma morada terrena da tenda, que é necessária de certa maneira à tenda, as Escrituras declaram que a morada terrena da tenda será destruída, mas que a tenda revestirá “uma morada não feita por mão humana, eterna no céu”. E os homens de Deus dizem: “Este ser corruptível revestirá a incorruptibilidade” (1Cor 15,53), que é diferente do que é incorruptível, “este ser mortal revestirá a imortalidade”, que é diferente do que é imortal. Realmente, a mesma relação que tem a sabedoria com o que é sábio, a justiça com o que é justo, a paz com o que é pacífico, existe igualmente entre a incorruptibilidade e o que é incorruptível, entre a imortalidade e o que é imortal. Repara, pois, na exortação que nos faz a Escritura ao dizer que revestiremos a incorruptibilidade e a imortalidade; como vestes para aquele que delas se revestiu e que por elas é envolvido, elas não permitem que quem por elas é envolvido seja sujeito à corrupção ou à morte. Eis o que tive a ousadia de dizer porque não compreendeu o que entendemos por ressurreição, e aproveitou a oportunidade para ridicularizar uma doutrina que ele não conhece.

33. Acreditando que ensinamos o mistério da ressurreição para conhecer e ver a Deus, ele inventa afrontas à vontade: *Pressionados de todos os lados e confusos, como se nada tivessem compreendido, voltam continuamente à mesma questão: como pois conhecer e ver a Deus? Como ir até ele?* Fique, pois, sabendo quem quiser o seguinte: para outras funções, precisamos de um corpo, porque nos encontramos num lugar material, e de um corpo apropriado para a natureza do lugar material; precisando de um corpo, revestimos por cima da tenda as qualidades de que falamos. Mas para conhecermos a Deus, não precisamos do corpo. O conhecimento de Deus não depende do olho do corpo, mas do espírito: este vê o que é à imagem do Criador e recebeu da providência de Deus o poder de conhecer a Deus. E o que vê a Deus é o coração puro donde não provêm mais pensamentos perversos, nem assassínios, nem adultérios, nem fornicções, nem roubos, nem falsos testemunhos, nem difamações, nem mau olhar, nem qualquer outra inconveniência (cf. Mt 15,19; Mc 7,21-22). Por isso se diz: “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus” (Mt 5,8). E como nossa livre determinação não é suficiente para nos dar um coração inteiramente puro, mas temos necessidade de Deus que o cria assim, por isso o homem que ora com inteligência diz: “Ó Deus, cria em mim um coração puro” (Sl 50,12).

34. Jamais também se há de perguntar, como se Deus estivesse em algum lugar: como chegar a ele? Porque Deus é superior a todo lugar e contém tudo o que pode ser, e nada existe que possa conter a Deus. Não é chegar até Deus corporalmente que o preceito nos ordena: “Seguireis ao Senhor vosso Deus” (Dt 13,5); não é corporalmente que o profeta quer aderir a Deus, quando diz, na oração: “Minha

vida está ligada a ti” (Sl 62,9). Celso nos calunia, portanto, dizendo que *nós esperamos ver a Deus com os olhos de nosso corpo, ouvir sua voz com nossos ouvidos, tocá-lo com nossas mãos sensíveis*. Sabemos pelo contrário que as divinas Escrituras empregam termos homônimos para os olhos que não são os do corpo, e da mesma forma para os ouvidos ou as mãos; e o que é mais notável, para um sentido divino e de outra ordem que não é o sentido designado comumente por esta palavra. Pois quando o profeta diz: “Abre meus olhos para eu contemplar as maravilhas que vêm de tua lei”; “O mandamento do Senhor é claro, ilumina meus olhos”; “Ilumina meus olhos, para que eu não adormeça na morte” (Sl 118,18; 18,9; 12,4), ninguém é tão néscio a ponto de pensar que os olhos do corpo compreendem as maravilhas da lei divina, ou que o mandamento do Senhor ilumina os olhos do corpo, ou que ele possa enviar um sonho que cause a morte.

Além disso, quando nosso Salvador diz: “Quem tem ouvidos, ouça!” (Mt 11,15; 13,9, etc.), qualquer pessoa compreende que se trata de ouvidos de ordem espiritual. E quando se diz que “a palavra do Senhor” está na mão do profeta Jeremias ou de algum outro, ou a lei “na mão” de Moisés (Jr 1,4.9; Nm 16,40), ou “Procurei a Deus com minhas mãos e não fui enganado” (Sl 76,3), ninguém é tão imbecil a ponto de não compreender que se trata de mãos no sentido figurado. É delas também que João declara: “Nossas mãos apalparam do Verbo da vida” (1Jo 1,1). E para aprender das Santas Escrituras que existe um sentido superior e não corporal, é preciso compreender as palavras de Salomão nos Provérbios: “Encontrarás o conhecimento de Deus” (Pr 2,5).

35. Portanto, não temos necessidade, como se procurássemos a Deus desta maneira, de irmos aonde Celso nos envia, *aos templos de Trofônio, de Anfiarau, de Mopso, onde, diz ele, os deuses se manifestam em forma humana e, acrescenta, sem fraude mas com toda clareza*. Pois sabemos que são demônios que se alimentam de gorduras, de sangue e de fumaças dos sacrifícios, postos assim nas prisões construídas por sua cobiça. Os gregos viram nelas templos de divindades, mas nós sabemos que existem nelas apenas habitações de demônios impostores.

Celso maldosamente acrescenta, a propósito desses deuses que ele mencionou, com forma humana segundo ele: *Nós os veremos não uma única vez numa aparição fugidia como aquele que enganou os cristãos, mas num comércio permanente com aqueles que o desejam*. Parece uma consequência disso que, segundo seu pensar, Jesus era fantasma ao se manifestar a seus discípulos depois de sua ressurreição dos mortos, mostrando-se a eles numa aparição fugidia; ao passo que os que ele chama deuses em forma humana lhe parecem viver em comércio permanente com os que o desejam. Mas como um fantasma, como ele diz, que apareceu fugidamente para enganar os espectadores, pode, depois de passada esta visão, realizar tantas maravilhas, converter as almas de tantas pessoas, nelas implantar a persuasão de que devem fazer tudo para agradar a Deus porque serão julgadas por ele? Como um pretense fantasma expulsa demônios e realiza outras ações admiráveis? Pois não lhe é atribuído apenas um lugar, como aos deuses de Celso em forma humana, mas ele percorre toda a terra, ele ajunta e atrai por sua divindade a todos os que ele encontra propensos para uma vida virtuosa.

Conhecimento de Deus

36. Depois destes ataques aos quais respondi da melhor forma, Celso volta à carga: *Mas eles perguntarão ainda: Como conhecerão a Deus se não chegam até ele pelos sentidos? O que se pode conhecer sem o uso dos sentidos?* Em seguida, ele mesmo responde: *Isto nada tem a ver com o homem, nem com a alma, mas com a carne. Mas que pelo menos ouçam se esta raça pusilânime e agarrada ao corpo é capaz de entender alguma coisa. Quando tiverdes fechado a entrada dos sentidos, olhado para cima pelo espírito e uma vez longe da carne, tiverdes despertado os olhos da alma, só então vereis a*

Deus. E se procurais um guia para este caminho, deveis fugir dos impostores e feiticeiros que evocam fantasmas, para evitardes este cúmulo do ridículo de falar mal tratando-os de fantasmas dos outros deuses visíveis, enquanto vós adorais um homem mais miserável que os próprios fantasmas verdadeiros, e que não é mais um fantasma mas na verdade um morto, e procurais para ele um pai semelhante a ele.

Para responder à sua prosopopeia, que nos atribui palavras que diríamos para defender a ressurreição da carne, direi em primeiro lugar: a habilidade de um autor de prosopopeia é manter a intenção e o caráter habitual da personagem posta em cena; seu erro é atribuir ao que fala expressões em desacordo com sua personagem. Duas categorias de autores merecem igualmente a crítica: primeiro, os que numa prosopopeia atribuem a bárbaros, a pessoas incultas, a escravos, que jamais entenderam raciocínios filosóficos e não sabem articulá-los corretamente, uma filosofia que talvez conheça o autor, mas que não se pode supor conhecida com alguma probabilidade da personagem posta em cena; depois, aqueles que atribuem a pessoas apresentadas como sábios versados nas coisas divinas as palavras ditas por pessoas incultas sob a influência das paixões vulgares ou ditadas pela ignorância. Por isso um dos numerosos títulos que tornam Homero admirável é ter mantido as personagens dos heróis tais como os propôs desde o início: por exemplo, Nestor, Ulisses, Diomedes, Agamêmnon, Telêmaco, Penélope ou algum dos outros. Mas Eurípides é injuriado por Aristófanes por raciocinar fora de propósito, por ter muitas vezes posto na boca de mulheres bárbaras ou escravas a expressão de doutrinas tiradas por ele de Anaxágoras ou de algum outro sábio.

37. Se tais são as qualidades e os defeitos na arte da prosopopeia, não haverá uma boa razão para se zombar de Celso quando ele atribui aos cristãos afirmações que eles não defendem? Se ele tivesse imaginado palavras de pessoas simples, como pessoas desta espécie poderiam distinguir os sentidos da inteligência, o sensível do inteligível e dogmatizar à maneira dos estoicos que negam as realidades inteligíveis e afirmam que as coisas de que temos compreensão são entendidas pelos sentidos, e que toda compreensão depende dos sentidos? Mas se ele empresta estas palavras que ele inventa aos que interpretam filosoficamente os mistérios de Cristo e têm o máximo cuidado em examiná-los, sua ficção não lhes é aplicável. Com efeito, não existe personagem que, sabendo que Deus é invisível e que certas criaturas são invisíveis, quer dizer inteligíveis, diria para defender a ressurreição: se não chegamos até Deus pelos sentidos, como chegar a conhecê-lo, ou o que se pode conhecer sem o uso dos sentidos? E não é em obras pouco acessíveis, lidas somente por pequeno número de eruditos, mas sim mais populares, que está escrito: “Sua realidade invisível — seu eterno poder e sua divindade — tornou-se inteligível, desde a criação do mundo, através das criaturas” (Rm 1,20). Decorre daí esta conclusão: embora os homens nesta vida devam partir dos sentidos e do sensível quando querem se elevar até a natureza do inteligível, de modo algum devem se prender ao sensível. Tampouco diremos que é impossível sem o uso dos sentidos conhecer o inteligível, ainda que se proponha a questão nestes termos: quem pode conhecer sem o uso dos sentidos? Provaremos que Celso não teve razão em afirmar que isso não tem a ver nem com o homem nem com a alma, mas com a carne.

38. Ao dizer que o Deus do universo é espírito, ou que ele está além do espírito e da essência, simples, invisível, incorpóreo, afirmamos que Deus só é compreendido por aquele que foi criado à imagem deste espírito; e para empregar a expressão de Paulo: “Agora vemos em espelho e de maneira confusa, mas, depois, veremos face a face” (1Cor 13,12). Se digo “face”, que ninguém venha, por causa do termo, criticar o sentido que ele comporta. Mas esta frase: “E nós todos que, com a face descoberta, refletimos como num espelho a glória do Senhor, somos transfigurados nesta mesma imagem, cada vez mais resplandecente” (2Cor 3,18), deve nos ensinar que neste mundo o que importa não é uma

face perceptível aos sentidos, mas entendida em sentido figurado; e o mesmo se diga dos olhos, dos ouvidos e, como mostramos acima, de tudo que tem o mesmo nome que os órgãos do corpo.

Portanto, o homem, quer dizer, a alma que se serve de um corpo, chamada “homem interior” (Rm 7,22), e também “a alma”, não há de responder ao que escreve Celso, mas o que ensina o homem de Deus. O cristão não pode manter um propósito da carne; ele aprendeu a mortificar “pelo Espírito as obras do corpo” e a trazer “sempre em seu corpo a agonia de Jesus” (Rm 8,13; 2Cor 4,10), recebeu esta ordem: “Mortificai, pois, os vossos membros terrenos” (Cl 3,5). Conhece o sentido das palavras: “Meu espírito não se responsabilizará indefinidamente pelo homem, pois ele é carne” (Gn 6,3), ele sabe que “os que estão na carne não podem agradar a Deus” (Rm 8,8), e tudo faz para não estar de modo algum na carne, mas somente no espírito.

39. Vejamos agora o seu convite para que ouçamos dele a maneira como conheceremos a Deus; embora, no seu modo de pensar, nenhum dos cristãos seja capaz de entender suas palavras, pois ele diz: Que eles ouçam, entretanto, se ao menos são capazes de entender alguma coisa. Vejamos então que palavras este filósofo quer que ouçamos dele. Ele devia nos ensinar, e nos injuria. Devia dar testemunho de benevolência com os que o ouvem, ao início de sua argumentação, e tacha de raça pusilânime os que enfrentam até a morte para não abjurar, nem por uma palavra, o cristianismo, e que estão preparados para suportar todos os maus tratos e todo gênero de morte. Trata-nos como raça presa ao corpo, a nós que afirmamos: “Mesmo se conhecemos a Cristo segundo a carne, agora já não o conhecemos assim” (2Cor 5,16), e que estamos mais prontos a nos desfazer do corpo pela religião do que um filósofo a deixar seu manto.

Ele então nos diz: Quando tiverdes fechado a entrada dos sentidos, olhado para cima pelo espírito e, uma vez longe da carne, tiverdes despertado os olhos da alma, só então vereis a Deus. E imagina que não tínhamos ainda refletido sobre esta ideia que ele tira dos gregos, quero dizer, de duas espécies de olhos. Devemos responder que Moisés, ao descrever a criação do mundo, representa o ser humano antes de sua transgressão ora vendo, ora não vendo: a Escritura diz “vendo”, quando se refere à mulher: “A mulher viu que a árvore era boa ao apetite e formosa à vista, e que essa árvore era desejável para adquirir discernimento” (Gn 3,6). Ela diz “não vendo”, não somente nas palavras da serpente à mulher, que supõem olhos cegos: “Mas Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão”, mas também quando afirma: “Eles comeram do fruto e então abriram-se os olhos dos dois” (Gn 3,6-7). Portanto, eles abriram os olhos de seus sentidos que eles tinham razão em manter fechados, para não serem impedidos pelas distrações de olhar com o olho da alma; mas os olhos da alma, que eles até então prazerosamente mantinham abertos sobre Deus e o seu Paraíso, foram os que eles, a meu ver, fecharam pelo seu pecado.

Daí decorre igualmente o fato de nosso Salvador, sabendo que existem em nós duas espécies de olhos, declara: “Para um discernimento é que vim a este mundo: para que os que não veem, vejam, e os que veem, tornem-se cegos” (Jo 9,39). Por aqueles que não veem ele dá a entender os olhos da alma, a quem o Logos dá a faculdade de ver, e por aqueles que veem, os olhos dos sentidos que o Logos torna cegos, para que a alma veja sem distração o que ela deve ver. Portanto, todo homem que vive seu cristianismo como convém mantém acordado o olho de sua alma e fechado o dos sentidos. E à medida que o olho superior está aberto e fechada a visão dos sentidos, todos compreendem e contemplam ao Deus supremo e seu Filho, que é o Logos, Sabedoria, etc.

40. Depois da passagem que acabamos de examinar, Celso desenvolve para todos os cristãos um argumento que, a rigor, se aplicaria aos que se declaram absolutamente estranhos ao ensinamento de Jesus: assim, os ofitas que, como se dizia acima, rejeitam totalmente a Jesus, e alguns outros que

sustentam opiniões análogas às suas; eis os impostores e feiticeiros que evocam fantasmas; eis os que aprendem miseravelmente os nomes dos porteiros. Portanto, ele se engana de destinatários quando diz aos cristãos: Se procurais um guia para este caminho, é preciso que fujais dos impostores e dos feiticeiros que evocam fantasmas. Ele não percebe que estas pessoas, tão impostoras quanto ele, falam mal de Jesus e de todas as religiões. Por isso ele acrescenta, confundindo-nos com eles em seu argumento: para evitardes este cúmulo do ridículo de falar mal tratando-os de fantasmas dos outros deuses visíveis, enquanto vós adorais um homem mais miserável que os próprios fantasmas verdadeiros, e que não é mais um fantasma mas na verdade um morto, e procurais para ele um pai semelhante a ele.

O fato de Celso não ter sabido a diferença entre a posição dos cristãos e a dos inventores destas fábulas, de ele pensar que os agravos dirigidos a eles se aplicam a nós e o fato de nos opor a essa gente sem razão, transparece claramente das seguintes palavras: *Eis aí a grande impostura, e estes conselheiros admiráveis, e as palavras maravilhosas dirigidas ao leão, ao anfíbio de cabeça de burro, e a outros porteiros divinos cujos nomes aprendestes miseravelmente de cor, pelos quais, ó infelizes, sois atormentados cruelmente, sois arrastados ao suplício, sois sacrificados!* Com toda certeza ele ignora que nenhum daqueles que consideram como os porteiros do caminho de subida, os demônios em forma de leão e com cabeça de asno, e o anfíbio, resiste até à morte, mesmo em se tratando do que lhe parece a verdade. Mas o excesso de piedade, por assim dizer, que nos entrega a toda espécie de morte e à crucifixão é atribuído por ele aos que nada suportam de semelhante. É a nós que somos crucificados pela religião que ele critica por sua fábula de demônios em figura de leão, de anfíbio e outros. Não é Celso que nos desvia dessa doutrina sobre o demônio em forma de leão e outros: jamais admitimos qualquer coisa parecida. Nós nos conformamos é com o ensinamento de Jesus, afirmando o contrário do que eles dizem, e recusando admitir que Miguel ou algum dos que acabam de ser enumerados tenham tal forma de rosto.

Teologia antiga e platônica

41. Mas devemos examinar quem é que Celso deseja ver-nos *seguir para não ficarmos sem guias antigos e santas personagens*. Ele nos remete aos *poetas, inspirados* segundo ele, *nos filósofos*, sem apresentar-lhes os nomes. Apesar de sua promessa de nos mostrar os guias, ele se limita a indicar, em geral, os *poetas inspirados*, os *sábios*, os *filósofos*. Se tivesse citado o nome de cada um deles, poderia parecer lógico opor que, para induzir em erro, ele nos desse como guias homens cegos à verdade, ou se não totalmente cegos, pelo menos no erro sobre muitas doutrinas da verdade. Entende então como *poetas inspirados* Orfeu, Parmênides, Empédocles, ou o próprio Homero ou também Hesíodo? Cada pessoa pode mostrar como aqueles que seguem tais guias caminham num caminho melhor e têm mais socorro nas dificuldades da vida do que os que, graças ao ensinamento de Jesus Cristo, disseram adeus a todas as imagens e estátuas, e mesmo a toda a superstição judaica, e que pelo Logos de Deus erguem seu olhar para o Deus único Pai do Logos.

E quem são então os *sábios* ou os *filósofos* com os *quais* Celso quer que aprendamos *muitas verdades divinas*? Pois ele quer fazer que abandonemos Moisés, o servo de Deus, os profetas do Criador do universo que, verdadeiramente inspirados, disseram tantas verdades. Ele quer fazer-nos abandonar até Aquele que iluminou o gênero humano, anunciou o caminho da verdadeira piedade; o qual, enquanto dependia dele, a ninguém deixou sem participação em seus mistérios; que, ao contrário, no excesso de seu amor pelos homens, pode dar aos espíritos mais inteligentes uma concepção de Deus capaz de elevar a alma acima das coisas deste mundo; o qual, contudo,

condescende em vir em auxílio dos pobres recursos dos homens ignorantes, das mulheres simples, dos escravos, em suma, dos que não têm o socorro de ninguém a não ser de Jesus somente para fazê-los levar uma vida melhor enquanto possível, com as doutrinas que eles puderam receber sobre Deus.

42. Em seguida, ele nos remete a *Platão* como a *mestre mais eficaz em matéria de teologia*, e cita a afirmação do *Timeu*: *Descobrir o autor e pai deste universo é muito árduo, e uma vez descoberto, anunciá-lo a todos é impossível*. Depois ele acrescenta: *Vede pois como os intérpretes de Deus e os filósofos procuram o caminho da verdade, e como Platão sabia que era impossível a todos caminhar por ele. Mas como os sábios o encontraram para nos fazerem adquirir a respeito do Ser inominável e Primeiro alguma noção que o torne manifesto, quer pela síntese que domina as outras coisas, quer por separação delas, quer por analogia, quero ensinar o Ser que por outro caminho é inefável; mas ficarei muito espantado que possais me seguir, vós que viveis estreitamente presos à carne e cujo olhar nada tem de puro*.

A sentença de Platão é certamente sublime e não desprezível. Mas repara se a divina Escritura não representa com um amor maior da humanidade o Deus Logos, que “no princípio estava com Deus”, tornando-se carne (Jo 1,1-2.14) para que pudesse chegar a todos os homens o Logos acerca do qual Platão diz que, uma vez descoberto, anunciá-lo a todos é impossível. Platão pode dizer: “Descobrir o autor e pai deste universo é muito árduo”: ele dá a entender que não é impossível para a natureza humana descobrir a Deus como ele merece ou, se não como ele merece, pelo menos mais e melhor do que a multidão. Se isto fosse verdade e Deus fosse realmente descoberto por Platão ou por algum dos gregos, eles não teriam venerado, chamado a deus, adorado nenhuma outra coisa, quer abandonando-o, quer associando nele coisas incompatíveis com sua majestade. Nós, porém, sustentamos que a natureza humana não é capaz, em si mesma, de modo algum, de procurar a Deus e descobri-lo com pureza, a não ser que seja ajudada por Aquele que procuramos. E ele é descoberto pelos que reconhecem, depois de terem feito o que podiam, que têm necessidade dele. Ele manifesta-se àqueles a quem ele julga razoável aparecer à medida que naturalmente é possível a Deus ser conhecido pelo homem e à alma humana sempre no corpo conhecer a Deus.

43. Além disso, quando Platão diz que, uma vez descoberto o autor e o pai do universo, é impossível anunciá-lo a todos, ele declara não que ele seja inefável e inominável, mas que ele é inexprimível e pode ser dito a um pequeno número. Depois Celso, como se houvesse esquecido as palavras de Platão que ele citou, diz que até para esses Deus é inominável: pois os sábios o encontraram para que pudéssemos adquirir uma noção do Ser inominável e Primeiro. Ora, nós dizemos que Deus não é o único ser inefável, mas que existem outros entre os seres inferiores a ele. Foi o que Paulo procurou indicar dizendo: “Ouvii palavras inefáveis, que não é lícito ao homem repetir” (2Cor 12,4), frase em que a palavra “ouvii” é sinônimo de “compreendeu” como no exemplo: “Quem tem ouvidos, ouça!” (Mt 11,15; 13,9).

Afirmamos, portanto, que ver o autor e o pai do universo é trabalho árduo. Nós, porém, o vemos da maneira como o indica não só a promessa: “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus” (Mt 5,8), mas também a declaração daquele que é a “imagem do Deus invisível”: “Quem me vê, vê o Pai que me enviou” (Cl 1,15; Jo 14,9). Com efeito, nenhum homem sensato dirá que Jesus disse: “Quem me vê, vê o Pai que me enviou” referindo estas palavras a seu corpo sensível e visível aos homens. Do contrário, também teriam visto Deus Pai todos aqueles que diziam: “Crucifica-o, crucifica-o!”, bem como Pilatos que recebera o poder sobre a natureza humana de Jesus, o que é absurdo. Que as palavras: “Quem me vê, vê o Pai que me enviou” não devem ser tomadas em sua acepção ordinária, a prova está nas palavras ditas a Filipe: “Há tanto tempo estou convosco e tu não

me conheces, Filipe?” era a resposta ao pedido: “Senhor, mostra-nos o Pai e isso nos basta!” (Jo 14,8-9). Portanto, quando tivermos compreendido que é preciso entender estas palavras do Deus unigênito Filho de Deus, o Primogênito de toda criatura, enquanto o Logos se fez carne, saberemos como, vendo a Imagem do Deus invisível, conheceremos o pai e o autor deste universo.

44. Celso pensa que Deus é conhecido pela síntese que domina as outras coisas, semelhante à síntese de que falam os geômetras, quer pela análise que o distingue das outras coisas, quer também por uma analogia semelhante à sua, se formos capazes, porém, de chegar por este método ao vestibulo do Bem. Mas ao dizer: “Ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar” (Mt 11,27; Lc 10,22), o Logos de Deus declara que Deus é conhecido por favor divino, inseparável da ação de Deus na alma que nela produz uma espécie de transporte divino. É muito natural que o conhecimento de Deus ultrapasse a natureza humana; por isso se explica por que há tantos erros a respeito de Deus. Mas, graças à bondade e ao amor de Deus pelos homens, por um favor milagroso propriamente divino, este conhecimento de Deus chega a todos os que foram predestinados, porque Deus sabia de antemão que eles viveriam de maneira digna de Deus que eles teriam conhecido: não falsificariam em nada a religião para com ele, ainda que os que não têm nenhuma ideia da religião e a imaginam bem diferente do que ela é realmente os conduzissem à morte, ainda que os julgassem extremamente ridículos.

Mas Deus, imagino eu, via a arrogância e o desprezo pelos outros daqueles que se orgulham de ter, pela filosofia, conhecido a Deus e conhecido seus segredos e que, entretanto, tal como os incultos, se desvelam em volta de suas estátuas, de seus templos, e dos mistérios tão celebrados; ele, portanto, escolheu “o que é loucura no mundo”, os cristãos mais simples, cuja conduta é mais moderada e mais pura do que a de muitos filósofos, “para confundir os sábios” (1Cor 1,27) que não se envergonham de seu comércio com os seres inanimados tratando-os como deuses ou imagens de deuses.

Que homem sensato não riria daquele que, depois de tantas especulações filosóficas sublimes sobre Deus ou os deuses, volta seus olhos para as estátuas e lhes dirige sua prece ou, através destas imagens que ele vê, a oferece na realidade ao ser objeto de seu pensamento para o qual ele imagina que deve subir a partir das coisas visíveis e do símbolo? Mas o cristão mais simples sabe que qualquer lugar do mundo é parte do todo e que o mundo inteiro é o templo de Deus. Orando “em todo lugar”, depois de ter fechado a entrada dos sentidos e aberto os olhos da alma, eleva-se acima de todo o mundo; nem mesmo se detém na abóbada do céu, mas atingindo pelo pensamento o lugar supraceleste, guiado pelo Espírito divino e, por assim dizer, fora do mundo, faz subir até Deus sua oração que não tem como objeto as coisas passageiras. Pois ele aprendeu de Jesus a não procurar nada de pequeno, quer dizer sensível, mas somente as coisas grandes e verdadeiramente divinas que sobrevêm como dons de Deus para guiar à bem-aventurança junto dele, por seu Filho, o Logos que é Deus.

A verdade e a vida

45. Mas, vejamos o que pretende ele nos ensinar, se é que somos capazes de seguir seu pensamento, quando declara que somos estreitamente presos à carne, mas que, se levarmos vida correta segundo a doutrina de Jesus, ouvimos a palavra: “Vós não estais na carne, mas no espírito, se é verdade que o Espírito de Deus habita em vós” (Rm 8,9). Ele acrescenta que nosso olhar nada tem de puro, nós que nos esforçamos até em nossos pensamentos por evitar a impureza das sugestões do mal e dizemos em nossa oração: “Ó Deus, cria em mim um coração puro, renova um espírito firme no meu peito” (Sl 50,12), para poder contemplar a Deus com um coração puro, único capaz de vê-lo.

E eis o que ele diz: “A essência e a geração constituem o inteligível e o visível. A verdade

acompanha a essência, o erro a geração. À verdade se liga a ciência, ao outro domínio a opinião. O inteligível é questão de intelecção, o visível, de visão. É o intelecto que conhece o inteligível, e o olho o visível. Portanto, o que é o sol para as coisas visíveis — ele não é nem olho nem visão, mas é causa, para o olho do fato de ver, para a visão do fato de, por ele, ela existir, para as coisas visíveis, do fato de serem vistas, para todas as coisas sensíveis, do fato de serem sujeitas à geração; e bem mais, ele mesmo é para si mesmo causa de o verem — eis o que Deus é para as coisas inteligíveis: ele não é nem o intelecto, nem a intelecção, nem a ciência, mas ele é a causa, para o intelecto, de seu ato de inteligência, para a intelecção, do fato de ela existir por ele, para a ciência, do fato de que por ele ela conhece, para todas as coisas inteligíveis e a própria verdade e a própria essência, do fato de existirem, sendo ele mesmo, além de todas as coisas, inteligível por certo poder inefável.

Estas reflexões dirigem-se aos inteligentes. Se compreendeis alguma coisa vós mesmos, melhor para vós. E se acreditais que um espírito desce de junto de Deus para anunciar antecipadamente as coisas divinas, pode ser este espírito que proclama tudo isso; na verdade, penetrados por ele é que os antigos anunciaram tantas doutrinas excelentes. Se não conseguis entendê-los, calai-vos, escondi vossa ignorância, não trateis como cegos os que veem, de coxos os que correm, quando na verdade vós é que sois coxos e mutilados na alma, e viveis apenas para o corpo, quer dizer, para uma coisa morta.”

46. Para nós que temos o cuidado em não combater nada que seja nobremente expresso, ainda que os autores sejam estranhos à nossa fé, e em não provocar discussões nem pretender derrubar as doutrinas sadias, eis nossa resposta. É inútil insultar os que querem consagrar todos os seus esforços em praticar a piedade para com o Deus do universo, que acolhe tanto a fé que os simples têm nele quanto a piedade refletida daqueles que têm mais inteligência, e que fazem subir suas preces com ação de graças ao Criador do universo como o Sumo Sacerdote que dirigiu pelos homens a piedade pura para com Deus; é inútil tratar essas pessoas de coxos e mutilados na alma, e dizer que elas vivem para o corpo, coisa morta, pois elas dizem com toda alma: “Embora vivamos na carne, não militamos segundo a carne. Na verdade, as armas com que combatemos não são carnais, mas têm, ao serviço de Deus, o poder de destruir fortalezas” (2Cor 10,3-4): cuidado, pois basta falar mal das pessoas que oram por serem de Deus e já se faz a alma coxear e se mutila em si mesmo “o homem interior” amputando-o, por estas calúnias contra os que querem viver na virtude da moderação e do equilíbrio, cuja semente o Criador naturalmente lançou na natureza racional! Quando ao contrário tivermos aprendido, entre outras coisas do divino Logos para vivê-lo na prática, quando somos insultados, a bendizer, quando somos perseguidos, a suportar, quando somos caluniados, a suplicar, seremos do número dos que, tendo corrigido os passos da alma, purificam e preparam a alma inteira. Não se trata de distinguir apenas em palavras a essência da geração, o inteligível do visível, de referir a verdade à essência, de fugir por todos os meios do erro que acompanha a geração. Por este ensinamento fugimos, não das coisas da geração, que vemos e que, por esta razão, são passageiras, mas às realidades superiores, quer as chamemos essência, quer invisíveis porque são inteligíveis, ou coisas que não vemos porque é próprio de sua natureza fugir aos sentidos.

É exatamente esta a maneira como os discípulos de Jesus consideram o que está sujeito à geração, servindo-se dela como de degrau para chegar a compreender a natureza das realidades inteligíveis. Pois “as obras invisíveis de Deus”, quer dizer, as realidades inteligíveis, “desde a criação do mundo podem ser conhecidas através das criaturas” pela ação do espírito. Entretanto, depois de se terem elevado das coisas criadas do mundo às obras invisíveis de Deus, eles não param. Mas, depois de se terem exercitado suficientemente por elas e as ter compreendido, os discípulos de Jesus sobem até ao

poder eterno de Deus, quer dizer, à sua divindade. Eles sabem que Deus em seu amor aos homens manifestou a verdade e o que podemos conhecer dele mesmo, não somente aos que lhe são consagrados, mas também aos que são estranhos à pura religião e à piedade para com ele. Infelizmente, alguns, elevados pela Providência de Deus ao conhecimento de tão sublimes realidades, têm uma conduta indigna deste conhecimento, cometem a impiedade, retêm “a verdade prisioneira na injustiça” e, em razão de seu conhecimento destas elevadas realidades, não conseguem mais encontrar oportunidade de escusa junto a Deus.

47. Pelo menos é este o testemunho do divino Logos concernente aos que aceitaram as ideias que Celso apresenta e professam uma filosofia de acordo com estas doutrinas: “Pois, tendo conhecido a Deus, não o honraram como Deus nem lhe renderam graças; pelo contrário, eles se perderam em vãos arrazoados”, e depois da luz viva do conhecimento das realidades que Deus lhes manifestou, “seu coração insensato ficou nas trevas” (Rm 1,21).

Podemos então ver como os que “se jactam de possuir a sabedoria” deram exemplos de grande loucura. Depois de ter ouvido estas belas doutrinas sobre Deus e os inteligíveis, “trocaram a glória do Deus incorruptível por imagens do homem corruptível, de aves quadrúpedes e répteis”. E assim, abandonados pela Providência por sua vida indigna das verdades que Deus lhes manifestou, eles chafurdam nas concupiscências de seu coração que os arrastam à impureza e aviltam seus corpos em todas as torpezas de uma vida licenciosa; tudo isso, por terem trocado “a verdade de Deus pela mentira e adoraram e serviram à criatura em lugar do Criador” (Rm 1,22-25).

48. Mas aqueles que eles desprezam por sua falta de cultura e tratam como loucos e escravos, só porque confiam em Deus depois de terem recebido o ensinamento de Jesus, se abstêm da imoralidade, da impureza e de toda indecência da união carnal, de modo que, como os sacerdotes perfeitos que se proibiram qualquer união, muitos deles se mantêm não só distantes de qualquer relação carnal, mas numa pureza perfeita. Sem dúvida, entre os atenienses existe um hierofante que, julgando-se incapaz de controlar sua virilidade e dominá-la segundo sua vontade, amortece pela cicuta a sua virilidade, e é considerado puro para se dedicar ao culto tradicional dos atenienses. Mas entre os cristãos podemos encontrar homens que não precisam de cicuta para servir a Deus na pureza; em vez da cicuta, basta-lhes a doutrina para servirem a Deus na oração e expulsar de seu pensamento qualquer cobiça. Na companhia dos outros pretensos deuses, virgens em bem reduzido número — guardadas ou não por homens, não cabe aqui investigar este fato — parecem passar sua vida na pureza para honrar a divindade. Entre os cristãos, não são as honras humanas, nem um salário ou donativos em dinheiro, nem a gloriola que os levam a observar uma virgindade perfeita; e como “elas julgaram bom ter o conhecimento de Deus”, Deus as guarda num espírito que lhe apraz e “fazer o que convém” (Rm 1,28-29), repletas de toda justiça e toda bondade.

49. Tudo isso não digo para rivalizar com os belos pensamentos dos gregos, nem criticar as doutrinas sadias, mas quero deixar claro que estes pensamentos e outros, mais profundos e mais divinos ainda, foram expressos por homens divinos, profetas de Deus e apóstolos de Jesus, perscrutados pelos que querem ser perfeitamente cristãos, sabendo que “a boca do justo medita a sabedoria e sua língua fala o direito; no seu coração está a lei do seu Deus” (Sl 36,30-31). Além disso, existem pessoas que também não enxergam claramente estas verdades, por causa de sua profunda ignorância, de sua simplicidade, ou pela falta de conselheiros que os tivessem arrastado a uma piedade racional; eles creem, entretanto, no Deus supremo e no seu Filho único Logos de Deus; e podemos encontrar neles um grau de seriedade e de pureza, uma inocência de costumes e uma simplicidade muitas vezes superior, que não alcançaram aqueles “que se jactam de possuir a sabedoria” e chafurdam na imoralidade com filhos,

“praticando torpezas homens com homens” (Rm 1,22.27).

50. Celso, portanto, não explicou como o erro acompanha a geração, nem mostrou o que ele queria dizer para que o compreendêssemos comparando suas ideias com as nossas. Mas os profetas sugerem uma sábia doutrina a respeito da geração: eles dizem que um sacrifício “pelo pecado” é oferecido mesmo pelos recém-nascidos, porque não são puros de pecado. E acrescentam: “Eis que eu nasci na iniquidade, minha mãe concebeu-me no pecado” (Sl 50,7). Além disso, declaram que “os ímpios se desviaram desde o seio materno” e fazem esta observação espantosa: “desde o ventre materno já falam mentiras” (Sl 57,4).

Mas os nossos sábios têm tal desprezo pela natureza das coisas sensíveis que qualificam os corpos ora de vaidade: “De fato, a criação foi submetida à vaidade — não por seu querer, mas por vontade daquele que a submeteu com a esperança” (Rm 8,20); ora de vaidade das vaidades, conforme o Eclesiastes: “Vaidade das vaidades, tudo é vaidade” (Ecl 1,2). Onde encontrar tal descrédito lançado sobre a vida da alma humana neste mundo senão no autor que diz: “Todas as coisas não passam de vaidade, vaidade todo homem vivo!” (Sl 38,6). Ele não põe em dúvida a diferença para a alma entre a vida neste mundo e a vida fora deste mundo, não diz: “Quem sabe se viver não é morrer, e se morrer não é viver?” (Eurípides, *Fragm.* 638). Mas ele tem a coragem da verdade nestas palavras: “Nossa alma foi humilhada na poeira”; “Tu me colocas na poeira da morte” (Sl 43,26; 21,16). E como está dito: “Quem me libertará deste corpo de morte?” e igualmente: “Quem transformará nosso corpo de miséria?” (Rm 7,24; Fl 3,21). Também vale a palavra do profeta: “Tu nos humilhaste num lugar de aflição” (Sl 43,20), em que “lugar de aflição” designa o lugar terrestre em que vem Adão, que é o homem, depois de ter sido expulso do paraíso. E considera a profundidade de vista que possuía sobre a condição de vida diferente para as almas aquele que diz: “Agora vemos em espelho e de maneira confusa, mas, depois, veremos face a face”; e também: “Enquanto habitamos neste corpo, estamos fora de nossa mansão, longe do Senhor”, por isso “preferimos deixar a mansão deste corpo para ir morar junto do Senhor” (1Cor 13,12; 2Cor 5,6.8).

51. Mas por que deveria eu multiplicar as citações contra as palavras de Celso para provar que essas doutrinas foram professadas entre nós bem antes das suas, quando meu objetivo é evidente segundo os testemunhos relatados? Aqui, porém, ele parece admitir isso, dizendo que se um espírito divino desce de junto de Deus para anunciar de antemão as coisas divinas, pode ser este espírito que proclama tudo isto; na verdade, penetrados por ele é que os antigos anunciaram tantas doutrinas excelentes. Mas ele não viu a superioridade das ideias precisas que temos quando dizemos: “Todos levam o teu espírito incorruptível! Por isso, pouco a pouco” Deus convence “os que caem” (Sb 12,1-2). E nós afirmamos, entre outras coisas, que as palavras: “Recebi o Espírito Santo” (Jo 20,22) indicam que o dom difere em intensidade daquele designado pelas palavras: “Sereis batizados com o Espírito do Senhor dentro de poucos dias” (At 1,5).

O que é trabalhoso é refletir seriamente nestes assuntos e ver a diferença entre os que puderam, por longos intervalos, abrir-se à compreensão da verdade e a uma concepção limitada de Deus, e os que, sob inspiração divina mais elevada, continuamente unidos a Deus, estão sempre sob a direção do Espírito divino. Se Celso tivesse examinado e compreendido isto, não nos teria acusado de ignorância, nem proibido de tratar como cegos os que veem uma expressão da piedade nas obras materiais da arte humana como são as estátuas. Pois todo o que abre os olhos da alma não segue outro método para adorar a divindade a não ser o que ensina a sempre ter os olhos fixos no Criador do universo, em lhe oferecer toda prece e em fazer tudo sob os olhos de Deus, que enxerga até nossos pensamentos.

Desejamos pois ver-nos a nós mesmos e ser guias de cegos até que cheguem ao Logos de Deus e

recuperem a visão da alma ofuscada pela ignorância. Levando conduta digna daquele que disse a seus discípulos: “Vós sois a luz do mundo” (Mt 5,14), do Logos que ensinou que “a luz brilha nas trevas” (Jo 1,5), seremos também a luz daqueles que vivem na escuridão, educaremos os insensatos e instruiremos as crianças.

52. Que Celso não se aborreça se tratamos de coxos e mutilados das pernas da alma os que correm aos objetos considerados sagrados como se eles fossem de verdade e não veem que nenhuma obra de artesãos pode ser sagrada. Mas os que professam a piedade conforme o ensinamento de Jesus correm igualmente, até que, chegados ao final da corrida, exclamam com um coração firme e sincero: “Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé. Desde já me está reservada a coroa da justiça” (2Tm 4,7-8). É “assim e não ao incerto” que corre cada um de nós, “assim” pratica o pugilato, “não como quem fere o ar” (1Cor 9,26), mas ferindo os que são dominados pelo “Príncipe do poder do ar, o espírito que agora opera nos filhos da desobediência” (Ef 2,2). Celso pode dizer que vivemos para o corpo, que é coisa morta! Nós ouvimos a palavra: “Se viverdes segundo a carne, morrereis, mas, se pelo Espírito fizerdes morrer as obras do corpo, vivereis” (Rm 8,13). Sabemos que “Se vivemos pelo Espírito, pelo Espírito pautemos também a nossa conduta” (Gl 5,25). Ah! Oxalá possamos mostrar por nossas ações que ele mentiu ao dizer que vivemos para o corpo, que é coisa morta.

Heróis e sábios comparados a Jesus

53. Depois de seu ataque, que amorteci da melhor forma, ele nos interpela: *Como teria sido melhor, pois tínheis tanta coisa a inovar, se procurásseis outro homem entre aqueles cuja morte foi heroica e que puderam merecer tornar-se objeto de mito divino! Por exemplo, se Hércules, Asclépio, os antigos heróis reverenciados não vos agradam, vós teríeis Orfeu, homem de espírito piedoso como todos concordam, também ele vítima de morte violenta. Mas talvez outros já o tivessem escolhido? Mas vós tínheis pelo menos Anaxarco que, lançado num pilão, moído da maneira mais iníqua, exprimiu seu perfeito desprezo pela tortura: “Tritura, tritura o saco que envolve Anaxarco, mas a ele mesmo não podes triturar.” Palavras de um espírito verdadeiramente divino. Mas também aqui, certos filósofos naturalistas vos ultrapassaram tomando-o como mestre. Então, não tínheis Epicteto? Como o seu mestre lhe torcia a perna, ele, sorridente, dizia sem emoção: “Tu vais quebrá-la”; e quando a perna foi quebrada, ele disse: “Não te dizia eu que ias quebrá-la?” Que disse vosso Deus de semelhante em seu suplício? Tínheis pelo menos a Sibila que alguns dentre vós utilizam: com mais razão a teríeis proposto como filha de Deus. Mas só podeis intercalar ao acaso em seus versos várias blasfêmias, e apresentais como Deus aquele cuja vida foi muito infame e a morte muito lamentável. Quanto não vos seriam mais convenientes Jonas debaixo da mamoneira, ou Daniel salvo das feras, ou outros de ações mais prodigiosas ainda?*

54. Já que Celso nos remete a Hércules, cabe-lhe apresentar-nos alguns trechos memoráveis de suas palavras, e justificar sua indigna escravidão junto de Ônfale! Cabe-lhe mostrar que era ato digno de honras divinas o apossar-se à força como assaltante do boi de um lavrador, devorá-lo e, comendo, comprazer-se com as injúrias que recebia do lavrador, de tal modo que até hoje conta-se que o sacrifício oferecido ao demônio de Hércules é acompanhado de certas maldições. Ao recordar Asclépio, ele me convida à repetição, pois já falei dele; mas me contento com o que já disse. E por outro lado, o que admirou ele em Orfeu para dizer que este homem, de espírito piedoso, como todos dizem, levou uma vida virtuosa? Eu me pergunto se não é para nos provocar e denegrir a Jesus que ele

canta agora os louvores de Orfeu, e se, ao ler seus mitos ímpios sobre os deuses, ele não se desviou aborrecido de seus poemas que merecem, mais do que os de Homero, ser banidos de uma boa república. Pois a respeito daqueles que são considerados deuses encontram-se coisas em Orfeu muito piores do que em Homero.

Anaxarco, devo admitir, foi um herói nas palavras dirigidas ao tirano de Chipre Aristocreonte: “Tritura, tritura o saco que envolve Anaxarco!” Mas é o único traço admirável que os gregos sabem a seu respeito; ainda que por isso, como pensa Celso, se devesse honrar a coragem deste homem, seria irracional proclamar deus a Anaxarco. Também nos remete ele a Epicteto cujas nobres palavras todos admiram. Mas o que ele disse quando lhe era quebrada a perna nada tem de comparável às obras milagrosas de Jesus nas quais Celso se recusa a acreditar, nem às suas palavras que, pronunciadas com poder divino, convertem hoje ainda não só alguns indivíduos da multidão dos simples, mas também bom número de homens inteligentes.

55. Depois da lista desses grandes homens, ele acrescenta: Que disse vosso Deus de semelhante em seu suplício? Podemos responder-lhe: seu silêncio no meio dos golpes e dos numerosos ultrajes manifesta mais firmeza e paciência do que todas as palavras ditas pelos gregos sujeitos à tortura, se é que quer acreditar ser leal a narrativa feita por homens sinceros: eles narraram sem mentir os fatos extraordinários, entre os quais eles contaram seu silêncio sob os golpes. Mesmo insultado e revestido do manto de púrpura, a coroa de espinhos em volta da cabeça e na mão o caniço à guisa de cetro, conservava extrema brandura sem uma palavra vulgar ou indignada contra os autores capazes desta perversidade.

Jesus não disse por covardia, como alguns pensam, esta oração: “Meu Pai, se é possível, afaste-se de mim este cálice; contudo, não seja como eu quero, mas como tu queres” (Mt 26,39). Não era conforme o caráter daquele que por firmeza permaneceu silencioso sob os golpes, e com brandura suportou todos os ultrajes infligidos por aqueles que zombavam dele. Se ele parece pedir que seja afastado o cálice, é em outro sentido que estudei longamente e expliquei em outra parte. Mas, ouvindo mais simplesmente, repara se a oração não está impregnada de piedade com Deus. Todos sabem que aquilo que acontece casualmente não é o principal, mas todos suportam, quando as circunstâncias exigem, o que pode acontecer sem ser principal. Além disso, as palavras: “contudo, não seja como eu quero, mas como tu queres” não eram palavras de alguém que se entrega, mas que aceita o que acontece e prefere as circunstâncias permitidas pela Providência.

56. Em seguida, ele quis, não sei por quê, que proclamemos como Filho de Deus não a Jesus, mas a Sibila. E declara que intercalamos em seus versos várias blasfêmias, sem determinar o que intercalamos. Ele teria determinado, se tivesse mostrado que as mais antigas cópias eram mais puras e não continham o que ele acredita ter sido intercalado. Tampouco mostra que sejam blasfêmias, e repete o que disse não duas ou três vezes, e sim muito mais, que a vida de Jesus foi muito infame, sem se deter em nenhum dos atos que ele considera como muito infames. De modo que ao dizer isto, ele parece não apenas afirmar sem provar, mas também insultar um homem que ele ignora. Se tivesse citado os aspectos da vida muito infames que as ações de Jesus lhe revelam, eu teria contestado cada um dos aspectos que lhe parecem muito infames.

A censura dirigida a Jesus de ter tido morte muito lamentável também poderia ser formulada a propósito de Sócrates, de Anaxarco mencionado por ele um pouco mais acima, e de uma infinidade de outros. Se a morte de Jesus foi muito lamentável, a deles não terá sido? Ou se a deles não foi muito lamentável, a sua acaso o foi? Vês bem, aí de novo, que Celso tinha em vista injuriar grosseiramente a Jesus, instigado, penso eu, por um espírito que Jesus tinha vencido e expulso, para impedi-lo de

encontrar seu alimento no cheiro de gorduras e no sangue e de continuar a enganar os que procuram a Deus nas estátuas terrestres em lugar de levantar os olhos ao verdadeiro Deus supremo.

57. Em seguida, como se quisesse inflar seu livro, quis nos fazer crer na divindade de Jonas e não na de Jesus; ele preferiu Jonas, que pregou a penitência à única cidade de Nínive, a Jesus, que pregou ao mundo inteiro com mais êxito. Ele nos quis fazer proclamar a divindade daquele que realizou o extraordinário prodígio de passar três dias e três noites no ventre da baleia. Mas aquele que aceitou morrer pelos homens, do qual Deus deu testemunho pelos profetas, Celso não admitiu que merecesse o segundo lugar de honra depois do Deus do universo, pelas belas ações que realizou no céu e na terra. Jonas, por se ter recusado a pregar o que Deus lhe ordenara, foi engolido pela baleia. Mas Jesus, por ter ensinado o que Deus queria, aceitou morrer pelos homens.

Ele afirma em seguida que Daniel, que escapou dos leões, merece mais ser adorado por nós do que Jesus, que calçou aos pés a ferocidade de todo poder adverso e nos deu “o poder de pisar serpentes, escorpiões e todo o poder do Inimigo” (Lc 10,19). Então, sem ter mais exemplos, acrescenta: ou outros de ações ainda mais prodigiosas, para insultar ao mesmo tempo Jonas e Daniel; pois, em Celso, o espírito não aprendeu a falar bem dos justos.

Resistência e brandura

58. Depois disso, vejamos o que diz o texto a seguir: *Eles têm ainda como preceito não resistir ao ultraje: “A quem te ferir numa face, oferece a outra” (Lc 6,29). É uma antiga máxima muito bem expressa antes deles e que eles lembraram em termos mais populares. Com efeito, Platão representou Sócrates no seguinte diálogo com Críton:*

“Não se deve de modo algum cometer injustiça?

Certamente não.

Nem tampouco responder à injustiça com a injustiça, como se pensa geralmente, pois não se deve de modo algum cometer injustiça?

Evidentemente não.

E então? Críton! Deve-se, ou não, praticar o mal?

Não se deve, suponho eu, Sócrates.

Mas então? Retribuir aos outros com o mal que sofremos, será justo, como pretende a multidão, sim ou não?

De modo algum.

Sem dúvida é porque não existe nenhuma diferença entre praticar o mal com os outros e cometer injustiça?

Dizes a verdade.

Portanto, não se deve responder à injustiça com a injustiça, nem praticar o mal com ninguém, apesar de tudo o que se possa sofrer.”

É esta a opinião de Platão. E ele prossegue:

“Portanto, examina também tu, com muita atenção, se tens o meu sentimento e partilhas de meu parecer, e se em nossa deliberação, partimos deste princípio que nunca é bom nem cometer injustiça, nem responder à injustiça com a injustiça, nem resistir ao mal retribuindo o mal com o mal. Ou deixas de estar de acordo e de mesmo sentimento sobre o princípio? Para mim, há muito tempo que este é meu parecer, e ainda hoje o mantenho.”

Tal é, pois, a doutrina de Platão. E já anteriormente ela tinha sido sustentada por homens divinos. Mas a respeito desse ponto, como acerca dos outros que eles alteram, é preciso se ater ao que acaba de ser dito. Quem desejar procurar outros exemplos os encontrará.

59. Sobre esta máxima e todas as outras citadas por Celso que, não podendo resistir à sua verdade, afirma que elas foram ditas pelos gregos, eis o que se deve dizer. Que a doutrina seja benéfica e de sentido razoável, que seja ensinada entre os gregos por Platão ou por algum de seus sábios, entre os judeus por Moisés ou algum dos profetas, entre os cristãos nas palavras evangélicas de Jesus ou nos discursos dos apóstolos, não se deve considerar como repreensível uma afirmação dos judeus e dos cristãos porque foi dita igualmente entre os gregos, sobretudo quando fica demonstrada a anterioridade dos escritos dos judeus com relação aos dos gregos. Tampouco se deve julgar a mesma doutrina revestida com a beleza do estilo grego absolutamente superior à que é enunciada num estilo mais popular e em termos mais simples entre os judeus e entre os cristãos. Entretanto, o texto original dos judeus no qual os profetas nos deixaram seus livros foi escrito em língua hebraica com a arte de composição literária de sua língua.

E se for preciso mostrar que as mesmas doutrinas, por mais paradoxal que seja a intenção, foram mais bem expressas pelos profetas dos judeus ou pelos discursos dos cristãos, podemos estabelecer a tese por um exemplo referente à alimentação e à maneira de prepará-la. Suponhamos que um alimento sadio e fortificante seja preparado de maneira especial, temperado com determinados condimentos, e que ele seja servido não aos camponeses que, educados em suas taperas e na pobreza, não aprenderam a comer tais alimentos, mas apenas pelos ricos efeminados. Suponhamos que estes alimentos sejam preparados não desta maneira apreciada pelas pessoas que passam como gente distinta, mas como aprenderam a comê-lo os pobres, os mais humildes, a maioria dos homens, e que então todas as multidões deles se alimentem. Ora, se concordarmos que o primeiro modo de preparar mantém a saúde exclusivamente dos que são considerados pessoas finas, pois ninguém do povo come semelhantes iguarias, e que o segundo melhora a saúde das multidões humanas, a quem então preferir, em nome do bem comum, para a preparação de alimentos sadios? Aos que o fazem em proveito exclusivamente dos conhecedores, ou aos que o fazem em proveito das multidões? Admitamos que uma saúde igual e um reconforto provenham dos alimentos preparados de um ou de outro modo: é claro que o amor dos homens e o bem comum fazem considerar o médico que cuida da saúde da multidão como mais útil à comunidade do que aquele que o faz por um pequeno número.

60. Uma vez bem compreendido este exemplo, cumpre aplicá-lo à qualidade do alimento espiritual dos seres racionais. Vê-se Platão e os sábios da Grécia com suas belas sentenças não se parecem com os médicos que reservaram sua solícitude às pessoas consideradas distintas e desprezaram a multidão dos homens. Pelo contrário, os profetas da Judeia e os discípulos de Jesus renunciaram à arte da composição literária e, como diz a Escritura aludindo à linguagem, “à sabedoria dos homens, à sabedoria carnal” (cf. 1Cor 2,5): eles são comparáveis a pessoas que tiveram cuidado de preparar e condimentar alimentos muito sadios da mesma qualidade, graças a uma composição literária ao alcance das multidões humanas, não estranha à sua linguagem, que não os impede, por alguma estranheza e algum caráter insólito, de ouvir tais conversas. Como realmente a finalidade dos alimentos espirituais, se assim posso dizer, é tornar resistente e brando aquele que os consome, como não considerar uma doutrina que produz nas multidões resistência e brandura, ou ao menos progresso nestas virtudes, como mais bem preparada do que aquela que as dá, admitindo que ela as dá, apenas a muito poucas pessoas que facilmente se podem contar.

Se Platão tivesse desejado ajudar com suas doutrinas os que falam o egípcio ou o sírio, teria

previamente o cuidado, sendo grego, de aprender as línguas de seus ouvintes e, segundo a expressão dos gregos, de falar bárbaro para tornar melhores os egípcios e os sírios, evitando a impossibilidade de dizer algo de útil aos egípcios e aos sírios. Assim também a natureza divina, que previamente providenciava o bem não só dos que eram vistos como formados na cultura grega, mas também do restante dos homens, condescendeu com a ignorância das multidões de ouvintes. Assim, usando de expedientes que lhes são familiares, ela ganhou os ouvintes da multidão dos simples: eles facilmente poderão, uma vez feita a sua iniciação, aspirar a captar até os pensamentos mais profundos escondidos nas Escrituras. Pois fica claro, até numa primeira leitura, que muitas passagens podem comportar sentido mais profundo que o sentido que aparece logo à primeira vista. Este sentido se torna claro aos que se entregam ao exame da doutrina, e de clareza proporcionada ao estudo feito da doutrina e do zelo empregado em praticá-la.

61. Fica bem claro que, dizendo em termos mais populares, segundo Celso: “A quem te ferir numa face, oferece a outra”; “Àquele que quer pleitear contigo, para tomar-te a túnica, deixa-lhe também a veste” (Lc 6,29; Mt 5,40), Jesus traduziu e apresentou sua doutrina de maneira mais útil à vida sob esta forma do que sob a forma que Platão lhe dá no Críton. Pois, longe do alcance do povo simples, Platão é apenas compreendido por aqueles que receberam a cultura geral antes de tratar a venerável filosofia dos gregos. Deve-se notar igualmente que o sentido desta resistência não é alterado pela popularidade das expressões de Jesus, mas também Celso calunia a Escritura quando diz: Mas no tocante a esse ponto, como no concernente aos outros que eles alteram, é preciso se ater ao que acaba de ser dito. Quem desejar procurar outros exemplos os encontrará.

Intolerância

62. *Pois bem, vejamos o que ele declara em seguida: Fiquemos por aqui! Eles não podem tolerar a vista dos templos, dos altares, das estátuas. O mesmo se diga dos citas, dos nômades da Líbia, dos seres, povo sem deus, de outras nações sem fé nem lei. É igualmente o sentimento dos persas, como relata Heródoto: “Os persas, pelo que sei, observam os costumes seguintes: em geral não erguem estátuas, nem templos, nem altares; pelo contrário, consideram loucura dos que o fazem; a razão é que, a meu ver, jamais pensaram como os gregos, que os deuses têm a mesma natureza que os homens.” E a respeito, eis mais ou menos o que declara Heráclito: “E também estas estátuas para as quais eles oram, como se tagarelassem com as casas. Eles nada sabem da verdadeira natureza dos deuses e heróis.” O que nos ensinam eles, pois, de mais sábio do que Heráclito? Ele, pelo menos, insinua que é tolice rezar para estátuas quando não se conhece a verdadeira natureza dos deuses e dos heróis.*

É esse o pensamento de Heráclito. Eles desprezam abertamente as estátuas. Será porque a pedra, a madeira, o cobre, o ouro não podem pelo trabalho deste ou daquele artesão se tornar um deus? Sabedoria bem ridícula essa! Quem então, a menos que seja muito criança, considera-os como deuses e não como oferendas votivas consagradas aos deuses e imagens dos deuses? Será que não se deve admitir imagens divinas porque Deus é de outra forma, como também pensam os persas? E sem saber, eles mesmos se refutam quando dizem: Deus fez o homem à sua imagem e de forma semelhante à sua. Deverão concordar certamente que essas estátuas existem em honra de certos seres, semelhantes ou diferentes na forma, mas eles pensam que esses seres a quem elas são consagradas não são deuses mas demônios, e que não se deve prestar culto aos demônios quando se adora a Deus.

63. A isso devemos responder: se de fato os citas, os nômades da Líbia, os seres que Celso declara

povo sem deus, e muitas outras nações sem fé nem lei, e se os próprios persas não podem tolerar a vista de templos, de altares, de estátuas, a razão de sua intolerância não é a mesma que a nossa. De fato é preciso examinar as doutrinas que levam à intolerância os que não podem tolerar os templos e as estátuas, a fim de poder louvar esta intolerância se ela é motivada por sãs doutrinas, e censurá-la se os motivos são errôneos.

Pois é possível que a mesma atitude provenha de doutrinas diferentes. Por exemplo, os filósofos que seguem Zenão de Cício evitam o adultério; mas também os adeptos de Epicuro, e até homens sem instrução. Mas observa o profundo desacordo de todas estas pessoas sobre os motivos para evitar o adultério. Os estoicos o fazem em nome do bem comum e porque é contrário à natureza, para um ser racional, corromper uma mulher já dada a outro homem pelas leis e destruir o lar de outro homem. Os epicureus, quando se abstêm do adultério, não o evitam por essa razão, mas porque pensam que o fim é o prazer, e em vista dos múltiplos obstáculos ao prazer inevitáveis para aquele que cedeu ao único prazer do adultério: às vezes a prisão, a fuga, a morte; muitas vezes outros perigos antes desses, quando a pessoa espreita o momento em que saem da casa o marido e os que cuidam de seus interesses; desta forma, admitindo-se que seria possível a quem tenta o adultério escapar à vista do marido da mulher, de todos os seus familiares e daqueles para quem o adultério é uma desonra, o prazer atrairia para o adultério até mesmo o epicureu. E se às vezes o ignorante recusa o adultério mesmo quando tem ocasião de cometê-lo, talvez se abstenha dele pelo medo que lhe inspiram a lei e os castigos, e não é pela procura de prazeres mais numerosos que um homem se absteria do adultério. Vemos então que uma ação suposta a mesma, a abstenção do adultério, em razão das intenções daqueles que se abstêm, não é idêntica, mas diferente. Eles se inspiram ou em doutrinas sadias, ou em motivos perversos e muito ímpios como os do epicureu ou desse ignorante.

64. Assim como descobrimos nesta atitude a abstenção do adultério, embora pareça a mesma, uma diversidade proveniente das doutrinas e das intenções diversas, o mesmo ocorre com a recusa de honrar a divindade nos altares, nos templos e nas estátuas. Os citas, os nômades da Líbia, os seres, povo sem deus, e os persas fundamentam sua atitude em outras doutrinas diferentes daquelas pelas quais os cristãos e os judeus não toleram este culto que se pretende oferecido à divindade. Pois nenhum desses povos pode tolerar os altares e as estátuas porque se recusaria a exautorar e aviltar a adoração devida à divindade, dirigindo-a a matéria assim modelada. A razão também não é porque eles compreenderam que são demônios que essas imagens e locais encarnam, evocados por sortilégios, ou por eles mesmos terem de outro modo tomado posse dos lugares em que eles recebem gulosamente o tributo das vítimas e vivem à procura de prazer ilícito e de indivíduos sem lei. Mas os cristãos e os judeus têm estes mandamentos: “É ao Senhor teu Deus que temerás. Só a ele servirás” (Dt 6,13); “Não terás outros deuses diante de mim”; “Não farás para ti imagem esculpida de nada que se assemelha ao que existe lá em cima, nos céus, ou embaixo na terra, ou nas águas que estão debaixo da terra. Não te prostrarás diante desses deuses e não os servirás” (Ex 20,3-5); “Ao Senhor teu Deus adorarás e só a ele prestarás culto” (Mt 4,10); e muitos outros do mesmo teor. Por causa deles, não só se afastam dos templos, dos altares, das estátuas, mas também correm para a morte quando necessário, para evitar emporcalhar a noção do Deus do universo com uma infração deste gênero à sua lei.

65. A respeito dos persas, lemos nas páginas anteriores que eles se negam a construir templos, mas adoram o sol e as criaturas de Deus. Isto nos é proibido. Aprendemos a não adorar “a criatura em lugar do Criador”, mas a saber que “a criação será libertada da escravidão da corrupção para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus”, e que “a criação em expectativa anseia pela revelação dos filhos de Deus”, e que “a criação foi submetida à vaidade — não por seu querer, mas por vontade

daquele que a submeteu — na esperança” (Rm 1,25;8,19-21). Aprendemos que não se deve honrar no lugar de Deus a quem nada falta, ou de seu Filho Primogênito de toda criatura, as coisas que foram submetidas à escravidão da corrupção e à vaidade, e estão na expectativa de uma esperança melhor. Eis aí o que basta, portanto, às minhas observações anteriores sobre a nação dos persas que se afastam dos altares e das estátuas, mas adoram a criação em lugar do Criador.

Celso também citou o texto de Heráclito insinuando, em sua interpretação, que é tolice orar para as estátuas quando não se conhece a verdadeira natureza dos deuses e heróis. Devemos responder: é possível conhecer a Deus e seu Filho único, como os seres que são honrados por Deus com o título de deus e participam de sua divindade, e que são diferentes de todos os deuses das nações que por sua verdadeira natureza são demônios; mas na verdade não é possível conhecer a Deus e orar para as estátuas.

66. É tolice não só orar para as estátuas, mas também se acomodar às massas e fingir orar para as estátuas, como os filósofos peripatéticos, os sequazes de Epicuro e Demócrito. Não, nada de bastardo deve subsistir na alma do homem verdadeiramente piedoso diante da divindade. Recusamos por este modo honrar as estátuas para evitar, enquanto depender de nós, adotar a opinião de que as estátuas seriam outros deuses. Por isso Celso e todos os que professam que não são deuses são para nós condenáveis, apesar de sua fama de sabedoria, quando fingem honrar as estátuas. A massa que segue seu exemplo peca, não por acreditar que os honra por acomodação, mas porque as almas degradam-se a ponto de considerá-las como deuses e não tolerar ouvir dizer que não são deuses que eles adoram.

Celso diz com justeza que não as considera como deuses, mas apenas como oferendas consagradas e oferecidas aos deuses, mas não esclarece como estas oferendas são consagradas não aos homens, mas, como ele observa, aos próprios deuses. Pois é claro que são oferendas de pessoas que têm ideias falsas sobre a divindade. Também não pensamos que as estátuas sejam imagens divinas, pois não representamos a imagem de Deus invisível e incorpóreo. Mas quando Celso supõe uma contradição entre nossa afirmação segundo a qual a divindade não tem forma humana, e nossa crença de que Deus fez o homem à sua imagem e a fez à imagem de Deus, devemos responder como ficou dito acima: declaramos que o que é à imagem de Deus é conservado na alma racional que é tal pela virtude. Aqui, porém, Celso, que não vê a diferença entre Imagem de Deus e o que é à imagem de Deus, nos faz dizer: Deus fez o homem à sua imagem e de forma semelhante à sua. Respondemos a isso acima.

Os demônios

67. A seguir Celso afirma a respeito dos cristãos: Eles concordam que estas estátuas destinam-se a honrar certos seres semelhantes ou diferentes em sua forma, mas pensam que tais seres aos quais elas são consagradas não são deuses, mas demônios, e que não se deve prestar culto aos demônios quando se adora a Deus. Mas se ele tivesse conhecido a doutrina sobre os demônios e o que cada um executa, evocado pelas pessoas entendidas nesta arte ou se entregando voluntariamente à atividade que ele deseja e pode executar, e se tivesse penetrado nesta doutrina sobre os demônios vasta e difícil de compreender para a natureza humana, não nos teria ofendido por sustentarmos que não se deve prestar culto aos demônios quando se adora o Deus supremo. De fato, estamos tão longe de prestar culto aos demônios que por meio de preces e fórmulas extraídas das Escrituras nós os expulsamos das almas humanas, dos lugares em que eles se instalaram, e às vezes mesmo de animais; pois muitas vezes os demônios se empenham por levá-los à perdição.

68. Depois de ter falado acima longamente de Jesus, não é necessário aqui voltar ao assunto para

respondermos à sua objeção: *E certamente eles são convencidos abertamente a não adorarem não a um deus, nem a um demônio, mas a um morto.* Deixando pois este assunto, vejamos imediatamente o que ele acrescenta: *Primeiro, eu lhes perguntarei: por que razão não se deve prestar culto aos demônios? Entretanto, será que tudo não é regido conforme a vontade de Deus, e toda providência não depende dele? O que existe no universo, obra de Deus, dos anjos, de outros demônios ou de heróis, não tem tudo isso uma lei dada pelo Deus altíssimo? Não encontramos à frente de todo ofício, uma vez obtido o poder, um ser julgado digno? Não é pois justo que aquele que adora a Deus preste culto a esse ser que obteve dele a autoridade? Claro que não, diz ele, não é possível que o mesmo homem sirva a vários senhores.*

Vê pois mais uma vez como ele se ajusta com pontos que exigem exame sério e até conhecimento das profundas e misteriosas doutrinas concernente à direção da realidade universal. Com efeito, é preciso examinar em que sentido tudo é regido conforme a vontade de Deus, e se esta direção se estende ou não até os pecados. Pois se esta direção se estende de fato aos pecados cometidos não somente entre os homens, mas também pelos demônios e por todos os outros seres incorpóreos que são capazes de pecar, é preciso enxergar o absurdo que implica esta afirmação: tudo é regido conforme a vontade de Deus. A consequência seria que até os pecados e tudo o que provém do vício são regidos conforme a vontade de Deus; o que não é a mesma coisa que dizer: isto acontece porque Deus não se opõe. Mas se tomarmos as palavras “ser regido” em sentido próprio, queremos dizer que as consequências do vício são controladas, pois é claro que tudo é regido conforme a vontade de Deus; e assim, quem peca não comete falta contra a direção de Deus.

A mesma distinção se impõe relativamente à providência. É preciso dizer que a expressão “toda providência depende dele” significa algo de verdadeiro, se a providência se refere a um bem. Mas se dizemos em geral que tudo o que acontece é de acordo com a providência, ainda que seja um mal, será errado dizer que toda providência depende dele; a não ser talvez que se queira dizer: o que resulta das obras da Providência de Deus é causado pela providência de Deus.

Ele declara ainda: Tudo o que existe no universo, obra de Deus, dos anjos, de outros demônios ou de heróis, acaso não tem uma lei dada pelo Deus altíssimo? Pelo menos aí ele deixa de sustentar um *discurso verdadeiro*. Pois os seres que cometem transgressões não as cometem observando uma lei dada pelo Deus altíssimo. E a Escritura mostra que os autores destas transgressões são não apenas homens maus, mas também demônios maus e anjos maus.

69. Não somos os únicos a dizer que existem maus demônios, é também o pensamento de quase todos os que afirmam a existência de demônios. Portanto, não é verdade que tudo tem uma lei dada pelo Deus altíssimo. Todos os seres que efetivamente, por desatenção pessoal, malícia, perversidade, ignorância do bem, infringem a lei divina não seguem a lei de Deus; mas para usar uma expressão diferente e aliás da Escritura, “eles seguem a lei do pecado” (Rm 8,2). Conforme a maioria dos que admitem a existência dos demônios, os maus demônios não seguem a lei de Deus, mas a transgridem. Conforme o que dizemos, todos os demônios saíram do caminho que leva ao bem, anteriormente não eram demônios; há uma espécie de seres caídos das alturas onde estavam com Deus, a dos demônios. Por isso não se deve prestar culto aos demônios quando se adora a Deus.

A natureza dos demônios é também revelada pelos que os invocam por meio de filtros, malefícios, conjuros ou outras inúmeras práticas. É o que acontece com os que aprenderam a invocar os demônios por feitiços e encantamentos e levá-los a fazer o que eles desejam. Por isso o culto de todos os demônios nos é coisa estranha, a nós que adoramos o Deus supremo. E o culto dos que consideramos como deuses é culto de demônios: “Os deuses dos povos são demônios” (Sl 95,5). É o que revela

igualmente o caso dos santuários considerados os mais influentes: fizeram-se invocações mágicas no momento da ereção destas estátuas e destes templos: invocações realizadas pelos que se entregam ao culto dos demônios por artes mágicas. Por isso estamos decididos a fugir do culto dos demônios como da peste. E declaramos culto dos demônios toda adoração pretensa dos deuses entre os gregos junto às estátuas, aos altares e templos.

70. Também de nada vale afirmar que encontramos à frente de todo ofício, uma vez obtido o poder do Deus altíssimo, um ser julgado digno de alguma tarefa. Seria preciso uma ciência muito profunda para poder resolver esta questão: à maneira dos carrascos nas cidades e dos homens postos à frente das funções cruéis, mas necessárias nos estados, os maus demônios porventura são postos à frente de certos ofícios pelo Logos de Deus que governa o universo, ou à maneira desses bandidos que, em lugares desertos, instalam um chefe para os comandar, os demônios, organizados, por assim dizer, em coortes nas diversas regiões da terra, acaso se deram um chefe que fosse seu guia nos empreendimentos que eles decidiram para roubarem e resgatarem as almas humanas?

Se se pretende tratar convenientemente este ponto para defender os cristãos que evitam adorar outra coisa que não seja o Deus supremo e seu Logos, o “Primogênito de toda criatura” (Cl 1,15), dever-se-á explicar as passagens seguintes: “Todos os que vieram antes de mim são ladrões e assaltantes”; “O ladrão vem só para roubar, matar e destruir” (Jo 10,8.10), e qualquer outra palavra semelhante das sagradas Escrituras, como: “Eis que eu vos dei o poder de pisar serpentes, escorpiões e todo o poder do Inimigo, e nada poderá vos causar dano”; “Poderás caminhar sobre o leão e a víbora, pisarás o leãozinho e o dragão” (Lc 10,19; Sl 90,13).

Celso ignorava tudo a respeito destas palavras. Se as tivesse conhecido, não teria dito: O que existe no universo, obra de Deus, dos anjos, de outros demônios ou de heróis, tudo isso acaso não tem uma lei dada pelo Deus altíssimo? Não encontramos à frente de todo ofício, uma vez obtido o poder, um ser julgado digno? Não seria justo que aquele que adora a Deus preste culto a este ser que obteve dele a autoridade? E a isso acrescenta ele: Não, pois não é possível que o mesmo homem sirva a vários senhores. Trataremos deste ponto no livro seguinte, pois o sétimo que escrevi contra o tratado de Celso já atingiu uma dimensão suficiente.

LIVRO OITAVO

1. Tendo concluído sete livros, pretendo iniciar o oitavo. Que Deus e seu Filho único, o Logos, dignem-se em me assistir para que as mentiras de Celso, inutilmente intituladas *Discurso verdadeiro*, encontrem nele refutação pertinente, e as verdades do cristianismo, na medida que o assunto o permite, encontrem demonstração inabalável. Rogo poder dizer com a sinceridade de Paulo: “Em nome de Cristo, exercemos a função de embaixadores e por nosso intermédio é Deus mesmo que vos exorta” (2Cor 5,20); e poder exercer embaixada por Cristo junto aos homens no espírito em que o Logos de Deus os chama à sua amizade: pois ele quer unir intimamente à justiça, à verdade, às outras virtudes aqueles que, antes de receber as doutrinas de Jesus Cristo, tinham passado sua vida nas trevas a respeito de Deus e na ignorância do Criador. E direi também: que Deus nos dê seu nobre e verdadeiro Logos, o Senhor poderoso e forte “na guerra” (Sl 23,8) contra o mal. Agora, devo abordar o seguinte texto de Celso e dar-lhe resposta.

Espírito de revolta?

2. Ele nos perguntou acima por que rejeitamos o culto dos demônios. E às suas observações sobre os demônios dei uma resposta que me parece conforme à vontade do divino Logos. Pois em seu desejo de nos ver prestar culto aos demônios, Celso nos atribui esta resposta à sua pergunta: *É impossível que o mesmo homem sirva a vários senhores. Segundo ele, é um grito de revolta de pessoas que se retraem em si mesmas e rompem com o resto do gênero humano. Falar assim, acredita ele, é projetar sua paixão em Deus enquanto depender da pessoa. É por isso, conforme ele, que se pode admitir que o servidor de um mestre não pode servir a outro razoavelmente, pois o primeiro seria prejudicado no serviço prestado a outro: quem se comprometeu com uma pessoa não tem o direito de se comprometer com outra, pois a prejudicaria. As pessoas têm razão em não servir ao mesmo tempo a diferentes heróis e demônios desse gênero. Mas quando se trata de Deus que não pode sofrer prejuízo nem mágoa, é absurdo, pensa ele, evitar prestar culto a diversos deuses como se se tratasse de homens, de heróis ou de demônios desse gênero. Prestar culto a diversos deuses, diz ele, é prestar culto a um dos que pertencem ao grande Deus e, dessa forma, lhe ser agradável. Não é permitido, acrescenta ele, honrar aquele a quem Deus não deu este privilégio. Por conseguinte, diz ele, a honra e a adoração prestados a todos os que pertencem a Deus não podem magoá-lo, uma vez que eles pertencem todos a ele.*

Deus e deuses, Senhor e senhores

3. Antes de prosseguir, vejamos nossas boas razões para aprovar as palavras: “Ninguém pode servir a dois senhores. Com efeito, ou odiará um e amará o outro, ou se apegará ao primeiro e desprezará o segundo”, e em seguida: “Não podeis servir a Deus e a Mamom” (Mt 6,24; Lc 16,13). Sua justificação nos leva a profunda e misteriosa doutrina a respeito dos deuses e dos senhores. Pois a divina Escritura sabe que o soberano Senhor está “mais elevado que todos os deuses” (Sl 96,9). Com a palavra “deuses”, não entendemos os que são adorados pelos pagãos, pois aprendemos que “os deuses dos povos são todos demônios” (Sl 95,5). Esses deuses, segundo a palavra profética, formam uma espécie de assembleia: o Deus supremo os julga, atribuindo a cada um sua obra própria. Pois “Deus se levanta no conselho divino, em meio aos deuses ele julga” (Sl 81,1). E ainda, “O Senhor, o Deus dos deuses” é aquele que por seu Filho “convocou a terra, do nascente ao poente” (Sl 49,1); e recebemos a ordem de

“celebrar o Deus dos deuses”, sabendo igualmente que Deus “não é Deus de mortos, mas sim de vivos” (Sl 135,2; Mt 22,32). É isso o que afirmam não só estas passagens mas também uma infinidade de outras.

4. Tais são as ideias referentes ao Senhor e aos senhores que as divinas Escrituras propõem à nossa pesquisa e à nossa reflexão, dizendo aqui: “Celebrai o Deus dos deuses, porque o seu amor é para sempre, celebrai o Senhor os senhores” (Sl 135,2-3), e aí: “Deus é o Rei dos reis e Senhor dos senhores” (1Tm 6,15). E a Escritura distingue os pretensos deuses dos que o são na verdade, tenham ou não o título. Paulo ensina a mesma doutrina sobre os senhores autênticos ou não: “Se bem que existam os que são chamados deuses, quer no céu, quer na terra — e há de fato, muitos deuses e muitos senhores” (1Cor 8,5). E, como “o Deus dos deuses”, por Jesus, convoca do nascente ao poente os que ele quer como o lote de sua herança, como o Cristo de Deus que é Senhor prova que ele é superior a todos os senhores, por ter penetrado os territórios de todos e chama a si os povos de todos esses territórios, Paulo, como sabia de tudo isso, diz depois da passagem citada: “Para nós, contudo, existe um só Deus, o Pai, de quem tudo procede e para quem nós somos, e um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo existe e por quem nós somos”. E percebendo aí uma doutrina admirável e misteriosa, acrescenta: “Mas nem todos têm esta ciência” (1Cor 8,6-7). Ora, dizendo: “Para nós, contudo, existe um só Deus, o Pai, de quem tudo procede e para quem nós somos, e um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo existe”, ele designa com o termo “nós” a ele mesmo e todos os que são elevados até ao supremo Deus dos deuses e ao Senhor dos senhores. Somos elevados até ao Deus supremo quando o adoramos sem separação, divisão ou partilha, por seu Filho, Logos de Deus e Sabedoria que contemplamos em Jesus, o único que conduz os que se esforçam de todas as maneiras por se unirem ao Criador do universo pela qualidade de suas palavras, de suas ações e de seus pensamentos. Por esse motivo, creio eu, e por outros semelhantes, o Príncipe deste mundo, transformando-se em anjo de luz, fez que fosse escrito: “Em seu séquito vem um exército inteiro de deuses e demônios, distribuídos em onze seções”, na obra em que a respeito dele mesmo e dos filósofos se diz: “Nós, por nossa parte, estamos com Zeus, e outros estão com outros demônios.”

5. Como existem muitos deuses pretensos ou reais, como igualmente senhores, fazemos tudo para nos elevar acima não apenas dos seres honrados como deuses pelas nações da terra, mas também dos que são chamados deuses pelas Escrituras. Estes últimos são ignorados pelos que são estranhos às alianças de Deus dadas por Moisés e nosso Salvador Jesus, e pelos que são excluídos de suas promessas que eles tornaram manifestas. Nós nos elevamos acima da categoria dos que Paulo chama deuses, quando olhamos como eles, ou de alguma outra maneira, “não para as coisas que se veem, mas para as que não se veem” (1Cor 4,18). E, vendo como “a criação em expectativa anseia pela revelação dos filhos de Deus, pois a criação foi submetida à vaidade, não por seu querer, mas por vontade daquele que a submeteu na esperança” (Rm 8,19-21), bendizendo a criação e considerando como toda ela será “libertada da escravidão da corrupção” e chegará “à liberdade da glória dos filhos de Deus”, não podemos ser levados a servir a Deus e a outro com ele, nem a servir a dois senhores.

Portanto, não se trata de um clamor de revolta, entre os que compreenderam as reflexões deste gênero e recusam servir a vários senhores. Por isso eles se contentam com o Senhor Jesus Cristo que ensina por ele mesmo aos que o servem, para que, instruídos e constituídos num reino digno de Deus, ele os entregue a seu Deus e Pai. Além disso, eles se separam e rompem com os que são estranhos à Cidade de Deus, excluídos de suas alianças, para viverem como cidadãos do céu em busca do Deus vivo e da “Cidade de Deus vivo, a Jerusalém celestial, e de milhões de anjos reunidos em festa, e da assembleia dos primogênitos cujos nomes estão inscritos nos céus” (Hb 12,22-23).

6. Além disso, se recusamos servir a outro que não a Deus por seu Logos e sua Verdade, não é porque Deus seja prejudicado como parece acontecer ao homem cujo servo serve também a outro senhor. É para nós mesmos não sermos prejudicados, separando-nos do lote de herança do Deus supremo, em que levamos uma vida que participa de sua própria bem-aventurança por excepcional espírito de adoção. Graças à sua presença neles, os filhos do Pai celeste pronunciam em segredo, não em palavras mas na realidade, este sublime clamor: “Abba, Pai!” (Rm 8,15). Certamente os embaixadores de Lacedemônia se negaram a adorar o rei da Pérsia, apesar da forte pressão dos guardas, por reverência a seu único senhor, a lei de Licurgo. Mas os que por Cristo exercem a função de embaixadores numa embaixada bem mais nobre e divina recusariam adorar qualquer príncipe da Pérsia, da Grécia, do Egito ou de qualquer outra nação, apesar da vontade que têm os demônios, satélites desses príncipes e mensageiros do diabo, de obrigá-los a fazer isso e persuadi-los a renunciar Àquele que é superior a todas as leis terrestres. Pois o Senhor dos que exercem a função de embaixadores por Cristo é o Cristo de quem são embaixadores, o Logos que existe “no princípio”, que está com Deus, e é Deus (cf. Jo 1,1).

7. Celso achou bom, a seguir, defender, entre as opiniões que considera suas, uma doutrina muito profunda sobre os heróis e certos demônios. Depois de verificar, a propósito das relações de serviço entre os homens, que seria causar prejuízo ao primeiro senhor que queremos servir consentir em servir a terceiro, ele afirma que o mesmo acontece com os heróis e demônios deste gênero. Devemos perguntar-lhe o que entende como heróis e que natureza ele atribui aos demônios deste gênero, para que o servo de um herói determinado deva evitar servir a outro, e o de um desses demônios, evitar igualmente servir a outro: como se o primeiro demônio sofresse um prejuízo como fazem os homens quando passamos de seu serviço ao de outros senhores. Que ele determine além disso que prejuízo ele julga ter sido causado aos heróis e aos demônios deste gênero! Será necessário então repetir seu propósito caindo num oceano de tolices e refutar o que foi dito ou, se ele recusa as tolices, reconhecer que não conhece nem os heróis, nem a natureza dos demônios. E quando diz a respeito dos homens que os primeiros sofrem prejuízo pelo serviço prestado a segundos, devemos perguntar como ele define o prejuízo sofrido pelo primeiro quando seu servo consente em servir a outro.

8. De fato, se ele com isso entendia, sendo homem comum e sem filosofia, um prejuízo referente aos bens que chamamos exteriores, nós o convenceríamos de que desconhece as belas palavras de Sócrates: “Anito e Meleto podem me levar à morte, mas não me prejudicar; pois não é permitido que o superior sofra prejuízo da parte do inferior.” Se ele define esse prejuízo como moção ou estado referente ao vício, é evidente, pois nenhum prejuízo desse gênero existe para os sábios, que podemos servir a dois sábios vivendo em lugares separados. E se esse raciocínio não fosse plausível, de nada adianta argumentar com este exemplo para criticar as palavras: “Ninguém pode servir a dois senhores”: e ela só terá mais força se aplicada ao serviço do Deus do universo por seu Filho que nos conduz a Deus. Além disso, não prestamos culto a Deus pensando que ele precisa disso e que ele se aborreceria se não lhe prestássemos culto, mas pelo benefício que temos em prestar esse culto a Deus, ficando livres de mágoa e paixão, servindo a Deus por seu Filho único, Logos e Sabedoria.

Honra única ao Pai e ao Filho

9. Observemos a leviandade de suas palavras: *Se de fato queremos prestar culto a outro dos seres do universo.* Ele indica dessa forma que podemos sem nenhum prejuízo para nós mesmos prestar culto divino a qualquer um dos seres que pertencem a Deus. Mas como ele mesmo sentisse a insanidade de

suas palavras: se de fato queremos prestar culto a outro dos seres do universo, ele cai em si e acrescenta esta correção: não é permitido honrar aquele a quem Deus não deu esse privilégio. Perguntemos a Celso, a propósito das honras prestadas aos deuses, aos demônios, aos heróis: como podes mostrar, meu caro, que essas honras que eles recebem são devidas a um privilégio dado por Deus e não à ignorância e à tolice humana dos que estão no erro e caíram longe daquele a quem cabe de pleno direito toda honra? Honra-se, por exemplo, como acabas de dizer, o efeminado Adriano. Não dirás, suponho eu, que o privilégio de ser honrado como deus foi dado a Antínoo pelo Deus do universo! A mesma coisa se dirá dos outros, exigindo-se a prova de que o privilégio de ser honrado como deuses lhes foi concedido pelo Deus supremo.

Se nos for dirigida a mesma réplica a respeito de Jesus, provaremos que o privilégio de ser honrado foi dado por Deus, “a fim de que todos honrem o Filho, como honram o Pai” (Jo 5,23). Já as profecias, antes de seu nascimento, afirmavam seu direito a essa honra. Mais tarde, os milagres que ele realizou, não por magia como acredita Celso, mas por sua divindade predita pelos profetas, lucravam com o testemunho de Deus. Dessa forma, honrando o Filho que é Logos, o homem nada faz de insensato: tira proveito da honra que lhe é prestada e honrando-o a ele que é a Verdade, se torna melhor porque honra a verdade; assim ocorre quando se honra a Sabedoria, a Justiça e todas as outras prerrogativas que as divinas Escrituras atribuem ao Filho de Deus.

10. A honra que prestamos ao Filho de Deus, e da mesma forma a que tributamos a Deus Pai, consiste numa vida honesta. Não é acaso o que nos ensinam as palavras: “Tu, que te glorias na Lei, estás desonrando a Deus pela transgressão da Lei” (Rm 2,23), e estas outras: “Que castigo mais severo ainda merecerá aquele que calçou aos pés o Filho de Deus, e profanou o sangue da Aliança no qual foi santificado, e ultrajou o Espírito da graça?” (Hb 10,29). Se transgredir a Lei é ultrajar a Deus por essa transgressão, se recusar o Evangelho é calcar aos pés o Filho de Deus, é claro que observar a Lei é honrar a Deus, ser ornado com a palavra de Deus e com suas obras é adorar a Deus. Se Celso tivesse conhecido os que pertencem a Deus, e não existem outros senão os sábios, se tivesse conhecido os que lhe são estranhos, e são todos os homens maus que não têm nenhuma preocupação em adquirir a virtude, teria compreendido o verdadeiro sentido das palavras: A honra e a adoração prestados a todos os que pertencem a Deus não podem aborrecê-lo, pois eles pertencem todos a ele.

11. Depois disso ele declara: *Na verdade, quem afirma que um só ser foi chamado Senhor, falando de Deus, comete uma impiedade: ele divide o Reino de Deus e nele introduz a revolta, como se nele existisse uma facção e outro deus seu adversário.* Essa reflexão teria sentido se ele determinasse com provas rigorosas que os que são adorados como deuses entre os pagãos são realmente deuses, e que os seres que se fazem presentes, como se acredita, nas estátuas, nos templos e nos altares não são maus demônios. Além disso, aspiramos a compreender esse Reino de Deus constantemente pregado em nossos discursos e em nossos escritos, e tornar-nos tais que tenhamos só a Deus como rei e o Reino de Deus torne-se igualmente o nosso reino. Celso, ao contrário, que nos ensina a adorar vários deuses, para ser conseqüente consigo mesmo, deveria ter falado de reino dos deuses e não de Reino de Deus. Portanto, em Deus não há facções nem outro deus seu adversário; e isso, apesar dos que, à maneira dos Gigantes e dos Titãs, querem por sua perversidade batalhar contra Deus que estabeleceu por tantos meios a verdade sobre Jesus, e mesmo a exemplo daquele que pela salvação de nossa raça se entregou, como Logos que é, ao mundo inteiro em sua totalidade, conforme a capacidade de cada um.

12. Poderíamos julgar plausível o ataque que segue: *Além disso, se estas pessoas não prestassem culto a ninguém mais senão somente a Deus, talvez tivessem uma razão válida a opor aos outros. Mas não, elas prestam culto excessivo Àquele que acaba de aparecer, e todavia não acreditam ofender a Deus*

prestando igualmente culto a seu ministro. Devemos responder: se Celso tivesse compreendido as palavras: “Eu e o Pai somos um”, e estas do Filho de Deus em sua oração: “Como tu e eu somos um”, ele não pensaria que prestamos culto a outro senão ao Deus supremo, pois Jesus disse: “O Pai está em mim e eu estou no Pai” (Jo 10,30; 17,21-22; 14,10-11; 17,21).

Se alguém acreditasse que estas palavras nos levam ao grupo dos que negam a existência de duas hipóstases, um Pai e um Filho, reflita sobre estas palavras: “A multidão dos que haviam crido era um só coração e uma só alma” (At 4,32), a fim de compreender: “Eu e o Pai somos um”. Portanto, é a um só Deus, como acabamos de explicar, o Pai e o Filho, que prestamos culto, e temos ainda uma razão válida a opor aos outros. E não prestamos culto excessivo Àquele que acaba de aparecer como se ele jamais tivesse existido antes. Pois nele cremos quando diz: “Antes que Abraão existisse, eu sou”, e quando afirma: “Eu sou a Verdade” (Jo 8,58; 14,6). Ninguém de nós tem a estupidez de acreditar que a verdade não existia antes do tempo da manifestação de Cristo. Por isso prestamos culto ao Pai da Verdade e ao Filho que é a Verdade: eles são duas realidades pela hipóstase, mas uma só pela humanidade, pela concórdia, pela identidade da vontade; de modo que aquele que viu o Filho, resplendor da glória, expressão da substância de Deus, viu a Deus nele que é a imagem de Deus (cf. Jo 14,9; Hb 1,3; Cl 1,15; 2Cor 4,4).

13. Ele julga a seguir que, por prestarmos culto ao mesmo tempo a Deus e a seu Filho, segue-se que, segundo o que acreditamos, não só Deus mas também seus ministros recebem culto. Sem dúvida, se ele tivesse pensado nos que são os verdadeiros ministros de Deus depois do Filho único de Deus, Gabriel, Miguel e os demais anjos, e se tivesse dito que se deve prestar culto a eles, talvez eu tivesse esclarecido o sentido da expressão “prestar culto”, e as ações daquele que o presta, e eu diria no tocante a esse assunto, que implica discussão de matérias difíceis, o que eu pude compreender a esse respeito. Mas, quando ele crê que os demônios adorados pelos pagãos são os ministros de Deus, não nos leva à consequência que devemos lhes prestar culto. Pois a Escritura os apresenta como ministros do Maligno, do Príncipe deste mundo (cf. 1Cor 2,6.8; Jo 12,31; 14,30; 16,11), que afasta de Deus os que ele pode. Portanto, como eles não são ministros, evitamos adorar todos os que os outros homens adoram e prestar-lhe culto. Pois se tivéssemos aprendido que eles eram ministros do Deus supremo, não diríamos que eles são demônios. Por isso adoramos o Deus único e seu Filho único, Logos e Imagem, por nossas melhores súplicas e pedidos, oferecendo nossas preces ao Deus do universo por meio de seu Filho único. É em primeiro lugar a ele que as oferecemos pedindo-lhe, sendo ele “propiciação pelos nossos pecados”, que apresente como Sumo Sacerdote ao Deus supremo nossas preces, nossos sacrifícios e súplicas (1Jo 4,10; 2,2; Hb 2,17 etc.). Essa é a fé que temos em Deus por seu Filho que a fortifica em nós, e Celso não pode mostrar a menor facção a respeito do Filho de Deus. Sim, adoramos o Pai admirando seu Filho, Logos e Sabedoria, Verdade, Justiça e tudo o que aprendemos daquilo que é o Filho de Deus: admiramos então também Aquele que nasceu de tal Pai. Mas isto é bastante.

14. Em seguida Celso afirma: *Se acaso ensinamos que Jesus não é seu Filho, mas que Deus é o pai de todos e o único a quem se deve adorar verdadeiramente: eles se recusam a aceitar, a menos que associemos a ele aquele que é o chefe do grupo deles. Eles até o chamaram Filho de Deus, não para oferecerem a Deus adoração suprema, mas suprema exaltação a este.* Ora, aprendemos o que é o Filho de Deus: “o resplendor de sua glória e a expressão de seu ser”; “o eflúvio do poder de Deus, uma emanção puríssima da glória do Onipotente; um reflexo da luz eterna, um espelho nítido da atividade de Deus, e uma imagem de sua bondade” (Hb 1,3; Sb 7,25-26); sabemos que Jesus é o Filho de Deus e que Deus é seu Pai. Não há nada de inconveniente nesta doutrina, nada de incompatível com Deus no

fato de ele gerar tal Filho único. E ninguém conseguirá demover-nos da convicção de que Jesus é o Filho do Deus supremo não gerado e Pai.

O fato de Celso se enganar no tocante à recusa de alguns em identificar o Filho de Deus com o do Criador deste universo é problema dele e dos adeptos desta doutrina. Jesus não é chefe de grupo, mas o autor de toda paz, que disse a seus discípulos: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou” (Jo 14,27). Em seguida, sabendo da guerra que nos seria feita pelos homens que são do mundo e não de Deus, acrescenta: “Não vo-la dou como o mundo a dá”. Desta forma, em todas as tribulações a que o mundo nos submete, nossa confiança repousa naquele que disse: “No mundo tereis tribulações, mas tende coragem: eu venci o mundo!” (Jo 16,33). É a ele que proclamamos Filho de Deus, mas para usarmos os termos de Celso, do Deus a quem oferecemos adoração suprema, e sabemos que é seu Pai que lhe deu exaltação suprema.

Na multidão dos fiéis, alguns podem ter opinião diferente, afirmando com precipitação que o Salvador é o Altíssimo Deus que reina sobre tudo. Mas esse não pode ser nosso pensamento, pois acreditamos naquele que disse: “O Pai é maior do que eu” (Jo 14,28). Dessa forma, contrariamente à calúnia de Celso, não podemos pôr abaixo do Filho de Deus Aquele a quem chamamos agora seu Pai.

O “Diálogo celeste”

15. Depois disso, Celso prossegue: Para mostrar que essa opinião não se afasta do objetivo, citarei suas próprias palavras. Numa passagem do Diálogo celeste, eles se exprimem nestes termos: “Se o Filho de Deus é mais poderoso, e se o Filho do homem é seu Senhor (e quem dominará o Deus soberano?), por que tantas pessoas em volta do poço e ninguém para nele descer? Por que ao final de uma estrada tão longa perder a coragem? — Erro! Tenho coragem e uma espada”. Assim, sua vontade não é adorar o Deus supraceleste, mas o Pai que eles deram àquele em volta do qual eles se reuniram: pretextando que seria ele o Grande Deus, eles prestam culto somente àquele que eles consideram seu chefe, o Filho do homem que eles proclamam mais poderoso que o Deus soberano e seu Senhor. Vem daí entre eles esta proibição de servir a dois senhores para manter sua facção reunida em torno dele somente.

Aí está ele novamente tomando não sei de que seita muito obscura aquilo com que ele afronta todos os cristãos. Se digo muito obscura, é porque mesmo depois de tantas controvérsias com os fomentadores de seitas, não consigo ver claramente a doutrina da qual ele tirou estas palavras; pelo menos caso se trate de empréstimo e não de uma invenção ou de uma conclusão de sua parte. Afirmamos claramente de fato, nós para quem até o mundo sensível é obra do Criador de todas as coisas, que o Filho não é mais poderoso do que o Pai, mas que lhe é inferior; e dizemos isto porque acreditamos nas palavras: “O Pai que me enviou é maior do que eu” (Jo 14,28).

E ninguém de nós é tão estúpido a ponto de dizer: o Filho do homem é o Senhor de Deus. Afirmamos ao contrário que o Salvador, visto precisamente como Logos, Sabedoria, Justiça, Verdade, domina tudo o que lhe foi submetido em razão desses títulos, mas não o Deus e Pai que o domina. Além disso, como o Logos não domina nenhuma pessoa contra a vontade dela, e como ainda existem seres maus, homens, anjos e todos os demônios, dizemos que ele não os domina ainda, pois eles não se submetem a ele de boa vontade. Mas, de acordo com outro sentido da palavra “dominar”, ele os domina igualmente, no sentido em que se diz que o homem domina os animais sem razão, também sem ter submetido sua faculdade principal, como ele amansa e também domina os leões e os animais de carga que eles domaram. De resto ele faz tudo para persuadir os que ainda recusam obedecer-lhe e também para os dominar. Para nós, portanto, é mentira de Celso atribuir-nos as palavras: Quem

dominará o Deus soberano?

16. E além disso, é também por uma confusão, creio eu, e tomando de outra seita que ele diz: Por que tantas pessoas em volta do poço e ninguém para nele descer? Por que ao final de uma estrada tão longa perder a coragem? — Erro! Tenho coragem e uma espada. Em tudo isso não existe uma palavra de verdade, nós o afirmamos, nós os membros da Igreja que é a única a ter o nome de Cristo. A estas palavras ele acrescenta o que lhe parece ser uma consequência, mas que nada tem a ver conosco. Pois nós nos propomos venerar não um Deus hipotético, mas o Criador ao mesmo tempo deste universo e de tudo o que pode existir de não sensível e não visível. Mas trata-se aí dos que, conforme outro caminho e “outras veredas”, recusam reconhecê-lo para se consagrarem a outro que eles imaginaram, de espécie nova, que de Deus têm apenas o nome, e que seria superior ao Criador; trata-se de todos os que dizem: o Filho é mais poderoso do que o Deus soberano e é o Senhor deste.

Quanto à proibição de servir a dois senhores, dei a razão de acordo com nosso pensar, quando mostrei que não se pode descobrir nenhuma facção em volta do Senhor Jesus, entre os que professam terem-se elevado acima de todo senhor e que servem como único Senhor ao Filho de Deus, ao Logos de Deus.

O culto verdadeiro

17. Em seguida ele declara que *evitamos construir altares, estátuas e templos*; pois ele acredita que é a *palavra de ordem combinada de nossa associação secreta e misteriosa*. É ignorar que para nós o coração de cada justo forma o altar de onde sobem na verdade e em espírito, incenso de agradável odor, as preces de uma consciência pura. Por isso diz João no Apocalipse: “O incenso que são as orações dos santos” (Ap 5,8), e no Salmista: “Suba minha prece como um incenso em tua presença” (Sl 140,2).

As estátuas, as oferendas agradáveis a Deus não são obras de artesãos vulgares, mas do Logos de Deus que as delineia e forma em nós. São as virtudes, imitações do “Primogênito de toda criatura”, no qual estão os modelos da justiça, da temperança, da força, da sabedoria, da piedade e das demais virtudes. Portanto, todos os que, segundo o divino Logos, edificaram em si mesmos a temperança, a justiça, a força, a sabedoria, a piedade e as obras-primas das demais virtudes, trazem em si mesmos estátuas. É por meio delas, como sabemos, que convém honrar o protótipo de todas as estátuas, a “Imagem do Deus invisível” (Cl 1,15; Jo 1,18), o Deus Filho único. Além disso, os que se despojaram do “homem velho com as suas práticas e se revestiram do novo, que se renova para o conhecimento segundo a imagem do seu Criador” (Cl 3,9-10) recuperando continuamente a imagem do Criador, edificam em si mesmos estátuas dele, assim como o Deus supremo deseja.

Como alguns escultores conseguiram admiráveis obras-primas, por exemplo Fídias e Policleto, ou os pintores Zêuxis e Apeles, como outros fizeram obras menos belas, e como outros são ainda inferiores àqueles, como, em suma, existe uma infinita diversidade na confecção de estátuas e imagens, da mesma forma existem estátuas do Deus supremo de uma arte tão perfeita e de uma ciência tão consumada que não se pode estabelecer comparação entre Zeus do Olimpo esculpido por Fídias e o homem esculpido à imagem de Deus que o criou. Mas de todas essas imagens que existem na criação inteira, a mais bela de todas e a mais perfeita está em nosso Salvador que disse: “O Pai está em mim” (Jo 14,10).

18. Em cada um dos que se esforçam por imitá-lo sob esse aspecto existe uma estátua “à imagem do Criador” (Cl 3,10), que eles realizam contemplando a Deus com coração puro e tornando-se

imitadores de Deus. E em geral, todos os cristãos procuram edificar altares assim como acabo de descrever: não inanimados e insensíveis, mas capazes de receber, no lugar dos demônios gulosos que frequentam as coisas inanimadas, o Espírito de Deus que, para fazer delas sua morada, reside nestas imagens de virtude de que falamos e no que é “à imagem do Criador”; e desta maneira, o Espírito de Cristo pousa sobre os que, por assim dizer, lhe são conformes. É precisamente isto que pretende mostrar o Logos de Deus: ele representa Deus fazendo esta promessa aos justos: “Em meio a eles habitarei e caminharei, serei o seu Deus, e eles serão o meu povo” (2Cor 6,16); e põe na boca do Salvador estas palavras: “Se alguém ouve essas minhas palavras e as põe em prática, meu Pai e eu a ele viremos e nele estabeleceremos morada” (Mt 7,24; Jo 14,23).

Podemos comparar, se quisermos, os altares que descrevi aos altares de que fala Celso, e as estátuas interiores à alma dos que têm piedade com o Deus do universo, às estátuas de Fídias, de Policleto e de seus semelhantes. Veremos claramente que estas são inanimadas, sujeitas ao desgaste do tempo, mas aquelas perduram na alma imortal enquanto a alma racional quiser que elas subsistam nela.

19. Será preciso uma comparação entre os templos para convencer os partidários de Celso que não nos recusamos a edificar templos que correspondam aos altares e às estátuas de que acabamos de falar, mas que repelimos a ideia de construir para o autor de toda vida templos inanimados e mortos? Bastará transmitir a quem deseje a instrução que nos é dada: nossos corpos são o templo de Deus, e se alguém pela licença ou pelo pecado “destrói o templo de Deus”, será destruído como verdadeiramente ímpio com respeito ao templo verdadeiro. Mas de todos esses templos, o melhor e mais excelente era o corpo santo e puro de nosso Salvador Jesus. Sabendo ele das manobras de que eram capazes os ímpios contra o templo de Deus que se encontrava nele, sem todavia que o plano de seus autores pudesse prevalecer sobre a divindade que habitava neste templo, lhes diz estas palavras: “Destruí este templo, e em três dias eu o levantarei. Ele, porém, falava do templo de seu corpo” (Jo 2,19.21).

Além disso, as divinas Escrituras têm maneira misteriosa de ensinar a doutrina da ressurreição aos que são capazes de ouvir com ouvidos mais divinos as palavras de Deus. Dizendo que o templo será reconstruído de pedras vivas e muito preciosas, elas insinuam que cada um daqueles a quem o próprio Logos inspira que tendam à piedade que ele ensina é pedra preciosa integrada ao templo de Deus. É a declaração de Pedro: “Também vós, como pedras vivas, constituí-vos em edifício espiritual, dedicai-vos a sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus por Jesus Cristo” (1Pd 2,5). É a declaração de Paulo: “Estais edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, do qual é Cristo Jesus a pedra angular” (Ef 2,20). É o sentido misterioso encerrado na passagem de Isaías dirigida a Jerusalém: “Certamente revestirei de carbúnculo as tuas pedras, estabelecerei os teus alicerces sobre a safira. Farei de rubi as tuas ameias e de berilo as tuas portas, de pedras preciosas todas as tuas muralhas. Todos os teus filhos serão discípulos do Senhor; grande será a paz dos teus filhos. Serás edificada sobre a justiça” (Is 54,11-14).

20. Alguns justos, portanto, são de carbúnculo, outros de safira, outros de rubi, outros de berilo; e assim os justos formam o conjunto das pedras escolhidas e preciosas. Mas não cabe aqui explicar o significado das pedras, a doutrina referente à sua natureza, as categorias de almas às quais podemos atribuir o nome de cada pedra preciosa. Bastaria lembrar rapidamente o sentido que damos aos templos e o do único templo de Deus feito de pedras preciosas. Efetivamente, se os habitantes de cada cidade se gabavam de seus pretensos templos por comparação com os outros, em seu orgulho por terem templos mais preciosos, eles exaltariam a excelência dos seus para provarem a inferioridade dos outros. Desta forma, para responder aos que criticam nossa recusa de adorar a divindade em templos insensíveis, nós opomos a estes os templos como os concebemos; e mostramos, pelo menos aos que

não são insensíveis nem semelhantes a seus deuses insensíveis, que não há nenhuma comparação possível: nem entre nossas estátuas e as estátuas das nações; nem entre nossos altares e os incensos, se podemos dizer, que sobem de seus altares e as gorduras e o sangue que neles são oferecidos; nem mesmo entre os templos que indicamos e os templos dos seres insensíveis admirados por homens insensíveis que não têm a menor ideia do sentido divino pelo qual chegamos a Deus, suas estátuas, os templos e os altares que convêm a Deus.

Portanto, não é para observar uma palavra de ordem convencionada de nossa associação secreta e misteriosa que evitamos edificar altares, estátuas e templos; mas porque encontramos, graças ao ensinamento de Jesus, a forma da piedade para com a divindade, evitamos as atitudes que sob a aparência da piedade tornam ímpios os que se afastam da piedade que tem por mediador Jesus Cristo: só ele é o caminho da piedade, porque ele diz com toda verdade: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6).

21. Vejamos ainda o que Celso diz a seguir de Deus e como ele nos convida a usar coisas que na verdade são vítimas oferecidas aos ídolos ou, melhor, aos demônios, mas que eles chamam vítimas sagradas, ignorando o que é uma coisa verdadeiramente sagrada e a natureza do sacrifício que lhe diz respeito. Eis o que ele diz: *Com toda certeza Deus é comum a todos, é bom, de nada precisa, ignora a inveja. Então, o que é que impede os que lhe são mais dedicados de participarem das festas públicas?* Não sei por que aberração ele acredita que, sendo Deus bom, ele não precisa de nada, ignora a inveja, daí se conclua que os que lhe são dedicados podem tomar parte nas festas públicas. Respondo-lhe: do fato de Deus ser bom, nada precisar, ignorar a inveja, segue-se que se pode tomar parte nas festas públicas, se fosse provado que as festas públicas nada têm de errado, mas são costumes fundamentados numa visão exata de Deus e são uma consequência do culto e da piedade que lhe são devidos.

Se, porém, as festas públicas, que o são apenas de nome, não apresentam nenhuma razão demonstrativa de que elas se harmonizam com o culto oferecido à divindade, se ficasse provado ao contrário que elas são invenções de pessoas que as instituíram acidentalmente em relação com acontecimentos históricos ou teorias naturalistas sobre a água, a terra, os frutos que ela parece produzir, é claro que, para quem pretende honrar a divindade com o cuidado necessário, será razoável abster-se de tomar parte nas festas públicas. Efetivamente, como diz excelentemente um sábio grego: “Celebrar uma festa nada mais é do que cumprir o seu dever” (Tucídides, I, 70, 8). E é celebrar a festa conforme a verdade cumprir seu dever orando sempre, não deixando de oferecer à divindade os sacrifícios incruentos nas orações. Por essa razão, julgo magníficas as palavras de Paulo: “Observais cuidadosamente dias, meses, estações, anos! Receio ter-me afadigado em vão por vós” (Gl 4,10-11).

22. Alguém objetará lembrando nossas celebrações dos domingos, da Preparação, da Páscoa, de Pentecostes? Devemos responder: quem é cristão perfeito e não deixa de dar atenção devida às palavras, às ações, aos pensamentos do Logos de Deus que por natureza é o Senhor, esse vive continuamente nos dias do Senhor, celebra constantemente os domingos. Além disso, quem se prepara sem cessar para a vida verdadeira e se afasta dos prazeres da vida que enganam a multidão dos homens, sem alimentar “o desejo da carne”, mas castiga ao contrário seu corpo e o reduz à servidão, celebra a Preparação. Além disso, para quem compreende que “Cristo, nossa Páscoa, foi imolado” e deve celebrar a festa comendo a carne do Logos, não há instante em que não realize a Páscoa, termo que quer dizer sacrifício por uma feliz passagem: pois pelo pensamento, por cada palavra, por cada ação não deixamos de passar dos negócios desta vida a Deus apressando-nos a chegar à cidade divina. Enfim, se podemos dizer com toda verdade: “Ressuscitamos com Cristo” (Cl 2,12; 3,1), e também:

“Com ele nos ressuscitou e nos fez assentar nos céus, em Cristo Jesus” (Ef 2,6), estamos continuamente nos dias de Pentecostes, principalmente quando subindo à sala superior como os apóstolos de Jesus, perseveramos nas súplicas e orações para nos tornarmos dignos “do vendaval impetuoso vindo do céu” (At 1,13-14; 2,2-3) para aniquilar por sua violência a malícia dos homens e seus efeitos, e merecer igualmente ter parte na língua de fogo que vem de Deus.

23. Mas a multidão dos que parecem crer não tem este fervor: ela não quer ou não pode celebrar como festas todos os dias; ela precisa, para tornar a lembrar, de modelos sensíveis que a preservem do total esquecimento. Suponho que era o pensamento que fazia Paulo chamar de festa parcial a festa fixada em dias distintos dos demais: dava a entender com essa expressão que a vida em contínuo acordo com o divino Logos não é festa parcial, mas a festa integral e ininterrupta. Depois dessa exposição sobre nossas festas e a comparação com as festas públicas de Celso e dos pagãos, vê se nossas festas não são infinitamente mais veneráveis do que essas festas populares em que o “desejo da carne” (Rm 8,8,6-7) que as anima conduz aos excessos de embriaguez e despudor.

Ainda haveria muito a dizer sobre a razão por que a lei de Deus prescreve, nos dias de festa, comer “o pão da miséria” ou “ázimos com ervas amargas”, e por que ela diz: “Humilhai vossas almas” (Dt 16,3; Ex 12,8; Lv 16,31) ou outras fórmulas semelhantes. É porque o homem, sendo composto, não lhe é possível, enquanto “a carne tem aspirações contrárias ao espírito e o espírito contrárias à carne” (Gl 5,17), estar por inteiro na celebração da festa: ou se celebra a festa pelo espírito afligindo o corpo incapaz, por causa do “desejo da carne”, de celebrá-la com o espírito, ou ela é celebrada segundo a carne sem se dar mais espaço à festa segundo o espírito. Mas basta por ora o que dissemos com relação às festas.

24. Vejamos as palavras de Celso que nos exortam a comer carnes oferecidas aos ídolos e a participar dos sacrifícios públicos durante as festas públicas. Ei-las: *Se esses ídolos nada são, que perigo haverá em se tomar parte no banquete? E se forem demônios, é evidente que também eles pertencem a Deus, que é preciso acreditar neles e lhes oferecer segundo as leis sacrifícios e orações para torná-los benevolentes.* Em resposta, será útil ter em mãos a primeira carta aos Coríntios e explicar todo o raciocínio de Paulo sobre as oferendas aos ídolos. Nela, contra a opinião de que um ídolo nada é no mundo, ele estabelece o prejuízo causado pelas oferendas. Ele mostra aos que são capazes de entender suas palavras que receber uma parte das oferendas é um ato tão criminoso quanto derramar sangue, pois é fazer perecer irmãos pelos quais Cristo morreu. Em seguida, estabelecendo o princípio de que as vítimas dos sacrifícios são oferecidas aos demônios, ele declara que participar da mesa dos demônios é entrar em comunhão com os demônios e afirma a impossibilidade de “participar da mesa do Senhor e da mesa dos demônios” (1Cor 10,20-21).

Mas como a explicação detalhada desses pontos da carta aos Coríntios exigiria um tratado inteiro de amplas discussões, eu me contentarei com estas breves observações. Se bem as examinarmos, veremos que ainda que os ídolos nada sejam, nem por isso é menos perigoso tomar parte no banquete dos ídolos. Também provei cabalmente que ainda que os sacrifícios sejam oferecidos a demônios, não devemos tomar parte neles, pois sabemos a diferença que existe entre a mesa do Senhor e a dos demônios e, sabendo disso, fazemos tudo para sempre termos parte na mesa do Senhor, mas evitando a todo custo jamais ter parte na mesa dos demônios.

25. Celso, aqui, afirma que os demônios pertencem a Deus e que, por esta razão, é preciso acreditar neles e lhes oferecer segundo as leis sacrifícios e orações a fim de os tornar propícios. Devemos pois ensinar a respeito desse ponto, a quem deseje, que o Logos de Deus recusa declarar como propriedade de Deus seres maus, pois ele os julga indignos de tão grande Senhor. Por isso nem todos os homens

são chamados homens de Deus, mas somente os que são dignos de Deus: tais eram Moisés, Elias, e todos os que receberam na Escritura o título de homem de Deus, ou os que são semelhantes aos que o recebem. E da mesma forma, nem todos os anjos são chamados anjos de Deus, mas somente os bem-aventurados; os que se voltaram para o mal são chamados anjos do diabo (cf. Mt 25, 41), como os homens maus são chamados homens de pecado, filhos da pestilência, filhos da iniquidade. E porque alguns homens são bons, outros são maus, por isso se diz de uns que são de Deus e de outros que são do diabo, e da mesma forma os anjos, uns são de Deus, e outros são maus; mas a divisão em dois grupos não vale mais para os demônios: está provado que são todos maus. Por isso declaramos falsas as palavras de Celso: se são demônios, é evidente que também eles pertencem a Deus. Ou então mostre quem quiser que não há razão válida para se fazer a distinção no caso dos homens e dos anjos, ou então que se pode apresentar uma razão de valor igual a respeito dos demônios.

26. Se isto for impossível, é evidente que os demônios não pertencem a Deus: pois seu chefe não é Deus, mas, como dizem as divinas Escrituras, Belzebu. Tampouco se deve acreditar nos demônios, ainda que Celso nos conclame para eles, mas é preferível morrer a obedecer aos demônios, e além disso suportar qualquer coisa por obediência a Deus. Também não se deve sacrificar aos demônios, pois é impossível sacrificar aos seres maus que fazem o mal aos homens. Além do mais, donde provêm as leis em virtude das quais Celso quer que sacrifiquemos aos demônios? Serão acaso leis de cidades? Prove ele que elas se harmonizam com as leis divinas. E se não consegue provar, pois as leis de muitas cidades não são concordes entre si, é claro que não são leis em sentido próprio, ou leis de homens maus nos quais não se deve acreditar. Pois “é preciso obedecer a Deus antes do que aos homens” (At 5,29).

Desprezemos então o conselho de Celso segundo o qual é preciso orar aos demônios; ele não merece a menor atenção. É preciso orar ao Deus supremo único, e também ao Logos de Deus, seu Filho único, Primogênito de toda criatura, e pedir-lhe, como Sumo Sacerdote, que leve nossa prece, uma vez recebida, até ao seu Deus e nosso Deus, seu Pai e o Pai dos que vivem segundo o Logos de Deus. Não gostaríamos de ter a benevolência dos homens que, querendo nos fazer viver segundo sua malícia, não concedem sua benevolência a ninguém que tenha abraçado o partido contrário; pois a sua benevolência nos torna inimigos de Deus, que não concede sua benevolência aos que querem granjear a deles. Da mesma forma, tendo compreendido a natureza dos demônios, sua determinação e malícia, jamais pretendemos angariar a sua benevolência.

27. Com efeito, ainda que não tenhamos obtido a benevolência dos demônios, nada podemos sofrer de sua parte. Estamos sob a proteção do Deus supremo que a piedade torna benévola e que encarrega seus anjos divinos de proteger os que merecem, para que não sofram nenhum mal dos demônios. Mas, quando se obtém a benevolência do Deus supremo por causa da piedade que lhe temos e porque recebemos do Senhor Jesus, que é o Anjo do Grande Conselho de Deus, com abundância a benevolência de Deus por meio de Jesus Cristo, nada tendo a sofrer de todo o exército dos demônios, podemos dizer corajosamente: “O Senhor é minha luz e minha salvação: de quem terei medo? O Senhor é a fortaleza de minha vida: frente a quem temerei?” (Sl 26,3). Também podemos dizer: “Ainda que um exército acampe contra mim para devorar minha carne, meu coração não temerá” (Sl 26,3). Assim respondemos à sua objeção: “Se os ídolos são demônios, é evidente que eles também pertencem a Deus, que é preciso crer neles e lhes oferecer segundo as leis dos sacrifícios e das orações para torná-los benevolentes”.

28. Citemos ainda a passagem seguinte e a examinemos da melhor forma: *Se é por respeito a uma tradição que eles se abstêm de vítimas desse gênero, eles deveriam abster-se completamente de carne de animal, como fazia Pitágoras no seu respeito pela alma e pelos órgãos. Mas se, como dizem, é para não festejar com os demônios, felicito-os por sua sabedoria de compreender tardiamente que eles não deixam de ser os comensais dos demônios. Mas eles só dão atenção a isso vendo uma vítima imolada. E contudo o pão que eles comem, o vinho que bebem, os frutos que degustam, a própria água que bebem e o próprio ar que respiram acaso não são dádivas dos demônios que são encarregados de velar por cada um destes bens?* Não vejo como, nesta matéria, a obrigação para eles de se abster de toda carne animal lhe pareça a consequência lógica pelo fato de se absterem de certas vítimas por respeito a uma tradição. Nós negamos isto, pois a divina Escritura não nos sugere nada de semelhante. Mas, para tornar nossa vida mais forte e mais pura, ela nos diz: “É bom se abster de carne, de vinho e de tudo o que seja causa de tropeço, de queda ou de enfraquecimento para teu irmão”; “Não faças perecer por causa do teu alimento alguém pelo qual Cristo morreu” (Rm 14,21.15); “Eis porque, se um alimento é ocasião de queda para meu irmão, para sempre deixarei de comer carne, a fim de não causar a queda de meu irmão!” (1Cor 8,13).

29. No entanto, é preciso saber que os judeus, julgando compreender a lei de Moisés, têm todo cuidado em só usar alimentos considerados puros e em abster-se dos impuros e, além disso, em não deixar entrar em seus alimentos nem o sangue dos animais nem os animais capturados por feras e muitos outros: matéria de uma vasta doutrina que não cabe aqui examinar. Mas em seu ensinamento, Jesus queria levar todos os homens à pura adoração de Deus e evitar que uma legislação por demais severa sobre os alimentos afastasse grande número de pessoas cujos costumes pudessem ser melhorados pelo cristianismo. Por isso declarou: “Não é o que entra pela boca que torna o homem impuro, mas o que sai da boca... Pois tudo o que entra pela boca vai para o ventre e daí para a fossa. Mas o que sai da boca procede do coração e é isto que torna o homem impuro. São as más intenções, assassínios, adultérios, prostituições, roubos, falsos testemunhos e difamações” (Mt 15,11.17.19). Paulo também diz: “Não são os alimentos que nos aproximam de Deus: se deixamos de comer, nada perdemos; e, se comemos, nada lucrmos” (1Cor 8,8). Em seguida, como houvesse certa obscuridade que exigia definições, “pareceu bom aos apóstolos e anciãos” que estavam reunidos em Antioquia, e como eles mesmos disseram, reunidos “pelo Espírito Santo”, dirigir aos fiéis oriundos da gentilidade uma carta proibindo-lhes comer somente aquilo de que eles declararam necessário se absterem: quer dizer, as oferendas aos ídolos, as carnes sufocadas e o sangue (cf. At 15,22.28-29).

30. Com efeito, o sacrifício é oferecido aos demônios e o homem de Deus não deve participar da mesa dos demônios. As carnes sufocadas, porque o sangue não é separado e é apresentado como o alimento dos demônios que se alimentam de suas exalações, são proibidas pela Escritura, que não deseja que tenhamos o mesmo alimento que os demônios; pois, talvez, se nos servíssemos de carnes sufocadas, alguns deles se alimentariam ao mesmo tempo que nós. E o que acaba de ser dito das carnes sufocadas pode mostrar claramente por que nos abtemos do sangue. Além disso, para mim não ficaria fora de propósito mencionar a belíssima máxima que a maior parte dos cristão lê nas *Máximas* de Sexto: “Comer carne de animais é coisa indiferente; abster-se delas é mais sensato.” Portanto, não é simplesmente por respeito a uma tradição que nos abtemos daquilo que se supõe terem sido vítimas sacrificadas aos pretensos deuses, heróis ou demônios, mas por muitas razões das quais aponteí algumas. Além disso, se é preciso nos abster de toda carne animal, isso não se faz da mesma forma como nos abtemos do pecado e de suas consequências. É preciso abster-nos não só da carne animal, mas também de qualquer outro alimento se seu uso implica no pecado e em suas consequências; pois

devemos abster-nos de comer seduzidos pela gula, ou atraídos pelo prazer, esquecidos da saúde do corpo e do cuidado que devemos ter com ele.

Entretanto, não admitimos, de modo algum, a metensomatose da alma nem sua queda em animais irracionais, e se por vezes nos abstermos da carne de animais, evidentemente não é pelo mesmo motivo que Pitágoras que nos privaremos dela. Pois sabemos honrar somente a alma racional e confiar com honra seus órgãos a uma sepultura honrada conforme os costumes estabelecidos. De fato, a habitação da alma racional merece não ser rejeitada sem honra e ao acaso como a dos seres irracionais; e principalmente quando os cristãos acreditam que a honra prestada ao corpo em que a alma racional habita recai sobre a pessoa dotada de uma alma que por esse órgão combateu o bom combate. Mas “como ressuscitam os mortos? Com que corpo voltam?” (1Cor 15,35), expliquei isto acima, como o assunto o requeria.

31. Em seguida, Celso lembra que os judeus e os cristãos concordam em dizer, para justificarem sua abstinência das oferendas aos ídolos: quando uma pessoa é consagrada ao Deus supremo, não tem o direito de ser comensal dos demônios; e a esse respeito ele faz a observação já referida. Para nós, não existe outro modo de ser comensal dos demônios em questão de alimento e bebida a não ser comer o que o povo chama de vítimas sagradas e de beber o vinho das libações que são feitas aos demônios. Para Celso é ser comensal dos demônios comer pão, beber vinho de algum modo qualquer, saborear frutos, e até beber apenas água: mesmo então, diz ele, aquele que bebe é comensal dos demônios. Chega até a afirmar que o ar respirado neste mundo é concedido por certos demônios, pois os demônios encarregados do ar concedem aos vivos o ar da respiração.

Toda pessoa tem a liberdade de acreditar na doutrina de Celso e mostrar como a administração de tudo o que ficou dito depende não dos anjos divinos de Deus, mas dos demônios cuja raça inteira é perversa. Também nós dizemos que é sob a dependência, por assim dizer, de invisíveis agricultores e de outros seres, que administram não apenas as plantas que nascem da terra, mas também de toda água de fonte e todo ar, que a terra produz aquilo que afirmamos ser regido pela natureza; que a água cai em forma de chuva e corre para as fontes e rios que dela nascem; que o ar conserva sua pureza e traz vida aos que o respiram. Mas nós, naturalmente, não dizemos que esses seres invisíveis são demônios. Se podemos arriscar dizer alguma coisa, diremos que, exceto aquelas outras, são obras dos demônios: as fomes, as esterilidades da vinha e das árvores e mesmo a corrupção do ar, causa de danos aos frutos, às vezes da morte dos animais e de peste entre os homens. Tudo isso é realizado pelos próprios demônios; espécie de carrascos que são, receberam por alguma decisão divina o poder de causar pragas para converter os homens abandonados à deriva das ondas do vício ou para exercitar a raça dos seres racionais: para permitir aos que permanecem piedosos mesmo nas calamidades e nada perder de sua virtude de se manifestar assim aos espectadores visíveis e invisíveis, que até então não viam o brilho de sua alma, e a fim de que os outros, cujas disposições são contrárias, mas evitam mostrar seu vício, submetidos à prova revelem sua essência verdadeira, eles mesmos tomem consciência e se mostrem por assim dizer aos espectadores.

32. Mas, conforme o testemunho do Salmista, são anjos maus que em virtude de uma decisão divina causam diretamente as grandes desgraças: “Lançou contra eles o fogo de sua ira: cólera, furor e aflição, anjos portadores de desgraças; deu livre curso à sua ira” (Sl 77,49). Será que os demônios recebem às vezes o poder de causar outras desgraças ainda, uma vez que sempre as querem, mas nem sempre conseguem porque são impedidos em suas ações? Quem puder que examine a questão. Enquanto for possível à natureza humana, que se mostre a decisão divina com referência à partida em massa fora de seus corpos de uma multidão de almas tomando caminhos em direção da morte, coisa

em si indiferente. Realmente, “grandes são as decisões de Deus” e essa grandeza as torna incompreensíveis a uma inteligência que permanece acorrentada a um corpo mortal; e por isso “elas são difíceis de explicar”, e para as almas sem instrução, absolutamente fora de seu alcance (cf. Sb 17,1). Dessa forma os temerários, em sua ignorância a esse respeito e em sua revolta contra Deus provocada por sua temeridade, multiplicam as doutrinas ímpias contra a Providência.

Portanto, não é dos demônios que recebemos as diferentes coisas necessárias à vida, especialmente quando aprendemos a usar delas como se deve. Ninguém é comensal dos demônios quando recebe pão, vinho, frutos, água e ar, mas muito mais comensal dos anjos divinos encarregados desses elementos, que são, por assim dizer, convidados à mesa do homem piedoso, atento aos ensinamentos da Escritura: “Quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus” (1Cor 10,31). Também se diz em outro lugar: “Quer comais, quer bebais, fazei-o em nome do Senhor Jesus” (Cl 13,17). Portanto, quando comemos, bebemos, respiramos para glorificar a Deus e fazemos tudo segundo a Escritura, não somos comensais de algum dos demônios, mas dos anjos divinos. Com efeito, “tudo o que Deus criou é bom, e nada é desprezível, se tomado com ação de graças, porque é santificado pela Palavra de Deus e pela oração” (1Tm 4,4-5). Mas essas criaturas não teriam sido boas nem capazes de serem santificadas se, como crê Celso, os demônios tivessem recebido a administração delas.

A verdadeira ação de graças

33. É claro que desta forma repliquei antecipadamente ao que ele diz a seguir: *Ou então é preciso de todo modo renunciar a viver e a vir a este mundo, ou se alguém veio à vida nestas condições, deve dar graças aos demônios que receberam em herança as coisas da terra, oferecer-lhes primícias e orações toda a vida, a fim de obter sua benevolência.* Sem dúvida, é preciso viver, e viver segundo as palavras de Deus enquanto for possível e se puder viver segundo ela. Ora, isto nos é concedido mesmo quando comemos e quando bebemos fazendo tudo para glorificar a Deus. Não devemos recusar comer com ação de graças ao Criador estas coisas que foram criadas para nós. Nestas condições é que fomos levados por Deus a esta vida e não nas que Celso imagina. Não é aos demônios que estamos sujeitos, mas ao Deus supremo por Jesus Cristo que nos levou a ele.

De acordo com as leis de Deus, nenhum demônio recebeu em herança as coisas da terra. Mas por causa de sua transgressão, talvez tenham eles partilhado estes lugares dos quais está ausente o conhecimento de Deus e da vida conforme seus preceitos, nos quais os homens estranhos acorrem à divindade. Talvez também porque eles eram dignos de governar e castigar os maus, o Logos que administra todas as coisas os tenha colocado na cabeça daqueles que se sujeitaram ao mal e não a Deus. Por isso Celso, em sua ignorância de Deus, pode testemunhar seu reconhecimento aos demônios. Nós, porém, que damos graças ao Criador do universo, comemos os pães oferecidos com ação de graças e oração sobre as oferendas, pães que se tornaram pela oração um corpo santo que santifica os que os usam com reta intenção.

34. Além disso, Celso quer consagrar primícias aos demônios. Mas nós o fazemos ao que disse: “Que a terra verdeje de verdura: ervas que deem semente e árvores frutíferas que deem sobre a terra, segundo sua espécie, frutos contendo sua semente” (Gn 1,11). Aquele a quem oferecemos as primícias também é aquele ao qual fazemos subir nossas orações, pois “temos um sumo sacerdote eminente, que atravessou os céus, Jesus, o Filho de Deus” (Hb 4,14), e permanecemos firmes nesta fé que professamos, enquanto vivermos, obtendo a benevolência de Deus e de seu Filho único, que se manifestou a nós em Jesus.

E se desejamos ter um grande número de seres cuja benevolência queremos obter, aprendemos que “mil milhares os serviam, e miríades de miríades o assistiam” (Dn 7,10). Esses seres, olhando como parentes e amigos os que imitam sua piedade para com Deus, colaboram para a salvação dos que invocam a Deus e a ele oram verdadeiramente; aparecem-lhes e creem ser seu dever ouvir e visitar — em consequência de um acordo de prestação de serviço e salvação — os que oram a Deus, a quem eles mesmos oram. Pois “são todos eles espíritos servidores, enviados ao serviço dos que devem herdar a salvação” (Hb 1,14). Portanto, os *sábios da Grécia podem dizer que os demônios receberam em herança a alma humana desde o nascimento!* Mas Jesus nos ensinou a não desprezarmos os pequeninos na Igreja, quando disse: “Os seus anjos nos céus veem continuamente a face de meu Pai que está nos céus” (Mt 18,10). E o profeta declara: “O anjo do Senhor acampa ao redor dos que o temem, e os liberta” (Sl 33,8).

Assim sendo, não negamos que haja muitos demônios na terra. Pelo contrário, afirmamos sua existência, seu poder sobre os maus por causa da malícia destes, sua total impotência contra os que estão revestidos da “armadura de Deus”, que receberam a força de seu poder para resistir “às insídias do diabo” e que se exercitam lutando constantemente contra eles, porque sabem que o combate que travam “não é contra o sangue nem contra a carne, mas contra os Principados, contra as Autoridades, contra os Dominadores deste mundo de trevas, contra os Espíritos do Mal, que povoam as regiões celestiais” (Ef 6,10-12).

Devemos ter medo dos demônios?

35. Consideremos esta outra passagem de Celso: *O quê! O sátrapa, o governador, o general, o procurador do rei da Pérsia ou do imperador de Roma, talvez mesmo os que exercem cargos, ofícios ou serviços inferiores, teriam o poder de causar graves danos se fossem postos de lado, enquanto os sátrapas e ministros do ar ou da terra não causariam senão prejuízos leves se fossem ultrajados? Vê,* pois, de que modo ele representa como autores de graves danos para os que os ultrajam ministros humanos do Deus supremo: sátrapas, governadores, generais, procuradores e os que exercem cargos, ofícios e serviços inferiores! Ele não vê que um homem sábio jamais desejaria prejudicar a quem quer que fosse, mas faria o possível para converter e melhorar até mesmo os que o ultrajam. A não ser talvez que os que Celso apresenta como os sátrapas governadores, generais do Deus supremo sejam piores que Licurgo, legislador de Lacedemônia, e Zenão de Cício. Pois Licurgo, tendo em seu poder o homem que lhe tinha vazado um olho, não só não se vingou, mas não cessou de lisonjeá-lo até o persuadir a se dedicar ao estudo da filosofia. O mesmo se diga de Zenão: alguém lhe dizia: “Que eu morra, se não me vingar de ti!” Respondeu ele: “E eu, se não conseguir a tua amizade!”

E nada direi tampouco daqueles que foram formados pelo ensinamento de Jesus e ouviram o mandamento: “Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; desse modo vos tornareis filhos do vosso Pai que está nos céus, porque ele faz nascer o sol igualmente sobre maus e bons e cair a chuva sobre justos e injustos” (Mt 5,44-45). E nas palavras do profeta, diz o justo: “Senhor, meu Deus, se eu fiz algo... se em minhas mãos há injustiça, se paguei com o mal ao meu benfeitor, se poupei sem razão o meu opressor, que o inimigo me persiga e alcance! Que me pisoteie vivo por terra e atire meu ventre contra a poeira!” (Sl 7,4-6).

36. Mas não é verdade, como julga Celso, que os anjos, verdadeiros sátrapas, governadores, generais, procuradores de Deus, causam danos aos que os ultrajam. Se alguns demônios causam danos, estes demônios dos quais o próprio Celso tem uma ideia, assim o fazem porque são maus e não receberam de Deus nenhuma missão de sátrapa, general, procurador; e causam prejuízos aos que lhes estão

sujeitos e a eles se entregaram como a seus senhores. Esta talvez seja a razão por que aqueles que, em cada região, infringem as leis estabelecidas sobre os alimentos que lhes são proibidos comer sofrem danos, se estiverem entre os súditos destes demônios. Mas quem não faz parte destes súditos e não se entregou ao demônio deste lugar, permanece isento de toda sevícia da parte deles e se ri desses poderes demoníacos. Entretanto, se, por causa da ignorância dele sobre outros pontos, sujeitou-se a outros demônios, pode sofrer da parte deles. Mas não o cristão, o verdadeiro cristão que se sujeitou a Deus somente e a seu Logos: não pode sofrer absolutamente nada dos seres demoníacos, pois é superior aos demônios. E não pode sofrer porque “o anjo do Senhor acampa ao redor dos que o temem”, e “seus anjos no céu veem continuamente a face do Pai que está nos céus” (Sl 33,8; Mt 18,10), e este anjo continuamente apresenta suas orações pelo único Sumo Sacerdote ao Deus do universo e ele mesmo se une à oração daquele que está sob sua tutela. Que Celso, portanto, não nos atemorize ameaçando-nos de dano a sofrer da parte de demônios que teríamos posto de lado. Pois não existe dano algum que os demônios postos de lado possam nos causar: pertencemos àquele que é o único capaz de socorrer os que o merecem, e que contudo encarregou igualmente seus anjos de guardarem os que têm piedade com ele, a fim de que nem os anjos adversários nem seu chefe chamado “príncipe deste mundo” (Jo 14,30) possam fazer absolutamente qualquer coisa contra as pessoas consagradas a Deus.

37. Em seguida, ele esquece que se dirige a cristãos que oram a Deus exclusivamente mediante Jesus, mistura doutrinas diferentes e as atribui sem razão aos cristãos dizendo: *Se pronunciamos seus nomes em língua bárbara, terão poder, mas se for em grego ou em latim, já não terão.* Que nos seja mostrado então aquele cujo nome invocamos numa língua bárbara para o chamar em auxílio! Veremos claramente a insanidade desta crítica de Celso constatando que a multidão dos cristãos não usa em suas orações nomes que estão literalmente nas divinas Escrituras para designar a Deus, mas os gregos usam palavras gregas, os romanos palavras latinas e assim cada qual segundo sua própria língua, para orar a Deus e o louvar como pode. E o Senhor de toda língua ouve os que oram em cada língua, como se ouvisse uma voz por assim dizer única no que ela quer dizer, embora se expresse em diversas línguas. Pois o Deus supremo não é dos que receberam como herança uma língua bárbara ou grega, ignorando as outras e sem qualquer atenção com os que falam outras línguas.

38. Depois disso, ele declara estas palavras, não ouvidas de qualquer cristão, mas de um cristão do povo, estranho às nossas leis e à nossa cultura: *Os cristãos dizem: eis que estou diante da estátua de Zeus, de Apolo ou de algum outro deus, eu o injurio e o golpeio, e ele não se vingará de mim.* Isto não é conhecer a prescrição da Lei: “Não falarás mal dos deuses” (Ex 22,28), para que nossa boca não se habitue a falar mal de quem quer que seja, pois conhecemos o preceito: “Abençoai os que vos perseguem; abençoai e não amaldiçoeis” (Rm 12,14), e conhecemos o ensinamento: “Os caluniadores não herdarão o Reino de Deus” (1Cor 6,10). Haverá entre nós alguém tão estúpido que diga isso sem ver que esse tipo de argumento é absolutamente incapaz de destruir a opinião que muitos têm dos pretensos deuses? Pois aqueles que professam o ateísmo radical e negam a Providência, e por suas doutrinas perversas e ímpias fundaram uma escola dos assim ditos filósofos, eles mesmos nada tiveram que sofrer com aquilo que o povo considera como males, nem tampouco aqueles abraçaram suas doutrinas; mas eles têm ao contrário riqueza e saúde corporal. E se procurarmos o prejuízo que eles sofreram, veremos que é prejuízo na inteligência. Pois que dano maior haverá que o de não compreender a partir da ordem do mundo aquele que o fez? E que miséria pior haverá senão a cegueira da inteligência, que impede de ver o Criador e pai de toda inteligência?

39. Depois de nos ter atribuído tais palavras, caluniando os cristãos que nada dizem de semelhante, julga dar-se a si mesmo uma réplica, que parece mais uma brincadeira do que defesa; e diz como se dirigisse a nós estas palavras: *Não vês acaso, meu caro, que as pessoas se erguem diante do teu demônio, que não só o injuriam, mas também o expulsam de toda a terra e de todo o mar; e a ti, como uma estátua que lhe é consagrada, elas te amarram, te arrastam ao suplício e te crucificam. E o demônio ou, como dizes, o Filho de Deus, não se vinga de ninguém.* Essa réplica teria cabimento, se disséssemos o que ele acha que dizemos. E ainda, neste caso, não seria dizer a verdade chamar o Filho de Deus de demônio. Certamente que não, para nós que declaramos maus todos os demônios, aquele que converteu tantos homens a Deus não era demônio, mas o Logos e o Filho de Deus. Mas para Celso que jamais falou de demônios maus, não sei por que apresentou Jesus como demônio. No final, porém, se há de realizar tudo o que a Escritura anuncia sobre os ímpios que terão recusado todos os remédios e serão surpreendidos em sua malícia por assim dizer incurável.

40. Qualquer forma que nossa pregação assuma do castigo, convertemos muitos homens de seus pecados ensinando-lhes o castigo. Mas consideremos aquilo que no dizer de Celso responde o sacerdote de Apolo ou de Zeus: *“Lentamente giram as mós dos deuses, diz ele, mesmo sobre os filhos que nascerão no futuro* (Homero, Il. XX, 308).” Aí está por que é superior o que se ensina: “Os pais não serão mortos em lugar dos filhos, nem os filhos em lugar dos pais. Cada um será executado por seu próprio crime”; “Todo homem que tiver comido uvas verdes terá seus dentes embotados”; “O filho não sofre o castigo da iniquidade do pai, como o pai não sofre o castigo da iniquidade do filho: a justiça do justo será imputada a ele, exatamente como a impiedade do ímpio será imputada a ele” (Dt 24,16; Jr 31,30; Ez 18,20). E se, como equivalente ao versículo: “Sobre os filhos que nascerão no futuro”, citássemos este texto: “Puno a iniquidade dos pais sobre os filhos até a terceira e quarta geração dos que me odeiam” (Ex 20,5), devemos saber que se trata aí de provérbio citado em Ezequiel quando ele repreende os que dizem: “Os pais comeram uvas verdes, e os dentes do filhos ficaram embotados. A isso ele acrescenta: “Por minha vida, oráculo do Senhor, aquele que pecar, esse morrerá” (Ez 18,3-4). Mas não é oportuno explicar agora o que significa a parábola sobre os pecados que são punidos até a terceira e quarta geração.

41. Em seguida, ele nos agride como fazem as velhas: *Insultando suas estátuas, zombas dos deuses; mas se houvesse insultado ao próprio Dioniso ou a Hércules em pessoa, talvez não tivesses escapado tão airoso. Teu Deus foi torturado e crucificado em pessoa, e os autores deste crime nada precisaram sofrer, nem mesmo durante sua vida a seguir. E desde então o que aconteceu de novo que possa fazer acreditar que não era feiticeiro, mas o filho de Deus? Dessa forma Deus que tinha enviado seu Filho para levar certa mensagem o desprezou no momento de torturas tão cruéis que a própria mensagem pereceu com ele; e embora tão longo tempo tenha se passado, ele não deu a mínima atenção a ela. Já se viu um pai tão injusto? Sem dúvida, este, como dizes, queria que seu destino se realizasse, e é a razão de tais ultrajes. Mas esses deuses contra os quais blasfemas, poderíamos dizer que eles também querem isto, e por esse motivo eles suportam as blasfêmias. Pois a melhor comparação só é relativa a coisas iguais. Nossos deuses, pelo menos, vingam-se secretamente do blasfemo, obrigado por isso a fugir e a se esconder ou a ser preso e executado.*

A isso posso responder que não insultamos a ninguém: estamos convencidos de que “os que insultam serão excluídos do Reino de Deus” (cf. Lc 6,28); lemos os textos: “Abençoai os que vos perseguem; abençoai e não amaldiçoeis” (Rm 12,14); conhecemos estas palavras: “Somo

amaldiçoados, e bendizemos” (1Cor 4,12). E embora o insulto encontre uma desculpa na defesa a opor aos erros que tememos, ainda assim a palavra de Deus no-la proíbe; quanto mais devemos nós nos abster se o insulto manifesta uma grande tolice. Seria isto certamente tolice semelhante a insultar a pedra, o ouro ou a prata aos quais foi dada uma forma considerada como a dos deuses pelas pessoas muito distantes da divindade. Desta forma, não zombamos sequer destas estátuas, no máximo de seus adoradores. Mas ainda que haja demônios morando nestas estátuas, ainda que um seja considerado Dioniso, outro Hércules, não as insultamos: seria coisa vã e absolutamente contrária à mansidão, à paz e à tranquilidade de nossa alma, que aprendeu que não se deve insultar a ninguém, seja homem ou demônio, por sua malícia.

42. Não sei como Celso, que ainda há pouco celebrava os deuses, se atreve agora contra suas próprias palavras a mostrar realmente a maldade deles: pois eles castigam mais por espírito de vingança e não para reformar os que os insultam. Diz ele: se houvesse insultado ao próprio Dioniso ou a Hércules em pessoa, talvez não tivesses escapado tão airosamente. Mostre, porém, quem quiser como uma pessoa ausente pode entender alguma coisa, porque ora está presente, ora ausente, e que necessidade têm os demônios de passar de um lugar a outro.

Depois disso, crendo que chamamos Deus ao corpo de Jesus torturado e crucificado e não à divindade que nele está, e que nós o consideramos como Deus quando era torturado e crucificado, ele diz: Teu Deus foi torturado e crucificado em pessoa e os autores deste crime nada sofreram. Como falei extensamente acima do que ele sofreu em sua humanidade, omito falar aqui propositadamente a esse respeito para não parecer que estou me repetindo. Uma vez que ele afirma que aqueles que torturaram a Jesus nada precisaram sofrer, nem mesmo em sua vida posterior, eis o que lhe mostrarei bem como a quem quiser saber: a cidade em que o povo judeu condenou Jesus a ser crucificado clamando: “Crucifica-o, crucifica-o” (Lc 23,21) — pois eles preferiram que fosse libertado aquele bandido lançado na prisão por causa de sedição e assassínio e que Jesus que tinha sido entregue por inveja fosse crucificado — esta cidade pouco tempo depois foi atacada e sofreu cerco tão prolongado que foi arrasada até os alicerces e devastada, pois Deus julgava indignos de participar da vida em comum os que moravam nestes lugares. E ele até os poupava, se posso usar esta expressão estranha, quando, vendo-os incapazes de uma cura salutar e destinados a crescer de dia a dia na onda de sua malícia, os entregou a seus inimigos. E isso aconteceu por causa do sangue de Jesus que foi derramado pela trama que eles urdiram em sua terra, já incapaz de suportar os que tinham ousado praticar esse crime contra Jesus.

43. Eis o que aconteceu novamente desde a paixão de Jesus: quero dizer o destino desta cidade e de toda a nação judaica, e o nascimento repentino da raça dos cristãos, que parece ter sido gerada de repente. O que também é novo foi o fato de pessoas estranhas às alianças de Deus e excluídas das promessas, distantes da verdade, a terem aceito por milagre divino. Não foi obra de feiticeiro, mas de Deus, que para anunciar sua mensagem enviou seu Logos em Jesus. Ele foi tão cruelmente torturado que essa crueldade deve ser imputada aos que injustamente o torturaram, e ele a suportou com coragem extrema e mansidão total. Mas sua paixão, em vez de fazer fracassar a mensagem de Deus, ao contrário, se assim podemos dizer, concorreu para a tornar conhecida, como o próprio Jesus tinha ensinado: “Se o grão de trigo que cai na terra não morrer, permanecerá só; mas se morrer, produzirá muito fruto” (Jo 12,24). Portanto, por sua morte o grão de trigo que foi Jesus produziu muito fruto, e o Pai exerce uma providência contínua para com os que foram, ainda são e serão os frutos produzidos pela morte desse grão de trigo. O Pai de Jesus é pois pai justo: não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por nós como seu cordeiro, para que o Cordeiro de Deus, morrendo pela salvação de todos,

tirasse o pecado do mundo. Assim, não foi obrigado pelo Pai, mas quis suportar os suplícios que lhes eram infligidos por seus perseguidores.

E depois disso, voltando a atacar os que blasfemam contra as estátuas, diz Celso: Mas esses deuses contra os quais blasfemas, poderíamos dizer que eles também querem isto, e por esse motivo suportam as blasfêmias. Pois a melhor comparação só é relativa a coisas iguais. Nossos deuses, pelo menos, vingam-se secretamente do blasfemo, obrigado por isso a fugir e a se esconder ou a ser preso e morto. Mas os demônios acreditam se vingar dos cristãos não porque estes blasfemem contra eles, mas porque os expulsam das estátuas e dos corpos e das almas dos seres humanos. Celso, sem compreender, disse uma coisa verdadeira a esse respeito: pois é verdade que os demônios perversos enchem as almas daqueles que condenam e entregam as almas daqueles que se deliciam com lhes mover guerra.

44. Entretanto, como as almas daqueles que morrem pelo cristianismo, gloriosamente libertados de seu corpo pela religião, destruíam o poder dos demônios e faziam fracassar sua trama contra os homens, por essa razão, penso eu, os demônios, reconhecendo por experiência sua derrota e a vitória das testemunhas da verdade, tiveram medo de voltar a se vingar, e assim, até que tenham esquecido os sofrimentos por que passaram, o mundo estará provavelmente em paz com os cristãos. Mas quando eles reunirem seu poder e quiserem, em sua cega maldade, vingar-se ainda dos cristãos e persegui-los, sofrerão ainda a derrota; e então de novo as almas dos fiéis piedosos, que por sua religião se desfazem de seu corpo, destruirão o exército do Maligno.

Mas, a meu ver, os demônios percebem claramente que uns, vitoriosos até em sua morte pela religião, acabam com a dominação deles, e outros, vencidos pelos sofrimentos, submetem-se ao seu poder negando a piedade para com Deus. Lutam arduamente às vezes com os cristãos que são entregues, porque sua confissão os tortura e sua negação os deixa no sossego. Podemos perceber sinais disso na atitude dos juízes: eles são torturados pela paciência dos cristãos no meio dos maus tratos e das provações, mas se orgulham de sua derrota. É porque sua ação não é inspirada por sua, assim chamada, filantropia, pois veem claramente que entre os que sucumbem debaixo dos tormentos, a língua abjura, “mas seu coração não abjura”. Aí está minha resposta à sua observação: Nossos deuses pelo menos se vingam severamente do blasfemo, obrigado por isso a fugir e a se esconder ou a ser preso e executado. E se acontece que um cristão fuja, não é por medo, mas para obedecer ao preceito de seu mestre, conservar-se livre e ajudar na salvação dos outros.

Verdade dos oráculos

45. Vejamos ainda a passagem seguinte: *Será preciso enumerar todos os oráculos feitos nos santuários por uma voz divina através dos profetas e profetisas e outros inspirados, homens e mulheres; todas as maravilhas ouvidas no fundo de seus santuários; todas as revelações obtidas das vítimas e dos sacrifícios; todas as manifestações que provêm de outros prodígios? Outros se beneficiaram com aparições notórias. Toda a vida está repleta desses fatos! Quantas cidades foram fundadas graças aos oráculos ou libertadas de epidemias ou de fomes! Quantas pereceram miseravelmente por tê-los desprezado ou esquecido! Quantas foram fundadas com colônias por sua ordem e prosperaram por terem seguido suas prescrições! Quantos príncipes, quantos particulares pelo mesmo motivo tiveram êxito ou fracassaram! Quantas pessoas desoladas por não terem filhos obtiveram o que pediram e escaparam da cólera dos demônios! Quantas enfermidades corporais foram curadas! Quantos, em compensação, por terem ultrajado santuários, foram imediatamente castigados! Alguns foram fulminados no mesmo instante por demência, outros confessaram seus*

crimes; uns se mataram, outros foram vitimados por doenças incuráveis. Alguns até foram aniquilados por uma voz terrível que vinha do santuário. Não sei por que Celso, que apresenta estas histórias como manifestas, considerou como fábulas os prodígios relatados em nossos escritos a respeito dos judeus, de Jesus e de seus discípulos. Por que nossos escritos não seriam verdadeiros, e as histórias de Celso invenções fabulosas? Elas não encontram crédito nas escolas filosóficas dos gregos como as de Demócrito, Epicuro, Aristóteles, que talvez tivessem feito acreditar as nossas por causa de sua evidência, se tivessem conhecido Moisés ou algum dos profetas que realizaram milagres, ou mesmo ao próprio Jesus.

46. Conta-se que a Pítia às vezes se deixou corromper para fazer oráculos. Nossos profetas, ao contrário, foram admirados pela clareza de suas mensagens, não apenas por seus contemporâneos, mas igualmente pela posteridade. Pois, graças aos oráculos dos profetas, foram construídas cidades, homens recuperaram a saúde, fomes acabaram. Além disso, é claro que a nação inteira dos judeus, conforme os oráculos, veio do Egito fundar colônias na Palestina. Enquanto ela seguiu as prescrições de Deus, prosperou; quando se afastou delas, teve que se arrepender. E será preciso dizer quantos príncipes e quantos particulares segundo os relatos da Escritura tiveram êxito ou fracassaram conforme foram fiéis às profecias ou as desprezaram?

Deveremos ainda falar da ausência de filhos de que se lamentavam os pais e as mães que erguiam preces ao Criador do universo por esse motivo? Leia-se a história de Abraão e Sara (cf. Gn 17,16-21): deles já velhos nasceu Isaac, o pai de toda a raça judaica e de outras raças. Leia-se igualmente a história de Ezequias, que não só obteve a graça de ser libertado de uma doença, conforme as profecias de Isaías, mas ousou dizer com toda segurança: “Desde agora hei de procriar filhos que anunciarão a tua justiça” (cf. Is 38,1-8.19). Além disso, no quarto livro dos Reis, a hospedeira de Eliseu, que pela graça de Deus profetizou o nascimento de um filho, tornou-se mãe pela oração do profeta (cf. 2Rs 4,8-17). E também inúmeras enfermidades foram curadas por Jesus. E muitos que tinham ousado se entregar aos sacrilégios contra o culto exercido no templo de Jerusalém sofreram os castigos narrados nos livros dos Macabeus (cf. 1Mac 2,23-25; 7,47; 9,54-56; 2Mac 3,24-30; 4,7-17; 9,5-12).

47. Os gregos dirão que são fábulas, embora a verdade destas histórias seja atestada pelos dois povos inteiros. Mas por que então as histórias dos gregos não seriam fábulas em vez destas? Se encaramos diretamente a questão sem qualquer prevenção arbitrária a favor de suas próprias histórias e sem incredulidade com relação às dos estrangeiros, poderíamos dizer: as dos gregos vêm dos demônios, as dos judeus de Deus pelos profetas, ou dos anjos e de Deus pelos anjos, e as dos cristãos de Jesus e de seu poder que residia em seus apóstolos. Que me seja permitido compará-las todas entre si vendo o objetivo visado pelos que as realizaram e o resultado delas, proveito ou prejuízo ou ineficácia para os que viveram seus pretensos benefícios. Veremos certamente a sabedoria do antigo povo dos judeus antes de ultrajar a divindade. Esta os abandonou mais tarde pela gravidade de sua malícia. Mas ela milagrosamente reuniu os cristãos, conduzidos desde o começo, mais pelos prodígios do que pela força persuasiva dos discursos, a abandonar as crenças tradicionais para escolher as que lhes eram estranhas. Com efeito, se é preciso uma explicação verossímil da reunião inicial dos cristãos, diremos que não é plausível que os apóstolos de Jesus, homens iletrados e ignorantes, tivessem fundamentado sua segurança para anunciar o cristianismo aos homens sobre algo que não fosse o poder que lhes tinha sido dado e sobre a graça unida à palavra para mostrar a verdade dos fatos; nem tampouco que seus ouvintes tivessem renunciado a seus hábitos ancestrais inveterados sem que um poder notável e atos milagrosos os tivessem levado a doutrinas tão novas, estranhas àquelas nas quais eles tinham sido educados.

48. Então, não sei por quê, Celso recordando a coragem dos que lutam até a morte para não abjurarem o cristianismo, acrescenta, comparando por assim dizer nossas doutrinas com as que são professadas pelos iniciadores e mistagogos: *Além de tudo, meu caro, tal como tu acreditas em castigos eternos, os intérpretes dos mistérios sagrados, iniciadores e mistagogos, também acreditam. As ameaças que diriges aos outros, eles as dirigem a ti mesmo. Cabe examinar quais das duas são as mais verdadeiras e as mais poderosas. Pois em palavras cada um afirma com igual energia a verdade de suas doutrinas próprias. Mas quando se exigem provas, os outros exibem grande número de evidências, apresentam obras de certos poderes demoníacos e oráculos, oriundas de todas as espécies de adivinhações.*

Com isso ele pretende que nossa doutrina concernente aos castigos eternos é a mesma que a dos iniciadores aos mistérios, e quer examinar qual das duas é a mais verdadeira. Ora, não posso afirmar que seja verdadeira a doutrina capaz de por os ouvintes na disposição dos judeus e dos cristãos, com relação ao que eles chamam o século futuro com suas recompensas para os justos, e seus castigos para os pecadores. Mostre Celso, ou qualquer outro, aqueles aos quais os iniciadores e mistagogos inspiram com tais disposições com relação aos castigos eternos! É provável que a intenção do autor desta doutrina não seja apenas permitir sacrifícios expiatórios e discursos sobre os castigos, mas também dispor os ouvintes a fazerem todo o possível para evitarem eles mesmos os atos que são a causa dos castigos. Além disso, a leitura atenta das profecias me parece capaz de convencer o leitor inteligente e de boa fé que o Espírito de Deus estava presente nestes homens. Com estas profecias não se pode comparar de modo algum nenhuma das obras demoníacas que são exibidas, nem ações milagrosas devidas aos oráculos, nem adivinhações.

49. Vejamos ainda as palavras que Celso nos dirige a seguir: *Além disso, não é de vossa parte uma conduta absurda: de um lado, desejar o corpo e esperar que esse mesmo corpo ressuscite, como se não existisse para vós nada de melhor nem mais precioso do que isso, e em compensação expô-lo aos suplícios como coisa desprezível. Mas com homens imbuídos de tais opiniões e presos ao corpo, essa discussão não vale a pena: são pessoas aliás grosseiras e impuras que, sem nenhuma razão, são contaminadas pela revolta. Mas naturalmente, discutirei com os que esperam a eternidade junto de Deus para a sua alma e sua inteligência, quer a chamem princípio espiritual, espírito inteligente, santo e bem-aventurado, alma viva, produto celeste e incorruptível da natureza divina e incorpórea, ou com algum nome que lhes agrade chamá-la. Eles pelos menos têm esta opinião correta que os que levaram vida virtuosa serão felizes, mas os injustos serão punidos para sempre com castigos eternos. É uma doutrina que nem eles nem ninguém deve jamais abandonar.*

A respeito da ressurreição, Celso muitas vezes nos dirigiu críticas; já fiz o possível para deixar claro o que me parece sensato a esse respeito; não responderei indefinidamente a uma afronta indefinidamente repisada. Mas Celso nos calunia atribuindo-nos a ideia de que em nossa constituição nada há de melhor nem de mais precioso do que o corpo. Pois dizemos que a alma, e principalmente a alma racional, é mais preciosa do que qualquer corpo, porque é a alma que contém o que é “à imagem do Criador” (Cl 3,10), e de modo algum o corpo. Pois segundo nossa visão, Deus não é um corpo; rejeitamos os erros absurdos em que caem os adeptos da filosofia de Zenão e de Crisipo.

50. Como ele nos critica por desejarmos o corpo, que saiba bem que se o desejo é mau, nós não desejamos nada, mas se é indiferente, desejamos todos os bens que Deus prometeu aos justos. Dessa forma, então, desejamos e esperamos a ressurreição dos justos. Celso acredita que temos uma atitude contraditória, esperando, de um lado, a ressurreição do corpo como se fosse digno de honra junto de

Deus, expondo-o, de outro lado, aos suplícios como coisa desprezível. Mas o corpo que sofre pela religião e escolhe as tribulações pela virtude de modo algum é desprezível; o que é inteiramente desprezível é o corpo que se consumiu nos prazeres pecaminosos. Pelo menos é o que a divina Escritura declara: “Qual raça é digna de honra? A raça dos homens. Qual raça é digna de desprezo? A raça dos homens” (Eclo 10,19).

Em seguida, Celso julga que devemos recusar discutir com os que esperam recompensa para o corpo, como se estivessem irracionalmente presos a objeto inapto para obter o que eles esperam. Eles os chama de grosseiros e impuros que, sem nenhuma razão, são contaminados pela revolta. Mas se ele amasse os homens, deveria vir em socorro até de pessoas grosseiras. A sociabilidade não exclui as pessoas grosseiras como ela exclui os animais irracionais. Ao contrário, nosso Criador nos criou sociáveis igualmente com todos os homens. Portanto, vale a pena discutir mesmo com pessoas grosseiras para as conduzir na medida do possível a uma vida mais civilizada, com pessoas impuras para as tornar mais puras na medida do possível, com os que, sem nenhuma razão, pensam qualquer coisa e cuja alma está doente, para que não façam mais nada contrário à razão e não tenham mais a alma doente.

51. Depois disso, ele aprova os que esperam a eternidade e a identidade junto de Deus para a alma ou a inteligência, que entre eles se chama princípio espiritual, espírito racional, inteligente, santo e bem-aventurado, alma viva. Admite como opinião justa a doutrina segundo a qual os que levaram vida virtuosa serão felizes, mas as pessoas injustas serão punidas para sempre com os castigos eternos. Além disso, acho admiráveis acima de tudo o que Celso jamais escreveu, estas palavras que concluem as observações anteriores: é uma doutrina que nem eles nem ninguém deve jamais abandonar. Mas Celso escrevia contra os cristãos, cuja fé repousa plenamente em Deus e nas promessas de Cristo aos justos e em seus ensinamentos sobre o castigo dos injustos: ele deveria ver que um cristão que aceita os argumentos de Celso contra os cristãos e abandona o cristianismo, rejeitando o Evangelho, rejeita igualmente esta doutrina que, segundo o próprio Celso, nem os cristãos nem ninguém jamais deve abandonar.

Vejo que em sua obra Arte de curar as paixões Crisipo procede com mais humanidade do que Celso. Ele pretende curar as paixões que oprimem e perturbam a alma humana, principalmente pelas doutrinas que ele julga sadias, mas também, em segundo ou terceiro lugar, pelas doutrinas estranhas às suas máximas. “Supondo-se que existam três espécies de bens, diz ele, mesmo assim é preciso preocupar-se com as paixões. Não é no momento de seu paroxismo que se insiste na doutrina que ocupa o espírito dos que por ela são perturbados. Perdendo tempo em refutar, fora de propósito, as doutrinas que se apossaram da alma, correríamos o risco de deixar passar a cura que ainda é possível.” E acrescenta: “E supondo-se que o prazer seja o Soberano Bem e que este seja o pensamento daquele que se deixa dominar pela paixão, seria preciso contudo socorrê-lo e mostrar-lhe que, mesmo quando se admite o prazer como o Soberano Bem e o Fim, toda paixão é condenável.”

Admitindo-se que os que levaram uma vida virtuosa serão felizes e que as pessoas injustas serão punidas para sempre com castigos eternos, Celso deveria ser consequente consigo mesmo e, se fosse capaz, depois do argumento que lhe parece principal, devia definir e demonstrar longamente a verdade da afirmação segundo a qual as pessoas injustas serão punidas para sempre com castigos eternos, e que os que tiverem levado uma vida virtuosa serão felizes.

52. Quanto a nós, o que queremos principalmente, por causa das inúmeras razões que nos persuadiram a viver conforme o cristianismo, é familiarizar todos os homens, enquanto possível, com todas as doutrinas cristãs. Mas acaso encontramos pessoas tão seduzidas pela calúnia contra os cristãos a ponto

de imaginarem que os cristãos não são religiosos, e de recusarem até ouvir aqueles que professam ensinar os mistérios do divino Logos? Nosso amor então à humanidade nos leva a investir todas as forças para estabelecer as teses a respeito do castigo eterno reservado aos ímpios, e inculcar a própria doutrina nos que não querem viver como cristãos. Dessa forma também queremos implantar a convicção de que os que levaram uma vida virtuosa serão felizes, observando que até estranhos à fé dão sobre a vida virtuosa diversos argumentos semelhantes aos nossos; pois não encontraríamos ninguém que tivesse perdido inteiramente as noções comuns do bem e do mal, do justo e do injusto.

Assim, vendo o mundo e, no mundo, o movimento controlado do céu e das estrelas na esfera dos fixos, e a ordem dos planetas levados em sentido inverso do movimento do mundo, vendo a mistura dos ares e das águas para a utilidade dos animais e principalmente do homem, e a abundância das coisas criadas para os homens, que todos os homens cuidem de não fazer nada que desagrade ao Criador do universo, de suas almas e do espírito que está nelas. Que estejam convencidos de que serão castigados por causa de seus pecados, mas receberão daquele que trata cada um segundo seu mérito uma recompensa proporcional às obras perfeitas e convenientes. Que todos os homens sejam persuadidos que eles passarão a uma vida feliz pelas suas boas ações, mas que os maus serão miseravelmente entregues aos sofrimentos e aos tormentos pelas suas injustiças, intemperanças, excessos, como também pela sua covardia, pusilanimidade e toda loucura.

Reconhecimento aos seres que nos protegem

53. Depois de ter insistido tanto neste ponto, vejamos ainda outra passagem de Celso: *Os homens nascem presos a um corpo, quer em razão da economia do universo, quer em expiação de sua falta, quer porque a alma é carregada de paixões até ser purificada em períodos determinados. Pois, segundo Empédocles, é necessário que “durante mil anos a alma dos mortais vagueie errante longe dos bem-aventurados mudando de forma com o tempo”* (Empédocles, *Fragm. B 115*). *Portanto, é preciso acreditar que os homens foram confiados à guarda de certos carcereiros desta prisão.*

Observa aqui mais uma vez que em questões tão graves, ele hesita de maneira bem humana, e dá prova de prudência citando as teorias de numerosos autores sobre a causa de nosso nascimento, sem ousar afirmar que uma delas seja falsa. Uma vez, porém, decidido a não dar seu assentimento levianamente e *a não opor uma recusa temerária às opiniões dos Antigos*, porventura não chegava ele à conclusão lógica: se ele não quisesse acreditar na doutrina dos judeus enunciada por seus profetas nem a Jesus, devia permanecer hesitante e admitir como provável que aqueles que prestaram seu culto ao Deus do universo e que, para a honra que lhe é devida e pela observação das leis que eles acreditavam provenientes dele, se expuseram não poucas vezes a perigos sem conta e à morte, não tiveram o desprezo de Deus, mas uma revelação foi feita também a eles: pois desdenharam as estátuas produzidas por arte humana e procuraram subir pelo raciocínio até o próprio Deus supremo. Deveriam ter considerado que o Pai e Criador de todos os seres, que vê tudo, ouve tudo e julga segundo seu mérito a determinação de toda pessoa em procurá-lo e em querer viver na piedade, concede também a eles o fruto de sua proteção, para que progridam na ideia de Deus que eles receberam uma vez. Refletindo sobre esse ponto, Celso e os que odeiam Moisés e os profetas entre os judeus, Jesus e seus verdadeiros discípulos que se consomem por suas palavras, não teriam insultado deste modo a Moisés e aos profetas, a Jesus e a seus apóstolos. Eles não punham só os judeus abaixo de todas as nações da terra, chamando-os de inferiores até mesmo aos egípcios que, por superstição ou por qualquer outra causa ou erro, rebaixam o mais possível até aos animais irracionais a honra que eles devem à divindade.

Todas as observações são feitas, não para induzir alguns a duvidarem da doutrina do cristianismo, mas para estabelecer que seria preferível, para os que injuriam tão temerariamente a doutrina dos cristãos, hesitar pelo menos em falar do assunto e não dizer com tanta audácia de Jesus e de seus discípulos o que ignoram, e que eles afirmam sem aquilo que entre os estoicos é chamado “uma representação compreensiva”, nem qualquer outro critério pelo qual cada escola filosófica estabeleceu, como bem lhe pareceu, a realidade de um dado fenômeno.

54. Em seguida, quando Celso declara: É preciso crer que os homens foram confiados à guarda de certos carcereiros desta prisão, devemos responder-lhe que mesmo na vida dos que Jeremias chama “os cativos da terra” (Lm 3,34), a alma virtuosa pode ser libertada dos laços do pecado. Pois Jesus afirmou isto, como muito antes de sua vinda à terra o predissera o profeta Isaías. E que dizia ele antecipadamente senão aos cativos: “saí”, e àqueles que vivem nas trevas: “vinde à luz” (Is 49,9)? E o próprio Jesus, como Isaías também predissera: “O povo que andava nas trevas viu uma grande luz, uma luz raiou para os que habitavam uma terra sombria como a da morte”. É por isso que podemos dizer: “Rebentemos os grilhões, sacudamos de nós suas algemas!” (Is 9,2; Sl 2,3).

Se Celso e os que têm a mesma hostilidade contra nós podiam penetrar no sentido profundo dos Evangelhos, eles não nos teriam aconselhado a obedecer aos que ele chama os carcereiros desta prisão. Ao contrário, está escrito no Evangelho: “Uma mulher estava inteiramente recurvada e não podia de modo algum endireitar-se”. Jesus a viu, e entendendo por que estava recurvada sem poder se endireitar de modo algum, disse: “E esta filha de Abraão que Satanás prendeu há dezoito anos, não convinha soltá-la no dia de Sábado?” (Lc 13,11.16). Quantos outros, atualmente presos a Satanás, estão recurvados e não podem de modo algum se endireitar, porque ele quer nos obrigar a olhar para baixo! E não existe ninguém que possa endireitá-los a não ser o Logos que veio habitar em Jesus e antes tinha inspirado os profetas. Sim, Jesus veio libertar todos os que estavam sujeitos ao diabo, a respeito do qual ele declarou com uma profundidade digna dele: “Agora o príncipe deste mundo está julgado” (Jo 16,11).

Por conseguinte, *nós não insultamos os demônios deste mundo*, mas condenamos suas atividades que visam a perda do gênero humano, pois sua intenção é, sob pretexto de oráculos e curas dos corpos e de outros prodígios, separar de Deus a alma que caiu no “corpo de miséria” (cf. Fl 3,21). Os que compreenderam esta miséria exclamam: “Infeliz de mim! Quem me livrará deste corpo de morte?” (Rm 7,24). Tampouco é verdade que *entregamos em vão nosso corpo à tortura e ao suplício*. Não lhes entregamos em vão nosso corpo quando, recusando proclamar deuses os demônios que envolvem a terra, servimos de alvo a seus ataques e aos de seus devotos. Pareceu-nos até razoável crer que é agradar a Deus entregar-nos à tortura pela virtude, ao suplício pela piedade, e à morte pela santidade. Pois “é preciosa diante de Deus a morte de seus santos” (Sl 115,6). E nós afirmamos que é bom não amar a vida. Mas Celso nos compara *aos malfeitores que merecem com razão os sofrimentos que lhes são infligidos por seu banditismo*, e ele não se envergonha de comparar nosso tão belo objetivo ao dos bandidos. Por estas palavras ele é de fato o irmão dos que incluíram Jesus entre os malfeitores, realizando o oráculo da Escritura: “E foi contado com os transgressores” (Is 53,12; Lc 22,37).

55. Em seguida, Celso declara: *De duas coisas uma, como exige a razão. Se eles se negam a prestar o culto habitual aos que presidem às atividades seguintes, que renunciem a chegar à idade de homem, a se casar, a aceitar ter filhos e a nada mais fazer na vida, mas saiam todos deste mundo sem deixar a menor posteridade, e desta forma sua raça liberte totalmente a superfície da terra. Mas se eles pretendem se casar, ter filhos, saborear dos frutos, ter parte nas alegrias desta vida e suportar os males que ela implica — pois a natureza quer que todos os homens sofram males, a existência dos*

males é necessária e não encontrariam lugar em outra parte senão nesta vida — então é preciso prestar aos seres que os presidem as honras que merecem, cumprir o culto devido nesta vida até que eles sejam libertados de seus laços, para não parecerem ingratos com eles. Seria de fato injusto ter parte em seus bens sem nada lhes pagar em retorno.

Ao que respondo: a única maneira de sair da vida que julgamos razoável é a que pedem a religião e a piedade, quando os juízes ou os que parecem ter nossas vidas à sua discrição nos propõem a alternativa ou de viver desobedecendo aos preceitos de Jesus, ou de morrer obedecendo às suas palavras. Além do mais, Deus nos permitiu casar porque nem todos são capazes de compreender o bem superior da pureza absoluta; e permitiu a todos os que se casaram educar plenamente os que nasceram, mas não destruir os filhos dados pela Providência. Nada há que contradiga nossa intenção de não obedecer aos demônios que dividiram a terra entre si; pois, armados com a armadura de Deus, nós nos insurgimos como os atletas da piedade contra a raça dos demônios que conspiram contra nós.

56. Portanto, apesar da pretensão de Celso de nos fazer abandonar a vida todos juntos para que, pensa ele, nossa raça livre totalmente a superfície da terra, viveremos na dependência de nosso Criador segundo as leis de Deus, não desejando por nada deste mundo ser escravos das leis do pecado. Casamo-nos se quisermos e aceitarmos os filhos nascidos desses casamentos. E se necessário, participaremos das alegrias desta vida, suportando os males que ela implica como provações da alma. É o termo empregado comumente pelas divinas Escrituras para designar as aflições dos homens. Por elas, como o ouro no fogo, a alma provada ou é condenada, ou é manifestada em sua admirável virtude. E estamos tão bem preparados para os males de que nos fala Celso que chegamos mesmo a dizer: “Examina-me, Senhor, coloca-me à prova, depura meus rins e meu coração” (Sl 25,2). Pois “um atleta não recebe a coroa se não lutou segundo as regras” já agora na terra contra seu corpo de miséria (2Tm 2,5; Fl 3,21).

Recusamo-nos também a prestar honras habituais aos seres que Celso diz serem encarregados das coisas deste mundo. Adoramos o Senhor, nosso Deus, e só a ele servimos, orando para sermos imitadores de Cristo. Pois, à sugestão do diabo: “Tudo isto te darei, se, prostrado, me adorares”, Jesus respondeu: “Ao Senhor teu Deus adorarás e só a ele prestarás culto” (Mt 4,9-10). Eis por que recusamos prestar honras habituais aos seres que Celso chama de encarregados das coisas deste mundo, uma vez que “ninguém pode servir a dois senhores” (Mt 6,24), nem podemos “servir ao mesmo tempo a Deus e a Mamom”, não importando se este último termo designa um ou vários seres. Além disso, se “pela transgressão da Lei” (Rm 2,23), recusamos honrar o legislador, parece-nos claro que, diante da oposição das duas leis, a de Deus e a de Mamom, é preferível para nós recusar a honra a Mamom transgredindo a lei de Mamom para honrar a Deus, observando a lei de Deus, em vez de recusar a honra a Deus, transgredindo a lei de Deus, a fim de honrar a Mamom.

57. Celso crê que se cumpre a obrigação do culto devido nesta vida, até que os homens sejam livres de seus laços, quando se oferecem sacrifícios conforme os costumes dos povos a cada um dos deuses reconhecidos em cada cidade. É desconhecer o verdadeiro dever exigido pela piedade autêntica. Nós, porém, dizemos que cumprimos a obrigação do culto de modo conveniente nesta vida, quando, lembrados do Criador e dos atos que lhe são agradáveis, fazemos tudo para agradar a Deus.

Celso também quer que não sejamos ingratos com os demônios deste mundo, acreditando que devemos sacrifícios a eles de ação de graças. Nós, porém, esclarecendo a doutrina da ação de graças, dizemos que, recusando sacrificar a seres que não nos fazem nenhum bem, mas se erguem contra nós, não existe ingratidão de nossa parte. Recusamos apenas ser ingratos com Deus, que nos cumula de bens, pois somos suas criaturas, objetos de sua Providência, qualquer seja a sorte de que ela nos julgou

dignos, aguardando, depois desta vida, o cumprimento das esperanças que ele nos deu. E temos como sinal de nossa gratidão a Deus o pão chamado “Eucaristia”.

Mas, como ficou dito acima, os demônios não controlam a marcha das coisas criadas pelas nossas necessidades. Por isso não há injustiça em participarmos dos bens criados sem oferecer sacrifícios a seres que nada têm a ver com isso. E vendo, não demônios mas anjos encarregados dos frutos da terra e do nascimento dos animais, nós os louvamos e os felicitamos pelo fato de Deus lhes ter assim confiado estes bens úteis à nossa raça. Mas estamos longe de lhes prestar a honra devida a Deus: Deus não quer isto, tampouco eles a quem estes bens são confiados por Deus. E nos felicitam mesmo por nos abstermos desses sacrifícios em vez de oferecê-los: não precisam absolutamente das exalações que promanam da terra.

58. Celso prossegue: *Podemos saber dos egípcios que até nestas matérias mais ínfimas existe um ser ao qual foi confiada autoridade. Dizem eles que trinta e seis demônios ou certos deuses do ar foram encarregados do corpo do homem distribuído em partes — outros falam até de um número bem maior — e que cada qual deles recebeu a ordem de se encarregar de uma destas partes. Sabem eles os nomes desses deuses na língua da terra: Chnumen, Chnachumen, Knat, Sikat, Biú, Eru, Erebiú, Rhamanor, Rheianoor, e todos os outros que eles chamam em sua língua. Invocando-os, eles curam as doenças das diversas partes. O que é então que nos impede honrar a estes ou àqueles se preferimos gozar de boa saúde e não ficar doentes, ter uma vida feliz e não miserável, escapar enquanto possível das torturas e dos suplícios?*

Desta forma, Celso tenta submeter nossa alma aos demônios, como se eles tivessem recebido o encargo de nossos corpos. Sustenta que cada um preside a uma parte de nosso corpo. Quer que acreditemos nesses demônios que ele menciona, e que lhes prestemos culto para ter boa saúde e evitar a doença, levar vida feliz e não miserável e, na medida do possível, fugir das torturas. Ele desconhece a honra indivisa e indivisível que é dirigida ao Deus do universo, a ponto de não acreditar que só Deus, adorado e excelsamente honrado, basta para conceder a quem o adore, e justamente por esta adoração, um poder que detém os ataques dos demônios contra o justo. Pois ele não viu como a fórmula “em nome de Jesus”, pronunciada pelos autênticos crentes, curou muitas pessoas de doenças, de possessões diabólicas e de outras aflições.

59. É bem provável que faremos rir a um partidário de Celso dizendo: “Ao nome de Jesus, se dobre todo joelho dos seres celestes, dos terrestres e dos que vivem sob a terra, e, para a glória de Deus, o Pai, toda língua confesse: Jesus é o Senhor” (Fl 2,10-11). Mas este riso não pode impedir nossa invocação de ter provas de sua eficácia mais manifestas do que o que ele conta a propósito dos nomes de Chnumen, Chnachumen, Knat, Sikat e dos outros da lista egípcia, cuja invocação curaria as doenças das diversas partes do corpo. Repara também de que maneira, desviando-nos de adorar ao Deus do universo por Jesus Cristo, ele nos convida, para curarmos nosso corpo, em trinta e seis demônios bárbaros que os mágicos do Egito são os únicos a invocar prometendo-nos não sei que maravilhas. Segundo ele, seria oportuno para nós ser mágicos e feiticeiros e não cristãos, acreditar num número infinito de demônios e não acreditar no Deus supremo por si mesmo evidente, vivo e manifesto por aquele que, com grande poder, difundiu a pura doutrina da religião por todo o mundo dos homens e mesmo, acrescentarei sem mentir, o mundo dos outros seres racionais que precisam de reforma, de cura e de conversão do pecado.

Procura dos verdadeiros bens e de Deus

60. Celso em todo caso adivinha que é fácil passar do conhecimento destas práticas à magia e, consciente do prejuízo que daí adviria para seus ouvintes, diz: *É preciso, contudo, quando alguém se une a estes demônios, cuidar para não ser absorvido pelo culto a lhes ser prestado e por amor ao corpo não se desviar dos bens superiores e ficar longe deles esquecendo-os. Talvez não seja necessário recusar crer nos sábios: eles dizem que a maior parte dos demônios terrestres, absorvidos na geração, presos ao sangue e ao cheiro de gordura, amarrados por encantamentos e outras práticas deste tipo, nada podem de melhor a não ser curar os corpos, predizer o destino próximo ao indivíduo e à cidade, e que sua ciência e poder não se estendem senão às atividades mortais.*

Como pelo próprio testemunho deste inimigo da verdade de Deus existe tal risco nessa matéria, como não será melhor afastar toda suspeita de ser absorvido por tais demônios, amar o corpo, não nos desviar dos bens superiores, ficar longe dos bens superiores esquecendo-os; mas antes nos confiar ao Deus supremo por Jesus Cristo, que nos apresenta um ensinamento tão admirável? Devemos pedir-lhe toda ajuda e toda proteção de seus santos anjos e justos, para que nos livrem dos demônios terrestres absorvidos na geração, presos ao sangue e ao cheiro de gordura, atraídos por encantamentos estranhos, amarrados às coisas deste tipo. Segundo parecer unânime, segundo Celso, o máximo que podem fazer é curar os corpos. Eu, porém, diria que não é evidente que estes demônios, independentemente do culto que lhes seja prestado, possam curar os corpos. Para a cura dos corpos, entendendo-a como vida simples e comum, é preciso o uso da medicina; e se a pessoa aspira a uma vida superior à da multidão, é preciso a piedade com o Deus supremo e as preces que lhe são dirigidas.

61. Considera tu mesmo a disposição que agrada mais ainda ao Deus supremo cujo poder é inigualável em toda as ordens de coisas, especialmente para difundir sobre os homens os benefícios da alma, do corpo, dos bens exteriores. Será acaso a consagração total de si mesmo a Deus, ou a minuciosa investigação dos nomes, dos poderes, das atividades dos demônios, das pedras com suas inscrições que correspondem às formas tradicionais dos demônios simbolicamente ou de qualquer outra maneira? É evidente, até numa reflexão sumária, que a disposição simples e sem vã curiosidade que, por isso, se consagra ao Deus supremo, será aceita por Deus e por todos os seus familiares. Ao contrário, para a saúde física, o amor ao corpo, o êxito nas coisas indiferentes, preocupar-se com os nomes dos demônios, procurar o modo como cativar os demônios por meio de encantamentos, é querer ser abandonado por Deus, como um ser mau, ímpio e demoníaco e não humano, aos demônios que alguém escolhe pronunciando estas fórmulas, para ser atormentado, quer pelos pensamentos que cada um deles sugere, quer por outras desgraças. Pois é possível que estes seres, sendo maus e, como declara Celso, presos ao sangue, ao cheiro de gordura, aos encantamentos e a outras coisas desse tipo, não mantêm, nem com aqueles que lhes oferecem esses deleites, nem a sua fé nem, se podemos dizer, seus compromissos. Pois, se outros os invocam contra os que lhes prestaram culto e se compram seu serviço religioso com mais sangue, cheiro de gordura e este culto que eles exigem, eles podem se voltar contra aquele que ontem lhes prestava culto e lhes dava uma parte deste banquete que lhes é caro.

62. Depois de ter falado tanto a respeito disso nas páginas anteriores, depois de nos ter conduzido aos santuários dos oráculos e às suas predições cuja origem seria divina, eis que Celso escolhe um partido melhor: reconhece que a predição ao indivíduo e à cidade de seu destino próximo e o interesse revelado pelas coisas mortais é consentâneo com os demônios terrestres que são absorvidos na geração, presos ao sangue, ao cheiro de gordura, amarrados por encantamentos e outras práticas desse tipo, e nada podem fazer de melhor. É provável que ao nos erguermos contra a pretensão de Celso de falar de Deus a respeito dos oráculos e do culto em honra dos pretensos deuses, sejamos suspeitos de

impiedade porque vemos aí a ação dos demônios que rebaixam as almas humanas ao que se refere à geração. Pois bem! Que aquele teve tais suspeitas contra nós seja persuadido de que as declarações cristãs são exatas, ao ver que o próprio autor de um livro contra os cristãos chegue a esta conclusão como vencido pelo Espírito da verdade.

De nada adianta Celso dizer: *É preciso tributar honras religiosas a esses seres enquanto estiver em jogo nosso interesse, pois a razão não exige que isto seja feito sem restrição.* Não, não se deve prestar honras aos demônios presos ao cheiro da gordura e do sangue, mas fazer tudo para evitar profanar a divindade, rebaixando-a até aos demônios perversos. Se ele tivesse tido uma noção exata de nosso interesse e entendido que nosso interesse em sentido próprio é a virtude e a ação conforme a virtude, Celso não teria usado a expressão “enquanto estiver em jogo nosso interesse” a respeito de tais seres nos quais ele mesmo vê demônios. Para nós, ainda que o culto de tais demônios nos conceda a saúde e o sucesso temporal, preferimos sofrer a doença e o fracasso temporal com a consciência de uma religião pura para com o Deus do universo, e não gozar da saúde do corpo e do sucesso temporal advinentes da separação e da ruína longe de Deus, e enfim a doença e a miséria da alma. Em suma, devemos estar unidos àquele que não tem nenhuma necessidade de nada a não ser da salvação dos homens e de todo ser racional, e não aos que gostam do cheiro de gordura e do sangue.

Favor de Deus, favores dos príncipes

63. Celso, na minha opinião, depois de todas estas palavras sobre a necessidade que teriam os demônios do cheiro de gordura e de sangue, parece mudar de opinião e chegar a uma medíocre palinódia ao declarar: *Devemos antes crer que os demônios nada desejam, não precisam de nada, mas se comprazem nos que lhes tributam estes deveres de piedade.* Se tivesse acreditado que esta consideração é verdadeira, ele não deveria propor a outra, ou então eliminar esta. De fato, a natureza humana não é deixada num abandono total por Deus e pela Verdade que é seu Filho único. Da mesma forma Celso disse a verdade a respeito da necessidade que têm os demônios do cheiro de gordura e do sangue. Mas, por seu erro, caiu ainda na mentira comparando os demônios aos homens que cumprem perfeitamente seus deveres de justiça, também contra a vontade de todos, e acumulam de bens os que manifestam o seu reconhecimento.

Mas aqui ele me parece fazer uma confusão: ora ele tem o espírito perturbado pelos demônios, ora igualmente, saindo da irreflexão à qual eles levam, ele entrevê uma luz de verdade. Pois novamente acrescenta: *Quanto a Deus, jamais se deve abandoná-lo de modo algum, nem de dia nem de noite, nem em público nem em particular, em qualquer palavra e em qualquer ação de maneira contínua. Mas, nestas atividades ou sem elas, a alma jamais deixa de tender a Deus.* Entendo a expressão “nestas atividades” no mesmo sentido que “em público, em qualquer ação, em qualquer palavra”.

E ei-lo novamente atormentado pelas distrações que o assaltam da parte dos demônios, às quais ele em geral sucumbe, e acrescenta: *Sendo assim, por que este medo de procurar o favor dos que mandam neste mundo, e entre outros dos príncipes e dos reis entre os homens? Não é sem uma força demoníaca que eles obtiveram sua dignidade na terra.* Desta forma, nas páginas anteriores, ele tudo fazia para degradar nossa alma diante dos demônios. E agora, ele quer que procuremos o favor dos príncipes e dos reis entre os homens! Mas como os encontramos a cada momento da vida e da história, não julguei necessário apresentar aqui exemplos.

64. Existe só o Deus supremo cujo favor se deve procurar e a quem se deve pedir que seja propício, buscando sua graça pela piedade e por todas as virtudes. E se Celso quiser, depois do Deus supremo, tornar propícios outros protetores, deve compreender que, como o corpo que se desloca é seguido pelo

movimento de sua sombra, da mesma forma o favor do Deus supremo atrai a benevolência de todos os que o amam: anjos, almas, espíritos. Eles conhecem os que merecem o favor de Deus, e não contentes em conceder sua benevolência aos que têm este mérito, colaboram com os que querem prestar culto ao Deus supremo; cheios de benevolência, com eles oram e intercedem. Em consequência disso ousamos dizer: quando os homens aspiram de todo coração aos melhores bens e oferecem a Deus sua oração, uma multidão de santos poderes, mesmo sem serem invocados, oram com eles e assistem nossa raça perecível. E, se posso dizer, combatem a nosso lado, por causa dos demônios que tais poderes veem combater e lutar contra a salvação dos que acima de tudo se consagram a Deus e desprezam o ódio dos demônios, qualquer seja seu furor contra o homem que evita prestar-lhes culto por meio do cheiro de gordura e do sangue, mas se empenha de todos os modos, por suas palavras e ações, em viver na familiaridade e na união com o Deus supremo, graças a Jesus: pois Jesus causou a derrota de número infinito de demônios ao se dirigir para todos os lugares “curando e convertendo todos os que estavam dominados pelo diabo” (At 10,38).

65. Sim, sem dúvida, devemos desprezar o favor dos homens e dos reis, não só se ele for obtido apenas à custa de assassínios, impurezas e atos criminosos, mas também se for à custa da impiedade com o Deus do universo, ou de uma palavra de servilismo e baixeza, indigna de homens corajosos e magnânimos que querem unir às outras virtudes, como sendo a mais nobre de todas, a firmeza da alma. Neste ponto, porém, nada fazemos de contrário à lei e ao Logos de Deus, *não temos a loucura de correr para excitar contra nós a cólera do imperador ou do príncipe, enfrentar os maus tratos, os suplícios e até a morte.* Pois lemos as palavras: “Todo homem se submeta às autoridades constituídas, pois não há autoridade que não venha de Deus, e as que existem foram estabelecidas por Deus. De modo que aquele que se revolta contra a autoridade, opõe-se à ordem estabelecida por Deus” (Rm 13,1-2). No Comentário sobre a Epístola aos Romanos, é verdade, dei da melhor forma possível explicações longas e variadas sobre estas palavras. Aqui, só as aplico a este assunto no sentido simples e segundo a interpretação comum, pois Celso declara: Não é sem uma força demoníaca que eles obtiveram sua dignidade na terra.

A instituição dos reis e dos príncipes oferece matéria a ampla doutrina: a esse respeito se abre vasto campo de pesquisa, por causa dos que reinaram exercendo a crueldade e a tirania, ou para quem o poder foi ocasião de se entregar à moleza e à volúpia. Por isso deixo de tratar aqui da questão. Entretanto, *não juramos pela fortuna do imperador*, nem por qualquer outro que fosse visto como um deus. De fato, como afirmam alguns, ou a fortuna do imperador não passa de uma palavra como as palavras são apenas “opinião” ou “divergência”, e não juramos sobre o que não tem nenhuma existência como se fosse um deus ou um ser realmente existente e dotado de poder efetivo; pois não queremos utilizar para fins proibidos o poder do juramento. Ou então, segundo o pensamento dos autores para os quais jurar pela fortuna do imperador de Roma é jurar por seu demônio, o que é chamado fortuna do imperador é seu demônio; assim sendo, devemos morrer em vez de jurar por um demônio perverso e pérfido que muitas vezes peca com o homem ao qual ele foi proposto, ou peca mesmo mais que ele.

66. Em seguida, Celso novamente, semelhante às pessoas que às vezes retornam da possessão diabólica e nela recaem, como se estivesse em período de sabedoria, se exprime neste sentido: *Se, na qualidade de adoradores de Deus, recebemos a ordem de cometer uma impiedade ou de dizer alguma coisa vergonhosa, não devemos de modo algum obedecer, mas ao contrário armar-nos contra todas as provações e resistir a mil mortes, para não dizer ou mesmo pensar a menor impiedade com Deus.* Depois, novamente por ignorância de nossa doutrina, e além disso, porque confunde tudo, ele diz:

Mas, se te ordenarem que bendigas o sol ou cantes com entusiasmo um belo hino em honra de Atena, parecerá melhor que adores o grande Deus quando cantas esses hinos. Pois a piedade com Deus é mais perfeita quando se estende a todas as coisas.

Ora, afirmamos: para bendizermos o sol, não esperamos que alguém nos ordene, pois aprendemos a bendizer não apenas aqueles que se incluem na mesma ordem que nós, mas também os inimigos. Havemos de bendizer, portanto, o sol como uma bela criatura de Deus que guarda as leis de Deus, ouve as palavras: “Sol e mar, louvai o Senhor!” (Sl 148,3) e com todas as suas forças canta um hino ao Pai e Criador do universo. Contudo, pondo no mesmo nível Atena e o sol, as tradições dos gregos inventaram a fábula, com ou sem significações alegóricas, segundo a qual ela nasceu toda armada com o cérebro de Zeus e, perseguida um dia por Hefesto, que queria corromper sua virgindade, ela lhe escapou; mas amou a sua semente que no ardor do desejo caíra na terra; e ela educou com o nome de Ericônio, como contam, “o filho da gleba fecunda que Atena, filha de Zeus, outrora criou” (Homero, Il. II, 547-548). Vemos assim que por reconhecer Atena, filha de Zeus, devemos admitir muitos mitos e ficções que não pode admitir aquele que foge dos mitos e busca a verdade.

67. Supondo que se recorra à alegoria dizendo que Atena é a Sabedoria, é preciso mostrar que ela tem uma existência pessoal e uma natureza que fundamente esta interpretação alegórica. Mas se Atena é um ser humano que viveu antigamente, se foi honrada com um culto pela ação dos que desejavam ver seu nome cantado entre os homens como o de uma deusa e transmitiram a seus inferiores seus mistérios e suas iniciações, muito menos é permitido bendizer e glorificar Atena como uma deusa, pois nos é proibido adorar o sol em seu esplendor, ainda que o bendigamos.

Celso afirma que veremos melhor que adoramos o Grande Deus se cantarmos também o sol e Atena. Mas sabemos que é o contrário. Só dirigimos hinos ao Deus supremo e a seu Filho único Deus Logos. Cantamos hinos a Deus e a seu Filho único, como o fazem o sol, a lua, as estrelas e todo o exército celeste. Juntos eles formam apenas um coro divino e cantam com os homens justos um hino ao Deus supremo e a seu Filho único.

Dissemos acima que não se deve jurar pelo imperador reinante sobre os homens ou por aquilo que chamam sua fortuna. Portanto, não precisamos dar uma nova resposta às suas palavras: *Mesmo que te ordenem jurar por um imperador entre os homens, nada há a temer. Pois as coisas da terra lhe foram entregues e tudo que recebemos nesta vida recebemos dele.* Mas negamos absolutamente que todas as coisas da terra lhe tenham sido entregues e que recebamos dele o que recebemos nesta vida. O que recebemos justa e honestamente, o recebemos de Deus e de sua Providência, por exemplo, os frutos comestíveis, o pão que dá força ao coração do homem, o vinho que deleita e alegra o coração do homem. E é igualmente da Providência que recebemos os frutos da oliveira para que ele faça o rosto brilhar com o óleo.

As duas pátrias

68. Celso declara em seguida: *Não se deve negar crédito ao antigo autor que outrora proclamou: “Que apenas um seja rei, aquele a quem o filho de Crono, o astuto, tiver dado esse privilégio”! Se recusas esta doutrina, é provável que o imperador te castigue. De fato, ainda que todos os homens façam como tu, nada impedirá que o imperador fique só e abandonado, que todos os bens da terra caiam sob o poder dos bárbaros muito iníquos e selvagens, e que já não se ouça falar na terra nem da religião nem da verdadeira sabedoria.* Sim, sem dúvida, que haja um só chefe e um só rei! Mas não aquele a quem o filho de Crono tiver concedido este privilégio, mas o homem a quem o tiver concedido aquele que estabelece os reis e os depõe, e que suscita na hora certa na terra o chefe útil.

Não é o filho de Crono, o qual precipitou seu pai no Tártaro, como reza o mito grego, depois de o ter expulso do trono, ainda que se dê uma interpretação alegórica da história: mas é Deus que, governando todo o universo, sabe o que faz quanto à instituição dos reis.

Portanto, rejeitamos a doutrina de uma realeza outorgada pelo filho de Crono, o astuto, persuadidos de que Deus ou o Pai de Deus nada quer de astuto nem de tortuoso. Mas não recusamos a doutrina da Providência e das coisas produzidas por ela, nem principalmente, nem por via de consequência. Além disso, não é provável que um imperador nos venha a punir por nossa afirmação de que não é o filho de Crono, o astuto, que lhe outorgou o governo, mas aquele que estabelece os reis e os depõe. Certo, portanto, que todos os homens façam como eu, recusem a doutrina de Homero, mas conservem a doutrina sobre o imperador e cumpram o mandamento: “Tributai honra ao rei!” (1Pd 2,17). Então naturalmente o imperador não será deixado só e abandonado, e os bens da terra não cairão sob o poder dos bárbaros muito iníquos e muito selvagens. Na suposição, como diz Celso, de que todos os homens façam como eu, é evidente que também os bárbaros convertidos à palavra de Deus serão muito sujeitos à lei e muito civilizados; todos os cultos serão abandonados e só o culto dos cristãos estará em vigor: sim, num só dia ele estará em vigor, pois o Logos conquista a cada instante número maior de almas.

69. A seguir, como se não percebesse a contradição de suas palavras com sua hipótese: Que todos os homens façam como tu, Celso acrescenta: *Certamente não dirás que se os romanos, convencidos por ti, negligenciassem seus ritos habituais de piedade com os deuses e os homens para melhor invocar teu Altíssimo ou a quem queiras, este desceria para combater por eles e não lhes seria necessária outra força senão a sua. Outrora, o mesmo Deus prometia isso a seus devotos e até bem mais, como vós mesmos admitis, e vede os serviços que ele prestou a eles ou a vós mesmos! Eles, em vez de dominar toda a terra, estão agora sem eira nem beira; o que ainda resta errante e clandestino no meio de vós é perseguido e conduzido à morte.*

Ele pergunta o que aconteceria se os romanos estivessem convencidos pela doutrina cristã, desprezassem as honras devidas aos pretensos deuses e os costumes que outrora estavam em uso entre os homens, e adorassem o Altíssimo. Ouça ele nossa opinião a esse respeito. Nós dizemos: “Se dois de vós estiverem de acordo na terra sobre qualquer coisa que queiram pedir, isso lhes será concedido por meu Pai que está nos céus” (Mt 18,19). Pois Deus gosta de ver os seres racionais em acordo e abomina o desacordo entre eles. Que pensar no caso em que o acordo existisse não só como hoje, entre muito poucas pessoas, mas em todo o império romano? Então pedirão ao Logos que outrora disse aos hebreus perseguidos pelos egípcios: “O Senhor combaterá por vós e vós ficareis tranquilos” (Ex 14,14). E tendo pedido a ele um acordo total, poderão destruir um número bem maior de inimigos lançados em sua perseguição do que daqueles que a oração de Moisés destruiu lançando clamores a Deus juntamente com os que estavam com ele. Se as promessas de Deus aos que observam a lei não são realizadas, não é porque Deus tivesse mentido, mas porque as promessas eram feitas sob esta condição: de que eles cumprissem a lei e com ela conformassem sua vida. E se os judeus que tinham recebido estas promessas condicionais não têm mais nem eira nem beira, deve-se ver a culpa disto em todas as suas transgressões da lei e particularmente em sua recusa contra Jesus.

70. Mas, como supõe Celso, se todos os romanos convencidos começarem a rezar, eles triunfarão sobre seus inimigos; ou melhor, não terão mais nenhuma guerra, pois serão protegidos pelo poder divino que tinha prometido, para cinquenta justos, conservar intactas cinco cidades inteiras. Pois os homens de Deus são o sal do mundo que garante a consistência das coisas da terra, e as coisas terrestres se conservam enquanto o sal não ficar insípido: “Ora, se o sal se tornar insosso, com que o

salgaremos? Para nada mais serve, senão para ser lançado fora e pisado pelos homens. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça” (Mt 5,13) e entenda o sentido desta palavra. Para nós, quando Deus, deixando a liberdade ao Tentador, lhe dá todo poder de nos perseguir, somos perseguidos. Mas quando quer nos livrar desta prova, apesar do ódio do mundo que nos cerca, gozamos de paz milagrosa, confiando naquele que disse: “Coragem, eu venci o mundo” (Jo 16,33). Na verdade, ele venceu o mundo, e o mundo só tem força na medida que o queira seu vencedor, que obtém de seu Pai a vitória sobre o mundo. Nossa coragem repousa em sua vitória.

Se ele quiser que nossas lutas e combates pela religião sejam reiniciados, os adversários podem se apresentar, nós lhes diremos: “Tudo posso naquele que me conforta, Cristo Jesus nosso Senhor” (Fl 4,13). Pois, como diz a Escritura, embora dois pardais não valham um vintém, “nenhum deles cai em terra sem o consentimento do vosso Pai!” (Mt 10,29-30). E a divina Providência envolve de tal modo todas as coisas que até os cabelos da cabeça são contados por ela.

71. Em seguida, Celso, como de hábito, continua fazendo confusões, dizendo o que jamais escrevemos, e declara: *Na verdade, eis ainda algumas de tuas afirmações intoleráveis: se os que hoje reinam sobre nós, convencidos por ti, são feitos prisioneiros, convencerás também os que reinam depois deles, e a seguir a outros, se estes forem presos. E isso indefinidamente, até que, convencidos já todos os reis por ti e feitos prisioneiros, um chefe avisado, prevendo o que aconteceria, vos suprima a todos inteiramente antes que o tenhais destruído.* A razão não precisa responder a estas palavras: ninguém de nós afirma que se aqueles que reinam hoje, convencidos, são feitos prisioneiros, tentaremos convencer os seguintes. De onde tira ele esta objeção que, depois de uma sucessão contínua dos últimos convencidos por nós, e feitos prisioneiros por não terem punido a seus inimigos, um chefe avisado, prevendo o que aconteceria, nos suprima a todos inteiramente? Aí de novo parece ele acumular as inépcias que ele profere por sua própria conta.

72. Depois disso, Celso exprime uma espécie de desejo: *Oxalá os habitantes da Ásia, da Europa, da Líbia, gregos e bárbaros, entrassem em acordo para observarem uma só lei até as extremidades da terra!* Depois, vendo que a coisa é impossível, acrescenta: *Para pensar isso, é preciso não conhecer nada.* Se devemos dizer alguma coisa sobre essa questão que exigiria tantas pesquisas e provas, eis algumas palavras para esclarecer não só a possibilidade, mas a verdade daquilo que ele diz sobre esse acordo unânime de todos os seres reconhecíveis para observar uma só lei. Os adeptos do Pórtico dizem que, uma vez realizada a vitória do elemento que eles julgam mais forte do que os outros, ocorrerá o incêndio que abrasará tudo num grande fogo. Nós afirmamos, porém, que um dia o Logos dominará toda a natureza racional e transformará cada alma em sua própria perfeição, no momento em que todo indivíduo, usando apenas sua simples liberdade, escolherá aquilo que o Logos quer e obterá o estado que ele tiver escolhido. Declaramos ser impossível que, tal como nas doenças e nos ferimentos do corpo em que certos casos são rebeldes a todos os recursos da arte médica, haja igualmente no mundo das almas uma sequela do vício impossível de curar pelo Deus racional e supremo. Pois o Logos e seu poder de curar são mais fortes do que todos os males da alma. Ele aplica esse poder a cada qual segundo sua vontade; e o fim do tratamento é a destruição do mal. Não tenho em vista aqui nem a possibilidade nem a impossibilidade absoluta de ele voltar.

Sem dúvida as profecias falam muito em termos obscuros da total destruição do mal e da reforma de todas as almas, mas basta por ora levar em conta a passagem seguinte de Sofonias: “Ao menos tu me temerás. Aceitarás a lição; e não se apagarão de seus olhos todas as visitas que lhe fiz. Mas, não! Eles continuaram a perverter todas as suas obras! Por isso, esperai-me — oráculo do Senhor — no dia em que me levantar como testemunha; porque é minha ordem reunir as nações, congregar os reinos,

para derramar sobre vós a minha cólera, todo o ardor de minha ira. (Pois pelo fogo de meu zelo será consumida toda a terra). Sim, então darei aos povos lábios puros, para que todos possam invocar o nome do Senhor e servi-lo sob o mesmo jugo. Do outro lado dos rios da Etiópia, os meus adoradores trarão oferenda. Naquele dia, não terás vergonha de todas as tuas más ações, pelas quais te revoltaste contra mim, porque, então, afastarei do teu seio teus orgulhosos fanfarrões; e não continuarás mais a te orgulhar em minha montanha santa. Deixarei em teu seio um povo pobre e humilde, e procurará refúgio no nome do Senhor o Resto de Israel. Eles não praticarão mais a iniquidade, não dirão mentiras; não se encontrará em sua boca língua dolosa. Sim, eles apascentarão e repousarão sem que ninguém os inquiete” (Sf 3,7-13).

Cabe elucidar a profecia ao que consegue captar o sentido profundo da Escritura e compreender toda esta passagem. Que examine em particular o sentido destas palavras: depois da destruição de toda a terra, será devolvida “aos povos uma língua para a sua geração” (Gn 11,1-9). Que considere o sentido destas palavras: “Para que possam todos invocar o nome do Senhor e servi-lo sob o mesmo jugo”, de modo que sejam afastados do teu seio os orgulhosos fanfarrões”, e não haja mais iniquidade, mentiras, língua dolosa.

Eis o que julguei bom citar simplesmente e sem demonstração rigorosa, por causa de Celso, que julga impossível que os habitantes da Ásia, da Europa, da Líbia, gregos e bárbaros entrem em acordo para observarem uma só lei. Talvez de fato seja impossível para os que estão sempre nos corpos, mas não para os que estão livres deles.

73. Logo a seguir, Celso nos exorta a *socorrer o imperador com todas as forças, colaborar com suas justas obras, combater por ele, servir com seus soldados se o exigir, e com seus estrategos*. A isso devemos responder: quando se apresenta a ocasião, damos aos imperadores um socorro divino, por assim dizer, revestindo-nos da “armadura de Deus” (Ef 6,11). Fazemos isso para obedecer à voz do Apóstolo que diz: “Eu recomendo, pois, antes de tudo, que se façam pedidos, orações, súplicas e ações de graças, por todos os homens, pelos reis e todos os que detêm a autoridade” (1Tm 2,1-2). E quanto mais piedade se tem, com tanto maior eficácia se socorre aqueles que reinam, bem melhor do que os soldados que saem a combate e matam tantos inimigos quantos podem.

Mas eis ainda o que se poderia dizer aos estranhos à fé, que exigem que combatamos como soldados pelo bem público e que matemos os homens. Mesmo aqueles que, segundo vós, são sacerdotes de certas estátuas e guardiães dos templos de vossos pretensos deuses, têm o cuidado de conservar sua mão direita sem mancha pelos sacrifícios, para oferecer àqueles que chamais deuses os sacrifícios tradicionais com mãos puras de sangue e de crime. E sem dúvida, em tempo de guerra, não alistais vossos sacerdotes. Portanto, se esta conduta é razoável, quanto mais não será a dos cristãos! Enquanto outros combatem como soldados, eles combatem como sacerdotes e servos de Deus; conservam pura a sua mão direita, mas lutam com orações dirigidas a Deus por aqueles que combatem justamente e por aquele que reina com justiça, para que tudo o que se opõe e é hostil aos que agem justamente possa ser vencido. Além disso, nós que por nossas preces vencemos todos os demônios que suscitam as guerras, fazem violar os juramentos e perturbam a paz, damos ao imperador um auxílio muito maior do que os que vemos combater. E colaboramos com as causas públicas fazendo subir, na justiça, nossas preces associadas aos exercícios e às meditações que ensinam a desprezar os prazeres e a não mais os ter como guias. Mais do que os outros, combatemos pelo imperador. Não servimos com seus soldados, mesmo que ele o exija, mas combatemos por ele organizando um exército especial, o da piedade, pelas súplicas que dirigimos à divindade.

74. E se Celso quiser ver-nos servir igualmente como estrategos pela defesa da pátria, saiba ele que

também o fazemos, mas não para atrair os olhos dos homens e obter deles por esta conduta uma glória fútil. Nossas orações são feitas no segredo no íntimo da alma e sobem como as dos sacerdotes pela salvação de nossos compatriotas. Os cristãos são até mais úteis às pátrias do que o resto dos homens: eles educam seus concidadãos, ensinam-lhes a piedade com Deus, guardião da cidade; fazem subir para uma cidade celeste e divina os que levaram vida honesta nas menores cidades. Poderíamos dizer-lhes: foste fiel (cf. Lc 16,10; 19,17) numa cidade bem pequena, vem agora para a grande, em que “Deus se levanta no conselho divino e, em meio aos deuses, ele os julga”; ele aceita contar-te entre eles com a condição de que não queiras mais morrer como um homem, nem cair “como qualquer dos príncipes” (Sl 81,1.7).

75. Celso nos convida ainda *a participar do governo da pátria se for necessário para a defesa das leis e da piedade*. Mas, sabendo que por trás de toda cidade se encontra outro gênero de pátria estabelecida pelo Logos de Deus, convidamos para assumirem o governo das igrejas aqueles cuja doutrina e santidade de vida tornam aptos para tal função. Rejeitando os que aspiram ao poder, obrigamos os que, no excesso de sua modéstia, evitam apressadamente a tarefa de cuidar da Igreja de Deus. E os que nos governam sabiamente, depois de terem sido assim obrigados, governam sob as ordens do grande Rei que lhes impõe este cuidado, e acreditamos ser o Logos de Deus, o Filho de Deus. E quer escolhidos, quer obrigados, se os governantes na Igreja governam sabiamente a pátria conforme Deus, quero dizer a Igreja, eles governam segundo as ordens de Deus sem violar em nada por isso as leis estabelecidas.

Não, não é verdade que os cristãos fogem dos serviços comuns da vida quando abandonam os cargos públicos. Mas eles se reservam para o serviço mais divino e mais necessário da Igreja de Deus pela salvação dos homens. Eles governam ao mesmo tempo conforme a necessidade e a justiça. Velam por todos: por aqueles que estão dentro para que vivam melhor a cada dia; por aqueles que parecem estar do lado de fora para que se empenhem nas palavras e nas ações veneráveis da piedade; e para que assim, adorando verdadeiramente a Deus e formando o maior número possível de fiéis, sejam impregnados do Logos de Deus e da lei divina, e sejam unidos ao Deus supremo por Aquele que, Filho de Deus, Logos, Sabedoria, Verdade, Justiça, lhe une todo aquele que se esforça por viver em tudo segundo a vontade de Deus.

76. Eis, pois, concluída aqui, pio Ambrósio, conforme a força que recebi e de que disponho, a tarefa que me havias confiado. Meus oito livros contêm tudo o que julguei útil opor ao livro de Celso intitulado *Discurso verdadeiro*. A leitura de seu tratado e de minha resposta fará discernir qual das obras respira mais o espírito do verdadeiro Deus, o tom da piedade para com ele, a verdade das suas doutrinas que, chegando aos homens, os incitam para a vida melhor.

Fica ciente, todavia, que Celso tinha prometido compor outro tratado além daquele em que prometeu ensinar aos que quiserem e puderem crer como se deve viver. Portanto, se ele não cumpriu a promessa de escrever um segundo Discurso, podemos nos contentar com os oito livros compostos contra o primeiro. Mas se ele o iniciou e concluiu, procura o tratado e mo envia. Então, também contra ele porei em ação tudo o que o Pai da verdade me dá para refutar as opiniões falsas que nele se encontram, e, onde ele disser a verdade, dar testemunho, sem espírito de chicana, da justeza de suas palavras.

Coleção **PATRÍSTICA**

1. Padres Apostólicos, Clemente Romano – Inácio de Antioquia – Policarpo de Esmirna – Pseudo-Barnabé – Hermas – Pápias – Didaqué
2. Padres Apologistas, Carta a Diogneto – Aristides – Taciano – Atenágoras – Teófilo – Hérmiás
3. Apologias e Diálogo com Trifão, Justino de Roma
4. Contra as heresias, Ireneu de Lião
5. Explicação dos símbolos (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios – Sobre a penitência, Ambrósio de Milão
6. Sermões, Leão Magno
7. A Trindade, S. Agostinho
8. O livre-arbítrio, S. Agostinho
- 9/1. Comentário aos Salmos (Salmos 1-50), S. Agostinho
- 9/2. Comentário aos Salmos (Salmos 51-100), S. Agostinho
- 9/3. Comentário aos Salmos (Salmos 101-150), S. Agostinho
10. Confissões, S. Agostinho
11. Solilóquios – A vida feliz, S. Agostinho
12. A Graça (I), S. Agostinho
13. A Graça (II), S. Agostinho
14. Homilia sobre Lucas 12 – Homilias sobre a imagem do homem – Tratado sobre o Espírito Santo, Basílio de Cesareia
15. História eclesiástica, Eusébio de Cesareia
16. Os bens do matrimônio – A santa virgindade consagrada – Os bens da viuvez: Cartas a Proba e a Juliana, S. Agostinho
17. A doutrina cristã, S. Agostinho
18. Contra os pagãos – A encarnação do Verbo – Apologia ao imperador Constâncio – Apologia de sua fuga – Vida e conduta de S. Antão, S. Atanásio
19. A verdadeira religião – O cuidado devido aos mortos, S. Agostinho
20. Contra Celso, Orígenes
21. Comentário ao Gênesis, S. Agostinho
22. Tratado sobre a Santíssima Trindade, S. Hilário de Poitiers
23. Da incompreensibilidade de Deus – Da Providência de Deus – Cartas a Olímpia, S. João Crisóstomo
24. Contra os Acadêmicos – A Ordem – A grandeza da Alma – O Mestre, S. Agostinho
25. Explicação de algumas proposições da Carta aos Romanos / Explicação da Carta aos Gálatas / Explicação incoada da Carta aos Romanos, S. Agostinho